

Encarnação, Nascimento e Infância de Jesus Cristo

POR

S. AFONSO MARIA DE LIGÓRIO

Doutor da Igreja e Fundador da Congregação Redentorista

Tradução do

Pe. OSCAR DAS CHAGAS AZEREDO, C.Ss.R.

Edição Pdf

Aparecida – 2004 – Fl. Castro

PREFÁCIO

Com sumo prazer entregamos ao público a tradução deste livro escrito pelo Doutor da Igreja S. Afonso Maria de Ligório. Esse Serafim de amor era incansável em meditar os mistérios sacrossantos em que se patenteia com mais evidência o amor divino ao homem. As suas três grandes devoções foram: berço, cruz, sacramento, isto é, a santa Infância do Verbo Encarnado, a Sagrada Paixão do Redentor e a divina Eucaristia, que encerra Jesus vivo nos nossos tabernáculos. A sua linguagem é simples, produzida por um coração abrasado, pois o amor, quando verdadeiro e sincero, não conhece circunlóquios de estilo rebuscado; daí a repetição edificante do: “Amo-vos, meu Jesus”, que aparece freqüentes vezes e cada meditação ou consideração. Os atos de amor divino, tão aconselhados pelos autores da vida espiritual, são necessários para alimentar o fogo sagrado nos corações. As almas que amam a Deus não conhecem palavra mais doce do que esta: Amo; arrependo-me. Os corações abrasados de amor divino sentem alegria e consolação na repetição dessa palavra, a única que de fato brota espontânea dum Serafim.

Esta obra, composta por S. Afonso em 1750, faz parte das obras ascéticas do Santo Doutor, e contem primeiro a *Novena de Natal*, devoção essa que atraía particularmente o coração de S. Afonso, e que ele recomenda freqüentemente em seus numerosos escritos. São nove Considerações piedosas sobre os mistérios da Encarnação, do Nascimento e da Infância de Jesus Cristo, para servirem de leitura espiritual durante o Advento ou nos nove dias que precedem à festa do Natal. O autor, com a piedade, a ciência e a unção inimitáveis, que lhe são próprias, mostra-nos, dum lado, o amor que o Filho de Deus

nos testemunhou por suas humilhações e suas dores desde o primeiro instante de sua vida temporal, e do outro, o reconhecimento, a confiança, o amor, o devotamento, que lhe devemos em retorno, e a conduta que devemos ter, justos ou pecadores, para cumprir essa grande obrigação.

A seguir, vêm dois outros discursos, dos quais o primeiro descreve, até os menores detalhes, as circunstâncias tocantes do Nascimento do Salvador, e o segundo explica as virtudes celestes do Nome de Jesus. Essa é, por assim dizer, a primeira parte do volume. A segunda compõe-se de sessenta e seis Meditações para todos os dias do Advento e para as festas do Natal e da Epifania, sobre os mesmos mistérios, desde a Encarnação até a perda de Jesus no templo. Encerrando o volume encontram-se treze exemplos, ou aparições de Jesus Menino, destinados à edificação do leitor, como prova de que o Senhor aceita as homenagens prestadas à sua Infância.

Esta tradução aparece como modesta contribuição aos festejos do cinquentenário da chegada dos primeiros Redentoristas ao Brasil. Aos filhos espirituais do grande Doutor, nos cinquentas anos de missões e trabalhos apostólicos, não têm cessado de, a exemplo de seu Santo Fundador, espalhar por toda a parte a devoção à santa Infância de Jesus, onde, apalparamos, por assim dizer, a bondade e o amor do Verbo Encarnado às almas.

Oxalá possam estas meditações, compostas pelo Doutor da Oração, acender nos corações o braseiro do amor divino, e levar as almas à mais alta perfeição, contribuindo assim para o fim das missões populares, que não é outro senão ganhar almas para Deus e difundir sempre mais o reino de Nosso Senhor. O Deus Menino digne-se abençoar esta tradução, que não visa senão a maior glória de Deus e o bem das almas.

Aparecida, 6 de janeiro de 1942.

Pe. Oscar das Chagas Azeredo, C.Ss.R.

I PARTE

Considerações sobre a Infância de Jesus

CONSIDERAÇÃO I.

O VERBO ETERNO SE FEZ HOMEM.

*Ignem veni mittere in terram; et quid
voto, nisi ut accendatur?*

Vim trazer o fogo à terra; e que desejo
senão que ele se inflame? (Lc 12,49)

Os judeus celebravam uma festa chamada Dia do Fogo em memória do fogo com que Neemias consumou a vítima oferecida a Deus, quando ele voltou com seus compatriotas do cativeiro da Babilônia. A festa do Natal deveria também, e com muito mais razão, chamar-se Dia do Fogo, porque nesse dia um Deus veio ao mundo sob a forma duma criancinha para atear o fogo do amor no coração dos homens.

Vim trazer o fogo à terra, disse Jesus Cristo, e o trouxe de fato. Antes da vinda do Messias, quem amava a Deus sobre a terra? Ele era apenas conhecido numa pequena região do mundo, isto é, na Judéia; e mesmo lá, quão poucos eram os que o amavam no tempo da sua vinda! No resto da terra, uns adoravam o sol, outros os animais, as pedras ou criaturas mais vis ainda. Mas, depois da vinda de Jesus Cristo, o nome de Deus se espalhou por toda parte e foi amado por muitos. Desde então os corações abrasaram-se das almas do divino amor,

e Deus foi mais amado em poucos anos do que nos quatro mil aos que decorreram depois da criação.

Muitos cristãos costumam preparar com bastante antecedência em suas casas um presépio para representar o nascimento de Jesus Cristo. Mas há poucos que pensam em preparar seus corações, a fim que o Menino Jesus possa neles nascer e repousar. Sejamós nós desse pequeno número: procuremos dispor-nos dignamente para arder desse fogo divino, que torna as almas contentes neste mundo e felizes no céu.

Consideremos neste primeiro dia que o Verbo Eterno justamente para esse fim, *de Deus se fez homem*, para inflamar-nos de seu divino amor. Peçamos a Nosso Senhor Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe nos iluminem sobre esse mistério, e comecemos.

I.

Peca nosso pai, Adão. Ingrato para com Deus, do qual recebera tantos benefícios, revolta-se contra Ele e transgride a sua lei comendo do fruto proibido. Em consequência Deus vê-se obrigado a expulsar imediatamente o homem do paraíso terrestre e a privá-lo e a seus descendentes, no futuro, do paraíso celeste e eterno, que lhes havia preparado para depois desta vida temporal.

Ei-los pois condenados a uma vida de sofrimentos e de misérias, e excluídos para sempre do céu. Mas também, para falarmos a nosso modo como Isaías, eis que Deus parece afligir-se e queixar-se. E agora, diz ele, que me resta no paraíso, agora que perdi os homens, nos quais achava as minhas delícias? Mas, meu Deus, vós que possuis no céu tão grande multidão de serafins e outros anjos, como podeis sentir tão vivamente a perda dos homens? A vossa felicidade não é perfeita sem eles? Sempre fostes e sempre sois feliz em vós mesmo. Que pode pois faltar à vossa felicidade, que é infinita?

Tudo isso é verdade, responde o Senhor, como o faz dizer o Cardeal Hugo, explicando o texto citado de Isaías; tudo isso é verdade, mas, perdendo o homem, penso que perdi tudo, que nada mais me resta; as minhas delícias eram estar com os homens, e eu os perdi; ei-los condenados a viverem longe de mim para sempre!...

Mas como pode Deus dizer que os homens são as suas delícias? — Ah! responde S. Tomás, é que Deus ama o homem, como se o homem fosse seu Deus, e como se não pudesse ser feliz sem o homem. S. Dionísio ajunta que, devido ao amor que tem aos homens, Deus parece fora de si mesmo. Há um provérbio que diz que o amor põe fora de si aquele que ama: *Amor extra se rapit*.

Não, disse Deus, não quero perder os homens; haja um Redentor que satisfaça por eles à minha justiça, e os resgate das mãos de seus inimigos e da morte eterna que mereceram...

Aqui S. Bernardo, contemplando esse mistério, julga ver uma contenda entre a Justiça e a Misericórdia de Deus. — Estou perdida, diz a Justiça, se Adão não for punido. — Estou perdida, diz por sua vez a Misericórdia, se o homem não obtiver perdão. O Senhor põe fim a essa contenda: “Morra um inocente, diz ele, e salve-se o homem da pena de morte, em que incorreu.”

Na terra não havia esse inocente. Então, disse o Padre Eterno, já que entre os homens não há quem possa satisfazer a minha justiça, qual dos habitantes do céu descerá para resgatar a humanidade? Os anjos, os querubins, os serafins, todos calam-se, ninguém responde. Só responde o Verbo Eterno e diz: Eis-me aqui, mandai-me. Meu Pai, uma pura criatura, um anjo, não poderia oferecer a vós, Majestade infinita, uma digna satisfação pela ofensa recebida do homem. E mesmo que vos quisésseis contentar com uma tal reparação, pensai que até esta hora nem os nossos benefícios, nem as nossas promes-

sas e ameaças puderam decidir o homem a amar-nos. É que ele não sabe ainda a que ponto o amamos; se quisermos obrigá-lo a amar-vos infalivelmente, eis a mais bela ocasião que possamos ter: eu, vosso unigênito Filho, encarregar-me-ei de resgatar o homem perdido, descerei à terra, tomarei um corpo humano, morrerei para pagar a pena que ele deve à vossa justiça; esta será assim plenamente satisfeita e o homem se persuadirá do nosso amor para com ele.

Mas, pensa, meu Filho, responde o Padre Eterno; pensa que, se te encarregares de satisfazer pelo homem, terás de levar uma vida cheia de trabalhos e dores. — Não importa, eis-me, mandai-me... Pensa que terás de nascer numa gruta, que será estábulo de animais; que depois terás de fugir para o Egito a fim de escapar das mãos desses mesmos homens que procurarão, desde a infância, tirar-te a vida. — Não importa, mandai-me... Pensa que, voltando do Egito, terás de levar vida extremamente penosa e abjeta como auxiliar dum pobre artífice. — Não importa, mandai-me... Pensa enfim que, quando apareceres em público para pregar tua doutrina e te manifestar ao mundo, terás sim discípulos, mas serão pouquíssimos; a maior parte dos homens te desprezará, te tratará de impostor, de mago, insensato, samaritano e não deixará de perseguir-te, enquanto não e fizer nos mais ignominiosos tormentos e suspenso num patíbulo infame. — Não importa, mandai-me...

Lavrado o decreto de que o Filho de Deus se faria homem para ser o Redentor do gênero humano, o Arcanjo Gabriel foi enviado a Maria. A humilde Virgem consente em tornar-se a Mãe de Deus e o Verbo Eterno se faz carne. Eis pois Jesus no seio de Maria; e entrando no mundo, ele diz com a mais profunda humildade e inteira obediência: Meu Pai, já que os homens não podem aplacar vossa justiça por suas obras nem por seus sacrifícios, eis-me aqui, o vosso Filho unigênito, revestido da carne humana, e pronto a expiar as faltas humanas por meus sofrimentos e por minha morte. Assim o faz falar S. Pau-

lo: *Entrando no mundo, diz: Não quiseste hóstia, nem oblação, mas me formaste um corpo... E eu disse: Eis-me que venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade* (Hb 10,5).

Assim, pois, por nós míseros vermes e para ganhar o nosso amor, é que Deus quis fazer-se homem. Sim, isso é de fé, como a Santa Igreja o proclama: “Por nossa causa e para nos salvar, ele desceu do céu..., diz ela, e se fez homem”. Sim, um Deus fez isso para nos obrigar a amá-lo.

Quando Alexandre Magno venceu o Dario e se apoderou da Pérsia, para cativar o afeto daqueles povos, se vestiu à moda deles. O nosso Deus empregou, de certo modo, o mesmo meio para cativar os corações dos homens: tomou a sua semelhança e mostrou-se ao mundo feito homem. Quis assim mostrar até aonde ia o seu amor a nós: *O amor de Deus nosso Salvador apareceu a todos os homens* (Tt 2,11).

O homem não me ama, parece dizer o Senhor, porque não me vê; vou mostrar-me a ele e conversar com ele, e assim me fazer amar. *Ele foi visto sobre a terra, disse o profeta, e viveu familiarmente com os homens* (Br 3,38).

O amor de Deus pelo homem é imenso, e o foi desde a eternidade: *Eu te amei com amor eterno, diz-nos ele, e por misericórdia te tirei do nada* (Jr 31,3). Mas esse amor não se manifestara em toda a sua incompreensível grandeza. Apareceu realmente quando o Filho de Deus se fez ver sob a forma duma criança reclinada sobre palha num estábulo. Foi então que, como diz o Apóstolo, se manifestou a bondade, a ternura, ou, segundo o texto grego, o amor singular do nosso Deus Salvador aos homens (Tt 3,4). Deus já havia mostrado o seu poder criando o mundo, observa S. Bernardo, e sua sabedoria governando-o. Na encarnação do Verbo, porém, manifestou a grandeza de sua misericórdia. Antes que Deus aparecesse sobre a terra revestido da natureza humana, continua o mesmo Santo, os homens não podiam fazer-se uma justa idéia da bondade

divina. Por isso ele se encarnou a fim de descobrir aos homens toda a extensão de sua bondade.

E de que outro modo poderia o Senhor provar ao homem ingrato a sua bondade e amor? Desprezando a Deus, diz S. Fulgêncio, o homem separara-se dele para sempre. Mas não podendo mais o homem voltar-se para Deus, o Senhor veio procurá-lo sobre a terra. S. Agostinho havia já expressado o mesmo pensamento: “Como não podíamos ir ao nosso celeste médico, ele dignou-se vir a nós”.

Quero atraí-los, disse o Senhor, e uni-los a mim pelos laços do amor (Os 11,4). Os homens cativam-se pelo amor; os sinais de afeto que recebem são como cadeias que os prendem e os forçam por assim dizer a amar a quem os ama. Fazendo-se homem, o Verbo Eterno nos deu a maior prova possível de amor com o fim de ganhar os nossos corações e de ser por eles amado com ternura, disse Hugo de S. Vítor.

Foi justamente isso que quis dar a entender nosso Salvador a um devoto religioso franciscano, o Pe. Francisco de S. Tiago, coo se narra no Diário franciscano de 15 de dezembro. Jesus mostrou-se-lhe várias vezes sob forma dum belo Infante. Como o servo de Deus procurasse retê-lo perto de si, o Menino sempre fugia, pelo que o piedoso sacerdote se queixava amorosamente. Um dia o divino Menino apareceu-lhe novamente, mas dessa vez empunhava cadeias de ouro, para lhe dar a entender que vinha com a intenção de prendê-lo e de ficar preso a ele para não mais se separarem. Encorajado com isso, o religioso tomou as cadeias, prendeu os pés do amável Menino e estreitou-o contra o coração. Desde então creu ver sempre em seu coração o Menino Jesus feito seu prisioneiro de amor. O que Nosso Senhor fez nessa circunstância com seu piedoso servo, ele o fez cm todos os homens, quando se encarnou. Por esse prodígio de caridade quis de certo modo fazer-se nosso cativo e prender ao mesmo tempo os nossos corações pelos laços do amor, conforme já havia predito por Oséias: “Atraí-os

para mim com vínculos próprios de homens, com os vínculos da caridade”.

De diversos modos, diz S. Leão, havia Deus beneficiado o homem. Jamais, porém, manifestou melhor o excesso de sua bondade para conosco do que enviando seu unigênito Filho para nos resgatar, ensinar o caminho da salvação e proporcionar a vida da graça. Então, assim se expressa o Santo, “ele saiu dos limites ordinários de sua ternura, quando, na pessoa de Jesus Cristo, a Misericórdia desceu aos pecadores, a Verdade se apresentou aos desviados, e a Vida veio em socorro dos que estavam mortos”.

S. Tomás pergunta porque a Encarnação do Verbo se diz obra do Espírito Santo: *Et incarnatus est de Spiritu Sancto*. É certo que todas as obras de Deus chamadas pelos teólogos *Opera ad extra*, isto é, que têm por objeto as criaturas, pertencem às três pessoas divinas. Por que então a Encarnação é atribuída só ao Espírito Santo? A principal razão, alegada pelo Doutor Angélico, é que todas as obras do amor divino são atribuídas ao Espírito Santo, que é o amor substancial do Pai e do Filho; ora, a obra da Encarnação foi o puro efeito do amor imenso que Deus tem ao homem. Isso quis significar o profeta dizendo que Deus viria ao lado do meio-dia, expressão que designa, segundo o Abade Ruperto, o grande amor de Deus para conosco. Também S. Agostinho afirma que o Verbo Eterno veio ao mundo, principalmente a fim que o homem soubesse quanto Deus o ama. E segundo S. Lourenço Justiniano, “jamais Deus fez resplandecer aos olhos dos homens a sua adorável caridade, como quando se fez homem”.

Porém o que mais faz conhecer o amor divino para com o gênero humano, é que o Filho de Deus veio buscá-lo, quando este dele fugia. É a isso que alude o Apóstolo quando diz falando do Verbo divino: *Não tomou a natureza dos anjos, e sim a carne dos filhos de Abraão*. A palavra *apprehendit* empregada aqui, observa S. João Crisóstomo, significa que ele se apo-

derou do homem à maneira de quem persegue um fugitivo a quem quer prender. Sim, Deus desceu do céu como para prender o homem ingrato que dele fugia, como se lhe dissesse: “Homem, vê quanto te amo; desci do céu à terra expressamente para te buscar. Porque foges de mim? Pára, ama-me; não fujas mais de mim que tanto te amo”.

Deus veio pois procurar o homem perdido; e a fim de melhor lhe testemunhar o seu amor e movê-lo a amar enfim Aquele que tanto o tinha amado, o Senhor quis, ao manifestar-se-lhe pela primeira vez, aparecer sob a forma duma tenra criancinha reclinada sobre a palha. “Felizes palhas, mais belas do que as rosas e os lírios! exclama S. Pedro Crisólogo; que terra afortunada vos produziu? e que felicidade é a vossa por haverdes servido de leito ao Rei dos céus! Ah! continua o Santo, sois bem frias para Jesus, porque não podeis acalentá-lo na gruta úmida, onde ele tiritia de frio; mas sois para nós fogo e chama, pois que acendeis em nossos corações um incêndio de amor que todas as águas dos rios não poderiam apagar”.

Não bastou ao amor divino, diz S. Agostinho, ter feito o homem à sua imagem, quando criou nosso primeiro pai Adão; quis fazer-se à nossa imagem para resgatar-nos. Adão comeu do fruto proibido por instigação da serpente, que dissera a Eva que lhe bastaria provar desse fruto para se tornar semelhante a Deus, quanto à ciência do bem e do mal. Eis porque o Senhor disse então: “Adão se fez como um de nós” (Gn 3,22). Deus falava assim por ironia, e para censurar a Adão a sua temeridade; “mas nós, observa Ricardo de S. Vítor, depois da Encarnação do Verbo, podemos dizer com verdade: Eis que Deus se fez como um de nós”. “Considera esse prodígio, ó homem”, exclama S. Agostinho: “O teu Deus se fez teu irmão”, tornou-se semelhante a ti; fez-se filho de Adão como tu, revestiu-se a mesma carne, tornou-se passível e mortal como tu. Podia tomar a natureza angélica. Mas não, preferiu unir-se à tua própria carne, a fim de satisfazer à justiça divina com uma carne vinda

de Adão pecador, embora isenta de seu pecado. E disso se gloriava chamando-se repetidas vezes o Filho do homem, e autorizando-nos assim a chamá-lo nosso verdadeiro irmão.

Um Deus fazer-se homem é um abaixamento incomparavelmente maior do que se todos os príncipes da terra e todos os anjos e todos os santos do céu, sem excetuar a Mãe de Deus, se abaixassem ao ponto de não serem mais do que um fio de erva ou um pouco de fumo. Pois que a erva, o fumo, bem como os príncipes, os anjos e os santos são criaturas, enquanto que da criatura a Deus a distância é infinita. — Mas, observa S. Bernardo, quanto mais esse Deus se humilhou fazendo-se homem por nós, tanto mais fez conhecer a grandeza de sua bondade. Também o Apóstolo exclama que o amor de Jesus Cristo para conosco é tal, que nos constrange e força extremamente a amá-lo.

Ah! se a fé não nos desse a certeza, quem poderia jamais imaginar que por amor dum verme da terra como é o homem, um Deus se fez verme da terra como o homem! Se acontecesse, diz um piedoso autor, que passando pela estrada pisásseis casualmente um verme e o matásseis, e que alguém, vendo-vos ter dele compaixão, vos dissesse: Se quereis restituir a vida a esse pobre verme, deveis primeiro tornar-vos como ele, e depois abrindo-vos as veias, banhá-lo em vosso sangue; — que responderíeis? — Que me importa, diríeis certamente, que o verme ressuscite ou fique morto, que eu tenha de procurar a sua vida com a minha morte? Essa seria com mais razão a vossa resposta, se se tratasse não dum verme inocente, mas dum áspide ingrato que, depois de beneficiado por vós, vos tentasse tirar a vida. Mas se, não obstante isso, levásseis o amor ao ponto de sofrer a morte para restituir a vida a essa malvado reptil, que diriam os homens? E se esse animal salvo assim pela vossa morte tivesse raciocínio, que não faria por vós? Mas Jesus Cristo fez isso por ti, mísero verme da terra; e tu ingrato tentaste muitas vezes tirar-lhe a vida, e os teus pe-

cados o teriam matado realmente, se ele ainda estivesse sujeito à morte. Tens sido mais vil a respeito de Deus do que o verme a teu respeito! Que importava a Deus que ficasses ou não no pecado, presa da morte e da condenação segundo o teu mérito? E esse Deus teve tanto amor por ti que, para livrar-te da morte eterna, primeiro se fez verme como tu, e depois para salvar-te quis derramar todo o seu sangue e sofrer a morte que merecias.

Sim, tudo isso é de fé: *O Verbo se fez carne*, diz S. João, e *amou-nos ao ponto de nos lavar em seu próprio sangue* (Ap 1,5). A Santa Igreja ao considerar a obra da Redenção declarou-se aterrada. E ela não faz senão repetir as palavras do profeta a excluir: *Senhor, eu ouvi a tua palavra, e temi; tu saíste para a salvação do teu povo, para o salvar com o teu Cristo* (Ha 3,2-13).

S. Tomás tem pois razão de chamar o mistério da Encarnação o milagre dos milagres; milagre incompreensível, em que Deus mostra o poder de seu amor pelos homens; pois que, de Deus que é, esse amor o faz homem, de Criador, criatura nascida duma criatura, diz S. Pedro Damiano; de soberano Senhor, simples servo, de impassível, sujeito às penas e à morte. É assim que, segundo a palavra da SS. Virgem, ele fez brilhar o poder de seu braço. S. Pedro de Alcântara ao ouvir uma vez cantar o Evangelho que se reza na terceira missa de Natal: *In principio erat Verbum* etc., contemplando esse mistério ficou de tal modo inflamado de amor para com Deus que em êxtase se elevou nos ares e, embora distante, foi levado para diante do SS. Sacramento. E S. Agostinho dizia que se não saciava nunca de considerar a grandeza da bondade divina na obra da redenção dos homens. É sem dúvida por causa da grande devoção que ele tinha a esse sublime mistério, que o Senhor lhe mandou escrever sobre o coração de S. Maria Madalena de Pazzi estas palavras: *E o Verbo se fez carne*.

II.

Quem ama, não ama senão para ser amado; assim, diz S. Bernardo, Deus que tanto nos amou, só quer de nós o nosso amor. Dirigindo-se depois a cada um de nós, ajunta: “Homem, qualquer que seja, viste o amor que Deus te mostrou fazendo-se homem, sofrendo, morrendo por ti; quando é que Deus verá por experiência em tuas ações o teu amor a ele?”

Ah! ao ver que um Deus se quis revestir da nossa carne, levar vida tão penosa, e padecer morte tão cruel por nós, cada homem deveria arder de amor para com esse Deus tão amoroso. *Oxalá romperas tu os céus, e desceras de lá! Os montes se derreteriam diante da tua face; as águas arderiam em fogo* (Is 64,1). Meu Deus, exclamava o profeta antes da vinda do Messias, dignai-vos descer do céu, tomar a natureza humana e habitar entre nós! Vendo-vos os homens feito como um deles, *as montanhas se derreterão*, aplanar-se-ão para eles todos os obstáculos, todas as dificuldades, que os impedem de observar os vossos preceitos e os vossos conselhos; *e as águas arderão em fogo*: a chama que acendereis nos corações penetrará nas almas mais glaciais e as abrasará de amor por vós!

E de fato, depois da encarnação do Verbo, que belo incêndio de amor divino se viu resplandecer em tantas almas generosas! Desde que Jesus Cristo veio habitar entre nós, Deus foi certamente mais amado pelos homens num só século, do que o fora durante os quarenta séculos que precederam a sua vinda. Quantos jovens, nobres e até monarcas renunciaram às riquezas, às honras e à dignidade régia, retiraram-se ao deserto ou ao claustro, e abraçaram uma vida pobre e desprezada a fim de melhor mostrar a Deus o seu amor! Quantos mártires caminharam jubilosos e sorridentes aos tormentos e à morte! Quantas tenras virgens recusaram a mão dos grandes do mundo e derramaram seu sangue por Jesus Cristo a fim de

retribuir de alguma maneira a um Deus que quis encarnar-se e morrer por seu amor!

Sim, tudo isso é verdade; mas consideremos agora o que nos deve fazer chorar. Tem-se visto igual maneira de agir em todos os homens? Têm todos procurado corresponder a esse grande amor de Jesus Cristo? Ah! a maior parte lhe pagou e ainda paga com ingratidão. E tu, meu irmão, dize-me: qual tem sido o teu reconhecimento para com um Deus, que tanto te amou? Tens-lhe sempre agradecido? tens considerado o que significam as palavras: um Deus feito homem e morto por ti?

Um homem que assistia uma vez a missa sem devoção, como fazem tantos, não fez nenhum sinal de reverência ao ouvir dizer no fim: “E o Verbo se fez carne”. O demônio deu-lhe uma rude bofetada dizendo: “Ingrato, lembram-te que Deus se fez homem por ti, e tu nem te dignas inclinar-te? Ah! se Deus tivesse feito outro tanto por mim, eu lhe ficaria grato eternamente”.

Dize-me, cristão, que mais poderia Jesus Cristo fazer para merecer o teu amor? Se o Filho de Deus tivesse de salvar da morte a seu próprio Pai, que mais poderia fazer do que abaixar-se ao ponto de tomar carne humana e sacrificar sua vida para resgatá-lo? Digo mais: Se Jesus Cristo fosse um simples homem e não uma pessoa divina, e quisesse por qualquer prova de afeição obter o amor de seu Pai, poderia ele fazer mais do que fez por ti? E se um dos teus servos tivesse dado o seu sangue e sua vida por amor de ti, não te prenderia o coração e te obrigaria a amá-lo ao menos por gratidão? E porque é que Jesus Cristo, mesmo dando por ti a sua vida, não conseguiu ganhar o teu amor?

Ah! se os homens desprezam o amor divino, é porque não compreendem, digamos melhor, não querem compreender que felicidade é possuir a graça de Deus, a qual, segundo a expressão do Sábio, *é um tesouro infinito, e faz amigos de Deus aos que dela gozam* (Eclo 7,14). Os homens estimam e procu-

ram o favor dum príncipe, dum prelado, dum rico, dum sábio, até dum desclassificado na sociedade; e há infelizes que não fazem caso da graça de Deus: renunciaram-na por uma fumaça, um prazer brutal, um pouco de terra, um capricho, um nada.

E tu, caro irmão, que dizes? queres ser também do número desses ingratos? Se Deus não te satisfaz, diz S. Agostinho, vê se podes encontrar algo que valha mais. Vai, pois, procura um príncipe mais benfazejo, um protetor, um irmão, um amigo mais amável, e quem te tenha amado mais do que Deus; procura alguém que, mais do que Deus, te possa fazer feliz nesta vida e na outra.

Quem ama a Deus nenhum mal tem a temer; pois Deus assegura que não pode deixar de amar a quem o ama; e quando alguém é amado por Deus, que temor poderá ter? É assim que falava Davi: O Senhor é minha luz e minha salvação, a quem pois temerei? E as irmãs de Lázaro contentaram-se em dizer ao Senhor que seu irmão estava enfermo, pensando: Jesus o ama e isso basta; Ele não podia deixar de ir em seu auxílio e curá-lo.

De outro lado como pode amar a Deus quem despreza o seu amor? Ah! resolvamo-nos uma vez a pagar com amor a um Deus que tanto nos tem amado. Peçamos-lhe sem cessar nos conceda o grande dom de seu amor. Segundo S. Francisco de Sales, é essa a graça que devemos desejar e pedir mais que toda outra graça, porque com o amor divino obtemos todos os outros bens como no-lo assegura o Sábio. Eis por que S. Agostinho dizia: “Amai e fazei o que quiserdes”. Quem ama a alguém foge de tudo que o possa desgostar e procura agradar-lhe sempre mais. Assim quem ama verdadeiramente a Deus nada faz que o possa desagradar, mas aplica-se a fazer o possível para lhe causar prazer.

Para obtermos mais depressa e mais seguramente esse precioso dom do divino amor, recorramos Àquela que mais amou a Deus, digo, à SS. Virgem Maria sua Mãe: o seu cora-

ção era tão inflamado de amor por Deus, que os demônios, no dizer de S. Bernardino de Sena, não ousavam aproximar-se dela para tentá-la. Ricardo ajunta que os próprios Serafins podiam descer do céu para aprender de Maria o modo de amar a Deus. E já que o coração de Maria era sempre todo abrasado do divino amor, continua S. Boaventura, ela comunica o mesmo fogo a todos os que a amam e dela se aproximam, tornando-os semelhantes a ela.

(Quem deseja ajuntar a estas considerações algum exemplo atinente à devoção do Menino Deus, pode escolher-se um dos que damos no fim das Meditações.)

Afetos e Súplicas.

“Ó fogo que sempre ardes, abrasa-me”. Ó Verbo encarnado, fizestes-vos homem para acender em nós o fogo do amor divino; como pudestes pois encontrar tanta ingratidão nos corações dos homens? Nada poupastes para vos fazer amar por eles; sacrificastes o vosso sangue e a vossa vida. Como pois resistem eles a tanta bondade? Ignoram o que fizestes por eles? Ah! eles sabem e crêem que por amor deles descestes do céu para vos revestir da carne humana, vos sobrecarregar de suas misérias, viver entre dores e padecer uma morte ignominiosa. Como pois passam sua vida sem sequer pensar em vós? Amam os parentes, amam os amigos, amam até os animais. Se deles recebem qualquer sinal de afeto, procuram remunerá-los; só a vós não testemunham nem amor nem reconhecimento. Mas ai de mim, gemendo sobre a ingratidão dos homens, acuso-me a mim mesmo de haver sido mais do que os outros culpado para convosco. Mas a vossa bondade me encoraja. Com tanta paciência me tendes suportado, a fim de me perdoar e abrasar no vosso amor, contanto que me arrependa e vos ame. Sim, meu Deus, quero arrepender-me e me arrependo de toda a minha alma de vos ter ofendido; quero

amar-vos de todo o meu coração. Confesso, meu Redentor, que meu coração já não merece ser aceito por Vós, porque vos abandonou para se apegar às criaturas; mas vejo que o quereis ainda apesar de sua indignidade: eu vo-lo consagro e vo-lo dou com toda a minha vontade. Inflamai-o pois todo inteiro de vosso santo amor e fazei que doravante não ame outra coisa fora de vós, bondade infinita, digna dum infinito amor. Amo-vos, meu Jesus, amo-vos, soberano Bem, amo-vos, único amor de minha alma. Ó Maria, minha Mãe, que sois a Mãe do belo Amor, obtende-me a graça de amar o meu Deus; é de Vós que o espero.

CONSIDERAÇÃO II.

O VERBO ETERNO DE GRANDE SE FEZ PEQUENO.

*Parvulus natus est nobis et Filius datus
est nobis.*

Nasceu-nos um Menino e foi-nos dado
um filho. (Is 9,6)

Platão dizia que o amor atrai o amor: *Magnes amoris, amor*. Daí o provérbio citado por S. João Crisóstomo: Se queres ser amado, ama. De fato, o mais seguro de cativar-se o afeto duma pessoa, é amá-la e dar-lhe a entender que é amada.

Mas, Jesus meu, essa regra, esse provérbio é para os outros, para todos os outros e não para vós. Os homens são gratos para com todos, menos para convosco. Não sabeis o que mais fazer para testemunhar aos homens o amor que lhes tendes; nada mais vos resta a fazer para conquistardes o coração dos homens. E quantos são os que vos amam? Ah! a maior

parte, digamos melhor, quase todos não só não vos amam, mas nem sequer vos querem amar. Ainda mais: vos ofendem e desprezam.

Queremos também nós ser do número desses ingratos? Oh! não, que não o merece esse Deus tão bom, tão amante que, sendo *grande*, e duma grandeza infinita, quis fazer-se *pequeno* para ser amado por nós. — Peçamos a Jesus e Maria nos esclareçam.

I.

Para se compreender qual foi o amor que determinou a um deus fazer-se homem e criancinha em favor dos homens, seria preciso ter uma idéia da grandeza de Deus. Mas que homem ou que anjo poderia compreender a grandeza divina que é infinita?

Segundo S. Ambrósio, dizer de Deus que ele é maior que os céus, que todos os reis da terra, que todos os santos é fazer-lhe injúria, como seria injuriar a um príncipe o dizer que ele é maior do que um calamo de erva ou uma mosca. Deus é a grandeza mesma, e toda a grandeza é apenas uma mínima parcela da grandeza de Deus.

Considerando essa divina grandeza, convencido de sua absoluta incapacidade para compreendê-la, Davi exclamou: “Senhor, onde encontrar uma grandeza comparável à vossa?” De fato, como poderia uma criatura, cuja inteligência é finita, compreender a grandeza de Deus, a qual não tem limites: Grande é o Senhor, cantava o mesmo profeta; ele é digno de todo o louvor, e sua grandeza é infinita. — Não sabeis, disse Deus aos judeus, que eu encho o céu e a terra? De sorte que para falarmos segundo o nosso modo de entender, não passamos de atomozinhos imperceptíveis nesse imenso oceano da essência divina. Dizia o apóstolo: “Nele temos a vida, o movimento e o ser”.

Que somos nós em relação a Deus? Que são todos os homens, todos os monarcas da terra, e mesmo todos os santos e todos os anjos do céu diante da infinita grandeza de Deus? Somos menos que um átomo relativamente ao mundo inteiro; e para falarmos como Isaías, todas as nações são na presença de Deus como a gota d'água suspensa no bordo do vaso, como o peso que faz pender apenas a balança; e todas as ilhas não são senão um pouco de pó; numa palavra, todo o universo é diante dele como se não existisse.

Ora esse Deus tão grande se fez criança, e para quem? Por nós: *Nasceu-nos um Menino*, disse ainda Isaías. Mas para que fim? S. Ambrósio responde: “Fez-se pequeno para nos tornar grandes; quis ser envolvido em paninhos para nos livrar das cadeias da morte; desceu à terra a fim de que pudéssemos subir ao céu”.

Eis pois o Ser imenso feito criança; Aquele que os céus não podem conter, ei-lo enfeixado em pobres paninhos, e deitado num presépio estreito e grosseiro, sobre um pouco de palhas que lhe servem de leito e de travesseiro! S. Bernardo exclama: Vinde ver um Deus que pode tudo, preso em paninhos de sorte a não poder mover-se; um Deus que sabe tudo, privado da palavra; um Deus que governa o céu e a terra, necessitando ser carregado nos braços; um Deus que nutre todos os homens e todos os animais, precisando dum pouco de leite para viver; um Deus que consola os aflitos, que é a alegria do paraíso, e que chora, que geme e que procura quem o console!

Em suma, diz S. Paulo que o Filho de Deus vindo à terra se aniquilou a si próprio. E por que? para salvar o homem e para ser por ele amado. “Meu divino Redentor, exclama S. Bernardo, na medida que vos abaixastes fazendo-vos homem e criança brilharam a misericórdia e o amor que nos mostrastes a fim de ganhar os nossos corações”.

Embora os Hebreus tivessem claro conhecimento do verdadeiro Deus que se lhes manifestara por tantos milagres, não

estavam satisfeitos. Queriam vê-lo face a face. Deus achou o meio de contentar também esse desejo dos homens. Tomou a natureza humana e tornou-se visível a seus olhos, diz S. Pedro Crisólogo. E para melhor se insinuar aos nossos corações, continua o mesmo Santo, quis mostrar-se primeiro como uma criancinha, porque nesse estado ele devia parecer-nos mais grato aos nossos afetos. Sim, acrescenta S. Cirilo e Alexandria, ele se abaixou à humilde condição duma criancinha a fim de se tornar mais agradável aos nossos corações. Era esse, com efeito, o meio mais próprio para se fazer amar.

O profeta Ezequiel tinha pois razão de dizer, ó Verbo encarnado, que a época da vossa vinda à terra devia ser o tempo do amor, o *tempo dos que amam*. E com efeito por que outro motivo Deus nos amou tanto e nos deu tantas provas de seu amor, se não para ser amado por nós? Deus só ama para ser amado, diz S. Bernardo. Aliás o Senhor mesmo o declarou desde o início: *E agora, ó Israel, que é o que o Senhor teu Deus pede de ti, se não que o temas... e o ames* (Dt 10,12).

Para obrigar-nos a amá-lo, Deus não quis confiar a outrem o negócio de nossa salvação, mas quis fazer-se homem e vir resgatar-nos em pessoa. S. João Crisóstomo faz uma bela observação sobre a expressão de que se serve S. Paulo ao falar desse mistério; Ele nunca tomou a natureza dos anjos, mas tomou a carne dos filhos de Abraão. Porque, pergunta ele, não diz o apóstolo simplesmente que Deus se revestiu da carne humana, mas que a tomou como que à força, segundo a significação própria do vocábulo *Apprehendit*? E responde: disse assim por metáfora, para explicar que Deus desejava ser amado pelo homem, mas o homem lhe voltara as costas e não queria reconhecer o amor que Deus lhe tinha. Eis por que desceu do céu e tomou um corpo humano para se fazer conhecer e amar, como que à força, pelo homem ingrato que dele fugia.

É por isso que o Verbo Eterno se fez homem, e é também por isso que Ele se fez criança. Ele poderia apresentar-se so-

bre a terra como homem feito à semelhança do nosso primeiro pai Adão, mas o Filho de Deus preferiu mostrar-se ao homem sob a forma duma graciosa criança, a fim de ganhar mais depressa e com mais força o seu coração. As crianças são amáveis por si mesmas e atraem o amor de quem as vê. O Verbo divino fez-se menino, diz S. Francisco de Sales, a fim de conciliar o amor de todos os homens.

Ouçamos S. Pedro Crisólogo: “Não é por ventura desse modo que deveria vir a nós Aquele que queria banir o temor e fazer reinar o amor? Que alma haverá tão feroz que se não deixe vencer pelos encantos dessa criança? que coração tão duro que se não enternença à sua vista? e que amor não exige Ele de nós? Assim pois quis nascer Aquele que queria ser amado e não temido”. O Santo Doutor nos faz compreender que, se o divino Salvador quisesse, vindo ao mundo, fazer-se temer e respeitar pelos homens, ter-se-ia apresentado sob a forma dum homem perfeito e cercado da dignidade régia. Mas, como procurava apenas ganhar os nossos corações, quis aparecer no meio de nós como uma criança, e como a criança mais pobre e humilde, nascida numa fria gruta entre dois animais, colocado sobre a palha num presépio, sem lume e envolta em paninhos insuficientes para defendê-la do frio: Assim quis nascer Aquele que queria ser amado e não temido! Ah! meu Senhor e meu Deus, quem pois vos obrigou a descer do trono dos céus, para nascerdes num estábulo? Foi o amor que tendes aos homens! Quem vos arrancou da dextra do Pai Eterno, onde estais assentado, e vos deixou numa vil manjedoura? Vós que reinais sobre a abobado estrelada, quem vos estendeu sobre a palha? Quem do meio dos anjos vos fez residir entre dois animais? Foi o amor. Vós abrasais os serafins, e tremeis de frio! Vós sustendes o céu, e é preciso que vos levem nos braços! Vós nutris homens e animais, e tendes necessidade dum pouco de leite para vos sustentar! Vós sois a felicidade dos Santos, e eu vos ouço chorar e gemer! Quem pois vos reduziu a tão grande mi-

séria? foi o amor: Assim quis nascer Aquele que queria ser amado, e não temido!

Amái, pois, almas cristãs, exclama S. Bernardo, amái essa criança que é tão amável! “Grande é o Senhor, merece louvores infinitos; pequeno é o Senhor, merece infinitamente nosso amor”. Sim, diz-nos ele, esse Deus era desde toda a eternidade, como o é ainda agora e sempre, digno de todo o louvor e respeito por sua grandeza, como já cantou Davi: Grande é o Senhor, e muito digno de louvor. Hoje porém que o vemos feito menino, necessitado de leite, sem se poder mover, tremendo de frio, vagindo, chorando, procurando quem o pegue, aqueça e console; ah! como é amável e caro aos nossos corações. O Senhor é pequeno e excessivamente amável!

Devemos adorá-lo como Deus, mas o nosso amor deve igualar à nossa veneração para com um Deus tão amável e tão amante.

“Uma criança, observa S. Boaventura, gosta de achar-se entre crianças, no meio de flores e nos braços dos que a amam”. Se quisermos comprazer ao divino Infante, quer dizer o Santo, devemos tornar-nos crianças com ele, isto é, simples e humildes; levar-lhe flores das virtudes, mormente as da mansidão, da mortificação, da caridade; tomá-lo e nossos braços com amor.

“Que queres mais, ó homem, acrescenta S. Bernardino de Sena, que esperas ainda para te dares sem reserva a teu Deus? Considera as penas que Jesus sofre por ti; vê com que amor esse terno Salvador desceu do céu para te procurar. Não ouves os seus gritos, os seus vagidos infantis? Apenas nascido, dirige-se a ti escuta com ele te chama com seus vagidos: Ó alma a quem amo, parece dizer-te, eu te procuro; é por amor de ti, para obter o teu amor que vim do céu à terra”.

Ó Deus, os próprios animais, quando lhes fazemos algum benefício, quando lhes damos alguma coisa, mostram tanto reconhecimento! Vem a nós, obedecem-nos a seu modo como

sabem, testemunham-nos alegria ao ver-nos. E nós, como podemos ser tão ingratos para com Deus, que se deu a nós, que desceu do céu à terra, se fez menino para nos salvar e ser de nós amado? Amemos pois o Menino de Belém! exclama o seráfico S. Francisco. Amemos a Jesus Cristo que com tanto empenho procurou ganhar os nossos corações!

II.

Se amamos a Jesus Cristo, devemos amar o nosso próximo, mesmo os que nos ofenderam. O Messias foi chamado, por Isaías, o pai do século futuro. Ora, para sermos filhos dum tal Pai, devemos amar os nossos inimigos e fazer bem aos que nos fazem mal. É o Senhor mesmo quem nos declarou: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que nos fazem mal.* É o Senhor mesmo quem nos declarou: *Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam...*, para serdes filhos do vosso Pai. Ele mesmo, aliás, deu-nos o exemplo dessa caridade quando pediu a seu Pai celeste perdoasse aos que o crucificavam.

Quem perdoa a seu inimigo, diz S. João Crisóstomo, não pode deixar de obter o perdão de seus próprios pecados. Isso até nos é garantido por uma promessa divina: *Perdoai, e vos será perdoado.* — Um religioso que aliás não levava vida muito exemplar, deplorava seus pecados na hora da morte, mas com muita confiança e alegria, pois dizia que jamais havia tomando vingança. Ele queria dizer: É verdade que ofendi a Deus; mas o Senhor prometeu perdoar aos que perdoam a seus inimigos; eu sempre perdoei aos que me ofenderam, devo pois estar seguro de que Deus perdoará também a mim.

E falando em geral do que concerne a todos, como podemos rezear não obter o perdão de nossos pecados, quando pensamos em Jesus Cristo? Não foi para reconciliar os pecadores com Deus que o Verbo Eterno se humilhou ao ponto de revestir-se da natureza humana? *Não vim chamar os justos,*

disse ele, *mas os pecadores*. Digamos-lhe pois com S. Bernardo: “Sim, Senhor, abaixando-vos assim por nós, mostrastes até onde se estendeu a vossa misericórdia e a vossa caridade por conosco”. E tenhamos confiança, como nos exorta S. Tomás de Vilanova com as palavras: “Que temes, pecador? se te arrependeres de teus pecados, como te condenará aquele Senhor que morre para não te condenar? E se queres voltar novamente à sua amizade, como te repelirá aquele que veio do céu para te procurar?”

Não tema pois o pecador que não quer mais ser pecador, mas quer amar a Jesus Cristo; não se apavore mas confie. Se detesta o pecado e procura a Deus, longe de se afligir, alegre-se, como a isso o convida o Salmista. O Senhor protesta que quer esquecer-se de todas as ofensas dum pecador que se arrepende: *Se o ímpio fizer penitência, já me não recordarei de todas as suas iniquidades*. E para nos inspirar ainda mais confiança, nosso divino Salvador se fez menino. “Quem temeria aproximar-se duma criança?” pergunta S. Tomás de Vilanova. As crianças nada têm de terrível, respiram só doçura e amor.

As crianças, diz S. Pedro Crisólogo, não sabem encolerizar-se; se lhes acontece irritarem-se, facilmente se acalmam. E de fato, basta apresentar às crianças uma fruta, uma flor, fazer-lhes uma carícia, dizer-lhes uma palavra afetuosa. Perdoam logo e esquecem todas as ofensas a elas feitas.

Também, acrescenta S. Tomás de Vilanova, uma lágrima, um sentimento de arrependimento basta para aplacar o Menino Jesus. Vamos pois lançar-nos a seus pés, conclui ele, agora que esse bondoso Mestre depôs sua Majestade divina e se oferece a nós sob a forma duma criança para dar-nos coragem e nos atrair a ele.

S. Boaventura diz igualmente que o Filho de Deus se apresenta aos nossos olhos como uma criança cheia de doçura e misericórdia, para nos liberar do medo que nos poderia causar o pensamento de seu poder e justiça. Ó Deus de misericór-

dia, ajunta Gerson, occultastes vossa sabedoria suprema sob as aparências duma criancinha a fim que ela nos não acuse de nossos pecados! Ocultastes a vossa justiça no abaixamento a fim que ela nos não condene! Ocultastes o vosso poder na fraqueza a fim de que ela nos não puna!

S. Bernardo por sua vez faz esta reflexão: Quando Adão pecou, ouviu a voz de Deus, que o chamava dizendo: *Adão, onde estás?* e ficou tomado de pavor: *Ouvi a vossa voz, respondeu e tive medo.* Mas o Verbo Eterno, aparecendo sobre a terra como homem, nada mais tem que inspire temor. Por isso o Santo exorta-nos a banirmos dos corações todo sentimento de temor: “O vosso Deus, diz ele, desta vez procura-vos não para vos punir mas para vos salvar”. O Deus que devia punir-te fez-se menino; a sua voz já te não espanta, porque a voz dum menino pequeno, sendo voz de prantos, inspira antes compaixão do que temor; não podes já temer que Jesus Cristo estenda as mãos para castigar-te, pois que sua terna Mãe as retém e encerra em paninhos.

Alegrai-vos, pois, ó pecadores, exclama S. Leão: o nascimento de Jesus é a aurora de alegria e de paz. — Ele é chamado por Isaías *o Príncipe da paz*. Jesus é Príncipe, não de vingança contra os pecadores, mas de misericórdia e de paz: constituiu-se Mediador de paz entre Deus e os pecadores. Se não podemos pagar a justiça divina, diz S. Agostinho, o Pai Eterno não pode desprezar o sangue de Jesus Cristo, que satisfaz por nós.

O célebre duque Afonso de Albuquerque, transpondo os mares, viu um dia o seu navio no risco de dar contra os escolhos. Julgava-se já perdido, quando, percebendo uma criança que chorava, a tomou nos braços e erguendo-a para o céu exclamou: “Senhor, se eu não mereço ser atendido, atendei ao menos os prantos desta criança inocente, e salvai-nos”. Terminada a prece, a tempestade acalmou-se e desapareceu o perigo. — Sugamos esse exemplo, nós, miseráveis pecadores.

Temos ofendido a Deus; merecemos ser condenados à morte eterna; com razão quer a justiça divina ser satisfeita. Que temos a fazer? Desesperar? Oh! não: ofereçamos a Deus essa terna criancinha que é o seu Filho, e digamos-lhe com confiança, se não podemos expiar as ofensas que vos temos feito, lançai os olhos sobre o divino Infante, que geme, que chora, que treme de frio sobre a palha nesta gruta; Ele satisfaz por nós e vos pede misericórdia. Se não merecemos o perdão dos nossos pecados, considerai os sofrimentos e as lágrimas do vosso Filho inocente, que o merece por nós e vos pede misericórdia.

Esse meio de salvação é precisamente o que S. Anselmo nos indica. Ele diz que Jesus mesmo, querendo nos não ver perdidos, encoraja a quem se acha réu diante de Deus nestes termos: “Pecador, toma ânimo; se tuas iniquidades já te fizeram escravo do inferno e não tens meio de te livrares dele, tomame, oferece-me a meu Pai; assim escaparás à morte e te salvarás. Será possível imaginar-se maior misericórdia?” pergunta o Santo Doutor. A Mãe de Deus ensinou o mesmo à Irmã Francisca Farnese. Colocou-lhe nos braços o Menino Jesus e disse-lhe: “Eis o meu Filho; aproveita-te dele oferecendo-o muitas vezes a Deus”.

E se quisermos estar ainda mais seguros do perdão, reclamemos a intercessão dessa augusta Mãe, que é todo poderosa junto de seu divino Filho para obter o perdão aos pecadores, como ensina S. João Damasceno. E como razão, porque, segundo S. Antonino, as preces de Maria junto dum Filho que tanto a quer e deseja vê-la honrada, têm o valor de ordens. É isso que faz dizer a S. Pedro Damião, que quando a SS. Virgem vai pedir a N. Senhor em favor de algum de seus servos, ela parece antes mandar que pedir: “Vós vos aproximais do trono de Jesus, não só para lhe suplicar, mas para em certo sentido lhe dar ordens, e antes como Rainha do que como serva, porque, para honrar-vos, o vosso Filho nada do que lhes

pedis vos recusa”. Também S. Germano ajunta que Maria, em virtude da autoridade materna que exerce, ou, para melhor dizer, que exercera outrora sobre a terra a respeito de seu divino Filho, pode impetrar o perdão aos maiores pecadores.

Afetos e Súplicas.

Ó doce, ó amável e santo Menino, tudo fizestes para vos fazer amar dos homens. Basta dizer que de Filho de Deus vos fizestes Filho do homem, e que quisestes nascer não só como todos os outros filhos dos homens, porém mais pobre e mais humilhado que todos os outros, escolhendo para habitação um estábulo, e para leito um pouco de palha! Quisestes mostrar-vos a nós, a primeira vez, nessa humilde e tocante condição de criança, para começar a ganhar os nossos corações desde o vosso nascimento. E depois continuastes, durante toda a vossa vida, a dar-nos provas sempre maiores de vosso amor, até morrerdes exsangu e desonrado num patíbulo infame! Onde vem pois a ingratidão dos homens para convosco? Tampouco vos conhecem, e menos ainda vos amam! Ó meu Jesus, quero ser do pequeno número destes últimos. É verdade que no passado eu vos desprezei e, esquecendo o vosso amor, só procurei satisfazer-me, sem fazer conta de vós e de vossa amizade. Mas hoje vejo o mal que fiz, sinto dor e arrependimento de todo o coração. Caro Infante, meu Salvador, perdoai-me pelos méritos de vossa santa infância. Amo-vos, meu Jesus, e vos amo tanto que, mesmo que todos os homens se separassem de vós e vos abandonassem, eu vos prometo de vos não deixar jamais, ainda que tivesse de perder mil vezes a vida. Estas luzes e esta boa vontade que agora tenho vós mas destes. Agradeço-vos, meu amor, e vos peço mas conserveis com vossa graça. Mas conheceis a minha fraqueza e as minhas infidelidades passadas. Por piedade não me abandoneis; do contrário tornar-me-ei pior do que antes. Permiti que meu pobre coração vos

ame, ó divino Infante. Este coração outrora vos desprezou, mas hoje está todo enamorado de vossa bondade.

Ó Maria, gloriosa Mãe do Verbo encarnado, não me abandoneis vós que sois a Mãe da perseverança e a dispenseira das graças. Ajudai-me e ajudai-me sempre. Com o vosso socorro, ó minha esperança, confio ser fiel a Deus até a morte.

CONSIDERAÇÃO III.

O VERBO ETERNO DE SENHOR SE FEZ SERVO.

Semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.
Aniquilou-se tomando a forma de servo. (Fl 2,7)

S. Zacarias, considerado a grande misericórdia de nosso Deus na obra da redenção dos homens, teve razão de exclaimar: *Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, de visitar seu povo e de resgatá-lo... a fim que, livres de todo o temor e libertados da mão de nossos inimigos, pudéssemos servi-lo...* Sim, bendito seja para sempre o Senhor nosso Deus, que se dignou descer à terra e fazer-se homem para resgatar os homens; a fim que livres das cadeias do pecado e da morte, pelas quais os inimigos nos conservavam presos, pudéssemos sem temor e na liberdade dos filhos de Deus, servir e amar o Senhor nesta vida, para depois irmos possuí-lo e gozar eternamente de sua presença no reino bem-aventurado, fechado aos homens até esse dia, mas aberto enfim por nosso Salvador.

Todos nós éramos então escravos do inferno. Mas que fez o Verbo eterno, nosso soberano Senhor, para libertar-nos dessa horrível escravidão? De *senhor se fez servo*. — Consideremos a grande misericórdia e o amor imenso que Deus nos tes-

temunhou com esse prodigioso benefício; mas antes peçamos a Jesus e Maria que nos iluminem.

I.

Deus é o senhor de tudo o que existe e pode existir no universo. Quem poderia contestar a Deus o soberano domínio sobre todas as coisas, sendo ele o criador e conservador de tudo? *No seu vestido, à ilharga, trás escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores*, diz S. João (Ap 19,16). Sua realeza não está somente escrita no seu vestido mas também à sua ilharga, o que quer dizer, segundo Maldonado, que Ele é rei por natureza. Os monarcas da terra tem uma autoridade e uma majestade emprestada, de que os revestiu, por mero favor, o Rei supremo que é Deus; mas Deus sendo Rei por natureza não pode deixar de ser Rei e Senhor do universo.

Ora, esse Monarca supremo reinava sobre os anjos do céu e sobre todas as criaturas, mas não reinava sobre os corações dos homens. Os homens gemiam miseravelmente sob a escravidão do demônio. Sim, antes da vinda de Jesus Cristo esse tirano infernal fazia os homens prestarem-lhe honras divinas. Ofereciam-lhe incenso e sacrifícios, e não contentes de lhe imolarem animais, chegavam a sacrificar-lhe os seus próprios filhos e a sua vida. E que lhes dava em retorno esse inimigo cruel? como os tratava? Atormentava-lhes o corpo com extrema barbárie, cegava-lhes o espírito, conduzia-os por um caminho de dor à morte eterna.

O Verbo divino desceu à terra para abater esse tirano, e para livrar os homens da infeliz escravidão em que se achavam, a fim de que, saindo das trevas da morte, e sacudindo o jugo odioso que carregavam, pudessem conhecer o verdadeiro caminho da salvação e dedicar-se ao serviço de seu verdadeiro e legítimo Senhor, que os amava como pai, e que, de escravos de Lúcifer, queria fazê-los seus filhos diletos: *A fim de que liber-*

tados de todo o temor e arrancados das mãos de nossos inimigos sirvamos ao Senhor.

Isaías predissera que nosso divino Redentor destruiria o império que o demônio exercia sobre os homens: *Quebrastes o cetro de seu exator* (Is 9,4). Por que o profeta chama de *exator* ao demônio? Porque, diz S. Cirilo, esse bárbaro senhor costuma exigir dos pobres pecadores, que são seus escravos, enormes tributos de paixões desregradas, ódios e afeições más, que formam outras tantas cadeias de que se serve para os prender com mais força a seu jugo e para os flagelar. Nosso Senhor veio pois à terra para arrancar-nos das mãos desse cruel inimigo. Mas como? Que meio empregou para nos libertar? Ei-lo, responde S. Paulo: *Existindo na forma (ou natureza) de Deus, não julgou que fosse uma rapina o ser igual a Deus; mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens* (Fl 2,6-7). Era o Unigênito de Deus, igual a seu Pai, eterno como seu Pai, todo-poderoso como seu Pai, imenso, infinitamente sábio e feliz, soberano senhor do céu e da terra, dos anjos e dos homens como seu Pai. Todavia por amor do homem humilhou-se ao ponto de tomar a forma de servo, revestiu-se da carne humana, e tornou-se semelhante aos homens. E como estes por seus pecados se tornaram escravos do demônio, tomou a natureza humana para os resgatar satisfazendo com suas dores e sua morte à justiça divina e tomando assim a pena que os homens mereciam. — Ah! se a fé nos não desse a certeza disso, quem poderia jamais esperar? quem o poderia sequer imaginar? Mas a fé nos ensina e nos garante que esse sumo e supremo Senhor *se aniquilou tomando a forma e a natureza de servo.*

Uma vez revestido dessa humilde forma, o Redentor quis começar desde a infância a despojar o demônio do império que tinha sobre o homem, como o predissera Isaías com as palavras: *Põe-lhe um nome que signifique: Toma depressa os despojos, fazе velozmente a presa* (Is 8,3). Era anunciar, observa

S. Jerônimo, que Jesus Cristo ia pôr fim ao reino de Satanás. Assim para nos livrar da tirania do inferno, diz o venerável Beda, Jesus declara-se servo logo ao nascer e como tal se porta. Quer ser inscrito entre os súditos de César e pagar o censo. No desejo de satisfazer desde então as nossas dívidas por seus sofrimentos, ei-lo, exclama S. Zenão, que toma se detença os sinais da escravidão: deixa-se enfaixar em paninhos que o privam da liberdade e representam as cadeias de que um dia será carregado pelos algozes para ser conduzido à morte. Ei-lo depois que se submete e obedece toda a sua vida a uma humilde virgem, a um homem. Ei-lo mais tarde, como servo na pobre morada de Nazaré, empregado por Maria e José, ora a desbastar a madeira que José devia trabalhar, ora a recolher os fragmentos para o fogo, ora a varrer a casa, a buscar água, a abrir ou a fechar a oficina. Como Maria e José eram pobres e obrigados a viver de seu trabalho, nota S. Basílio, Jesus Cristo para exercer a obediência e demonstrar-lhes respeito, devido aos superiores, procurava tomar parte em suas fadigas na medida das forças dum menino da sua idade. Um Deus que serve! Um Deus que varre a casa! Um Deus que trabalha! Ah! um só desses pensamentos deveria bastar para nos inflamar e consumir de amor!

Quando Nosso Senhor se pôs a pregar o seu Evangelho, fez-se servo de todos, declarando que *não viera para ser servido, mas para servir os outros* (Mt 20,28). Segundo Cornélio a Lápide, isso equivale a dizer que Ele queria ser o servo de todos os homens.

E no fim de sua vida, ajunta S. Bernardo, “não contente de haver tomado a forma de servo e de haver obedecido como tal, quer ainda parecer servo mau e como tal ser castigado, a fim de pagar a pena devida aos pecados que nos tinham feito escravos do inferno.

E finalmente, diz S. Gregório de Nissa, “o Senhor do universo, qual súdito que só sabe obedecer, submete-se à iníqua

sentença de Pilatos, e entrega-se às mãos de bárbaros carrascos que o atormentam e crucificam”. E isso que S. Pedro exprimiu com as palavras: *Entregava-se àquele que o julgava injustamente* (1Pd 2,23); e de fato, acrescentou o mesmo apóstolo, como um escravo que sofre sem resistência um castigo merecido, *não amaldiçoava quando o amaldiçoavam; sofrendo não ameaçava*. assim, em seu inefável amor por nós, esse Deus quis obedecer como se não passasse dum simples servo; e essa obediência Ele a levou até à morte e até a uma morte cruel e infame: morreu na cruz. Ele obedeceu não como Deus, mas como homem, como servo, cuja forma e natureza tomara.

Sublime foi a caridade de S. Paulino que se fez escravo para resgatar o filho duma pobre viúva. Mas esse devotamento, que excitou a admiração do mundo, que é comparado ao nosso Redentor? Ele era Deus e, a fim de nos resgatar da escravidão, das mãos dos demônios e da morte que nos era devida, fez-se servo, deixou-se carregar de cadeias, deixou-se pregar na cruz, onde quis finalmente deixar a vida num oceano de humilhações e de sofrimentos! “Para que o servo se tornasse Senhor, diz S. Agostinho, Deus quis fazer-se servo”.

A Santa Igreja tem pois razão de exclamar: “Ó prodígio de misericórdia! ó inapreciável efeito do amor divino! para resgatares o escravo, entregastes o Filho!” Sim, ó Deus de majestade infinita, tanto amor tivestes ao homem, que para resgatar esses servos rebeldes, quisestes entregar à morte o vosso unigênito Filho! — Mas, Senhor, pergunta Jó, *que é o homem*, esse ser tão desprezível, tão ingrato para convosco, par que o *eleveis tão alto, e o honreis e o ameis* (Jó 7,17) como o fizestes? Dizei-me, meu Deus, que vos importam a salvação e a felicidade do homem? Dizei-me: por que tanto o amais de sorte que o vosso coração parece não ter outra preocupação que de amá-lo e fazê-lo feliz?

Regozijai-vos, pois, almas fiéis, que amais a Deus e que esperais nele; regozijai-vos. Se é grande o dano que nos veio do pecado de Adão e sobretudo dos nossos pecados, Jesus Cristo o compensou com usura resgatando-nos: *Onde abundou o pecado, diz o apóstolo, superabundou a graça*. “Pela graça de nosso Redentor, diz S. Leão, ganhamos mais do que perdemos pela malícia do demônio”. E Isaías havia predito que, por meio de Jesus Cristo, o homem receberia de Deus benefícios superiores aos castigos devidos aos seus pecados. Essa é a interpretação de Adão, citado por Cornélio a Lápide. Também Nosso Senhor disse: *Eu vim proporcionar ao homem uma vida mais abundante e melhor do que aquela da qual o pecado o havia despojado. O dom de Deus excedeu o pecado* (Rm 5,15), escreveu o apóstolo. Isto é: grande foi o pecado do homem; porém maior é o benefício da redenção, a qual, diz igualmente o Salmista, não é somente um remédio suficiente, mas ainda *superabundante*. O sacrifício da vida do Homem-Deus excede imensamente todas as dívidas dos pecadores, como se exprime S. Anselmo. Eis porque a Santa Igreja chama feliz a culpa de Adão: Feliz culpa que nos valeu um tal e tão grande Redentor! É verdade que o pecado obscureceu nosso espírito relativamente ao conhecimento das verdades eternas, e introduziu em nossa alma a concupiscência, essa tendência para os bens sensíveis e proibidos pela lei de Deus. Mas, devido aos méritos de Jesus Cristo, que poderosos meios temos para adquirir as luzes e as forças de que temos necessidade a fim de vencer todos os nossos inimigos e praticar todas as virtudes! Os sacramentos, o sacrifício da missa, a oração apoiada nos méritos do divino Salvador, oh! que armas para triunfar de todas as tentações! Que força podemos tirar delas para correr, para voar no caminho da perfeição! É certo que com esses mesmos meios que são dados a todos nós, se santificaram todos os Santos da nova lei. A culpa é pois nossa se deles não tirarmos proveito.

E quantas ações de graças não devemos dar a Deus por nos ter feito nascer depois da vinda do Messias! Que acréscimo de bens não temos recebido vindo ao mundo após a redenção operada por Jesus Cristo! Abraão, os patriarcas e os profetas quanto não desejaram ver aparecer o Redentor que esperavam! E eles não o viram! Violentaram, por assim dizer, o céu com seus suspiros e súplicas: *Ó céus*, exclamavam, *deixai cair o vosso orvalho e enviai-nos o Justo* (Is 45,8), para aplacar a cólera de Deus, que nós não podemos aplacar, nós que somos pecadores. *Senhor, enviai-nos o Cordeiro dominador da terra* (Is 16,1), o Cordeiro sem mancha que, imolando-se, satisfará por nós a vossa justiça, e assim reinará sobre os corações dos homens, que vivem miseravelmente sob a escravidão do demônio. *Senhor, mostrai-nos a vossa misericórdia, e dai-nos o Salvador que prometestes* (Sl 84,8). Apressai-vos, ó Deus de bondade! apressai-vos a fazer brilhar sobre nós a vossa misericórdia, concedendo-nos o objeto principal de vossas promessas, Aquele que nos deve salvar.

Esses eram os gritos e os suspiros dos Santos antes da vinda do Messias, e apesar disso foram privados, durante o espaço de quatro mil anos, da felicidade de o ver nascer. Nós, sim, tivemos essa ventura. Mas que fazemos? Como sabemos tirar proveito? Ah! saibamos amar esse amável Redentor, agora que Ele já veio, nos livrou das mãos de nossos inimigos, nos resgatou a custo de sua vida da morte eterna que temos merecido, nos abriu o céu, nos deu tantos sacramentos e tantos outros meios para o servirmos e amarmos em paz nesta vida, e para depois o possuímos na eternidade! “Ó minha alma, diz S. Ambrósio, serias muito ingrata se não amasses a teu Deus que quis ser envolvido em paninhos para ter livrar das cadeias do inferno, que se fez pobre para te comunicar suas riquezas, que se tornou fraco para te fortalecer contra teus inimigos, que quis sofrer e chorar para lavar teus pecados com sus lágrimas!”

Mas, ó Deus, quão poucos foram os que, tocados de reconhecimento por tanto amor, tem amado fielmente seu Redentor! Que digo? Após tanta misericórdia e amor, a maior parte dos homens tem ousado dizer a Deus: Senhor, não vos queremos servir; queremos antes ser escravos do demônio e condenados ao inferno do que ser vossos servos. — É o Senhor mesmo que lhes exprobra essa ingratidão e esses ultrajes: *Rompestes os meus laços e dissestes: Não vos serviremos* (Jr 2,20).

Que dizes, meu irmão, qual tem sido a tua conduta? Não és do número desses infelizes? Mas, dize-me: vivendo longe de Deus e sob o jugo do demônio, tens estado contente? Tens achado a paz? Ah! não pode falhar a palavra do Senhor: *Porque não serviste ao Senhor teu Deus com gosto, servirás a teu inimigo na fome, na sede, na nudez e numa extrema miséria* (Dt 28,47). Vê pois como te tem tratado esse tirano cujo jugo preferiste ao de teu Deus. Ele te fez gemer nas cadeias da escravidão, na pobreza, na aflição, na privação de toda a consolação interior.

Mas levanta-te, fala-te Deus, agora que ainda é possível desfazer-te dessas cadeias de morte que te prendem. *Desata as cadeias do teu pescoço, cativa, filha de Sião* (Is 52,2). Depressa enquanto é tempo, rompe teus laços, pobre alma, que voluntariamente te tornaste escrava do inferno; quebra esses horríveis nós que te retêm para arrastar-te ao suplício eterno, e vem a mim; deixa-te prender por minhas preciosas cadeias, que são cadeias de amor, cadeias de paz, *cadeias de salvação* (Eclo 6,31).

Mas de que modo se ligam as almas a Deus? Pelo amor, que o apóstolo chama *vínculo perfeito* (Cl 3,14). Enquanto a alma se contenta com andar pelo caminho do temor servil e só se abstém do pecado por medo dos castigos, está sempre em grande perigo de recair. Mas quem se prende a Deus pelo amor, está certo de que o não perder jamais enquanto não ces-

sar de amá-lo. Eis por que é preciso pedir sem cessar a Deus o dom de seu santo amor e repetir continuamente esta prece: Senhor, conservai-me preso a vós; não permitais me separe jamais de vós e do vosso amor. Quanto ao temor, o que devemos mais desejar e pedir a Deus, é o temor filial, o de desgostar o nosso bom Senhor e Pai.

Recorramos também a nossa Mãe. Peçamos sempre à SS. Virgem Maria nos obtenha a graça de amarmos só a Deus, e de nos prender de tal forma a seu divino Filho pelos laços do amor, que o pecado nos não possa mais separar dele.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Jesus, no vosso amor por mim e a fim de me livrar das cadeias do inferno quisestes fazer-vos servo, não só de vosso Pai eterno, mas ainda dos homens, e mesmo dos algózes, e levastes a obediência até ao sacrifício de vossa vida; e eu, por qualquer miserável satisfação, por um prazer envenenado, quantas vezes tenho sacudido o jugo do vosso serviço e me tenho tornado escravo do demônio! Maldigo mil vezes esses momentos funestos em que abusei de minha liberdade ao ponto de desprezar a vossa graça, ó Majestade infinita! Perdoai-me, vo-lo peço, e ligai-me com as doces cadeias do amor, com que vos conservais estreitamente unidas as almas que vos são mais caras. Amo-vos, Verbo encarnado, amo-vos, meu soberano Bem. Não desejo senão amar-vos, e não temo outra coisa que ver-me privado do vosso amor. Ah! não permitais me separe mais de vós. Eu vos conjuro, meu Jesus, por todos os sofrimentos de vossa vida e de vossa morte, não permitais que me afaste de vós no futuro. Não permitais que me separe jamais de vós; não permitais que me separe jamais de vós. Ah! meu Deus, após todas as graças que me tendes prodigalizado, depois de me terdes perdoado tantas vezes, após as luzes que me concedeis neste momento em que me convidais tão doce-

mente a amar-vos, se fosse ainda tão infeliz de vos dar as costas, como poderia ainda esperar o perdão, e não temer ser neste mesmo instante precipitado ao fundo do inferno pela mão da vossa justiça? Ah! repito-o, não permitais, não consintais que de novo me separe de vós.

Ó Maria, meu refúgio, tendes sido para mim até agora a feliz Mediadora junto de Deus; fizestes que Ele me esperasse tanto tempo e me perdoasse com tanta misericórdia! continuai a socorrer-me: fazei que eu morra, e que morra mil vezes antes que perca ainda uma vez a graça de Deus.

CONSIDERAÇÃO IV.

O VERBO ETERNO DE INOCENTE SE FEZ RÉU.

*Consolamini, consolamini, popule meus,
dicit Deus vester.*

Consolai-vos, meu povo, consolai-vos, diz
vosso Deus. (Is 40,1)

Antes da vinda do Redentor, gemiam todos os homens, miseravelmente aflitos, sobre a terra. Eram todos filhos da cólera, e não havia quem pudesse aplacar o Senhor justamente irritado por seus pecados. Isso fazia chorar o profeta Isaías: *Eis*, dizia ele a Deus, *eis que estais irritado... Não há ninguém....* que se levante para reter vosso braço vingador (Is 64,5-7). Ele falava verdade: um Deus tinha sido ofendido pelo homem, e este, não passando de mísera criatura, não podia expiar com nenhuma pena sua a ofensa feita a uma Majestade infinita. Era necessário um outro Deus para satisfazer em seu lugar à divina justiça. Mas esse outro Deus não existia; não

pode haver mais de um Deus. De outro lado o ofendido não pode satisfazer a si mesmo pela ofensa recebida. Assim a nossa desgraça era irremediável.

Mas, consola-te, ó homem, diz o Senhor por Isaías. *Consolai-vos, sim, consolai-vos, meu povo..., pois os vossos males estão terminados* (Is 40,1). Deus mesmo achou o meio de salvar-vos contentando ao mesmo tempo a sua justiça e a sua misericórdia: Ei-las que se dão o ósculo da paz, segundo o Salmista (Sl 84,11). Como se realizou essa maravilha? O Unigênito de Deus se fez homem, tomou a forma do pecador e, encarregando-se das dívidas do homem, satisfez plenamente por eles à justiça divina pelos sofrimentos de sua vida e por sua morte. Por esse meio, a justiça e a misericórdia receberam ao mesmo tempo tudo o que reclamavam.

Assim para livrar os homens da morte eterna, Nosso Senhor Jesus Cristo se despojou de certo modo da sua inocência. De *inocente* se fez *réu*; isto é: quis aparecer como pecador. Sim, a isso o reduziu o seu amor por nós. Vamos considerar esse grande mistério; mas antes, peçamos a Jesus e Maria nos iluminem para que o façamos com fruto.

I.

Que era Jesus Cristo? Era, responde-nos o apóstolo, *santo, inocente, sem mancha* (Hb 7,26). Era, digamos ainda melhor: a santidade personificada, a inocência, a pureza, pois que era verdadeiro Filho de Deus, verdadeiro Deus como seu Pai, e tão caro a seu Pai que, nas águas do Jordão, seu Pai declarou ter encontrado nesse Filho todas as suas complacências. Ora, esse Filho amado, querendo livrar os homens de seus pecados e da morte a eles devida, que fez? *Apresentou-se a seu Pai para tirar os nossos pecados* (1Jo 3,5). Ofereceu-se para satisfazer pelos homens; e então o Pai Eterno, diz S. Paulo, *o enviou à terra para se revestir da carne humana e se tornar em tu-*

do semelhante aos homens pecadores (Rm 8,3). O apóstolo ajunta: *Pelo pecado* (cometido pelos judeus contra Jesus Cristo) *Ele condenou o pecado* (que reinava) *na carne*, o que significa, segundo a explicação de S. João Crisóstomo e de Teodoro, que Deus condenou o pecado a perder o império que tinha sobre os homens condenando à morte seu divino Filho, que, embora revestido de carne aparentemente manchada de pecado, não era menos santo e inocente.

Assim, para salvar os homens e para ver ao mesmo tempo sua justiça satisfeita, Deus condenou seu próprio Filho a uma vida penosa e a uma morte cruel! — É isso verdade? É um artigo de fé. S. Paulo nos assegura com as palavras: *Deus não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós* (Rm 8,32). E Jesus Cristo mesmo o declarou: *Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho unigênito* (Jo 3,16). Célio Rodígino narra num certo Dejótaro que sendo pai de vários filhos, e querendo deixar toda a herança a um filho que ele preferia a todos os outros, cometeu o bárbaro crime de degolar a estes últimos. Deus fez justamente o contrário: sacrificou seu dileto Filho, o seu Unigênito, para salvar criaturas desprezíveis e ingratas. Pois *Deus amou de tal modo o mundo que entregou seu unigênito Filho!*

Meditemos bem estas palavras de Nosso Senhor: *Deus amou de tal modo o mundo*. A palavra *de tal modo* lá está, diz S. João Crisóstomo, para exprimir a grandeza desse amor. Como? Digna-se um Deus amar os homens, miseráveis vermes da terra, que levaram até à revolta a sua ingratidão para com Ele? E ama-os ao ponto de dar por eles seu unigênito Filho! Não entregou por eles um de seus servos, ajunta o Santo Doutor, não um anjo, nem um arcanjo, mas o seu próprio Filho, o seu unigênito Filho, a quem ama como a si mesmo. Esse Filho Ele o deu, e como? Pobre, humilhado, abandonado de todos, entregou-o às mãos dos algozes, para ser tratado como um malfeitor e pregado num patíbulo infame! — Ó graça, ó for-

ça do amor de Deus, exclama aqui S. Bernardo. Ah! quem se não enterneceria ao saber que um rei, para libertar um escravo, se viu constrangido a dar a morte a seu filho único, ao objeto de todas as suas afeições, a um filho que amava como a si mesmo? Se um Deus o não tivesse feito, quem poderia, exclama S. João Crisóstomo, quem poderia superá-lo ou imaginá-lo?

Mas, Senhor, parece uma injustiça condenar à morte um filho inocente para salvar o escravo que vos ofendeu. Segundo a razão humana acusaríamos certamente de enorme injustiça o pai que fizesse morrer o filho inocente, para livrar indignos servos da morte devida a seus crimes. É a reflexão de Salviano. Mas não houve injustiça na conduta divina, porque o Filho mesmo se ofereceu a seu Pai para pagar as dívidas dos homens. *Foi imolado porque Ele mesmo quis*, diz Isaías. Eis pois Jesus que se sacrifica voluntariamente por nós, como vítima de amor. Ei-lo semelhante a um tenro cordeiro sob a mão do tosquiador; e embora inocente submete-se, sem abrir a boca, a todos os opróbrios, a todos os tormentos que os homens lhe infligem: *Como um cordeiro diante do que o tosquia, guardará silêncio e não abrirá sequer a sua boca*, continua o profeta (Is 53,7). Eis enfim o nosso amantíssimo Salvador que, para nos salvar, quer padecer a morte e todas as penas que temos merecido: *Verdadeiramente Ele tomou sobre si as nossas fraquezas, e ele mesmo carregou com as nossas dores* (Is 53,4). Levado ao desejo de garantir a salvação dos homens, diz S. Gregório de Nazianzo, ele não recua diante dos suplícios feitos para os maiores criminosos.

E quem pôde fazer isso? pergunta S. Bernardo. Qual foi a causa desse prodígio: um Deus que morre por suas criaturas! Fê-lo o amor de Deus pelos homens. O Santo considera nosso amável Salvador no momento em que se deixou prender e ligar pelos soldados no jardim de Getsêmani, como narra S. João: *Prenderam a Jesus e o ataram*: “Senhor, exclama ele, que há de comum entre vós e as cordas?” Senhor, diz ele, eu vos vejo

atado como um criminoso por essa gentalha que vos quer conduzir à morte! Mas, ó meu Deus, que tendes a fazer com as cordas e as cadeias? As cadeias são para os malfeitores e não para vós, que sois inocente, que sois o Filho de Deus, a inocência e a santidade mesma. A isso replica S. Lourenço Justiniano: As cordas que arrastaram Jesus à morte não foram as cordas com que os soldados o amarraram, foi o seu amor pelos homens. “Ó caridade, exclama ele a seguir, quão forte é o teu vínculo que pôde prender um Deus!”

Lançando em seguida seus olhares sobre a injusta sentença de Pilatos, que condena Jesus à cruz depois de o haver declarado várias vezes inocente, S. Bernardo não pode reter as lágrimas e assim se dirige ao Salvador: Ah! Senhor, ouço esse juiz iníquo que vos condena a morrer na cruz! Mas, que mal fizestes? que crime cometestes para merecer suplício tão cruel e tão infame reservado aos mais hediondos facínoras? Ah! entendo, meu Jesus, continua ele, entendo qual é o vosso crime; é o excesso do vosso amor pelos homens. Sim, é antes esse amor do que Pilatos, que vos condena à morte; pois que vós mesmo quisestes morrer para pagar a pena devida aos homens.

Ao chegar ao tempo de sua Paixão, nosso divino Redentor suplicou a seu Pai o glorificasse logo aceitando o sacrifício de sua vida: *E agora, meu Pai, glorificai-me* (Jo 17,5). “Mas como! exclama admirado S. João Crisóstomo, chamais glória vossa uma Paixão e uma morte, acompanhadas de tantas dores e humilhações?” E lhe parece que Jesus lhe responde: “Sim, no meu amor pelos homens, tenho por glória sofrer e morrer por eles”.

II.

Dizei aos pusilânimes: Tomai ânimo e não temais; eis que vosso Deus trará a vingança e as represálias. Deus mesmo

virá, e vos salvará (Is 35,4). Não temas, pois, diz o profeta, já não desconfieis, pobres pecadores. Como podeis temer não serdes perdoados quando o Filho de Deus desce do céu para vos salvar, e com o sacrifício de sua vida paga a Deus o que a sua justa vingança tinha direito de exigir por vossos pecados? Se as vossas ações são insuficientes para aplacar a cólera divina, eis que a aplaca esse Menino que vedes deitado sobre palha, a tiritar de frio, a chorar. Com suas lágrimas Ele aplaca Aquele a quem ofendestes. “Não tendes razão de vos afligir, ajunta S. Leão, por causa da sentença de morte pronunciada contra vós, pois que hoje nasceu-vos Aquele que vos trás a vida”. E S. Agostinho: “Eis um dia de doçura para os penitentes: hoje apagou-se o pecado; que pecador poderia ainda desesperar de sua salvação?” Se não podeis prestar à justiça divina a satisfação que lhe deveis, eis que Jesus a oferece em vosso lugar: começou a fazer penitência por vós nessa gruta, continuará essa obra de caridade durante toda a sua vida, e a consumará na cruz, pregando toda a sua vida, e a consumará na cruz, pregando nela, como diz S. Paulo, o decreto de vossa condenação para o apagar com seu sangue: *Cancelando o qui-rógrafo do decreto que nos era desfavorável, que era contra nós, e o aboliu inteiramente, encravando-o na cruz* (Cl 2,14).

Diz o mesmo apóstolo que, morrendo por nós, Jesus Cristo se fez nossa justiça. E isso, explica S. Bernardo, no sentido de que Ele nos lavou de nossos pecados. E com efeito, aceitando por nós as dores e a morte de Jesus Cristo, Deus está obrigado por justiça, em virtude dum pacto entre Ele e o Salvador, a conceder-nos a remissão de nossas dívidas. *Aquele que não conhecia o pecado, diz ainda S. Paulo, Deus o fez vítima do pecado, a fim de que sejamos por Ele justos aos olhos de Deus* (2Cor 5,21). A inocência mesma tornou-se vítima dos nossos pecados, a fim de que, em virtude de seus méritos, e segundo toda a justiça, tivéssemos direito ao perdão. Eis por que Davi pedia a Deus que o salvasse, não só segundo a sua

misericórdia, mas ainda segundo a sua justiça: *Livrai-se na vossa justiça* (Sl 30,12).

Deus sempre teve um extremo desejo de salvar os pecadores. Já na antiga lei Ele os seguia dizendo: *Transgressores dos meus preceitos, entrai em vós mesmos* (Is 46,8). Pensai nos benefícios que de mim recebestes, no amor que vos testemunhei, e cessai de ofender-me. *Voltai-vos a mim* (Zc 1,3), e eu me voltarei a vós para vos abraçar. Vós que sois meus filhos, *por que vos quereis perder e condenar à morte eterna? voltai-vos a mim, e vivereis* (Ez 21,31).

Enfim a misericórdia divina do Senhor o fez descer do céu à terra, para nos subtrair à morte; assim afirma S. Zacarias: *Pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus, graças à qual nos visitou do alto o Sol nascente* (Jesus) (Lc 1,78). Mas é preciso refletir aqui no que diz S. Paulo: antes que Deus se fizesse homem, Ele era cheio de misericórdia por nós, mas não podia sentir compaixão de nossas misérias, porque a compaixão é um sentimento doloroso, e Deus é incapaz de dor. Ora, segundo o apóstolo, o Verbo Eterno se fez homem, sensível à dor como os outros homens para poder não só salvar-nos mas também ter compaixão de nós: *Não temos um pontífice que não possa compadecer-se das nossas enfermidades, mas que foi tentado em tudo à nossa semelhança, exceto o pecado. Ele deveu em tudo ser semelhante a seus irmãos, a fim de ser compassivo* (Hb 2,17).

Quão grande é a compaixão de Jesus Cristo para com os pobres pecadores! Disso nos dá uma idéia, tomando os traços daquele bom Pastor que vai à procura da velha desgarrada, e que, depois de achá-la, convida seus amigos a regozijarem-se com ele: *Congratulai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se havia tresmalhado* (Lc 15,6). Toma-a sobre os ombros e aperta-a a si de medo de tornar a perdê-la.

É por causa dessa compaixão que Ele se representou sob o emblema daquele bom pai que vendo de volta, e prostrado a

seus pés, o filho pródigo que o havia deixado, não o repele, mas o abraça, o cobre de carícias e quase fica fora de si de consolação e ternura vendo-o arrependido. *Correndo, lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o* (Lc 15,20). É essa compaixão que faz que, expulso duma alma pelo pecado, não se afasta, mas permanece à porta de seu coração, em que não cessa de bater por meio de suas graças para nele entrar: *Estou à porta*, diz Ele, *e bato* (Ap 3,20). É essa compaixão que o fazia dizer a seus discípulos, cujo zelo indiscreto queria tirar vingança dos que o haviam repelido: *Vós não sabeis de que espírito sois* (Lc 6,53). Vedes qual é minha compaixão para com os pecadores e desejais vingança? Ide; retirai-vos, porque não estais animados do meu espírito. É essa compaixão enfim que o fez dizer: *Vinde a mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e eu vos aliviarei* (Mt 11,28).

E de fato, com que ternura esse amável Redentor perdoou a Madalena logo que ela reconheceu suas faltas, e a converteu numa grande santa! Com que bondade perdoou ao paraplégico, ao qual restituiu ao mesmo tempo a saúde do corpo! Com que bondade se portou sobretudo para com a mulher adúltera! Os sacerdotes levaram-lhe essa pecadora para que Ele a condenasse. Mas, voltando-se para ela, disse-lhe: *Ninguém te condenou?... nem eu te condenarei* (Jo 8); isto é: se nenhum daqueles que te trouxeram aqui te condenou, como poderia eu fazê-lo, eu que vim salvar os pecadores? Vai em paz e não peques mais.

Nada temamos de Jesus Cristo; temamos tudo de nós mesmos, de nossa obstinação, se depois de termos ofendido o Senhor, recusarmos obedecer à sua voz, que nos convida à reconciliação. Meditemos estas palavras de S. Paulo: *Quem deveria condenar-nos? O Cristo Jesus que morreu... e que continua a interceder por nós* (Rm 8,34). Se quisermos obstinar-nos no pecado, Jesus Cristo será obrigado a condenar-nos; mas se nos arrependermos do mal que fizemos, que medo ha-

vemos de ter? Quem nos há de condenar? Não é o nosso próprio Salvador que morreu para não nos condenar? Para perdoar a nós, não quis perdoar a si mesmo, diz S. Bernardo.

Vai, pois, pecador, ao estábulo de Belém, e agradece a Jesus Menino que treme de frio por ti naquela gruta, que geme e chora por ti sobre a palha. Agradece a teu divino Redentor que veio do céu para te chamar e salvar. Se desejas o perdão, Ele te espera no presépio para to conhecer. Apressa-te, pois, pede-lhe perdão e depois não percas a lembrança do amor que Jesus te testemunhou. Não te esqueças, diz o profeta, da imensa graça que te fez tornando-se fiador por ti junto de Deus e tomando sobre si o castigo que havias merecido. Não o esqueças e dá-lhe o teu coração. E saibas que, se o amares, os teus pecados não te impedirão de receber de Deus as mais abundantes e assinaladas graças, com que costuma favorecer as almas que lhe são mais caras. *Tudo contribui para o nosso bem* (Rm 8,28), diz o apóstolo; mesmo os nossos pecados, ajunta a Glosa. Sim, mesmo a lembrança das suas faltas é útil ao pecador que as chora e detesta, porque assim se torna mais humilde e mais grato para com Deus que o acolhe com tanto amor apesar da sua indignidade. *Haverá maior alegria no céu por um só pecador que se converte, disse Jesus, do que por noventa e nove justos* (Lc 15,7).

Mas qual é o pecador que causa mais alegria no céu do que um grande número de justos? Aquele que, cheio de reconhecimento para com a bondade divina, se consagra com fervor e sem reserva ao celeste amor, como o fizeram um S. Paulo, uma S. Maria Madalena, uma S. Maria do Egito, um S. Agostinho, uma S. Margarida de Cortona. Para não falar senão desta última, ainda que ela tivesse passado vários anos no pecado, Deus lhe mostrou no céu o seu lugar colocado entre os serafins, e durante a sua vida não cessou de lhe prodigalizar sempre novas graças. Vendo-se tão favorecida por Deus, disse-lhe um dia: “Senhor, concedeis-me tantas graças! Já vos

esqueceste das ofensas que vos fiz? — Acaso ignoras, respondeu-lhe o Senhor, a minha promessa de esquecer todos os ultrajes a mim feitos por uma alma que se arrepende sinceramente?” E de fato, é justamente isso que Ele declarou pelo profeta Ezequiel: *Se o ímpio fizer penitência, eu não me lembrarei mais de nenhuma das iniquidades que praticou* (Ez 17,22).

Concluamos. Os pecados cometidos pois não nos impedem de tornarmo-nos santos. Deus oferece-nos todos os seus socorros contanto que os desejemos e os peçamos. Que resta ainda? Que nos demos inteiramente a Deus, que lhe consagramos ao menos os dias que ainda nos restam de vida. Eia, pois, que fazemos? Se não avançamos, a culpa é nossa, não de Deus. Façamos com que essas misericórdias e esses ternos convites que Deus nos faz, não sejam para nós uma fonte de remorsos e desespero na hora da morte, quando não tivermos mais tempo de fazer coisa alguma, quando chegar a noite, da qual diz Jesus: *Vem a noite, quando ninguém pode trabalhar* (Jo 9,14).

Recomendemo-nos à SS. Virgem Maria, que, segundo S. Germano, se gloria de santificar os pecadores mais perdidos obtendo-lhes não só uma graça ordinária de conversão, mas os mais assinalados favores. E Ela bem o pode fazer, pois que todas as súplicas que dirige a Jesus, são pedidos duma mãe a seu filho: “Gozando junto de Deus duma autoridade verdadeiramente material, obtendes aos maiores pecadores exímia graça de perdão”; assim fala o santo Arcebispo. Ela mesma nos anima a recorrermos à sua intercessão com as palavras que a Santa Igreja lhe põe nos lábios: *Em meu poder estão os tesouros para enriquecer os que me amam* (Eccl 24,25). “Vinde todos a mim, porque em mim, achareis toda a esperança de salvar-vos e de salvar-vos como santos”.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Redentor e meu Deus, quem sou eu, para que me tenhais amado tanto? Que é que vos obriga a amar-me assim? Que tendes recebido de mim senão despezos e desgostos, que antes vos deveriam obrigar a abandonar-me e a expulsar-me para sempre de vossa presença? ah! Senhor, aceito qualquer outro castigo, mas não esse. Se me abandonardes e me privardes de vossa graça, já não poderei amar-vos. Não pretendo fugir do castigo, mas quero amar-vos, e quero amar-vos muito. quero amar-vos como é obrigado a amar-vos um pecador que, pagando com ingratidão tantos favores especiais e tantas provas de amor da vossa parte, vos abandonou tantas vezes e renunciou a vossa graça e ao vosso amor por prazeres miseráveis, efêmeros e envenenados.

Ó querido Menino, perdoai-me; arrependo-me de todo o coração de vos haver tantas vezes desgostado. Mas, meu Jesus, sabeis que me não contento com um simples perdão. Desejo ainda a graça de vos amar muito, quero compensar, quanto possível, com o meu amor e minha ingratidão passada. Uma alma inocente ama-vos como inocente, agradecendo-vos por a terdes preservado da morte do pecado. Mas eu devo amar-vos como um pecador, isto é, como um servo rebelde, como um criminoso, condenado ao inferno tantas vezes quantas o mereci, e tantas vezes agraciado por vossa misericórdia, que me pôs em estado de salvar-me, me enriqueceu de luzes, de socorros e de convites para me santificar. Ó Redentor de minha alma, minha alma já se enamorou de vós, já vos ama. Vós me tendes amado tanto; vencido pelo vosso amor, não posso resistir por mais tempo a tantas finezas. Rendo-me enfim e ponho em vós todo o meu amor. Amo-vos, pois, Bondade infinita, amo-vos, Deus infinitamente amável! Aumentai sempre mais as chamas, multiplicai sem cessar as setas de amor que traspasam o meu coração. Por vossa glória, fazei-vos amar muito por este coração que muito vos tem ofendido.

Maria, minha Mãe, que sois a esperança e o refúgio dos pecadores, socorrei um pecador que quer ser grato a seu Deus; fazei que o ame e o ame muito.

CONSIDERAÇÃO V.

O VERBO ETERNO DE FORTE SE FEZ FRACO.

Dicite pusillanimis: Confortamini et nolite timere... Deus ipse veniet, et salvabit vos.

Dizei aos pusilânimes: Confortai-vos e não temais; Deus mesmo virá e vos salvará (Is 85,4).

Falando Isaías da vinda do Messias, predisse: *A terra deserta e sem caminho se alegrará e florescerá como o lírio.* O profeta falava assim dos pagãos, em cujo número estavam os nossos antepassados: a terra dos gentios em que viviam, era como deserta porque não povoada por homens que conheciam e adoravam o verdadeiro Deus, mas só por escravos do demônio; era uma terra deserta e sem caminho, porque esses infelizes ignoravam o caminho da salvação. Essa terra tão triste ia pois alegrar-se com a vinda do Messias, vendo-se coberta de servos do verdadeiro Deus, cuja graça os devia fazer fortes contra todos os inimigos de sua salvação; enfim, essa terra iria florescer como o lírio pela pureza de costumes e pelo bom odor das virtudes. É por isso que o profeta ajunta: *Tomai ânimo e não temais; Deus mesmo virá e vos salvará.* — Essa predição cumpriu-se já; seja-me pois permitido exclamar com júbilo: Alegrai-vos, filhos de Adão, alegrai-vos e não sejais pusilânimes se vos julgais demasiado fracos contra tantos inimigos: *Não temais... Deus mesmo virá e vos salvará,* dizia Isaías. Ele veio,

Deus mesmo veio à terra e vos salvou dando-vos a força necessária para combater e vencer todos os inimigos de vossa salvação.

Mas como nosso Redentor nos proporcionou essa força? — *De forte* e de todo-poderoso se fez *fraco*. Tomou sobre si nossa fraqueza, e assim nos comunicou sua força. — É isso que vamos considerar depois de pedirmos a Jesus e Maria que nos iluminem.

I.

Deus é forte, e o único que se pode dizer forte porque é a força mesma, e toda a força vem dele, como Ele o declara pela boca do Sábio: *Minha é a força; é por mim que os reis reinam*. Deus é poderoso; pode tudo o que quer, e o pode com facilidade; basta um ato de sua vontade: *O céu e a terra são obra de vossa onipotência... nada vos é difícil*. Com um aceno criou do nada o céu e a terra: *Ele disse e tudo foi feito*. E se quisesse, com um outro aceno, *poderia aniquilar o universo*. Sabemos que, quando quis, destruiu num instante cinco cidades inteiras com o fogo do céu. Sabemos que, noutra ocasião, sepultou toa a terra nas águas do dilúvio e fez perecer todo o gênero humano, exceto oito pessoas. Numa palavra Deus é todo-poderoso. Senhor, exclamava Salomão, *quem poderia resistir à força do vosso braço?*

Daí se vê quão grande é a temeridade do pecador, que ousa revoltar-se contra Deus, levando a audácia, como diz Jó, *ao ponto de levantar sua mão contra o Todo-poderoso*. Que pensaríamos nós da temeridade duma formiga que ousasse provocar um soldado? porém, bem mais temerário é o homem que ousa afrontar seu Criador, desprezar seus mandamentos, menosprezar suas ameaças, vilipendiar sua graça, e declarar-se seu inimigo.

É a esses homens temerários e ingratos que o Filho de Deus veio salvar; para isso ele mesmo se fez homem, e a fim de reconciliá-los com Deus, tomou sobre si as penas que lhes eram devidas. E vendo-os enfraquecidos pela chaga do pecado e impotentes para resistir a seus inimigos, que fez o Verbo eterno? de forte e de todo-poderoso, se fez fraco; revestiu-se da fraqueza corporal natural aos homens, a fim de lhes merecer a força espiritual de que necessitavam para reprimir os assaltos da carne e do inferno. E ei-lo feito menino necessitado de leite para sustentar-se a vida; e tão fraco ao ponto de não poder sustentar-se a si mesmo nem de se mover.

O Filho de Deus, vindo à terra e tomando a natureza humana, quis ocultar a sua força: Quando pois veio ao mundo revestir-se da nossa carne, o Filho de Deus quis ocultar o seu poder: *Deus virá do meio-dia*, disse Habacuc... *sua força é oculta*. E S. Agostinho: Achamos em Jesus Cristo o forte e o fraco: o forte, porque criou o universo; o fraco, porque se tornou semelhante a nós. Ora, continua o Santo Doutor, o forte quis fazer-se fraco, a fim de remediar por sua fraqueza à nossa enfermidade, e de operar assim a nossa salvação. Eis por que, acrescenta, o Salvador dirigindo-se a Jerusalém, se comparou à galinha: *Quantas vezes eu quis juntar teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não quiseste*. Segundo a observação de S. Agostinho, a galinha se faz fraca com os pintainhos que cria; e com esse sinal se á a conhecer por mãe; assim fez o nosso amoroso Redentor: a fraqueza de que se revestiu no-lo fez reconhecer por pai e mãe da pobre e débil humanidade.

Eis pois Aquele que governa os céus, diz S. Cirilo, ei-lo envolto em paninhos sem mesmo poder estender os braços. Considerai-o na viagem que é obrigado a fazer ao Egito por ordem de seu Pai celeste: Ele quer obedecer, mas não poder caminhar; é preciso que Maria e José, revezando-se, o levem nos braços. E ao voltar desse exílio, como observa S. Boaven-

tura, Ele precisa parar muitas vezes no caminho para descansar; pois o divino Infante já demasiado grande para ser carregado, era ainda demasiado pequeno e fraco para caminhar muito tempo.

Ei-lo agora na humilde oficina de Nazaré, onde, um tanto já crescido, se entrega ao trabalho e se esforça por ajudar a S. José no ofício de carpinteiro. Ah! contemplando atentamente esse belo adolescente, que se fatiga e quase perde o fôlego sob o peso da madeira bruta, quem poderia não exclamar: Mas vós, amável jovem, não sois o Deus que com um aceno tirou o mundo do nada? como pois tendes agora de suar o dia inteiro para trabalhar essa madeira sem todavia conseguirdes terminar o serviço? quem vos fez tão fraco? — Ó santa fé! ó amor dum Deus! esse pensamento, se dele nos penetrássemos bem, deveria não só inflamar-nos, mas ainda, por assim dizer, consumir-nos de amor! Eis até onde chegou um Deus! e por que? para se fazer amar dos homens.

No fim de sua vida, ei-lo no jardim das Oliveiras carregado de cadeias de que não pode desvencilhar-se, depois atado à coluna no pretório para ser flagelado. Ei-lo que se avança, a cruz sobre os ombros, não tendo força para carregá-la, e caindo mais vezes pelo caminho. Ei-lo pregado na cruz com cravos, de que não pode desfazer-se. Ei-lo enfim a agonizar de fraqueza, desfalecendo e exalando o derradeiro suspiro!

II.

E por que se fez Jesus Cristo tão fraco? Ele se tornou fraco, já o dissemos, para assim nos comunicar a sua própria força, e, de outro lado, para vencer e abater as forças do inferno: *Venceu o Leão da tribo de Judá*. Segundo o Salmista, é próprio de Deus, é sua inclinação natural querer salvar-nos e preservar-nos da morte: *O nosso Deus é o Deus que tem a virtude de nos salvar; e ao Senhor, ao Senhor pertence o livrar da morte*.

Esse texto é interpretado no mesmo sentido por Belarmino. Se somos fracos, confiemos em Jesus Cristo e poderemos tudo: *Tudo posso*, dizia S. Paulo, *naquele que me conforta*. Posso tudo, não por minhas próprias forças, mas pela força que meu Redentor me comunica em virtude de seus méritos. Confiai, meus filhos, diz-nos Jesus Cristo; se não podeis resistir a vossos inimigos, sabeis que eu os venci por vós; a minha vitória foi para o vosso bem. Empregai as armas que vos deixo para a vossa defesa, e vencereis certamente.

Mas quais são essas armas que Nosso Senhor nos deixou? — São duas: a freqüência dos sacramentos e a oração.

Já se sabe que os sacramentos, especialmente a Penitência e a Eucaristia, são os canais pelos quais nos chegam as graças que nosso Salvador nos mereceu. A experiência cotidiana prova que quem freqüenta os sacramentos, se conserva facilmente na graça de Deus; mormente quem comunga muitas vezes, oh! que força recebe para resistir às tentações! A sagrada Eucaristia é chamada Pão, e Pão celeste, para nos dar a entender que, como o pão terrestre conserva a vida do corpo, assim a comunhão conserva a vida da alma, que é a graça de Deus. O Concílio de Trento diz que é um antídoto, que nos livra das faltas veniais e nos preserva dos pecados graves. Segundo S. Tomás, a chaga que o pecado nos fez, seria incurável, se não tivéssemos esse remédio divino. Por sua Paixão, diz Inocêncio III, Jesus Cristo nos livra das cadeias do pecado, e pela Eucaristia nos livra da vontade de pecar.

O segundo meio que temos para vencer as tentações é a oração feita a Deus pelos méritos de Jesus Cristo, que nos fez esta promessa: *Em verdade, em verdade vos digo: tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará*. Assim, tudo o que pedirmos a Deus em nome de Jesus Cristo, isto é, por seus merecimentos, o obteremos. É ainda um fato de experiência cotidiana: todos os que, em suas tentações, recorrerem a Deus suplicando-lhe por Jesus Cristo, obtêm sempre a vitória;

ao contrário, os que se descuidam de reclamar o socorro divino, especialmente nas tentações carnis, sucumbem miseravelmente e se perdem. Eles dizem, desculpando-se, que são de carne, que são fracos. Mas como pode desculpá-los a sua fraqueza? Para terem a força que lhes falta, bastar-lhes-ia recorrer a Jesus Cristo e invocar com confiança o seu santíssimo nome, e eles não o querem fazer! Que desculpa teria quem se queixasse de ser vencido pelo inimigo, se, sendo-lhe apresentadas as armas de defesa, as tivesse rejeitado e desprezado? Se quisesse alegar a sua fraqueza, fácil seria confundi-lo dizendo: Já que conhecias a tua fraqueza, por que não quiseste servir-te das armas que te ofereciam?

O demônio, diz S. Agostinho, foi acorrentado por Jesus Cristo; ele pode ladrar, mas só pode morder a quem quer ser mordido; é preciso ser bem insensato, acrescente o Santo Doutor, para se deixar morder por um cão preso à corrente, pois o demônio pode solicitar-nos, mas não forçar-nos a consentir no mal. Ele diz ainda alhures que nosso Redentor nos deixou todos os remédios necessários à nossa cura, e que todos os que morrem, por não seguirem as prescrições do médico, devem atribuir a si mesmo a sua morte.

Quem se une a Jesus Cristo não é fraco, mas se torna forte pela força de Jesus. Esse bom Mestre, ensina-nos S. Agostinho, não só nos exorta a combater, mas nos ajuda também a vencer; se nos faltam as forças, vem em nosso socorro, e Ele mesmo nos coroa após a vitória. Isaías predisse que o *coxo saltaria como o veado*, isto quer dizer que, pelos méritos do Salvador, quem de si mesmo não possui força de dar um passo, se torna capaz de galgar as montanhas com a maior facilidade. Predisse que fontes abundantes jorrariam do solo mais árido, isto é, que as almas estéreis, que não produziam nenhum bem, se tornariam fecundas em virtudes. Predisse que, onde moravam os dragões, nasceria a verdura da cana e do junco, isto é, que os corações mais viciados, em que habitavam

os demônios, se abriam a sentimentos de humildade e caridade. A cana representa a humildade, porque, segundo o comentário do Cardeal Hugo, quem é humilde julga-se vazio ou desprovido de méritos; o junco representa a caridade porque, segundo o mesmo intérprete, em algumas regiões serve de mecha a arder as lâmpadas.

Numa palavra, quando recorremos a Jesus Cristo, encontramos nele toda a graça, toda a força, todo o socorro: *Nele*, diz o apóstolo, *fostes enriquecidos de todos os bens... de maneira que nada vos falta em graça alguma*. É por isso que Ele se fez homem, que se aniquilou. Em certo sentido reduziu-se a nada, diz Cornélio; despojou-se de sua majestade, de sua glória e de sua força. Tomou sobre si a nossa miséria e a nossa fraqueza, para nos comunicar a sua dignidade e o seu poder, para ser *nossa luz, nossa justiça, nossa santificação, e nossa redenção*. E está sempre pronto a auxiliar e confortar a quem o invoca.

S. João viu o Senhor com o peito cheio de leite, isto é, de graças, e cingido dum cinto de ouro. Isso significa que Jesus Cristo em certo sentido está ligado e estrangido pelo amor que tem aos homens: à semelhança duma mãe que, tendo os seios cheios de leite, procura o filho para amamentá-lo e para se desfazer do precioso peso, Nosso Senhor deseja ardentemente que lhe peçamos as suas graças e todos os socorros de que temos necessidade para vencer os inimigos que procuram sem cessar roubar-nos a sua amizade e perder-nos.

O profeta exclama: *Oh! como Deus é bom e liberal para com a alma que o procura* com sinceridade e resolução. Se pois não nos tornarmos santos, a culpa é nossa; é que nos não resolvemos a querer só a Deus. *Os preguiçosos*, ou os tíbios, *querem e não querem*, e são sempre vencidos, porque não tomam a firme resolução de agradar só a Deus. Uma vontade bem determinada triunfa de tudo, porque quando uma alma se decide verdadeiramente a dar-se a Deus sem reserva, o Senhor lhe estende logo a mão e a força de superar todas as difi-

culdades que ela encontra no caminho da perfeição. Assim se realiza a bela promessa que Isaías fazia ao mundo, suspirando pela vida do Salvador: *Oxalá romperas tu os céus, e desceras de lá! Os montes se derreteriam diante da tua face.* À vinda do Redentor, dizia ainda, *os caminhos tortuosos serão endireitados, e os escabrosos aplanados.* Os montes são os obstáculos opostos pelos apetites carnis à perfeição: fortalecidas pelo Salvador, as almas de boa vontade o vêem desaparecer. Os caminhos tortuosos e escabrosos são as humilhações e as penas que os homens acham naturalmente duras e difíceis de suportar: tudo isso se lhes torna doce e leve pela graça que Jesus Cristo lhes dá pelo amor divino que Ele atea em seus corações. Assim S. João de Deus regozijava em passar por louco e em ser espancado num hospital; assim S. Ludovina gozava ao ver-se toda coberta de chagas e presa ao leito por vários anos; assim S. Lourenço arrostou o tirano que o fazia arder na grelha, e deu com alegria sua vida por Jesus Cristo. Assim ainda muitas almas fervorosas acham a paz e a felicidade, não nos prazeres e nas honras do mundo, mas nos sofrimentos e nas ignomínias.

Ah! peçamos a Jesus Cristo nos penetre desse fogo divino, que Ele veio acender sobre a terra, que assim também nós não acharemos pena nem dificuldade em espezinhar a lama dos bens do mundo e empreendermos grandes coisas por Deus. *Quando se ama, não se sofre,* diz S. Agostinho. Para uma alma que ama a Deus não é penoso nem difícil sofrer, orar, mortificar-se, humilhar-se, renunciar aos prazeres terrestres. Quanto mais trabalha e sofre tanto mais quer trabalhar e sofrer. As chamas do amor divino, *como as chamas do inferno,* diz o Sábio, não dizem jamais: basta. — Nada pode saciar o ardor duma alma que ama a Deus.

É pelas mãos da SS. Virgem, como foi revelado a S. Maria Madalena de Pazzi, que se distribui às almas o amor divino; peçamos-lhe nos proporcione esse dom precioso. O sábio Idio-

ta nos assegura que Ela é o “tesouro de Deus e a tesoureira de todas as graças”, e principalmente do divino amor.

Afetos e Súplicas.

Meu sumo Deus e Redentor, eu estava perdido e vós me resgatastes do inferno com o vosso sangue; mas depois eu me perdi miseravelmente e muitas vezes, e sempre me subtraístes à morte eterna. *Eu sou vosso, salvai-me.* Já que agora sou vosso, como espero, não permitais me suceda ainda revoltar-me contra vós e perder-me. Estou resolvido a sofrer a morte, e mil mortes, antes que ver-me de novo vosso inimigo e escravo do demônio. Mas conheceis minha fraqueza e as minhas infidelidades passadas: vós haveis de fazer-me invencível aos assaltos do inferno. Sei que nas tentações serei por vós socorrido, sempre que vos invocar; esse é a vossa promessa: *Pedi e recebereis. Quem pede, recebe.* Mas resta-me um temor: temo que nas minhas necessidades eu deixe de recorrer a vós: isso seria a minha ruína. Eis a graça que vos peço antes de tudo: a força de recorrera vós e de implorar a vossa proteção todas as vezes que eu for tentado; peço-vos ainda o auxílio para vos pedir sempre essa graça; concedei-ma pelos méritos do vosso sangue.

E vós, ó Maria, obtende-me essa graça, eu vos conjuro pelo amor que tendes a Jesus Cristo.

CONSIDERAÇÃO VI.

O VERBO ETERNO DE SEU SE FEZ NOSSO.

*Parvulus natus est nobis, et Filius datus
est nobis.*

Nasceu-nos um Menino e nos foi dado

um Filho (Is 9,6).

Dize-me, cruel Herodes: por que mandas matar e sacrificar à tua ambição de reinar tantas crianças inocentes? dize-me: por que te perturbas? que temes? temes que o Messias que acaba de nascer te roube a coroa? Assim fala S. Fulgêncio: depois acrescenta: Esse Rei que temes, não veio combater e vencer os poderes da terra pelas armas, mas veio reinar nos corações dos homens padecendo e morrendo por seu amor. Esse amável Redentor de nossas almas veio não para fazer guerra durante a vida, mas para triunfar do amor dos homens, depois de sacrificar sua vida sobre a cruz; Ele mesmo o declara: *Quando eu for elevado da terra, atrairei a mim todas as coisas.*

Mas deixemos a Herodes de lado, almas cristãs, e volva-mo-nos a nós mesmos. Por que é que o Filho de Deus veio à terra? Para dar-se a nós. É isso que nos assegura Isaías: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho.* Eis a que ponto esse terno Senhor se deixou levar por nosso amor e pelo desejo que tem de ser amado por nós: de SEU ele se fez NOSSO. — Antes de entrarmos na consideração desse mistério, peça-mos ao SS. Sacramento e à Mãe de Deus as luzes de que necessitamos.

I.

A maior prerrogativa de Deus, ou melhor, toda a sua essência, é de Ele ser seu, isto é, de existir por si mesmo e de não depender de ninguém. Todas as criaturas, por grandes e excelentes que sejam, nada são na realidade, porque o que têm elas o têm de Deus, que as criou e as conserva, de sorte que, se Deus cessasse por um instante de mantê-las, perderiam imediatamente a existência e voltariam ao nada. Deus, ao contrário, existindo por si mesmo, não pode deixar de existir, e

nada pode destruir ou diminuir a sua grandeza, nem o seu poder, nem a sua felicidade. E essa soberana Majestade, o Pai Eterno, deu por nós seu unigênito Filho, diz S. Paulo; e o Filho de Deus também se deu a si mesmo por nós. Então Deus dando-se a nós se fez nosso? “Sim, responde S. Bernardo, Aquele que só pertencia a si mesmo, quis nascer para nós e dar-se a nós”. Esse Deus que não pode ser dominado por ninguém, o amor de certo modo o venceu e dele triunfou ao ponto que de seu se fez nosso. O Salvador mesmo o declarou: *Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho unigênito*, e o Filho de Deus também por amor se quis dar aos homens para ser amado por eles.

De vários modos tinha Deus procurado cativar-se os corações dos homens, ora com benefícios, ora com ameaças, ora com promessas, sem todavia conseguir seu intento. Enfim o seu amor infinito, diz S. Agostinho, o fez achar na encarnação do Verbo o meio de dar-se inteiramente a nós, para assim nos obrigar a o amarmos de todo o coração. Ele poderia encarregar um anjo ou um serafim de resgatar o homem; mas se fosse este resgatado por um serafim deveria dividir o seu coração, dando uma parte de seu amor a seu Criador e outra parte a seu redentor; por isso Deus, que queria só para si todo o coração e todo o amor do homem, não contente de ser nosso Criador, diz um piedoso escritor, quis fazer-se também nosso Redentor.

E ei-lo descido do céu a um estábulo; ei-lo criancinha, nascido por nós e feito todo nosso: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho*. É precisamente isso que o anjo quis dar a entender quando disse aos pastores: *Nasceu-vos hoje um Salvador*; — como se dissesse: Ó homens, ide à gruta de Belém, e adorai o Menino que lá achareis deitado sobre palha, num presépio, tremendo de frio e chorando; sabeis que é o vosso Deus; não quis mandar um outro para salvar-vos, mas quis vir em pessoa a fim de obter assim todo o vosso amor.

Sim, foi para se fazer amar que o Verbo Eterno desceu à terra e que, segundo a profecia, *conversou com os homens*. Se um rei diz uma palavra de confiança a um vassalo, se lhe faz um sorriso, se lhe dá uma flor, oh! quanto esse vassalo se sente honrado e feliz! Que seria, se o rei procurasse a sua amizade, se o convidasse cada dia à sua mesa, se o quisesse hospedar em seu próprio palácio e tê-lo constantemente perto de si. Ah! meu soberano Rei, meu doce Jesus, vós fizestes muito mais: não podendo, antes da redenção, introduzir o homem no céu, que lhe estava fechado pelo pecado, viestes à terra para conversar com o homem, como um irmão com seu irmão, e para dar-vos todo a ele pelo amor. — *Ele amou-nos*, diz S. Paulo, *e entregou-se por nós!* “Sim, ajunta S. Agostinho, em seu amor pelo homem, esse Deus cheio de ternura e misericórdia, quis não só comunicar-lhe os seus bens, mas também dar-se a ele”.

Quão grande pois é o afeto desse supremo Senhor a nós miseráveis vermes! alegra-se em dar-se todo a nós, nascendo por nós, vivendo por nós, morrendo mesmo por nós, a fim de preparar-nos em seu sangue derramado até a última gota, um banho salutar que nos purifica de todos os nossos pecados. Sim, exclama S. João, *ele nos amou e nos lavou de nossos pecados em seu próprio sangue*. E o Abade Guerico: “Ó meu Deus, chegastes por assim dizer a prodigalizar a vós mesmo, tão grande é o desejo que tendes de ser amado pelo homem”! E, ajunta, como não chamaríamos de prodígio de si mesmo a um Deus que, para resgatar o homem perdido, não só dá o que tem, mas ainda a si mesmo?”

S. Agostinho diz que para conquistar o amor dos homens, Deus lhes lançou no coração vários dardos de amor. Quais são esses dardos? são todas as criaturas que vemos, porque Deus as fez para o homem a fim de ganhar o seu amor; por isso diz o mesmo Santo: “O céu, a terra e todas as coisas me dizem que vos ame, ó meu Deus”. Parecia-lhe que o sol, a lua, as es-

trelias, as montanhas, os campos, os mares, os rios, gritavam dizendo-lhe: Agostinho, ama a Deus que nos criou para ti, e a fim que o ames. — Quando S. Maria Madalena de Pazzi tinha na mão um belo fruto ou uma bela flor, dizia que essa fruta, essa flor era como uma seta que lhe traspassava o coração e o abrasava de amor a Deus, porque se lembrava então que o Senhor havia desde a eternidade pensando em criar aquele flor para lhe testemunhar seu afeto e se fazer amar por ela. — S. Teresa dizia igualmente que todas as encantadoras criaturas que nos ferem a vista: os lagos, os riachos, as flores, os frutos, os pássaros, exprobram a nossa ingratidão para com Deus, pois que são outras tantas provas de seu amor para conosco. — Conta-se também dum piedoso solitário que, caminhando pelos campos, se imaginava que as ervas e as flores o acusavam de ingratidão para com Deus; e as batia com a bengala dizendo: “Calai-vos, calai-vos; basta, já vos compreendo: vós me tratais de ingrato; vós me dizeis que Deus vos criou tão belas para que eu o amasse, e eu não o amo; compreendo-vos; basta, não me exprobreis mais”. E assim andada desabafando o afeto que sentia acender-se no coração para com Deus à vista daquelas belas criaturas.

Todos esses objetos são pois outras tantas setas de amor que deveriam inflamar o coração do homem; mas Deus não se satisfaz com isso, porque essas setas não bastavam para obrigar os homens a amá-lo. Lemos em Isaías: *Ele fez de mim como que uma seta escolhida, escondeu-me na sua aljava*. Sobre essa passagem do Cardeal Hugo diz que, como o caçador guarda a sua melhor flecha para o último golpe à fera, assim entre todos os dons que Deus nos destinou, Ele reservou Jesus para no-lo enviar na plenitude dos tempos, como uma seta suprema e mais própria que todas as outras para nos inflamar de amor. Jesus Cristo foi pois a flecha escolhida e reservada que, segundo a predição de Davi, deveria atingir e domar povos inteiros. Oh! quantos corações feridos vejo eu arder de amor di-

ante da manjedoura de Belém! quantos vejo ao pé da cruz no Calvário! quantos em presença do SS. Sacramento dos altares?

S. Pedro Crisólogo observa que para se fazer amar do homem, nosso Salvador quis tomar várias formas. Essa Majestade infinita, imutável em si mesmo, dignou-se fazer-se ver primeiro como uma criancinha num estábulo, depois como um simples operário numa oficina, mais tarde como um criminoso sobre um patíbulo, e enfim como um pouco de pão sobre o altar. Jesus quis mostrar-se a nós sob todas essas formas; mas todas essas formas não são senão várias maneira de se revelar a nós como o amante apaixonado da natureza humana. — Ah! Senhor, dizei-me: tendes ainda outra coisa a inventar para vos fazer amar? Ide, almas redimidias, exclamava Isaías, ide publicar em toda a parte as caridosas invenções desse Deus cheio de amor, o que Ele concebeu e executou para se fazer amar dos homens; após nos haver cumulado de seus benefícios, quis dar-se pessoalmente a nós, e de quantas maneiras! — “Se estais chagado ou enfermo, diz S. Ambrósio, e desejas sarar, Jesus é o vosso médico: Ele vos restituirá a saúde com o seu sangue. Se sofreis febre, isto é, se sois atormentados pelas chamas impuras das afeições mundanas, Ele é a fonte que refresca e fortifica. Se quereis evitar a morte, Jesus é a vida; se aspirais ao céu, Ele é o caminho”.

Não contente de dar-se a todos os homens em geral, Jesus Cristo quis ainda dar-se a cada um deles em particular. Foi isso que fez S. Paulo dizer: Ele me amou e *se entregou por mim*. Segundo S. João Crisóstomo, Deus ama a cada um de nós, como ama todos os homens. Assim, meu caro irmão, se estivesses só no mundo, o divino Redentor teria vindo e dado o seu sangue e sua vida por ti só. “Ah! quem poderia explicar ou compreender, diz S. Lourenço Justiniano, o amor que Deus tem a cada um de nós?” Também S. Bernardo dizia falando de Jesus Cristo: “Ele se deu todo a mim, Ele se pôs inteiramente ao

meu serviço”. E S. João Crisóstomo: “Ele nada se reservou para si”. Deu-nos o seu sangue, a sua vida; deu-se a si mesmo no SS. Sacramento; não lhe restou nada mais a dar. Com efeito, segundo observa S. Tomás, dando-se-nos a si próprio, que mais poderia Deus dar-nos?

II.

Após a obra da redenção pois Deus nada mais tinha a dar-nos nem a fazer por amor dos homens, e cada um de nós deveria doravante dizer com S. Bernardo: “Eu sou de Deus e me devo dar a Ele, porque Ele me criou e me deu o ser: mas que poderei dar em retorno a Deus por Ele se ter dado a mim?” — Ah! não nos inquietemos por isso; demos-lhe o nosso amor e isso basta, é isso o que Ele deseja. Os príncipes da terra gloriam-se de possuir reinos e riquezas, mas Jesus Cristo contenta-se com reinar sobre os corações; os nossos corações, eis o seu domínio; e esse domínio Ele o adquiriu morrendo na cruz: *O sinal da sua dominação foi colocado sobre os seus ombros*, diz Isaías. Por essas palavras, vários intérpretes com S. Basílio, S. Cirilo, S. Agostinho e outros Padres entendem a cruz que nosso divino Redentor levou sobre seus ombros. “Esse Rei do céu, observa Cornélio a Lápide, é um Senhor muito diferente do demônio: este impõe cargas pesadas aos ombros de seus escravos; Jesus, ao contrário, toma sobre si todo o peso de seu principado, pois abraça a cruz na qual quer morrer para adquirir o domínio dos nossos corações”. E Tertuliano: “Enquanto os monarcas da terra têm o cetro na mão e a coroa na cabeça, como emblema de seu poder, Jesus Cristo levou a cruz sobre os ombros, a qual foi o trono em que subiu para fundar seu reino de amor”.

Orígenes faz esta reflexão: “Se Jesus Cristo se deu todo a cada homem, será muito para o homem dar-se todo a Jesus Cristo?” Demos pois de boa vontade o nosso coração e todo o

nosso amor a esse Deus que, para conquistá-los, sacrificou o seu sangue, a sua vida e todo o seu ser. Disse Jesus à Samaritana: *Se soubesses a graça que recebes de Deus, e quem é aquele que te pede de beber! Oh! se a alma compreendesse o favor que Deus lhe faz quando lhe diz: Dá-me o teu coração!* Se um simples súdito ouvisse um príncipe reclamar a sua amizade, isto bastaria para cativá-lo. E nós ficaríamos insensíveis à voz de um Deus que nos diz: *Meu filho, dá-me teu coração?*

Mas Deus não quer a metade desse coração; Ele quer que lho demos todo inteiro sem partilha, fazendo disso um preceito formal: *Amaras o Senhor teu Deus de todo o teu coração.* Não se contenta com menos. Se nos deu todo o seu sangue, toda a sua vida, todo o seu ser, foi para que nos demos inteiramente a Ele, que lhe pertencamos sem reserva. E compreendamo-lo bem: daremos a Deus todo o nosso coração quando lhe dermos toda a nossa vontade, para não querermos doravante senão o que quer esse Senhor que certamente só quer o nosso bem e a nossa felicidade. *Jesus Cristo*, diz o apóstolo, *morreu e ressuscitou a fim de reinar sobre os mortos e sobre os vivos.* — *Quer vivamos, quer morramos, somos do Senhor.* Jesus quis morrer por nós; não podia fazer mais para ganhar todo o nosso amor e para ser o único senhor do nosso coração; devemos pois mostrar de hoje em diante ao céu e à terra, por nossa vida e por nossa morte, que já nos não pertencemos, mas que somos de Deus e só dele.

Oh! quanto Deus deseja ver, e quanto lhe é caro um coração que se dá todo a Ele! Oh! quantas provas de sua ternura Deus prodigaliza sobre a terra; quantos bens, quantas delícias, quanta glória Deus prepara no céu para um coração que é todo dele!

O venerável padre João Leonardo de Lettera, dominicano, viu um dia Jesus Cristo que, sob a figura dum caçador e empunhando um dardo, percorria a floresta deste mundo. O servo de Deus perguntou-lhe aonde ia e que queria fazer. Jesus respon-

deu-lhe que ia à caça dos corações. Oxalá possa o Menino Jesus durante esta novena ferir e apoderar-se de algum coração que Ele procura há tempo e ainda não conseguiu ferir e ganhar!

Almas devotas, se Jesus conseguir possuir-nos, nós possuiremos a Jesus; a troca é muito mais vantajosa para nós. “Teresa, disse um dia o Senhor a essa Santa, até agora não foste inteiramente minha; mas agora que és toda minha, saibas que sou todo teu”. S. Agostinho chama o amor “um vínculo que prende quem ama à pessoa amada”. Deus tem vivo desejo de prender-se e unir-se a nós; mas é preciso que, do nosso lado, procuremos unir-vos a Deus. Se queremos que Deus se dê inteiramente a nós, devemos dar-nos inteiramente a Deus.

Afetos e Súplicas.

Oh! quão feliz seria se doravante eu pudesse sempre dizer com a sagrada Esposa: O meu Deus bem-amado se deu todo a mim; é justo que me dê todo a meu Deus! Eu deveria repetir sem cessar com o profeta-rei: *Que há para mim no céu, e, fora de ti, que desejei eu sobre a terra?... ó Deus, que és o Deus do meu coração, e a minha herança para sempre!* Sim, ó caro Infante, meu divino Redentor, já que desceste do céu para vos dar todo a mim, que procurarei eu ainda sobre a terra e no céu senão a vós, que sois meu soberano bem, meu único tesouro e o paraíso das almas? — Sêde pois o único senhor do meu coração, possuí-o inteiramente. Só a vós obedeça o meu coração e procure agradar. Só a vós ame a minha alma, e sêde vós só a minha partilha! Corram outros atrás dos bens e fortunas do mundo; procurem neles a sua alegria, se é que se pode encontrar verdadeira alegria fora de vós; quanto a mim, quero que só vós sejais toda a minha fortuna, minha riqueza, minha paz e minha esperança nesta vida e na eternidade! Eis o meu coração, eu vo-lo dou inteiramente; ele já não é meu mas vosso. Entrando no mundo oferecestes e destes a vosso Pai eterno

toda a vossa vontade como nos fizestes saber por Davi: *Na cabeceira do livro está escrito de mim que farei a vossa vontade; sim, meu Deus, eu o quero*; assim hoje eu vos ofereço, meu divino Salvador, toda a minha vontade. Ela vos foi outrora rebelde e com ela vos ofendi; mas agora detesto do fundo do coração o mau uso que dela fiz, todas as faltas pelas quais tive a infelicidade de perder a vossa amizade, e vos consagro esta minha vontade sem reserva. *Senhor, que quereis que eu faça?* estou pronto a obedecer-vos. Disponde de mim e do que me pertence como vos aprouver; aceito tudo e a tudo me resigno. Sei que quereis o meu maior bem; nas vossas mãos recomendo o meu espírito. Ajudai minha alma por vossa misericórdia, conservai-a, fazei seja ela sempre vossa, e toda vossa, pois que a resgatastes com vosso sangue: *Vós me remistes, Senhor, Deus de verdade.*

Ó Maria, Virgem santa, feliz sois vós! Fostes sempre toda de Deus, toda bela, toda pura e sem mancha. Só vós fostes, entre todas as almas, chamada pelo divino Esposo, a sua columba, a sua perfeita. Vós sois o jardim fechado à toda a culpa, a toda a imperfeição, e cheio de flores e frutos de todas as virtudes. Ah! minha Rainha e minha Mãe, que sois tão bela aos olhos de Deus, tende piedade de minha alma, tão deformizada por seus pecados. Se no passado não pertenci a Deus, agora quero ser dele e todo dele. Quero empregar o resto de minha vida só em amar o meu Redentor, que tanto me tem amado: basta dizer que Ele se deu todo a mim. Ó minha esperança, obtende-me a força de lhe ser grato e fiel até a morte. Amém. Assim o espero, assim seja.

CONSIDERAÇÃO VII.

O VERBO ETERNO DE FELIZ SE FEZ PADECENTE.

*Et erunt oculi tui videntes
Praeceptorem tuum.*

Os teus olhos estarão sempre
vendo o teu Mestre (Is 30,20).

Tudo o que há no mundo, diz S. João, é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e orgulho da vida. Eis as três más paixões que se apoderaram do homem e o dominaram depois do pecado de Adão: o amor dos prazeres, o amor das riquezas e o amor das honras, do qual nasce o orgulho. O Verbo divino veio à terra ensinar-nos por seu exemplo a vencer esses três inimigos de nossa alma: para ensinar-nos a mortificação dos sentidos, oposta ao amor dos prazeres, de *feliz* Ele se fez *padecente*; para ensinar-nos o desapego dos bens terrenos, oposto ao amor das riquezas, de rico Ele se fez pobre; e enfim, para ensinar-nos a humildade, oposta ao amor das honras, Ele, o Altíssimo, se rebaixou.

Trataremos esses três pontos nos três últimos dias da Novena; hoje falaremos do primeiro.

Nosso Redentor, pois, veio ensinar-nos, mais pelo exemplo de sua vida do que por sua doutrina, a amar a mortificação dos sentidos; e é por isso que de feliz que Ele é e sempre foi, se fez padecente. Consideremos bem essa verdade, e peça-mos a Jesus e Maria nos iluminem.

I.

O Apóstolo, falando da divina beatitude, chama a Deus o *único feliz e poderoso*. E com razão, porque toda a felicidade que nós, suas criaturas, podemos gozar, não é senão uma mínima participação da felicidade infinita de Deus; os bem-aventurados do céu encontram nela a sua beatitude, isto é, no entrar no oceano imenso da beatitude de Deus: *Entra no gaudio de teu Senhor*. Esse é o paraíso que o Senhor dá à alma quando entra na posse do reino eterno.

Quando Deus no princípio criou o homem e o colocou na terra, a sua intenção não era que ele padecesse, pois segundo a Escritura: *Ele o pôs num jardim de delícias*, para de lá passar ao céu, onde devia gozar eternamente a glória dos bem-aventurados. Mas o homem infeliz com o pecado se tornou indigno do paraíso terrestre, e se fechou as portas do paraíso celeste condenando-se voluntariamente à morte e aos sofrimentos eternos. Ora, o Filho de Deus resolveu livrar o homem de ruína tão funesta, e que fez? Ele que era feliz e cuja felicidade era infinita, quis submeter-se às dores, a penas de toda a sorte.

Nosso divino Redentor poderia arrancar-nos das mãos dos nossos inimigos sem sofrer. Mesmo vindo à terra, poderia gozar, como no céu, a felicidade e passar sua vida em delícias e nas honras que são devidas ao Rei e Senhor do universo. Uma só gota de sangue, uma lágrima que Ele oferecesse a Deus em nosso favor, teria bastado para resgatar o mundo e uma infinidade de mundos: “O menor sofrimento de Jesus Cristo, diz S. Tomás, teria realizado uma redenção suficiente devido à dignidade infinita de sua pessoa”. Mas não: *Sendo-lhe oferecido o prazer, escolheu a cruz*, renunciou a todas as honras e a todos os prazeres e abraçou na terra uma vida cheia de sofrimentos e ignomínias.

Sem dúvida, diz S. João Crisóstomo, o homem poderia ser resgatado por um ato qualquer do Verbo encarnado; “mas o que bastava à nossa redenção não bastava ao seu amor por

nós”. E como quem ama quer ser amado, Jesus Cristo para ver-se amado do homem, quis padecer muito e escolher uma vida de sofrimentos a fim de obrigar o homem a amá-lo muito. O Senhor revelou a S. Margarida de Cortona que jamais teve em sua vida a menor consolação sensível. Segundo a predição de Jeremias, a vida de Nosso Senhor foi semelhante ao mar, que é todo amargo e salgado, sem uma só gota de água doce. Isaías tinha pois razão de chamá-lo *Homem de dores*, como se no mundo só tivesse de sofrer. Segundo S. Tomás, Jesus Cristo tomou sobre si não simples dores mas o cúmulo da dor; isto é, quis ser o homem mais aflito que jamais viveu ou apareceu neste mundo.

E, com efeito, o Homem-Deus veio à terra expressamente para sofrer; é para isso que tomou um corpo afeito à dor. Encerrando-se no seio de Maria, como no-lo ensina o apóstolo, Ele fala assim a seu Pai celeste: *Não quisestes hóstia nem oblação, mas me formastes um corpo*. Isto é: Meu Pai, rejeitastes os sacrifícios dos homens como incapazes de aplacar vossa justiça ofendida por seus pecados; destes-me um corpo, como já vo-lo havia pedido, delicado, sensível, e todo afeito ao sofrimento; esse corpo eu aceito e com gosto vo-lo ofereço, a fim que sofrendo por ele todas as penas que devem encher a minha vida e dar-me finalmente a morte na cruz, eu possa aplacar a vossa cólera contra o gênero humano, e atrair-me assim o amor dos homens.

E eis que apenas entrado no mundo começa o seu sacrifício; começa logo a sofrer, porém bem mais do que os outros homens. As crianças, quando ainda no seio materno, não sofrem porque se acham em uma situação natural; ou pelos menos, se padecem algum pouco, não têm disso consciência porque estão privadas de entendimento; mas o divino Infante suporta durante nove meses a obscuridade daquele cárcere, suporta a pena de não poder mover-se, e sabe perfeitamente o que sofre. Também Jeremias havia predito que uma mulher,

que foi Maria, deveria ter envolto em suas entranhas, não uma criança, mas um homem. É certo que Jesus Cristo era então uma criança quanto à idade, mas era homem perfeito quanto ao uso da razão, porque, desde o primeiro instante de sua existência, era cheio, como diz o apóstolo, de *todos os tesouros da sabedoria e ciência*. “Jesus Cristo era homem perfeito desde o seu nascimento, escreve S. Bernardo; digo, quanto à sabedoria, não quanto à idade”. E S. Agostinho: “Era sábio e maneira inexplicável, duma sabedoria unida à infância”.

Sai por fim do cárcere do seio materno; talvez para gozar a vida? sai para sofrer ainda mais. Nasce no coração do inverno, numa caverna que serve de abrigo aos animais, e nasce no meio da noite e em tal estado de pobreza que não tem nem fogo para se aquecer, nem bastantes paninhos para se proteger do frio. Falando do presépio de Belém exclama S. Tomás de Vilanova: “Oh! que belos ensinamentos vem-nos dessa cátedra”. Lá Jesus Cristo nos ensina o amor dos sofrimentos. Na gruta, observa Salmeron, tudo aflige os sentidos. Tudo aflige a vista: só se vêem pedras brutas e negras. Tudo aflige o ouvido: só se ouve a voz dos animais. Tudo aflige o olfato: só se sente o cheio repelente do lugar. Tudo aflige o tato: o divino Infante tem por berço uma manjedoura, e o seu leito é feito dum pouco de palha. — Ei-lo, esse Deus Menino, tão apertado entre as faixas que não se pode mover, Ele que veio, diz S. Zenão, para libertar o mundo. “Oh! quão abençoados, diz S. Agostinho, são esses felizes paninhos que serviram para purificar-nos das sujidades dos nossos pecados”. Ei-lo, esse divino Infante, que treme de frio, que chora para dar-nos a entender que padece, e que oferece a seu Pai suas primeiras lágrimas para nos poupar os prantos eternos que temos merecido. “Lágrimas de Jesus, como sois preciosas, exclama S. Tomás de Vilanova, vós lavastes as nossas almas criminosas”.

E assim sempre aflita e atribulada foi a vida de Jesus Cristo. Poucos dias depois de seu nascimento, é constrangido a

fugir e exilar-se no Egito para escapar às mãos de Herodes; nesse país bárbaro teve de passar vários anos de sua infância pobre e desconhecido. Pouco diferente foi depois sua vida em Nazaré, onde residiu após a volta do Egito. Por fim foi pregado num patíbulo pelos carrascos e terminou sua vida num oceano de dores e opróbrios.

Ademais, notemo-lo bem, as dores que nosso Salvador padeceu na sua Paixão, a flagelação, a coroação de espinhos, a crucifixão, a agonia, a morte e todas as outras penas e injúrias de que foi cumulado no fim de sua vida, Ele as sofreu desde o princípio dela, porque desde a sua conceição teve constantemente diante dos olhos o horrível quadro de todos os tormentos que deveriam assaltá-lo no momento de deixar a terra. Ele predissera pela boca de Davi: *A minha dor está sempre diante de mim*. Aos pobres enfermos esconde-se o ferro ou o fogo com que precisam ser atormentados para recuperarem a saúde; mas Jesus não quis que lhe escondessem os instrumentos de sua Paixão, com os quais devia terminar a vida para nos dar a vida eterna; quis ter continuamente diante dos olhos os flagelos, os espinhos, os cravos, a cruz, que fariam um dia correr todo o sangue de suas veias, e lhe causariam uma morte dolorosíssima e privada de todo o alívio.

A irmã Madalena Orsini que há muito tempo sofria grave tribulação mereceu ver um dia Jesus que lhe apareceu como Crucificado para assim confortá-la com a memória de sua Paixão e animá-la a sofrer com paciência. A serva de Deus respondeu-lhe: “Mas, Senhor, vós ficastes só três horas sobre a cruz, enquanto que eu suporto esta dor a vários anos. — Ignorante, replicou Jesus, desde o primeiro momento que estive no seio de Maria, minha Mãe, padei no meu coração, tudo quanto sofri mais tarde sobre a cruz”. — “Sim, diz Novarino, a cruz estava desde então impressa na alma do Senhor, e eis por que Isaías predisse que Ele nasceria com a marca de seu principado sobre os ombros”. Por isso, ó meu Redentor, exclama Dro-

gon de Ostia, em toda a vossa vida só vos posso encontrar na cruz. A cruz em que Jesus morreu esteve sempre presente a seu espírito para atormentá-lo. Nem o sono, diz Belarmino, livrava o seu coração dessa terrível visão.

Porém o que encheu de amarguras a vida de nosso Redentor, bem mais do que as dores de sua Paixão, foi a vista dos pecados que os homens cometeriam mesmo depois de sua morte. Os nossos pecados foram outros tantos carrascos que o fizeram viver em contínua agonia e sob o peso de terrível tristeza que seria suficiente por si só a fazê-lo morrer a cada instante. Esse é também o pensamento de Lúcio: a vista da ingratidão dos homens, diz ele, causava de per si a Jesus uma dor capaz de fazê-lo morrer mil vezes.

Os flagelos, a cruz, a morte, não eram, aos olhos de nosso Salvador, objetos odiosos; ao contrário, eram-lhe caros e Ele os queria e desejava. Ele mesmo espontaneamente se ofereceu a sofrê-los, dizia Isaías; Ele não deu a vida contra a vontade, mas por própria escolha, como no-lo dá a entender com as palavras: *Eu dou a minha vida por minhas ovelhas*. Que digo? o seu mais ardente desejo no e curso de sua vida, foi de ver chegar o tempo de sua Paixão, em que devia cumprir-se a redenção dos homens; daí o que Ele disse na véspera de sua morte: *Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco*. Daí ainda aquele suspiro com que procurava, ao que parece, aliviar seu coração da espera demasiado longa: *“Devo ser batizado com um batismo; e quão grande é a minha ansiedade, até que ele se conclua!”* É preciso que eu seja mergulhado no batismo de meu próprio sangue, não para lavar a minha alma, mas para purificar minhas ovelhas das manchas de seus pecados; e quanto me sinto tomado do desejo de ver chegada a hora de ver-me exangue e morto sobre a cruz! — O que afligia Jesus não era o temor da morte, diz S. Ambrósio; era a demora do nosso resgate.

O Filho de Deus quis exercer sobre a terra o ofício de carpinteiro, e era conhecido como tal: *Não é este o carpinteiro, o filho do carpinteiro?* Num sermão sobre a Paixão, S. Zenão dá a razão dessa preferência dizendo que os carpinteiros têm sempre em mãos peças de madeira e de pregos, e que Jesus gostava de ver esses objetos que lhe representavam os cravos e a cruz, futuros instrumentos de sua morte.

Assim, repetimos, o que afligia o coração de nosso Redentor era menos o pensamento de sua Paixão, do que a ingratidão com que os homens iam pagar o seu amor. Essa ingratidão o fez chorar no estábulo de Belém. Essa ingratidão o fez suar sangue vivo com agonia de morte no horto de Getsêmani; ela o encheu de tristeza tal que bastaria para tirar-lhe a vida; Ele mesmo no-lo declarou dizendo: *Minha alma está triste até a morte*. É essa ingratidão em fim que o fez morrer em abandono absoluto e sem nenhum consolo sobre a cruz. O homem incorrera em duas penas: a do dano ou da perda de Deus, e a do sentido ou do corpo; ora, segundo Suarez, Jesus Cristo quis satisfazer principalmente pela primeira; por isso foram muito maiores as penas interiores da alma do Senhor do que toas as outras do corpo.

II.

Também nós, pois, temos contribuído com nossos pecados a tornar tão amarga e dolorosa toda a vida de nosso salvador. Mas agradeçamos a sua bondade que nos dá tempo para repararmos o mal que fizemos.

Como poderemos repará-lo? Sofrendo com paciência as penas e as cruces que o Senhor nos envia para o nosso bem. E o meio de praticarmos essa paciência Ele mesmo nos ensina quando nos diz: *Ponde-me como um selo sobre o vosso coração*, imprimir nele a imagem de vosso Salvador crucificado; —

isto é: Considerai meu exemplo, as dores que padeci por vós; e assim sofrereis em paz todas as tribulações. “Coisa admirável, exclama S. Agostinho; esse Médico celeste quis tornar-se doente para nos curar de nossa doença com a sua”. Isaías havia predito: *Nós fomos sarados com as suas pisaduras*. Os sofrimentos eram o remédio necessário para as nossas almas enfermas pelo pecado; não havia outro; e nosso divino Médico quis primeiro tomá-lo, ajunta o Santo Doutor, a fim que não tivéssemos repugnância de tomá-lo depois dele, nós que dele precisamos.

Daí se segue que, segundo S. Epifânio, para nos fazermos conhecer como verdadeiros seguidores de Jesus Cristo, devemos agradecer-lhe quando nos envia cruces. E com razão, porque, tratando-nos assim, Jesus faz-nos semelhantes a Ele. — S. João Crisóstomo acrescenta uma reflexão de grande consolação: “Agradecendo a Deus os seus benefícios, diz ele, pagamos-lhe o que lhe devemos, mas, suportando as penas com paciência e por seu amor, Deus torna-se em certo sentido nosso devedor”.

E se quereis pagar a Jesus Cristo amor com amor, diz S. Bernardo, aprendei dele com o que deveis amar. Sabei sofrer qualquer coisa por esse Deus que tanto sofreu por vós. O desejo de dar gosto a Jesus Cristo e de lhe testemunhar seu amor fez os Santos tão ávidos e sedentos não de honras e prazeres, mas de sofrimentos e humilhações. Isso fazia dizer ao apóstolo: *Longe de mim gloriar-me a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo*. Feliz de estar unido a seu Deus crucificado, o apóstolo não ambicionava outra glória que de se ver com Ele na cruz. Isso também arrancava a S. Teresa o grito tão conhecido: “Ou padecer ou morrer!” como se dissesse: Meu divino Esposo, se quereis chamar-me a vós, eis-me pronta a seguir-vos com ações de graças; mas se vos aprouver deixar-me mais tempo na terra, não posso resignar-me a ficar sem sofrer: ou padecer ou morrer! — S. Maria Madalena de Pazzi ia ainda

mais longe: “Sofrer, dizia ela, e não morrer!” isto é: Meu Jesus, desejo o paraíso para vos amar com mais perfeição; porém desejo ainda mais sofrer para compensar em parte o amor que me demonstrastes padecendo tanto por mim! — A venerável irmã Maria Crucificada da Sicília amava igualmente os sofrimentos a tal ponto que costumava dizer: “É belo o paraíso; mas lá falta uma coisa: a dor”. O exemplo de S. João da Cruz não é menos admirável: Quando Jesus lhe pareceu com a cruz às costas e lhe disse: “João, pede-me o que quiseres”; o Santo só pediu sofrimentos e desprezos: “Senhor, respondeu ele, padecer e ser vilipendiado por vós!” *Domine, pati et contemni pro te.*

Se não temos coragem de desejar e pedir sofrimentos, procuremos ao menos aceitar com resignação os que Deus nos envia para o nosso bem: “Onde está Deus, diz Tertuliano, está também a paciência”. Dai-me uma alma que sofre com resignação, que eu lá encontrarei certamente Deus. O Salmista declarou que o *Senhor se apraz em estar perto das almas aflitas*; mas isso entende-se somente daquelas que suportam suas penas com paciência e sabem resignar-se à vontade divina. E a essas almas que Deus faz gozar a verdadeira paz, que consiste unicamente, como ensina S. Leão, em unir a nossa vontade à de Deus. A conformidade à vontade divina, observa S. Boaventura, é como o mel que torna doces e amáveis também as coisas amargas. A razão disso é que, quem obtém tudo o que quer, nada mais tem a desejar, e por isso, diz S. Agostinho, deve ser feliz. Assim, quem não quer senão o que Deus quer, está sempre contente, porque então obtém tudo o que deseja, pois que nada acontece que não seja querido por Deus.

E quando Deus nos envia cruces devemos não só resignar-nos à vontade divina, mas também agradecer-lhe; pois é isso um sinal de que Ele nos quer perdoar os nossos pecados e salvar-nos do inferno que temos merecido. Quem ofendeu a Deus deve ser castigado mais cedo ou mais tarde; peçamos-

Ihe pois nos castigue nesta vida e não na eternidade. Ai do pecador que no mundo prospera em vez de ser punido! Que Deus nos preserve da misericórdia de que fala Isaías quando disse: *Façamos misericórdia ao ímpio*. Senhor, exclamava S. Bernardo, não quero essa misericórdia; é o mais terrível de todos os castigos. Quando Deus não pune um pecador nesta vida, é sinal que deixa para puni-lo na outra, onde os castigos são eternos.

Vendo Jesus Cristo morto na cruz, diz S. Lourenço Justiniano, devemos considerar o grande dom que Ele nos fez derramando seu sangue para nos resgatar do inferno, e reconhecer ao mesmo tempo a malícia do pecado, que levou um Deus a morrer assim para obter o nosso perdão. — “Ó Deus eterno, exclama Drogon, nada me apavora tanto como ver vosso divino Filho golpeado de morte tão cruel por causa do pecado”.

Quando, pois, após o pecado recebemos de Deus algum castigo temporal, consolemo-nos vendo nele o penhor de sua disposição para nos fazer misericórdia na vida futura. O só pensamento de havermos desgostado a um Deus tão bom não nos deve porventura, se o amamos, tornar-nos mais contentes por ver-nos punidos justamente do que gozásssemos todas as prosperidades e todos os bens do mundo? Essa reflexão é de S. João Crisóstomo. Quem ama verdadeiramente, ajunta ele, aflige-se mais com ter contristado a pessoa amada do que com ver-se castigado.

Ainda uma vez, consolemo-nos nos sofrimentos; e se todas essas considerações não bastarem para nos restituir a paz, dirijamo-nos a Jesus Cristo; Ele mesmo nos consolará segundo a sua promessa: *Vinde a mim todos os que sofreis e estais acabrunhados, e eu vos aliviarei*. Se recorrermos ao Senhor, ou Ele nos livrará das nossas penas, ou nos dará a força de suportá-las com paciência. Ora, esta última graça é preferível à primeira, porque pela paciência na tribulação, além de expiarmos

as nossas faltas nesta vida, merecemos ainda um novo grau de glória eterna no paraíso.

Nas nossas aflições e desolações, dirigamo-nos também a Maria, que é chamada a Mãe de misericórdia, a causa da nossa alegria e a consoladora dos aflitos. Lancemo-nos aos pés dessa boa Rainha que, como diz Lanspérgio, abre a todos o seio de sua maternal ternura, e não permite se retire alguém de seus pés triste e sem consolo. Segundo S. Boaventura, o seu ofício é compadecer-se de nossos males. Quem a invoca, diz Ricardo de S. Lourenço, acha-a sempre pronta a socorrê-lo. E com efeito quem implorou a sua assistência, pergunta Eutíquio, e foi jamais por Ela abandonado?

Afetos e Súplicas.

S. Maria Madalena de Pazzi prescreveu a duas de suas religiosas se conservasse, durante as festas de Natal, aos pés do divino Infante, para fazerem junto dele o ofício dos animais que o acalentaram com seu hálito, quando Ele tiritava de frio no estábulo: elas deviam acalenta-lo com louvores de amor, com ações de graças e suspiros de amor saídos de seus corações inflamados. — Meu caro Redentor, oxalá pudesse também eu exercer esse ofício. Sim, louvo-vos meu Jesus, louvo vossa misericórdia infinita, louvo vossa caridade infinita, que vos honra no céu e na terra, e uno minha voz à dos anjos para cantar com eles: *Glória a Deus no mais alto dos céus*. Rendo-vos graças por todos os homens, e especialmente por mim mesmo, mísero pecador. Que seria de mim, que esperança de perdão e de salvação poderia eu ter, ó meu Redentor, se não descêsseis do céu para salvar-me? Eu vos louvo, pois, eu vos agradeço e vos amo. Amo-vos mais do que todas as coisas, amo-vos mais do que a mim mesmo, amo-vos de toda a minha alma e dou-me todo a vós. Recebei, divino Infante, e aceitai esses atos de amor; e se eles são frios por saírem dum coração gelado, aca-

lentai este pobre coração, este coração que vos ofendeu, mas que se arrepende. Sim, Senhor, arrependo-me sobre todas as coisas de vos haver ofendido, a vós que me haveis amado tanto. Agora não desejo senão amar-vos; eis a única coisa que vos peço: dai-me o vosso amor, e fazei de mim o que vos aprouver. Fui um tempo mísero escravo do inferno; mas hoje que estou livre dessas funestas cadeias, consagro-me inteiramente a vós: consagro-vos o meu corpo, os meus bens, a minha vida, a minha alma, a minha vontade, e toda a minha liberdade. Já não quero ser meu, mas só vosso, meu único bem. Dignai-vos prender a vossos pés meu pobre coração, a fim que não se separe jamais de vós.

Ó Maria, minha Santíssima Mãe, impetrai-me a graça de viver sempre nas felizes cadeias do amor do vosso adorável Filho. Dizei-lhe que me aceite por escravo de seu amor; Ele faz tudo o que lhe pedis. Rogai, rogai por mim. Assim o espero.

CONSIDERAÇÃO VIII.

O VERBO ETERNO DE RICO SE FEZ POBRE.

*Excutere de pulvere, consurge, sede,
Jerusalem.*

Sacode-te do pó, levanta-te; assentate,
Jerusalém (Is 52,2).

Coragem, alma cristã, exclama o profeta, *sacode-te do pó* das afeições terrenas; *levanta-te*, sai da lama do vício em que te mergulhaste miseravelmente. *Assenta-te* no trono que te pertence, e reina sobre as paixões que procuram privar-te da glória celeste e te expõem ao perigo duma eterna ruína.

Mas que deverá fazer uma alma para conseguir isso? — Lançar os olhos para a vida de Jesus Cristo, que, soberano *Senhor* de todas as riquezas do céu e da terra, se fez *pobre* e calcou aos pés todos os bens deste mundo. À vista de Jesus feito pobre por amor de nós, é impossível que não nos movamos a desprezar tudo por amor de Jesus. — Consideremo-lo, pois, atentamente; e para isso peçamos a Jesus e Maria nos iluminem.

I.

Tudo o que há no céu e na terra pertence a Deus: *Minha é a terra e tudo o que ela encerra*, diz o Senhor. Mas isso é pouco; o céu e a terra não são o todo, mas uma mínima parte das riquezas de Deus. A riqueza de Deus é infinita e imperecível, porque não depende de outrem: Ele a possui em si mesmo e é um bem infinito. Eis por que Davi lhe dizia: *Tu és o meu Deus*,

que não tens necessidade dos meus bens. — Pois bem, esse Deus tão rico se fez pobre fazendo-se homem, a fim de enriquecer a nós miseráveis pecadores. *Ele sendo rico se fez pobre por vós, a fim de que vós fosseis ricos pela sua pobreza,* diz o apóstolo.

Como! um Deus fazer-se pobre! e por que? — Procuremos compreendê-lo. Os bens terrenos não podem ser senão terra e lama; mas essa lama cega de tal forma o homem, que este não vê mais os verdadeiros bens. Antes da vinda de Jesus Cristo, o mundo era cheio de trevas, porque era cheio de pecados: *Toda a carne corrompera o seu caminho.* Todos os homens haviam violado e alterado a lei da razão; viviam como irracionais pensando só em gozar os bens ou prazeres terrenos e descuidando-se inteiramente dos bens eternos. Mas, graças à divina misericórdia, o Filho de Deus veio esclarecer esses cegos: *Aos que habitavam na região da sombra da morte nasceu-lhes o dia.*

Jesus Cristo foi chamado por Simeão a *Luz das nações*; e por S. João a *Luz que resplandece nas trevas e que ilumina a todo o homem.* O Senhor já nos predissera que Ele mesmo seria o nosso Mestre, e um Mestre visível a nossos olhos, que viria ensinar-nos o caminho da salvação, o qual não é outro que a prática das virtudes e esclarecimentos da santa pobreza: *Os teus olhos verão o teu Mestre.* Ora, esse divino Mestre devia ensinar-nos não só por sua palavra, mas ainda e sobretudo pelo exemplo da sua vida.

A pobreza, diz S. Bernardo, não existia no céu; ela só se achava na terra; mas o homem não conhecia o seu valor e por isso a detestava. Eis porque o Filho de Deus desceu do céu à terra e escolheu a pobreza por companheira de toda a sua vida a fim que seu exemplo no-la fizesse estimar e procurar. Eis, pois, vosso Redentor Menino, desde o seu nascimento feito Mestre da pobreza na gruta de Belém, que por esse motivo S.

Bernardo chama “escola de Jesus Cristo” e S. Agostinho “a gruta do Mestre”.

Por expressa disposição de Deus, o edito de César fez que Jesus nascesse não só pobre, mas o mais pobre de todos os homens, vindo ao mundo longe de sua própria habitação numa gruta que servia de abrigo aos animais. Ordinariamente os pobres nascem em suas casas e aí encontram ao menos as coisas indispensáveis: panos, lume e pessoas que ao menos por compaixão os socorrem. Qual a criança cujos pais são tão pobres que a fazem nascer num estábulo? Nos estábulos só se vêem animais.

S. Lucas narra as circunstâncias desse grande acontecimento. Chegado o tempo que Maria devia dar à luz, José lhe procurou alojamento na cidade. Em vão vai de porta em porta, nenhuma se lhes abriu. Dirige-se à hospedaria, e lá não há mais lugar para eles. É assim que a Mãe de Deus se viu obrigada a refugiar-se a uma miserável gruta, onde, apesar da grande afluência de estranhos, só se achavam dois animais.

Os filhos dos príncipes da terra nascem em apartamentos preparados com cuidado e ricamente ornados; têm berços de prata e os mais finos paninhos; os grandes do reino e as mais nobres damas os assistem. O Rei do céu, em vez de apartamento bem guarnecido e aquecido, não tem por abrigo senão uma fria gruta onde crescem as ervas; em lugar dum leito de plumas, só tem um pouco de palha dura e pungente; em vez de panos finos tem só alguns trapos grosseiros, frios e úmidos; dois animais formam a sua corte, e o hálito deles, substituindo o fogo, lhe aquece os membros; enfim por berço só tem uma miserável manjedoura. “Ah! exclama S. Pedro Damião, ao ver o Criador dos anjos nesse abatimento, envergonhe-se o nosso orgulho!” “E como é possível, pergunta S. Gregório de Nissa, ao Rei dos reis, que enche o céu e a terra, não encontrar para repousar seus membros vindo ao mundo, senão essa pobre manjedoura?” É que por nosso amor esse Rei dos reis quis ser

pobre e o mais pobre de todos os homens. — Os filhos dos pobres tem ao menos leite suficiente para saciá-las; mas mesmo nisso Jesus quis ser mais pobre do que eles, pois o leite de Maria era miraculoso; Ela o recebera não da natureza, mas do céu, como a Igreja no-lo dá a entender; e Deus para comprazer seu Filho que queria ser o mais pobre dos filhos dos homens, não proveu Maria de grande abundância de leite, mas só de quantidade apenas suficiente para sustentar a vida de seu divino Infante; isso a Santa Igreja exprime em seus cânticos: “Por alimento teve apenas um pouco de leite”.

Nascido na pobreza, continuou Jesus a ser pobre durante toda a sua vida, e não só pobre, mas indigente, segundo a expressão de S. Paulo: *Egenus*. Do texto grego Cornélio a Lápide deduz que Ele foi até mendigo. Nascido nessa extrema pobreza nosso Redentor foi constrangido a fugir para o Egito, deixando a sua pátria. S. Boaventura contempla compassivo a Maria e José nesse longo e penoso trajeto; imagina-os privados de tudo e levando em seus braços o santo Infante que muito sofreu com a pobreza deles: “Onde achavam alimento? pergunta-se ele; onde pernoitavam? onde se hospedavam?” Mas de que podiam eles nutrir-se senão dum pouco de pão duro? onde se deitavam no deserto senão sobre a terra nua, ao relento ou debaixo duma árvore? Ah! se alguém encontrasse de caminho esses três nobres exilados, por quem os poderia tomar senão por três pobres mendigos?

Chegaram enfim ao Egito; e podemos imaginar-nos quão penosa foi a permanência de sete anos que lá estiveram, eles pores, em um país estranho, onde não tinham nem amigos, nem parentes. Segundo S. Basílio, eles mal chegavam a conseguir o necessário à força de trabalho. “Mais duma vez, ajunta Landolfo de Saxônia, o Menino Jesus, premido pela fome, pediu à sua Mãe um pedaço de pão, e Maria teve de dizer-lhe que não havia mais”.

Do Egito voltam de novo à Palestina e dirigem-se a Nazaré; e lá Jesus continua a viver na pobreza. “Uma casa pobre, móveis pobres, eis com que se contenta o Criador do mundo”, diz S. Cipriano. Nessa humilde morada leva a vida dos pobres: ganha o pão com o trabalho e no suor de seu rosto, como o faz um pobre artífice, filho de artífice; é assim que os hebreus o conheciam e o designavam: *Não é Ele o carpinteiro, — o filho do carpinteiro?*

Nosso divino Redentor começa enfim a pregar o seu Evangelho. Nesses três últimos anos que Ele passou sobre a terra, longe de ficar à vontade, pratica uma pobreza ainda mais rigorosa que antes, e vive de esmolas. A alguém que mostrara intenção de segui-lo levado pela esperança duma vida cômoda, Jesus disse: *As raposas têm suas covas e os pássaros do céu os seus ninhos; mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça.* Cornélio a Lápide interpreta assim essas palavras: Se esperais fazer fortuna seguindo-me, estais enganados, porque eu vim à terra ensinar a pobreza, e para esse fim me tornei mais pobres do que os animais, que têm ao menos um abrigo, enquanto que eu não tenho neste mundo nem a menor parcela de terra que me pertença e onde possa repousar; e eu quero que os meus discípulos sejam como eu. E com efeito, observa S. Jerônimo, os verdadeiros discípulos de Jesus não têm e não desejam nada senão a Jesus.

Numa palavra, Jesus Cristo viveu pobre e morreu pobre, sendo preciso que José de Arimatéia lhe desse um lugar de sepultura, e outros lhe fizessem a esmola dum lençol para sepultar o seu corpo.

II.

O Cardeal Hugo, considerando a pobreza, as humilhações e os sofrimentos a que nosso divino Salvador quis submeter-se, não pôde contentar-se e disse: Parece que nosso Deus le-

vou o amor dos homens até a demência, tomando sobre si tantas misérias, a fim de lhes proporcionar as riquezas da graça divina e da glória celeste. — E se Jesus Cristo não houvesse operado esse prodígio de amor, continua o mesmo autor, quem poderia achar possível que o Senhor te todos os bens quisesse jamais tornar-se tão pobre, o Senhor de todos os seres fazer-se servo, o Rei do céu padecer tanto desprezo, o Ser infinitamente feliz sujeitar-se a tantas dores?

Sem dúvida, há na terra príncipes compassivos que gostam de empregar seus tesouros em alívio dos pobres; mas viu-se jamais algum rei que, para auxiliar os pobres, se tenha tornado semelhante a eles como o fez Jesus Cristo? Cita-se como um prodígio de caridade o que fez S. Eduardo: encontrando de caminho um mísero mendigo incapaz de se mover e abandonado de todos, tomou-o afetuosamente sobre os ombros e levou-o à igreja. Isso foi certamente uma ação sublime de molde a excitar a admiração dos povos; mas procedendo assim, esse Santo não deixou de ser rei e rico como antes. O Filho de Deus, o Rei do céu e da terra, vai mais longe: desejando salvar sua ovelha desgarrada, isto é, o homem, não se contenta de descer do céu para vir buscá-la, nem de pô-la sobre os ombros: não hesita despojar-se de sua majestade, de suas riquezas, de suas honras; faz-se pobre e o mais pobre de todos os homens. “Ele oculta a sua púrpura, isto é, a sua divindade e realeza sob as aparências dum pobre operário”. Assim fala S. Pedro Damiano. E S. Gregório de Nazianzo exclama com transporte: “Aquele que enriquece os outros submete-se à indulgência; abraça a minha pobreza humana para me fazer partilhar suas riquezas divinas”. Sim, Aquele do qual os ricos tem suas riquezas, quer ser pobre a fim de nos merecer não os bens faltos e transitórios deste mundo, mas as riquezas divinas que são imensas e eternas; e com seu exemplo induz-nos a nos desapegarmos das coisas deste mundo, que nos põem em grande perigo de eterna ruína! — Lê-se na vida de S. João

Francisco Regis, que o assunto ordinário de suas meditações era a pobreza de Jesus.

S. Alberto Magno diz que Jesus quis nascer num estábulo, perto da via pública, por dois fins. O primeiro foi para nos fazer melhor compreender que somos todos viajores sobre a terra, onde estamos de passagem, como o diz S. Agostinho. Ninguém se apega certamente ao lugar onde se hospeda uma noite de passagem: sabe que o tem de deixar em breve. Ah! se os homens não se esquecessem que são viajores neste mundo, e que se dirigem à morada da eternidade, haveria acaso um só que quisesse prender-se aos bens terrenos com risco de perder os do céu? — O segundo fim que Nosso Senhor teve em vista, segundo S. Alberto Magno, foi de ensinar-nos por seu exemplo “a desprezar o mundo”, que nos não oferece bem algum capaz de contentar nosso coração. O mundo ensina a seus adeptos que a felicidade consiste no gozo das riquezas, dos prazeres, e das honras; mas esse mestre enganador foi condenado pelo Filho de Deus feito homem: *Agora chegou o juízo do mundo*. Esse julgamento do mundo começou, segundo S. Anselmo e S. Bernardo, no estábulo de Belém. Jesus quis lá nascer pobre para induzir-nos com seu exemplo a banirmos dos nossos corações a afeição aos bens terrenos e a consagrar-vos inteiramente ao amor de Deus e da virtude. Ele assim entrou, diz Cassiano, e nos conduziu por um caminho novo inteiramente oposto ao do mundo, que odeia e foge da pobreza.

Fiéis a esse divino exemplo os Santos nada tiveram tanto a peito como despojar-se de tudo para na pobreza seguirem a Jesus pobre. “A pobreza de Jesus, disse S. Bernardo, é mais rica do que qualquer tesouro”.

Com efeito ela nos proporcionou bens mais preciosos do que todos os tesouros do mundo, porque pelo desprezo que nos inspira das riquezas da terra, nos anima à conquista das riquezas celestes. O Apóstolo considerava todas as coisas como lodo e fumaça em comparação da graça de Jesus Cristo:

Renunciei todas as coisas e as considero como esterco para ganhar a Cristo. S. Bento, filho de família opulenta, renuncia na flor da mocidade às comodidades da casa paterna, e retira-se a uma caverna onde viverá dum pouco de pão recebido de esmola dum caridoso monge chamado Romano. S. Francisco de Borja abandona todas as suas riquezas para abraçar a via pobre na Companhia de Jesus. S. Antão vende todo o seu rico patrimônio, distribui-o aos pobres e retira-se a um deserto. S. Francisco de Assis devolve ao pai até a camisa para viver mendigando o resto de sua vida.

Quem ama as riquezas, dizia S. Filipe Néri, jamais se santificará. E com efeito, num coração cheio de terra não pode ter lugar o amor divino. “Trazeis um coração vazio?” essa era, na opinião dos antigos monges, a pergunta mais necessária a fazer-se aos que se apresentavam para ser admitidos em sua companhia. Perguntando se tinham o coração livre de afeições terrenas, queriam dizer: Sabei que sem isso jamais podereis ser inteiramente de Deus. *Onde está o vosso tesouro, aí está também o vosso coração*, disse Jesus Cristo. Ora, tesouro de cada um é o objeto de sua estima e de sua afeição. Morrendo uma vez um rico, S. Antônio de Pádua publicou do alto do púlpito que esse infeliz estava condenado; e como prova do que avançava, disse que fossem ver o lugar onde estava o seu dinheiro, e lá encontrariam o seu coração. Com efeito foram e acharam o coração daquele infeliz ainda quente no meio de seu dinheiro.

Deus não pode ser o tesouro duma alma apegada aos bens da terra; eis por que Davi fazia esta oração: *Senhor, cria em mim um coração puro*, tirai do meu coração toa afeição terrena, a fim de que eu possa exclamar: *Vós só, ó meu Deus, sois o Deus do meu coração e a minha partilha para sempre.* Quem, pois, deseja santificar-se e verdade, deve banir de seu coração tudo o que não é Deus. De que servem os tesouros, as riquezas? para que esses bens, se não podem contentar o

nosso coração, e se os temos de deixar tão depressa? *Não amontoeis tesouros sobre a terra, diz o Senhor, onde a ferrugem e a traça os consomem; entesourai para vós tesouros no céu.*

Oh! que bens imensos prepara Deus no céu aos que o amam! Que tesouro é a graça de Deus e o divino amor para quem lhe conhece o valor! *Comigo estão as riquezas... para enriquecer os que me amam.* Deus contém em si e leva consigo a riqueza e o prêmio. No paraíso Deus só é a recompensa dos eleitos; dando-se a eles satisfaz plenamente todos os seus desejos, conforme disse a Abraão: *Eu mesmo serei a tua recompensa infinitamente grande.*

Mas se queremos amar muito a Deus no céu, temos primeiro de amá-lo muito na terra. O grau de amor ao qual tivermos chegado no fim de nossa peregrinação terrestre, será a medida eterna do amor em que nos abraçaremos por Deus no céu. E se queremos estar ao abrigo de todos os perigos que nos poderiam separar de Deus nesta vida, estreitemos sempre mais os laços do nosso amor, a exemplo da esposa sagrada que dizia: *Achei a quem ama a minha alma; agarrei-me a ele e não o largarei mais.* Como pode a esposa sagrada agarrar o seu dileto? *Brachiis caritatis.* Nos braços de seu amor, responde Guilherme. Sim, diz S. Ambrósio, “é pelo amor que Jesus se deixa prender”. Feliz pois quem puder exclamar com S. Paulino: “Guardem os ricos o seu ouro e os reis os seus cetros; Jesus é a nossa glória, a nossa riqueza, a nossa coroa”. E com S. Inácio: “Senhor, dai-me a vossa graça e o vosso santo amor; fazei que vos ame e seja de vós amado; e sou bastante rico e não quero outra coisa e nada mais tenho a desejar!” “Quem possui tudo em Deus, diz S. Leão, tem certeza de nunca sentir falta de coisa alguma”.

Para chegarmos a essa perfeição, invoquemos sem cessar nossa augusta Mãe, Maria, e procuremos amá-la sobre tudo depois de Deus; Ela nos afirma pelas palavras que a Santa I-

greja lhe põe nos lábios, que enriquece de graças a todos os que a amam.

Afetos e Súplicas.

Meu caro Jesus, inflamai-me de vosso santo amor, pois que para isso viestes à terra. É verdade que eu, miserável, por vos haver ofendido após tantas luzes e graças especiais que me destes, não mereço arder nessas benditas chamas, em que ardiam os Santos; as chamas do inferno deveriam ser a minha partilha; mas, apesar da minha ingratidão, estou ainda fora dessa horrível prisão que tenho merecido; ouço que vos, voltando-vos para mim, me dizeis: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração.* Ó meu Deus, agradeço-vos por me renovardes esse doce preceito; e já que me mandais amar-vos, quero obedecer-vos, quero amar-vos de todo o meu coração. Senhor, no passado fui um ingrato, um cego; esqueci voluntariamente o amor que tendes por mim; mas agora que me aclarais novamente e me recordais tudo o que fizestes por meu amor; agora que considero que vos fizestes homem por mim e que vos carregastes das minhas misérias; agora que vos vejo sobre a palha, tremendo de frio, gemendo e chorando por mim, ó divino Infante, como poderia viver sem vos amar? Ah! perdoai-me, amor meu, perdoai todos os desgostos que vos tenho dado. Ó Deus, como pude ofender-vos assim, sabendo pela fé tudo o que sofrestes por mim? Mas essas palhas que vos pungem, essa vil manjedoura que vos acolhe, esses ternos vagidos que soltais, essas lágrimas de amor que derramais, fazem-me esperar com confiança o perdão de minhas falta e a graça de vos amar o resto de minha vida. Sim, eu vos amo, ó Verbo encarnado, eu vos amo, ó divino Infante, eu vos amo e me dou todo a vós. Pelas penas que sofreis no estábulo de Belém, ó meu Jesus, não rejeiteis um mísero pecador que quer amar-vos. Ajudai-me e dai-me a perseverança; tudo espero de vós.

Ó Maria, que sois a digna Mãe de tão grande Filho e a mais amada desse Filho, rogai por mim.

CONSIDERAÇÃO IX.

O VERBO ETERNO DE SUBLIME SE FEZ HUMILDE.

*Discite a me, quia mitis sum
et humilis corde.*

Aprendei de mim, que eu sou manso
e humilde de coração (Mt 11,29).

O orgulho foi a causa da queda de nossos primeiros pais; estes, por não quererem submeter-se à lei divina, perderam a si mesmos e todo o gênero humano. Para reparar tão grande desgraça, o Deus de misericórdia quis que seu Filho unigênito se humilhasse ao ponto de assumir a natureza humana, e que pelo exemplo de sua vida nos movesse a amar a santa humildade e a detestar o orgulho que nos torna odiosos aos homens e a Deus. Eis por que S. Bernardo hoje nos convida a visitar a gruta de Belém; lá encontraremos, diz ele, o que admirar, o que amar, e o que imitar.

Sim, nessa gruta achamos primeiro o que admirar. Que vejo? um Deus num estábulo! um Deus sobre a palha! Ó prodígio! esse Deus onipotente que Isaías viu sentado num trono de glória e majestade no mais alto os céus; onde o vemos agora repousar? num presépio! e desconhecido, abandonado, sem outros cortesãos que dois animais e alguns pobres pastores!

Lá encontramos também um objeto digno de nossos afetos: um Deus, o Bem infinito que quis aviltar-se ao ponto de mostrar-se ao mundo como pobre criança, e isso a fim de se

fazer mais amável, mais caro aos nossos corações: “Quanto mais Ele se humilha por mim, diz ainda S. Bernardo, tanto mais eu o amo”.

Lá encontramos enfim um modelo a seguir. O Altíssimo, o Rei do céu reduzido ao estado mais humilde! uma criancinha em extrema indigência; nessa gruta em que acaba de nascer quer começar a ensinar-nos com seu exemplo, continua o mesmo Santo, aquilo que mais tarde nos ensinará dizendo: *Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*. Peça-mos a Jesus e Maria nos iluminem.

I.

Quem não sabe que Deus é incomparavelmente o primeiro, o mais nobre de todos os seres, do qual depende toda a nobreza? Ele é de infinita grandeza. E independente; não recebeu de ninguém a sua grandeza, mas a possui em si mesmo. É o Senhor do universo; todas as criaturas lhe obedecem. O Apóstolo tinha pois razão de dizer: *A Deus pertence toda a honra e glória*. Para curar o homem do vício do orgulho e remediar a desgraça em que o orgulho o havia precipitado, esse grande Deus dignou-se dar-lhe o exemplo da humildade, assim como para desapegá-lo dos bens terrenos lhe deu, como vimos na consideração precedente, o exemplo da pobreza.

O primeiro e o maior exemplo de humildade da parte do Verbo eterno foi de se fazer homem e revestir-se da nossa natureza e de nossas misérias. “Quem veste roupa de outrem, diz Cassiano, oculta-se sob essa roupa; assim Jesus Cristo ocultou sua natureza divina sob a humilde veste da carne humana”. “Ó maravilha, exclama S. Bernardo, a Majestade se uniu à lama, o poder à fraqueza, o que há de mais sublime ao que há de mais baixo! E maravilha mais estupenda ainda, não contente de se fazer criatura, esse Deus quis ainda parecer pecador revestin-

do-se, segundo a palavra do Apóstolo, duma carne semelhante à nossa carne pecadora”.

Mas o Filho de Deus não se contentou de tomar a natureza humana e de parecer pecador; quis escolher o gênero de vida mais humilde e mais baixo que há entre os homens, de sorte que Isaías o chama o *último dos mortais*. Jeremias havia predito que Ele seria saturado de ignomínias; e Davi, que Ele se tornaria o *opróbrio dos homens e a abjeção da plebe*. Eis por que Jesus Cristo quis nascer do modo mais abjeto que se possa imaginar: quis nascer num estábulo. Que vergonha para um homem, embora pobre, nascer num estábulo! Quais são os seres que nascer nos estábulos? Os pobres vem ao mundo em seus casebres, pelo menos numa esteira, e não num estábulo. Em estábulos só nascem os animais, os vermes; e como um verme quis nascer na terra o Filho de Deus: *Sou um verme*, diz Ele, *e não um homem*. Sim, observa S. Agostinho, assim quis nascer o Rei do universo para nesse mesmo abaixamento mostrar-nos a sua grandeza e o seu poder, fazendo com seu exemplo amarem a humildade os homens naturalmente cheios de orgulho.

Quando os anjos anunciaram aos pastores o nascimento do Messias, os sinais que deram para o acharem e reconhecerem foram outros tantos sinais de humildade: Achareis num estábulo, disseram, uma criança envolta em panos e reclinada num presépio sobre a palha; eis o vosso Salvador. Eis como se faz reconhecer um Deus que vem à terra abater o orgulho.

A vida de Jesus exilado no Egito corresponde aos seu nascimento. Que era ele aos olhos daqueles bárbaros todo o tempo que se demorou entre eles, senão um estrangeiro, um desconhecido, um indigente? Quem o conhecia? quem lhe prestava atenção?

Após a sua volta à Judéia, a sua vida pouco se diferenciou da que levou no Egito. Viveu até aos trinta anos na oficina dum pobre artífice, que todos consideravam como seu pai; lá exercia

o ofício dum simples operário, sempre pobre, obscuro e desprezado. Na santa Família não havia servos nem servas, observa S. João Crisóstomo. O único servo que havia na casa era o Filho de Deus, que quisera fazer-se filho do homem, isto é, de Maria, para ser um humilde servidor e como tal obedecer a um homem e a uma mulher: S. Lucas atesta que *Ele lhes era submisso*.

Após esses trinta anos de vida oculta, chegou enfim o tempo em que nosso Salvador tinha de mostrar-se em público, e cumprir sua divina missão pregando-nos sua celeste doutrina; desde então já não podia deixar de se manifestar tal qual era, o verdadeiro Filho de Deus. Mas, ah! quantos eram os que o reconheciam e lhe prestavam a honra que merecia? exceto um pequeno número de pessoas que o seguiram e se tornaram seus discípulos, todos os outros, longe de o honrarem, o desprezaram como homem vil e impostor. Ah! foi sobretudo então que se verificou a profecia de S. Simeão: *Ele será alvo de contradição*. — Jesus Cristo foi contradito e desprezado em tudo: foi desprezado em sua doutrina; tendo-se declarado o Filho de Deus, foi taxado de blasfemo pelo ímpio Caifás, e, como tal, julgado digno de morte. Foi desprezado em sua sabedoria sendo considerado como louco: *Ele perdeu o juízo*, diziam seus inimigos, *por que o ouvis?* Foi desprezado em sua conduta e tratado de glutão, de embriagado e de amigo de gente de má vida; de mágico em comércio com os demônios; de Samaritano, isto é, de herege e de demoníaco: *Não temos razão de dizer que és um Samaritano e um possesso do demônio?* Foi enfim tratado de sedutor e considerado, numa palavra, como um criminoso tão notório digno de ser condenado sem processo: *Se Ele não fosse um malfeitor*, diziam os judeus, *não vo-lo teríamos entregue*.

Chegado ao fim da sua vida e à sua dolorosa Paixão, quantos novos ultrajes e humilhações não teve de suportar o divino Salvador! Foi traído e vendido por um dos seus discípu-

los por trinta dinheiros, quantia inferior à dum vil animal. Foi renegado por um outro discípulo. Foi arrastado pelas ruas de Jerusalém, amarrado como um malfeitor e abandonado de todos, mesmo dos poucos discípulos que lhe restavam. Foi indignamente flagelado como um vil escravo. Foi esbofeteado em público. Foi tratado como um idiota por Herodes, que vendo que Ele nada respondia e não se defendia, o cobriu duma veste branca, querendo com isso fazê-lo passar por um ignorante, diz S. Boaventura. Foi tratado como rei de teatro: puseram-lhe na mão por cetro uma cana grosseira; sobre os ombros um pedaço de pano rubro à moda de púrpura; e sobre a fronte um feixe de espinhos em lugar de coroa; e depois escarnecendo-o o saudavam, dobravam o joelho diante dele por escárnio dizendo: *Salve, rei dos judeus!* e carregavam-no de escarros e golpes.

Nosso Senhor quis enfim morrer por nós, e de que morte? da morte mais ignominiosa, que é o suplício da cruz: *Ele se humilhou e se fez obediente até a morte, até a morte da cruz.* Eram crucificados os que eram considerados como os mais vis e odiosos facínoras; os seus nomes eram para sempre amaldiçoados e votados à infâmia. A lei de Moisés dizia: *Maldito todo aquele que pende no madeiro.* Daí a palavra de S. Paulo: *O Cristo se fez maldição por nós;* o que S. Atanásio explica com as palavras: “Jesus quis tomar sobre si essa maldição para salvar-nos da maldição eterna”. “Mas, Senhor, exclama aqui S. Tomás de Vilanova, que é da vossa glória, da vossa majestade nesse excesso de ignomínia? Não procureis a glória e a majestade em Jesus Cristo, responde ele: Ele veio para dar-nos o exemplo da humildade e manifestar o amor que tem aos homens; a esse amor o pôs, em certo sentido, fora de si mesmo”.

II.

Os pagãos contavam que, por amizade, Hércules havia limpado as estrebarias de Augias, e Apolo, guardado os rebanhos de Admeto: puras ficções, mas é de fé que, por amor dos homens, Jesus Cristo, verdadeiro Filho de Deus se humilhou a nascer num estábulo, a levar uma vida pobre e desprezada, e a morrer num patíbulo infame. — Ó força de amor divino! exclama S. Bernardo; o maior de todos fez-se o último, o mais humilde de todos! E qual o móvel desse prodigioso abaixamento? O amor, esquecido de sua dignidade, em se tratando de ganhar o afeto da pessoa amada. Assim, concluiu o Santo, Deus, a quem ninguém pode vencer, foi vencido pelo amor, pois que o amor o moveu a fazer-se homem e a imolar-se por nós num oceano de dores e opróbrios. O Verbo divino, a grandeza personificada, humilhou-se até se aniquilar em certo sentido, para mostrar ao homem o amor que lhe tinha.

E de fato, observa S. Gregório de Nazianzo, Deus não podia melhor manifestar o seu amor por nós do que humilhando-se ao ponto de abraçar as maiores misérias e as mais profundas humilhações que os homens podem padecer sobre a terra. E Ricardo de S. Vítor ajunta que, tendo o homem possuído a audácia de ofender a majestade divina, “o seu crime devia ser expiado pela extrema humilhação duma suprema grandeza”. Mas, replica S. Bernardo, na medida que Deus se humilhou por nós, se mostrou grande em bondade e em amor.

Depois que um Deus se humilhou tanto por amor do homem, repugnará ainda ao homem humilhar-se por amor de Deus? *Sejam os vossos sentimentos conformes aos de Jesus Cristo*, nos diz o apóstolo. Não merece o nome de cristão quem não é humilde e não procura imitar nisso a Jesus Cristo, que, como observa S. Agostinho, veio ao mundo todo revestido de humildade, precisamente a fim de abater o orgulho. O orgulho do homem, ajunta o Santo Doutor, é a doença que fez descer do céu o divino Médico, o saturou de ignomínias e o cravou na cruz. Envergonhe-se pois o homem de ser orgulhoso ao menos

à vista dum Deus que tanto se humilhou para curá-lo do orgulho”. S. Pedro Damiano exprime mais ou menos o mesmo pensamento nestes termos: “Nosso Senhor abaixou-se a fim de nos elevar”, isto é, de nos retirar da lama dos nossos pecados, e de nos colocar com seus anjos no seu reino eterno, segundo as palavras do Salmista: *Levanta do pó da terra o desvalido, e tira da imundície o pobre para o colocar com os príncipes, com os príncipes do seu povo.* De sorte que, como ajunta S. Hilário, humilhando-se Ele nos enobreceu. “Ó imensidade do amor dum Deus para com a humanidade! exclama S. Agostinho; Ele vem carregar-se de opróbrios para nos fazer participantes de suas honras; vem entregar-se às dores para operar a nossa salvação; vem padecer a morte para nos reconduzir à vida!”

Escolhendo um nascimento tão humilde, uma vida tão desprezada e uma morte tão ignominiosa, Jesus Cristo tornou nobres e amáveis os despezos e os opróbrios. Eis por que todos os Santos neste mundo foram tão amantes e até tão ávidos das ignomínias que pareciam não saber desejar e procurar outra coisa que ser humilhados e espezinhados pelo amor de Jesus Cristo. A aparição do Verbo sobre a terra cumpriu exatamente a predição de Isaías: *Nas cavernas em que antes habitavam os dragões, nascerá a verdura da cana e do junco,* isto é, segundo o comentário do Cardeal Hugo, o exemplo da humildade de Jesus Cristo faria nascer o espírito de humildade lá onde até então reinaram os demônios, que são espíritos de orgulho. E de fato, assim como a cana é vazia por dentro, os humildes são vazios a seus próprios olhos; em oposição aos soberbos, que são cheios de si, eles estão persuadidos, como é verdade, que tudo o que eles têm é um dom de Deus.

Daí podemos inferir quanto Deus ama uma alma humilde e detesta um coração soberbo. Mas é possível, exclama S. Bernardo, que haja ainda orgulhosos sobre a terra depois dos exemplos dados por Jesus Cristo, e que “o vermezinho se eleve quando a majestade infinita se aniquilou?” Sim, repitamo-lo: é

possível que um verme da terra manchado de pecados persista no seu orgulho depois de ver um Deus de majestade e pureza infinitas humilhar-se tão profundamente para ensinar-lhe a ser humilde!

De resto, estejamos persuadidos que os orgulhosos não podem estar bem com Deus. Ouçamos o conselho de Santo Agostinho: “Quando vos elevais, Deus foge de vós; quando vos humilhais, Deus desce para vós”. O Senhor afasta-se pois dos orgulhosos; mas, ao contrário, um coração que se humilha, embora em pecado, não deve temer ser desprezado: *Não desprezareis, ó Deus, um coração contrito e humilhado*, cantava o Salmista. Ele prometeu atender a quem lhe pede: *Pedi e dar-se-vos-á..., pois quem pede recebe*; mas protesta pela boca de S. Tiago que não pode atender os soberbos: *Deus resiste às preces dos orgulhosos*, e não os ouve, ao passo que *aos humildes dá a sua graça*; não sabe negar-lhes nenhuma graça que lhe pedem. — S. Teresa dizia que Deus lhe concedia as maiores graças quando ela mais se humilhava em sua presença. A oração dum coração que se humilha penetra o céu, diz o Espírito Santo, sem ter necessidade de ser lá introduzida, e não se retira sem haver recebido de Deus o que reclama.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Jesus desprezado, com o vosso exemplo tornastes caros e amáveis os desprezos aos que vos amam. Contudo, pois, em vez de recebê-los com alegria, como o fizestes, eu me tenho orgulhosamente revoltado contra os que me desprezavam e cheguei a ofender vossa majestade infinita? Fui a um tempo pecador e soberbo! Ah! Senhor, compreendo: não tenho sabido aceitar as afrontas com paciência, porque não soube amar-vos: se vos amasse, tê-los-ia achado doces e agradáveis. Mas já que prometeis o perdão a quem se arrepende, detesto do fundo da alma as desordens da minha vida, que tem sido

tão diferente da vossa. Mas quero emendar-me e vos prometo de sofrer doravante todos os desprezos que me forem feitos, por vosso amor, ó meu Jesus que fostes tão desprezado por amor de mim. Sei que as humilhações são minas preciosas que abris às almas para enriquecê-las de tesouros eternos. Ah! bem mereço eu outras humilhações e outros desprezos, eu que desprezei a vossa graça: mereço ser calcado aos pés dos demônios! Mas o vosso sangue é a minha esperança. Quero mudar de vida, não quero mais ofender-vos; doravante só quero procurar o vosso beneplácito. Mereci mais vezes ser lançado nas chamas do inferno; vós que até agora me tendes esperado e perdoado, como espero, fazei que em vez de arder naquele horrível fogo, eu arda no doce fogo do vosso santo amor. Ó meu amor, não quero mais viver sem vos amar. Ajudai-me, não permitais que eu viva na ingratidão para convosco, como o fiz no passado. De hoje em diante quero amar a vós só; quero que meu coração só a vós pertença. Tomai posse dele e guardai-o eternamente, de sorte que eu seja sempre vosso e que sejais sempre meu, que eu vos ame sempre e que vós sempre me ameis. Sim, ó Deus infinitamente amável, assim o espero, sempre vos amarei, e vós me amareis sempre. Creio em vós, bondade infinita; espero em vós, bondade infinita; amo-vos, bondade infinita, amo-vos e não cessareis jamais de dizer-vos: Amo-vos, amo-vos, amo-vos; e porque vos amo estou resolvido a fazer quanto possa para comprazer-vos. Disponde de mim como vos aprouver. Basta que me deis a graça de amar-vos, e farei de mim o que quiserdes. O vosso amor é e será sempre o meu único amor, o meu único bem.

Maria, minha esperança, Mãe do belo amor, ajudai-me a amar muito e sempre o meu Deus infinitamente amável.

CONSIDERAÇÃO X.

DO NASCIMENTO DE JESUS CRISTO.

PARA A NOITE DE NATAL.

*Evangelizo vobis gaudium magnum...,
quia natus est vobis hodie Salvator.*

Anuncio-vos uma grande alegria;
nasceu-vos hoje um Salvador (Lc 2,10).

Anuncio-vos uma grande alegria. Eis o que disse o anjo aos pastores de Belém, e eis também o que vos tenho dizer hoje, almas fiéis: Trago-vos uma nova de grande alegria. E que nova de maior alegria pode dar-se a pobres exilados, condenados à morte, do que a da vinda do Salvador, que quer não só livrá-los da morte, mas também obter a sua entrada na pátria? essa é precisamente a nova que vos trago: *Nasceu-vos hoje um Salvador.* Nesta noite nasceu Jesus Cristo, e nasceu por vós, a fim de vos livrar da morte eterna e de vos abrir o céu, vossa pátria, donde vos tinham banido os vossos pecados.

Mas a fim de que o reconhecimento para com esse Redentor recém-nascido vos decida a amá-lo doravante, permiti vos ponha ante os olhos as circunstâncias desse acontecimento, dizendo-vos onde nasceu, como nasceu, e onde se acha esta noite; podereis então vir lançar-vos a seus pés e agradecer-lhe tão grande benefício e tanto amor. Mas antes peçamos a Jesus e Maria nos iluminem.

I.

Permiti que antes vos historie em poucas palavras o nascimento desse Rei do universo, que desceu do céu para a vossa salvação.

Otávio Augusto, imperador romano, querendo conhecer as forças de seu império, mandou fazer um recenseamento geral de todos os seus súditos. Para esse fim prescreveu a todos os governadores, e entre outros a Cirino, na Judéia, obrigassem os habitantes de suas respectivas províncias a se fazerem inscrever cada um em seu lugar de origem e a pagarem ao mesmo tempo um tributo em sinal de sujeição. É o que atesta S. Lucas. Publicada que foi essa ordem, José obedeceu prontamente e sem esperar o parto de sua santa Esposa, o qual estava próximo. Obedeceu logo e se pôs a caminho com Maria, que levava em seu casto seio o Verbo encarnado, para se inscrever na cidade de Belém. A viagem foi longa; pois, segundo os autores, a distância era de noventa milhas, isto é, de quatro dias; foi além disso bem penosa porque foi preciso atravessar uma região montanhosa, os caminhos eram maus, era na estação dos ventos, chuvas e frio.

Quando um rei entra pela primeira vez numa cidade de seu reino, quantas honras não lhe prestam! quantos arcos de triunfo, quantos aparatos de todo o gênero! Prepara-te, pois, ó ditosa Belém! prepara-te para receber dignamente o teu Rei: o profeta Miquéias te anuncia que Ele vai visitar-te, esse grande Rei, que é o soberano Senhor, não só da Judéia, mas do mundo inteiro. Saibas, diz-te o profeta, que entre todas as cidades do universo, tu és a cidade afortunada que se escolheu para lugar de seu nascimento o Rei do céu vindo à terra para reinar não sobre a Judéia, mas sobre todos os corações dos homens na Judéia e em todos os lugares: *E tu Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá; mas de ti é que há de sair aquele que há de reinar em Israel.*

Mas eis que chegou a Belém dois pobres peregrinos José e Maria que leva em seu seio o Salvador do mundo. Entram na

cidade e apresentam-se ao oficial imperial para pagar o tributo e se inscrever na lista dos vassallos de César, lista em que amanhã será inscrito também o nome do filho de Maria, Jesus Cristo, que é o senhor de César e de todos os príncipes da terra. Mas quem os reconheceu? quem lhes foi ao encontro para honrá-los? quem os saudou? quem os acolheu? Ah! *veio para o que era seu, e os seus não o receberam.* Vão eles como pobres, e como tais são desprezados; tratam-nos pior do que os outros pobres, todos os repelem. Por que? porque, como diz S. Lucas, *enquanto lá estavam, chegou o momento em que Maria devia dar à luz.* Foi naquele lugar e durante aquela noite que o Verbo encarnado quis nascer e tornar-se visível neste mundo; Maria o sabia e disso avisou seu casto esposo. José apressou-se a encontrar hospedagem conveniente em qualquer casa particular, a fim de não ser obrigado a conduzir a jovem Maria ao hotel, que não era lugar decente para uma jovem que ia dar à luz, tanto mais porque ele estava repleto de viajantes. Mas não achou ninguém que se dignasse ouvi-lo; mas de um, sem dúvida, o taxaram de imprudente por levar consigo sua esposa no estado em que se achava, e isso durante a noite e no meio de tão grande afluência de povo. Enfim, para não passar a noite na rua, foram constrangidos a apresentar-se na hospedaria; mas, ah! ela estava lá invadida por uma multidão de pobres que nela se refugiaram; forçaram-nos a retirar-se dizendo que *não havia lugar para eles.* Havia lugar para todos, mesmo para os mais pobres, só não para Jesus Cristo!

Essa hospedaria é a figura de tantos corações ingratos que se abrem a uma multidão de miseráveis criaturas e permanecem fechados para Deus. Quantos amam seus pais, seus amigos e até os animais e não amam a Jesus Cristo e não fazem caso de sua graça nem de seu amor! A SS. Virgem disse um dia a uma alma devota: “Foi por disposição particular de Deus que não houve hospedagem entre os homens nem para mim nem para meu Filho; foi a fim de que as almas amantes

oferecessem um asilo a Jesus e o convidassem com ternura a habitar em seus corações”.

Prossigamos a nossa narração. Vendo-se assim repellidos de todas as partes, José e Maria saíram da cidade para procurar ao menos algum abrigo fora de seus muros. Caminham ao escuro, giram, espiam; finalmente divisam uma gruta cavada na montanha abaixo da cidade. Segundo Barradas, Beda e Brocardo, foi esse o lugar em que nasceu Jesus Cristo: era uma escavação feita no rochedo, separada da cidade, uma espécie de caverna que servia de abrigo aos animais. — Meu caro José, disse então Maria, não é preciso ir mais longe; entremos nesta gruta e fiquemos aqui. — Mas como? respondeu então José; minha cara esposa, não vês que a gruta é aberta, fria e úmida, que a água escorre de todos os lados? Não vês que isto é um estábulo e não habitação para homens? Como queres aqui ficar a noite inteira e aqui dar à luz o teu divino Filho? — E não obstante, é verdade, replicou Maria, que este estábulo é o palácio em que o Filho eterno de Deus resolveu nascer.

Oh! que terão dito os anos vendo entrar a Mãe de Deus nessa gruta para lá dar à luz o Rei dos reis? Os príncipes da terra nascem em aposentos resplandecentes de ouro; preparam-lhes berços enriquecidos de pedrarias, de panos do linho mais fino, e são rodeados dos primeiros senhores do reino. Mas o Rei do céu vem ao mundo num estábulo frio e sem lume, só tem trapos pobres para se cobrir, e um miserável presépio com um pouco de palha para repousar seus membros! — Onde está a sua corte? pergunta S. Bernardo; onde está o seu trono? Lá não vejo senão dois animais para lhe fazerem companhia, e a sua manjedoura para lhe servir de berço. — Ó gruta ditosa, que tiveste a ventura de ver nascer o verbo divino! Ó venturoso presépio, que tiveste a honra de receber o Senhor do universo! Ó palha afortunada, que serviste de leite àquele que repousa sobre as asas dos Serafins! Ah! ao considerarmos como Jesus quis nascer no meio de nós, deveríamos todos

abrasar-nos de amor; ao ouvirmos os nomes: gruta, presépio, palha, leito, vagido, deveríamos, recordando-nos do nascimento de nosso Redentor, sentir os corações traspassados como de setas inflamadas. Sim, fostes felizes, ó gruta, ó presépio, ó palha! porém bem mais felizes são os corações que amam com fervor e ternura esse doce e amável Salvador, e que, inflamados de amor, o recebem na santa comunhão! Oh! com que desejo e contentamento vem Jesus repousar num coração que o ama!

II.

Apenas entrada na gruta, Maria se põe em oração; e tendo chegado a hora do nascimento do Salvador, desata os cabelos em sinal de respeito, e os derrama sobre os ombros. De repente vê uma grande luz; o seu coração exulta de gáudio celeste; abaixa os olhos, e, ó céu! que vê? vê sobre o solo uma criancinha, tão bela, tão amável, que arrebatava; mas ele treme, estende as mãos para sua Mãe indicando que quer que Ela o tome em seus braços, segundo o que foi revelado a S. Brígida. Maria chama a José dizendo: “Vem ver o Filho de Deus que acaba de nascer”. José vem logo, e, vendo a Jesus pela primeira vez, adora-o derramando um rio de doces lágrimas. Em seguida a SS. Virgem toma com respeito seu caro Filho, conserva-o em seus braços com uma alegria misturada de terna compaixão, e põe-se a acalentá-lo, apertando-o contra o seu seio e cobrindo-o de seus beijos maternais. Considerai a devoção, a ternura, o amor que encheram o coração de Maria quando ela viu em seus braços, em seu regaço, o Senhor do universo, o Filho do Padre eterno, o qual quis também fazer-se filho dela, e que entre todas as mulheres a havia escolhido por Mãe. Ela o adora como seu Deus; beija-lhe os pés como a seu Rei, e as faces como a seu filho. Em seguida procura cobri-lo e enfaixá-lo; mas, ah! como são grosseiros e rudes aqueles pobres panos!

ademais são frios, são úmidos; e nessa gruta não há fogo para aquecê-los.

Vinde, reis, imperadores; vinde todos vós, poderosos da terra! vinde homenagear o vosso supremo Senhor, que por amor de vós quis nascer tão pobre nessa caverna. — Mas não vejo ninguém apresentar-se! Não, ninguém: o Filho de Deus veio ao mundo, e o mundo não o quis conhecer.

Mas se não vêm os homens, vêm os anjos prosternar-se aos pés de seu soberano Senhor; o Padre eterno assim o ordenou para honrar seu divino Filho: *Adorem-no todos os anjos de Deus*, exclama o Salmista. Eles vêm em grande número e, louvando o Senhor, cantam em transportes de alegria: *Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade*. Sim, glória à divina misericórdia, que quer que o Senhor, em vez de punir os homens rebeldes, tome sobre si a pena de seus pecados, e que os salve! Glória à divina sabedoria, que achou o meio de satisfazer à justiça e libertar o homem da morte por ele merecida! Glória ao poder divino, que tão admiravelmente triunfou do inferno! Suportando a pobreza, as dores, os desprezos e a morte, o Verbo eterno conquistou os corações de maneira tal que, ardendo em desejo de conhecer o seu amor, uma multidão de jovens dos dois sexos, de nobres personagens e até de príncipes, abandonou por Ele honras, riquezas e todas as coisas não excetuando a vida. Glória enfim ao divino amor, que moveu um Deus a fazer-se criança, pobre, humilde, a levar vida penosa e a sofrer morte cruel para mostrar aos homens o afeto que lhes tinha, e para ganhar o seu amor!

Nesse estábulo, diz S. Lourenço Justiniano, vemos a majestade divina como que aniquilada; vemos um Deus que é a sabedoria personificada levando o amor aos homens, por assim dizer, até a loucura.

III.

E agora Maria convida todos os homens, nobres e plebeus, ricos e pobres, santos e pecadores, a entrarem na gruta de Belém, a adorarem seu divino Filho e a lhe beijarem os pés. — Entrai, pois, almas cristãs, vinde ver sobre a palha o Criador do céu e da terra sob a forma duma criancinha, dum menino resplandecente de beleza e de brilhante luz. Agora que Ele nasceu na gruta e que está reclinado sobre palha, esse lugar já nada tem de repelente, mas tornou-se um paraíso. Entremos e não temamos.

Jesus nasceu para todos, para quem o deseja. *Eu sou*, diz Ele nos Cânticos, *eu sou a flor dos campos e o lírio dos vales*. Ele se diz *Lírio dos vales*, para nos dar e entender que, tendo Ele nascido tão pobre, só os humildes o podem achar. Eis porque o anjo não anunciou o seu nascimento a César ou a Herodes, mas a pobres e humildes pastores. De resto, segundo o comentário do Cardeal Hugo, Ele se diz *Flor dos campos*, porque é acessível a todos. As flores dos jardins são reservadas a seu dono; não é permitido a todos colhê-las nem mesmo vê-las; os muros que as cercam, a isso se opõem. As flores dos campos, ao contrário, são expostas à vista de todos os transeuntes, e cada um as pode colher: assim Jesus quis estar ao alcance de todos que o desejam achar.

Entremos; a porta está aberta e, acrescenta S. João Crisóstomo, “não há guarda para dizer: Não é hora”. Os reis da terra fecham-se em seus palácios, e esses palácios são rodeados de soldados; não é fácil chegar-se a eles: quem lhes quer falar tem de suportar aborrecimentos: Venha em outra ocasião, agora não há audiência. Jesus Cristo não é assim: fica naquela gruta, e sob a forma duma criança para atrair docemente todos os que se apresentam; a gruta está aberta, sem guardas e sem portas, de sorte que cada um pode entrar à vontade e

em qualquer tempo para ver esse Rei-menino, falar-lhe e até abraçá-lo, se o ama e deseja.

Entrai, pois, almas cristãs, vinde ver no presépio sobre palhas esse tenro Menino que chora. Vêde como é belo; vêde que luz irradia, que amor respira; seus olhos enviam setas de fogo aos corações que o desejam; seus vagidos são chamadas para toda a alma que o ama; “o estábulo e o presépio, diz S. Bernardo, vos clamam que ameis aquele que tanto vos amou”. Amai um Deus que é digno de amor infinito e que desceu dos céus, se fez menino, se fez pobre, para vos mostrar seu amor e ganhar o vosso por seus sofrimentos.

Se lhe perguntardes: Ah! Menino encantador! dizei-me, de quem sois Filho? — Ele responderá: “Minha Mãe é essa Virgem toda bela e toda pura que está perto de mim. — E quem é o vosso Pai? — Meu Pai é Deus. — E como! vós sois o Filho de Deus, e nasceis em tanta pobreza e humilhação? quem poderá jamais reconhecer-vos? que caso farão de vós? — Não, responde Jesus, a santa fé me fará conhecer pelo que sou, e me fará amar pelas almas que vim resgatar da morte e inflamar de amor. Não vim para ser temido, mas amado; e se é como criança pobre e humilde que me mostro aos vossos olhos pela primeira vez, é para que me ameis mais, vendo a que humilhação me reduziu o amor que vos tenho. — Mas, dizei-me, amável Menino, porque girais assim os vossos olhos ao redor de vós? que estão olhando? Ouço-vos suspirar! dizei-me: porque suspirais? Ó Deus, vejo-vos chorar! dizei-me: porque chorais? — Ah! me responde Jesus, olho ao redor de mim, para ver se encontro uma alma que me deseje. Suspiro, porque quisera ver ao meu lado um coração ardente de amor por mim, como eu ardo de amor por ele. Choro, sim, e eis porque choro: porque não vejo, ou vejo bem poucas almas e corações que me procuram e que me querem amar!

Exortação para o beijamento dos pés do divino Menino em uso em algumas igrejas.

Levantai-vos, almas fiéis; Jesus vos convida esta noite a virdes lhe beijar os pés. Os pastores que o foram visitar no estábulo de Belém levaram-lhe seus presentes; é preciso que lhe ofereçais também os vossos. Mas que lhe ides oferecer? Escutai-me: o mais agradável presente que possais oferecer a Jesus, é um coração arrependido e amante. Eis, pois, os sentimentos que cada um lhe deve exprimir:

Afetos e Súplicas.

Vendo-me manchado de tantos pecados, não teria a ousadia de aproximar-me de vós, Senhor, se me não convidásseis com tanta bondade; mas já que me chamais tão amorosamente, não quero recusar o favor que me fazeis. Não, não quero acrescentar às minhas faltas esta nova ingratidão para convosco; depois de vos haver tantas vezes voltado as costas, não quero por falta de confiança resistir a um apelo tão doce, tão gracioso. Mas sabeis que sou extremamente pobre; nada tenho para vos oferecer. Não tenho outra coisa que o meu miserável coração, que venho trazer-vos. É verdade que vos ofendi outrora, mas hoje me arrependo, e vo-lo ofereço arrependido. Sim, adorável Menino, arrependo-me de vos haver contristado. Eu o confesso, sou o bárbaro, o traidor, o ingrato, que vos causou tantas dores e vos fez derramar tantas lágrimas no estábulo de Belém; mas as vossas lágrimas são a minha esperança. Sou um pecador indigno de perdão; mas tenho a vós que, sendo Deus, vos fizestes menino para perdoar-me. Ó Pai eterno, se mereço o inferno, olhai para as lágrimas que vosso Filho inocente derrama para me obter misericórdia. Não recusais nada às preces de Jesus Cristo; atendei-o pois que implora de vós o meu perdão nesta noite, que é uma noite de alegria, uma noite

de salvação, uma noite de perdão. — Ah! caro Menino, meu Jesus, espero de vós o perdão; mas não me basta o perdão dos meus pecados: nesta noite concedei grandes graças às almas; eu também desejo uma grande graça que deveis fazer-me, a graça de vos amar. Agora que estou arrependido aos vossos pés, abrasai-me todo de vosso santo amor, e prendeime a vós; mas prendeime de tal forma que me não possa mais separar de vós. Amo-vos, ó meu Deus feito menino por mim, mas amo-vos pouco; quero amar-vos muito, a vós compete fazer que assim seja. Venho beijar-vos os pés e trazer-vos meu coração; eu vo-lo entrego, não o quero mais. Transformai-o e guardai-o para sempre. Não mo deis mais, pois se o puserdes em minhas mãos, temo que vos torne a trair.

SS. Virgem Maria, vós que sois a Mãe desse divino Menino, sois também a minha Mãe: em vossas mãos deposito meu pobre coração, apresentai-o a Jesus. Se vós lho apresentardes, Ele o não rejeitará. Apresentai, pois, meu coração a Jesus, ó minha Mãe, e pedi que o aceite.

CONSIDERAÇÃO X.

DO NOME DE JESUS.

Vocatum est nomen ejus Jesus.
Deram-lhe o nome de Jesus.

O grande nome de Jesus não é de invenção humana; foi o Padre eterno que o deu a seu divino Filho, diz S. Bernardino de Sena. *É um nome novo e saído dos lábios do Senhor*, segundo o profeta, um nome que só Deus podia dar Àquele que destinara para Salvador do mundo. É um nome a um tempo novo e eterno porque, como a redenção foi decretada desde a eternidade, assim o nome do Redentor Ihe foi assinalado desde a

eternidade. Entretanto na terra o nome de Jesus só foi imposto a Nosso Senhor no dia da circuncisão: *Depois que se completaram os oito dias para ser circuncidado o Menino, foi-lhe dado o nome de JESUS*, diz Lucas. Deus quis então recompensar a humildade de seu Filho, dando-lhe esse nome glorioso. Sim, enquanto Jesus se humilha sujeitando-se com a circuncisão a receber a marca dos pecadores, é justo que seu Pai o glorifique dando-lhe um nome que, como se exprime S. Paulo, sobrepuja em dignidade e grandeza todos os outros nomes. E manda que esse nome seja adorado pelos anjos, pelos homens e pelos demônios, ou, para nos servirmos das expressões do mesmo Apóstolo, Deus quer que *ao nome de Jesus se curve todo o joelho no céu, na terra e no inferno*.

Se todas as criaturas adoram esse grande nome, nós, pecadores, muito mais do que os outros, somos obrigados a adorá-lo, porque por nosso amor é que o Filho de Deus leva esse nome de Jesus, que significa Salvador; é para salvar os pecadores, como canta a Igreja, que Ele desceu do céu e se fez homem. Devemos adorá-lo, e ao mesmo tempo render graças a Deus por haver dado a Nosso Senhor, para o nosso bem, esse nome que *nos consola, nos defende, e nos inflama*; três pontos que vamos tratar neste discurso, depois de pedir a Jesus e Maria as luzes de que temos necessidade.

I.

Em primeiro lugar, o nome de Jesus nos consola; em todas as penas basta-nos dizer: Jesus! para nos sentirmos aliviados. Quando recorremos a Jesus, Ele não pode deixar de consolar-nos: Ele quer consolar-nos porque nos ama, e Ele o pode, porque não é só homem mas também Deus todopoderoso; do contrário, esse grande nome de SALVADOR não lhe convidaria em toda verdade. O nome de Jesus supõe um poder infinito e ao mesmo tempo uma sabedoria e um amor

infinitos; se essas perfeições não se achassem reunidos em Jesus Cristo, Ele não poderia salvar-nos, como o disse S. Bernardo. Esse Santo diz ainda, falando da circuncisão: “Ele foi circuncidado como filho de Abraão; foi chamado Jesus como Filho de Deus”. Nosso Senhor está marcado, como homem, com o sinal dos pecadores, porque Ele se encarregou de satisfazer pelos pecadores, e desde o seu nascimento quer começar a expiar os pecados deles por seus sofrimentos e pela efusão de seu sangue; mas Ele é chamado Jesus, é chamado Salvador, como Filho de Deus, porque só a Deus compete salvar.

O nome de Jesus é chamado pelo Espírito Santo *óleo derramado*. E não sem razão, observa S. Bernardo: o óleo aclara, nutre e cura; assim o nome de Jesus. Em primeiro lugar é luz: aclara quando anunciado. Com efeito, pergunta o Santo, donde veio essa luz que a fé difundiu com tanta rapidez sobre a terra ao ponto de levar em pouco tempo grande número de gentios ao conhecimento e ao serviço do verdadeiro Deus? foi da pregação do nome de Jesus. É a esse nome que devemos a felicidade de sermos feitos filhos da verdadeira luz, isto é, filhos da Santa Igreja, tendo nascido no grêmio da Igreja Romana, em países cristãos e católicos: graça e sorte não concedidas à maior parte dos homens, que nascem entre os idólatras, maometanos ou hereges. — Além disso o nome de Jesus é um nutrimento que fortifica nossas almas, cada vez que nele pensamos. Enche de paz e consolação os fiéis, mesmo no meio das misérias e das perseguições que têm de sofrer sobre a terra. Sustentados pela virtude do nome de Jesus, os apóstolos exultavam de alegria no meio dos maus tratos e dos opróbrios: *Eles saíam da presença do conselho, contentes por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus*. — É, pois, uma luz e um nutrimento, e é também um remédio para os que o invocam. Demos a palavra a S. Bernardo: “Se uma alma está aflita ou atribulada, pronuncie o nome de Jesus; e

logo a tempestade fugirá e voltará a paz”. Se alguém tem a desgraça de cair no pecado e desespera do perdão, invoque esse nome de vida que logo sentirá a confiança do perdão; esse nome de Jesus o Pai eterno lho deu como Salvador precisamente para obter o perdão aos pecadores.

Se Judas, tentado de desespero, tivesse invocado o nome de Jesus, não teria sucumbido, afirma Eutímio. Ele acrescenta que um pecador, seja ele qual for, não cairá jamais no abismo do desespero, contanto que invoque esse santo nome que é nome de esperança e salvação.

Infelizmente os pecadores deixam de recorrer a esse remédio salutar, porque não querem sarar de suas enfermidades. Jesus Cristo está pronto a curar todas as nossas chagas; mas se alguém gosta de suas chagas e não deseja a cura, como poderá Jesus curá-lo? — A venerável Irmã Maria Crucifixa viu um dia Nosso Senhor como num hospital; as mãos cheias de remédios, ia dum doente a outro; mas em vez de lhe testemunharem reconhecimento e de chamarem-no, esses infelizes o repeliam. Assim fazem muitos pecadores: depois de se envenenarem voluntariamente pelo pecado, recusam a saúde, isto é, a graça que Jesus lhe oferece; ficam pois na sua miséria e se perdem.

Ao contrário, que temor pode ter um pecador que recorre a Jesus, pois que Jesus mesmo se oferece para obter de seu Pai o perdão aos culpados havendo já com a sua morte pago a pena que eles mereceram? “O ofendido fez-se nosso intercessor, diz S. Lourenço Justiniano; e Ele mesmo pagou o que lhe devíamos”. Alhures ele acrescenta: “Quando pois vos sentirdes acabrunhados pela enfermidade, atormentados pela dor, agitados pelo temor, chamai Jesus em vosso auxílio, e Ele vos consolará”. Aliás basta que peçamos a seu Pai em seu nome, para obtermos tudo quanto lhe pedirmos: essa promessa, repetida muitas vezes pelo próprio Jesus Cristo, não pode deixar de ser cumprida: *Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, Ele*

vo-lo dará. — Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei.

II.

Dissemos, em segundo lugar, que o nome de Jesus nos defende. Sim, nos protege contra as emboscadas e ataques de nossos inimigos. O Messias foi por Isaías chamado o Forte: *Fortis*; e o Sábio disse que o seu nome é uma torre fortíssima. Com isso nos dá a entender que quem se põe sob a proteção desse nome poderoso nada tem a temer dos assaltos do inferno.

Jesus Cristo, diz S. Paulo, *humilhou-se por obediência a seu Pai, ao ponto de morrer na cruz; eis por que Deus o exaltou.* “Com outras palavras, observa S. Anselmo, Nosso Senhor humilhou-se de tal forma, que não podia humilhar-se mais; e por isso o seu divino Pai, pelo mérito dessa humildade e obediência do Filho, o exaltou o mais que pôde”. E de fato, diz o apóstolo, o Padre eterno deu a seu Filho divino um nome acima de todo outro nome, um nome tão glorioso e poderoso, que é venerado pelo céu, porque nos pode obter todas as graças; nome poderoso na terra, porque pode salvar a todos os que o invocam devotamente; nome poderoso no inferno, porque espanta todos os demônios. Esse nome sagrado faz tremer os anjos rebeldes, porque, ao ouvi-lo, se lembram do Forte por excelência, que destruiu o império que exerciam violentamente sobre os homens. “Eles tremem, diz S. Pedro Crisólogo, porque são forçados a adorar esse nome toda a majestade de Deus”. Aliás nosso Salvador declarou que seus discípulos expulsariam os demônios em virtude de seu nome. E de fato, a Santa Igreja, em seus exorcismos, sempre se serve desse nome para expelir esses espíritos infernais dos possessos. E os sacerdotes que assistem aos moribundos, se servem do nome de Jesus para

libertar os enfermos dos mais terríveis assaltos que o inferno faz naqueles momentos da morte.

Leia-se a vida de S. Bernardino de Sena, e lá se verá quantos pecadores ele converteu, quantos abusos fez desaparecer, quantas cidades santificou, pregando aos povos a devoção ao nome de Jesus. Segundo a palavra de S. Pedro, o santo nome de Jesus é o único do qual, pela vontade divina, podemos esperar a salvação. Jesus Cristo não nos salvou apenas uma vez; Ele nos salva continuamente por seus méritos, livrando-nos do perigo de pecar todas as vezes que o invocamos com confiança; assim cumpre a promessa: *Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei*. Daí a animadora palavra de S. Paulo que *quem invocar o nome do Senhor, será salvo*.

Repito, pois, com S. Lourenço Justiniano: Em todas as vossas tentações, venham elas dos demônios ou dos homens que vos excitam ao pecado, chamai a Jesus em vosso auxílio, e triunfareis; e se as tentações continuarem a perseguir-vos, continuai a invocar Jesus, e não sucumbireis jamais. É um fato de experiência: as almas fiéis a essa santa prática permanecem firmes no combate e conquistam infalivelmente a vitória.

Ao nome de Jesus usamos sempre o de MARIA, que é igualmente terrível no inferno, e nada teremos a temer. “Jesus! Maria!” haverá oração mais curta, mais fácil de reter? ela não é menos poderosa para repelir todos os ataques dos inimigos da nossa salvação. Assim fala Tomás a Kempis.

III.

O nome de Jesus nos consola, pois, nas penas e nos preserva de todo o mal; além disso inflama de santo amor a todos os que pronunciam com devoção. O nome de Jesus, ou de Salvador, é um nome que por si mesmo exprime o amor, porque nos lembra, observa S. Bernardino de Sena, tudo o que o Filho de Deus fez e sofreu para operar a nossa salvação. Daí a

tocante exclamação dum piedoso autor: “Ó meu Jesus, quanto vos custou o serdes Jesus, isto é, meu Salvador!”

S. Mateus narra, falando da crucifixão de Nosso Senhor, que lhe puseram sobre a cabeça a inscrição: *Aqui está Jesus, o Rei dos Judeus*. O Padre eterno, pois, quis que na cruz em que morreu nosso Redentor, se lesse o nome de Jesus, isto é, de Salvador do mundo. Por essa inscrição Pilatos não pretendia declarar Jesus Cristo culpado por se arrogar o título de rei, como o acusavam os judeus, pois não se incomodou com a acusação, reconheceu a inocência dele e protestou não querer ter a parte na sua morte: *Eu sou inocente do sangue deste justo*. Por que então lhe dá o título de rei? Porque essa foi a vontade de Deus que nos quis com isso dizer: Ó homens, sabeis porque morre este inocente que é o meu Filho? morre porque é o vosso Salvador; morre, esse divino Pastor, e morre no madeiro infame para salvar a vós suas ovelhas.

Eis uma razão a mais por que nos Cânticos o nome do Senhor é chamado *óleo derramado*; esse nome, diz S. Bernardo, significa “a efusão da divindade”. Na obra da nossa redenção Deus levou o seu amor por nós até dar-se e comunicar-se a nós sem reserva: *Ele nos amou e entregou-se por nós*. Para poder comunicar-se a nós, tomou sobre si, diz Isaías, as penas que tínhamos de sofrer. Pelo quirógrafo que foi afixado à cruz quis Ele, diz S. Cirilo de Alexandria, apagar a sentença de morte lavrada contra nós pecadores. É precisamente isso que nos ensina o apóstolo com as palavras: *Cancelou o quirógrafo do decreto que nos era desfavorável, que era contra nós, e o aboliu inteiramente encravando-o na cruz*. Em fim nosso amoroso Redentor quis subtrair-nos à maldição que mereceramos, e por isso atirou sobre sua cabeça as maldições divinas, carregando-se de todos os nossos pecados: *Cristo remiu-nos da maldição da lei, feito ele mesmo maldição por nós*.

Assim, quando uma alma fiel pronuncia o nome de Jesus e se recorda do que o Senhor fez para salvá-la, é impossível que

não sinta o seu coração inflamar-se por Aquele que a amou tanto. “Quando dizemos ‘Jesus’, afirma S. Bernardo, devemos figurar-nos um homem manso, afável, compassivo, cheio de todas as virtudes; devemos ainda pensar que Ele é o nosso Deus e que, para curar-nos de nossas chagas, quis ser desprezado e maltratado até morrer de pura dor na cruz”. — “Seja-nos caro, ó cristão, exorta S. Anselmo, o belo nome de Jesus; Jesus esteja sempre em vosso coração; seja o único alimento de vossa alma e a vossa única consolação”. Ah! replica S. Bernardo, só quem experimentou pode compreender a doçura, as celestes delícias que se sentem, mesmo neste vale de lágrimas, quando se ama ternamente a Jesus.

*Expertus potest credere
Quid sit Jesum diligere.*

Isso souberam por experiência tantas almas piedosas: uma S. Rosa de Lima, que ao comungar tinha o coração de tal forma abrasado do amor divino, que seu hálito queimava a mão que lhe dava água a beber, segundo o costume, após a comunhão; uma S. Maria Madalena de Pazzi que, empenhando o crucifixo, andava toda inflamada gritando: “Ó Deus de amor! ó Deus de amor! direi mesmo, louco de amor!” — um S. Filipe Néri, cujo peito teve de ser alargado para dar espaço às palpitações de seu coração abrasado; — um S. Estanislau Kostka, ao qual era às vezes preciso banhar o peito em água fria para temperar o ardor de que se consumia por Jesus; — um S. Francisco Xavier que, pelo mesmo motivo, se descobria o peito dizendo: “Basta, Senhor, basta”; declarando com isso que já não podia suportar a chama que ardia em seu coração.

Procuramos pois também nós ter, quanto possível, o amor de Jesus em nosso coração e o seu santo nome nos nossos lábios. O Apóstolo ensina que não podemos pronunciar com devoção o nome de Jesus a não ser pela graça do Espírito

Santo. Assim o Espírito Santo comunica-se a todos os que pronunciam devotamente o nome de Jesus.

Para alguns o nome de Jesus é um nome estranho; por que? porque não amam a Jesus Cristo. Os Santos tiveram sempre nos lábios esse nome de salvação e de amor. Nas epístolas de S. Paulo quase não se encontra uma página em que não se leia mais vezes o nome de Jesus. S. João também o repete freqüentemente. Um dia, o bem-aventurado Henrique Suso, querendo imprimir-se mais fortemente no coração o amor de seu divino Mestre, tomou um ferro afiado e gravou-se no peito o nome de Jesus; depois exclamou banhado em sangue: “Senhor, quisera gravar-vos no fundo do meu coração, mas não posso; vós que tudo podeis, gravai vosso nome adorável no meu coração, de maneira que dele não possa desaparecer nem o vosso nome nem o vosso amor”. S. Joana de Chantal chegou a imprimir o nome de Jesus em seu coração por meio dum ferro em brasa.

De nós Jesus não pede tanto; contenta-se que o conservemos em nosso coração com um afeto sincero e que o invoquemos muitas vezes com amor. E já que tudo quanto Ele fez e disse durante sua vida, Ele fez e disse por nosso amor, é justo que façamos todas as nossas ações em nome e por amor de Jesus Cristo; S. Paulo a isso nos exorta: *Tudo o que fizerdes, em palavras ou por obra, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo*. E já que Jesus Cristo morreu por nós, devemos estar prontos a morrer pelo nome de Jesus, como o apóstolo que dizia: *Estou pronto a sofrer não só as cadeias, mas também a morte pelo nome do Senhor Jesus*.

Concluamos este discurso. Se, pois, estivermos aflitos, invoquemos a Jesus, e Ele nos dará a força de resistir a todos os nossos inimigos; se enfim estamos áridos e frios no amor divino, invoquemos a Jesus, e Ele nos inflamará. Felizes as almas que tiverem sempre nos lábios esse nome tão santo e amável, nome de paz, nome de esperança, nome de salvação, nome de

amor! Mas que felicidade, sobretudo a de morrer, pronunciando o nome de Jesus! Se desejamos exalar o derradeiro suspiro com esse doce nome nos lábios, devemos habituar-nos a repeti-lo muitas vezes durante a vida, e sempre com amor e confiança.

Ao nome de Jesus unamos sempre o belo nome de Maria, que é também um nome vindo do céu, um nome poderoso, que faz tremer o inferno, e ao mesmo tempo um nome cheio de doçura, pois que nos recorda essa augusta Rainha que é a um tempo a Mãe de Deus e a nossa, Mãe de misericórdia, Mãe de amor.

Afetos e Súplicas.

Ó Jesus, já que sois o meu Salvador, que destes o vosso sangue e a vossa via para resgatar-me, gravai, peço-vos, o vosso nome adorável em meu pobre coração, a fim que, tendo-o sempre impresso no coração pelo amor, eu o tenha também sempre nos lábios invocando-o em todas as minhas necessidades. Se o demônio me tentar, o vosso nome me dará força de resistir-lhe. Se a confiança me abandonar, o vosso nome me reanimará a esperança. Se estiver aflito, o vosso nome me fortalecerá, recordando-me o muito que sofrestes por mim. Se estiver frio no vosso amor, o vosso nome me inflamará, recordando-me o muito que sofrestes por mim. Se estiver frio no vosso amor, o vosso nome me inflamará, recordando-me o amor que me testemunhastes. No passado caí muitas vezes no pecado, porque vos não invoquei; para o futuro o vosso nome será a minha defesa, o meu refúgio, a minha esperança, o meu único consolo e o meu único amor. Assim espero viver, assim espero morrer, tendo sempre nos lábios o vosso santo nome.

Virgem Santíssima, obtende-me a graça de invocar sempre em minhas necessidades o nome de vosso divino Filho, Jesus, e o vosso, minha Mãe Maria; mas fazei que os invoque

sempre com confiança e amor, dizendo-vos com o devoto Afonso Rodrigues: “Ó meu dileto Jesus, ó minha querida Rainha, Maria, concedei-me a graça de sofrer e de morrer por vosso amor: já não quero ser meu, mas vosso e todo vosso, vosso na vida e vosso na morte, em que, com o vosso socorro, espero entregar a minha alma repetindo: Jesus e Maria, ajudai-me; Jesus e Maria, recomendo-me a vós; Jesus e Maria, eu vos amo, confio em vós, eu vos dou toda a minha alma.

II PARTE

Meditações para o tempo do Advento e Natal.

MEDITAÇÕES
PARA OS DIAS DO ADVENTO
ATÉ A NOVENA DO NATAL

MEDITAÇÃO I.

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto...
Et homo factus est.*

Ele se encarnou pela virtude do Espírito
Santo, e se fez homem (Simb.)

Considera que Deus criou o primeiro homem para ser por ele servido e amado sobre a terra e para esse fim o enriqueceu de luzes e graças. Mas o homem ingrato revoltou-se contra Deus, recusou-lhe a obediência que lhe devia por justiça e reconhecimento; e em castigo da sua rebelião, esse infeliz se viu com toda a sua posteridade privado da graça de Deus e excluído para sempre do paraíso. Em consequência desse pecado perderam-se todos os homens. Envolto nas mais espessas trevas, viviam todos na sombra da morte. O demônio os dominava, e o inferno devorava continuamente multidão inumerável de vítimas.

À vista do estado miserável a que estavam reduzidos, Deus se compadeceu e resolveu salvá-los. Mas como? Não enviará um anjo, um serafim; mas para manifestar ao mundo o amor imenso que tem a esses ingratos vermes, enviará seu

próprio Filho para se fazer homem e revestir-se da carne dos pecadores. Com seus sofrimentos e com sua morte, o Verbo encarnado satisfará à divina justiça pelos pecados dos homens e libertá-los-á assim da morte eterna; e reconciliando-os com seu Pai, lhes obterá a graça divina e os tornará dignos de entrar no reino celeste.

Considera aqui, dum lado, os males extremos em que o pecado precipita a alma privando-a da amizade de Deus e do paraíso, e condenando-a a uma eternidade de penas. Doutro lado considera o amor infinito que Deus nos mostrou na grande obra da encarnação do Verbo: o unigênito Filho de Deus virá pois sacrificar sua vida pela mão dos carrascos; morrerá numa cruz, num abismo de dores e ignomínias, para nos obter o perdão dos nossos pecados e a salvação eterna. Ao contemplar esse grande mistério e esse excesso de amor de Deus, cada um deveria exclamar: Ó bondade infinita! ó misericórdia infinita! ó amor infinito! um Deus fez-se homem para morrer por mim!

Afetos e Súplicas.

Mas como é possível, ó meu Jesus, que eu tenha tantas vezes renovado voluntariamente com os ultrajes que cometi contra vós, essa horrível ruína causada pelo pecado e reparada com a vossa morte? Custou-vos tanto o salvar-me; e eu tantas vezes quis perder-me, perdendo a vós, o Bem infinito! Uma coisa reanima a minha confiança: vós dissestes que, quando o pecador, que vos voltou as costas, se converte, não deixais de abraçá-lo: *Convertei-vos a mim... e eu me voltarei a vós*. Dissestes ainda: *Se alguém me abrir a porta, entrarei nele*. Eis-me, Senhor, sou um desses rebeldes, um ingrato e traidor, que vos voltou muitas vezes as costas e vos expulsou de sua alma; mas hoje arrependo-me do fundo do coração de vos haver assim ultrajado e desprezado a vossa graça. Arrependo-me, e amo-vos sobre todas as coisas. Está aberta a porta do meu

coração; entrai, pois, ó Jesus, mas entrai para não mais sair. Sei que vós não vos afastareis jamais, se eu vos não tonar a expulsar; mas é isso que temo; e é essa a graça que vos peço e espero pedir-vos sempre, de antes morrer do que tornar-me culpado dessa nova e extrema ingratidão. Meu caro Redentor, as ofensas que vos fiz, tornaram-me indigno de vos amar; mas peço-vos pelos vossos méritos me concedais o dom do vosso santo amor. Para isso fiz-me conhecer o grande bem que sois, o amor que me tendes, e tudo quanto fizestes para me obrigar a amar-vos. Ah! meu Deus e meu Salvador, não me deixeis viver mais na ingratidão para com tão grande bondade. Não quero mais abandonar-vos, meu Jesus. Muito vos tenho ofendido; é justo que empregue o resto da minha vida em amar-vos e agradar-vos. Meu Jesus! meu Jesus! ajudai-me; ajudai um pecador que deseja amar-vos.

Ó Maria, minha Mãe, podeis tudo junto de Jesus, porque sois sua Mãe; dissei-lhe que me perdoe; dissei-lhe que me prenda com seu santo amor. Vós sois a minha esperança, em vós confio.

MEDITAÇÃO II.

Et Verbum caro factum est.

E o Verbo se fez carne (Jo 1,14).

O Senhor mandou S. Agostinho escrever no coração de S. Maria Madalena de Pazzi estas palavras: *O Verbo se fez carne.* Ah! peçamos também ao Senhor ilumine o nosso espírito e nos faça compreender por que excesso e prodígio de amor o Verbo eterno, o Filho de Deus, se fez homem por amor de nós!

A Santa Igreja fica como que atônita ao contemplar esse grande mistério: *Considerai as vossas obras*, exclama ela com o profeta, *e fiquei estupefata.* Se Deus houvesse criado mil ou-

tros mundos, mil vezes maiores e mais belos que este, essa obra seria certamente infinitamente menor do que a Encarnação do Verbo. *Ele manifestou o poder de seu braço.* Na obra da Encarnação foi necessária a onipotência e a sabedoria infinita dum Deus, para fazer que a natureza humana se unisse a uma pessoa divina, e que uma pessoa divina se humilhasse até tomar a natureza humana. Assim, Deus fez-se homem, e o homem tornou-se Deus; e estando a divindade do Verbo unida à alma e ao corpo de Jesus Cristo, todas as ações desse Homem-Deus foram divinas; divinas foram suas preces, divinos os seus sofrimentos, divinos seus vagidos, divinas as suas lágrimas, divinos os seus passos, divinos os seus membros, divino o seu sangue, esse sangue do qual queria fazer um banho de salvação para nos purificar de todos os nossos pecados, e um sacrifício de valor infinito para aplacar a justiça do Pai irritado com os homens.

E que são esses homens? Criaturas miseráveis, ingratas, rebeldes. E para salvar esses indignos, um Deus se faz homem, sujeita-se às misérias humanas! Ele sofre, morre! *Humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, até a morte da cruz.* Ó santa fé! Se a fé não no-lo garantisse, quem poderia jamais acreditar que um Deus de infinita majestade se humilhou ao ponto de tornar-se um verme da terra como nós, para nos salvar a custo de tantas penas e ignomínias, a custo duma morte tão cruel e vergonhosa?

Ó graça! ó poder do amor! exclama S. Bernardo. Ó graça que homem algum jamais poderia imaginar, se Deus mesmo não pensasse em no-la fazer! Ó amor divino, que ninguém jamais poderia compreender! Ó misericórdia! ó caridade infinita, que só podem nascer duma bondade infinita!

Afetos e Súplicas.

Ó alma, corpo e sangue de meu Jesus, eu vos adoro e agradeço; vós sois a minha esperança, vós sois o preço pago para resgatar-me do inferno que tantas vezes mereci. — Ah! e que vida infeliz e desesperada me esperaria na eternidade, se não tivésseis pensando em salvar-me com vossos sofrimentos e a vossa morte! Como pois almas remidas por vós com tanto amor, sabendo isso, podem viver sem amar-vos, e desprezar essa graça que lhes alcançastes a custo de tantas penas? E eu não sabia tudo isso? e pude ofender-vos, e ofender-vos tantas vezes? Mas, repito, o vosso sangue é a minha esperança. Reconheço, meu Salvador, a grandeza do mal que vos fiz. Oh! oxalá tivesse morrido antes mil vezes! Oxalá vos tivesse sempre amado! Agradeço o tempo que me dais ainda para o fazer. Espero empregar o resto da minha vida e toda a eternidade em louvar sem cessar as vossas misericórdias a meu respeito. Após os meus pecados, eu merecia mais trevas, e me destes mais luzes; merecia ser abandonado por vós, e correstes atrás de mim chamando-me com voz mais terna; merecia que meu coração ficasse mais endurecido, e vós o enternecestes e tocastes de compunção. Sim, por vossa graça sinto uma grande dor das ofensas que vos fiz, sinto em mim um vivo desejo de vos amar, e estou firmemente resolvido a antes perder tudo do que a vossa amizade, sinto por vós um amor que me faz detestar tudo o que vos desgosta; e essa dor, esse desejo, essa resolução, esse amor, quem mos dá? sois vós que mos dais por vossa misericórdia; é isso por um sinal, ó Jesus, de que me tendes perdoado, um sinal de que me amais e quereis a todo o custo a minha salvação. Quereis que me salve, e eu quero salvar-me, quero-o sobretudo para vos agradar. Vós me amais e eu também vos amo. Mas amo-vos pouco, dai-me mais amor: estou obrigado a amar-vos mais do que os outros, porque te-

nho recebido de vós graças mais especiais; aumentai pois em mim as chamadas do vosso santo amor.

SS. Virgem Maria, fazei por vossa intercessão que o amor de Jesus consuma e destrua em mim todos os afetos estranhos a Deus. Atendeis a todos, atendei também a mim: obtende-me o amor e a perseverança.

MEDITAÇÃO III.

*Sic Deus dilexit mundum,
ut Filium suum unigenitum daret.*

Deus amou de tal modo o mundo,
que lhe deu seu Filho unigênito (Jo 3,16).

Considera como o Padre eterno, dando-nos o Filho por Redentor, por vítima e preço do nosso resgate, não podia dar-nos motivos mais fortes de esperança e amor, para inspirar-nos confiança e obrigar-nos a amá-lo. Dando-nos o seu Filho, diz S. Agostinho, não sabe e não tem mais que dar-nos. Quer que nos aproveitemos desse dom de valor infinito, para obtermos a salvação eterna de todas as graças de que precisamos; pois achamos em Jesus Cristo tudo o que podemos desejar: achamos a luz, a força, a paz, a confiança, o amor e a glória eterna, sendo Jesus Cristo um dom que encerra todos os dons que possamos pedir e desejar.

De fato diz-nos o apóstolo: *Como não nos dará também com ele todas as coisas?* Tendo-nos Deus dado seu Filho dileto, seu unigênito Filho, a fonte e o tesouro de todos os bens, podemos ainda temer uma recusa de sua parte, seja qual for a graça que lhe pedirmos? *Pela vontade de Deus, ele foi feito sabedoria para nós, e justiça, e santificação, e redenção.* Deus no-lo deu, a nós ignorantes e cegos, para ser nossa sabedoria e nossa luz, e nos dirigir na via da salvação; a nós, dignos do

inferno, para ser nossa *justiça*, e nos permitir aspirar ao paraíso; a nós, pecadores, para ser nossa *santificação*, e nos conduzir à santidade; a nós, enfim, escravos do demônio, para ser nossa *redenção*, e nos restituir a liberdade dos filhos de Deus. Numa palavra, em Jesus Cristo fomos enriquecidos de todos os bens e de todas as graças; basta que as peçamos por seus méritos. *Em todas as coisas fostes enriquecidos nele... de maneira que nada falta em graça alguma a vós.*

E esse dom que Deus nos fez de seu Filho, é um dom feito a cada um de nós, pois que ele o deu todo inteiro a cada um, como se tivesse dado a ele só; de sorte que cada um de nós pode dizer: Jesus Cristo é todo meu; o seu corpo e o seu sangue são meus; a sua vida, as suas dores, a sua morte, todos os seus méritos são meus. Eis por que S. Paulo dizia: *Ele me amou e entregou-se por mim*; e cada um de nós pode dizer o mesmo: O meu Redentor me amou e levou esse seu amor até se dar todo a mim.

Afetos e Súplicas.

Ó Deus eterno, quem nos poderia jamais ter feito esse dom de valor infinito, senão vós que sois um Deus de amor infinito? E que mais podereis fazer, ó meu Criador, para inspirar-nos confiança em vossa misericórdia, e obrigar-nos a amar-vos? Senhor, tenho-vos pago com ingratidão; mas dissestes, pelo Apóstolo, “que tudo contribui em benefício dos que vos amam”. Sejam pois quais forem o número e a enormidade de meus pecados, não quero que destruam a minha confiança em vossa bondade, mas quero que me sirvam para mais me humilhar quando receber alguma afronta ; ah! bem merece outras afrontas e outros desprezos quem teve o atrevimento de ofender-vos, Majestade infinita! Quero que me sirvam para suportar com mais paciência as cruces que me enviardes, para vos servir e honrar com mais zelo, a fim de reparar as injúrias que vos

tenho feito. Sim, meu Deus, quero lembrar-me sempre dos desgostos que vos dei, a fim de louvar tanto mais a vossa misericórdia, e de me abraçar sempre mais de amor por vós, que me procurastes quando vos fugia, e me tendes feito tanto bem depois de haver recebido de mim tantos ultrajes. Senhor, espero que já me tenhais perdoado; arrependo-me e quero arrepender-me sempre de minhas ofensas. Quero ser-vos grato, compensando com meu amor a ingratidão que tenho tido para convosco; mas vós haveis de ajudar-me; a vós peço a graça de executar essa resolução. Fazei-vos amar, ó meu Deus, para a vossa glória, fazei-vos amar muito por um pecador que muito vos ofendeu. Meu Deus, meu Deus, como poderia eu cessar ainda de amar-vos, e renunciar novamente ao vosso amor?

Ó Maria, minha Rainha, socorrei-me; conheceis minha fraqueza: fazei que a vós me recomende sempre que o demônio pretender separar-me de Deus. Minha mãe, minha esperança, socorrei-me.

MEDITAÇÃO IV.

*Ubi venit plenitudo temporis,
misit Deus Filium suum.*

Quando se completaram os tempos,
Deus enviou o seu Filho (Gl 4,4).

Considera como Deus deixou passar quatro mil anos depois do pecado de Adão, antes de mandar à terra o seu Filho para resgatar o mundo. Que trevas e que males reinaram entretanto sobre a terra! O verdadeiro Deus não era conhecido nem adorado, a não ser num canto do mundo: em toda a parte reinava a idolatria; adoravam-se como deuses os demônios, os animais e as pedras.

Mas admiremos aqui a sabedoria divina: difere a vinda do Redentor para torná-la mais apreciada dos homens; difere-a para melhor se conhecer a malícia do pecado, a necessidade do remédio e a graça do Salvador. Se Jesus Cristo tivesse vindo logo após o pecado de Adão, não se teria podido apreciar a grandeza desse benefício. Agradeçamos, pois, a bondade de Deus para conosco. Agradeçamos, pois, a bondade de Deus para conosco, fazendo-nos nascer depois de cumprida a grande obra da redenção.

Eis que é chegada essa época feliz chamada a plenitude dos tempos: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho para resgatar os que estavam sob o jugo da lei.* Essa expressão marca a plenitude da graça que o Filho de Deus veio comunicar aos homens pela redenção. O anjo é enviado como embaixador na cidade de Nazaré à Virgem Maria para lhe anunciar a vinda do Verbo, que quer encarnar-se em seu seio. O anjo a saúda chamando-a Cheia de graça e Bendita entre as mulheres. Ouvindo esses louvores a humilde Virgem, escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, perturba-se em sua profunda humildade; mas o anjo a anima e diz-lhe ter ela achado graça junto de Deus, isto é, aquela graça da qual resultaria a paz entre Deus e os homens, e a reparação das ruínas devidas ao pecado. Revela-lhe depois o nome de Jesus ou Salvador, que deve dar a seu Filho, e acrescenta que esse Filho é o próprio Filho de Deus, que deve resgatar o mundo e assim reinar sobre os corações dos homens. Enfim Maria consente em ser a Mãe de tão nobre filho: *Faça-se em mim segundo a vossa palavra;* e ao mesmo instante o Verbo eterno se faz carne e torna-se homem: *E o Verbo se fez carne!*

Rendamos graças a esse Filho e também a essa Mãe que, consentindo em ser a Mãe de tal Filho, consente em ser a Mãe de nossa salvação e por isso mesmo uma Mãe de dores: desde então ela se resigna a ser mergulhada num abismo de dores,

que lhe devia custar a sua qualidade de Mãe dum Filho vindo ao mundo para sofrer e morrer pelos homens.

Afetos e Súplicas.

Ó Verbo divino feito homem por mim, embora vos veja tão humilhado e feito criança no seio de Maria, confesso-vos e reconheço-vos por meu Senhor e Rei, mas Rei de amor. Meu caro Salvador, já que viestes a este mundo revestir-vos da nossa miserável carne para reinar sobre os nossos corações, ah! vinde estabelecer o vosso reino também no meu coração sujeito outrora ao domínio dos vossos inimigos, mas que agora é vosso, como espero; quero que seja ele sempre vosso e que vós sejais de hoje em diante o seu único Senhor: *Reinai no meio de vossos inimigos*. Os outros reis reinam pela força das armas; vós ao contrários vindes reinar pela força do amor, por isso não vindes com pompas reais, não vindes revestido de púrpura e ouro, ornado de cetro e coroa nem rodeado de exércitos de soldados. Nasceis num estábulo, pobre, abandonado e sereis colocado num presépio sobre um pouco de palha, porque assim quereis começar a reinar sobre os corações. Ah! meu Rei Infante, como pude revoltar-me tantas vezes contra vós, e viver tanto tempo na vossa inimizade, na privação da vossa graça, quando vós para obrigar-me a amar-vos depusstes a vossa majestade divina e vos humilhastes tanto que tomastes a forma duma criança numa gruta, depois a dum operário numa oficina, e, enfim, a dum condenado na cruz? Oh! feliz de mim se agora que saí, como espero, da escravidão de Lúcifer, me deixar dominar sempre por vós e por vosso amor! Ó Jesus, meu Rei, que sois tão amável e que amais tanto as almas, tomai posse de toda a minha alma, eu vo-la dou sem reserva. Aceitai que ela vos sirva sempre e que vos sirva por amor: a vossa majestade merece ser temida, mas a vossa bondade merece ainda mais ser amada. Ó meu Rei, vós sois e se-

reis para sempre o meu único amor; e o único temor que terei será o de desgostar-vos. Assim o espero. Ajudai-me com a vossa graça.

Minha amada Soberana, Maria, vós haveis de obter-me a graça de ser fiel a esse Rei querido de minha alma.

MEDITAÇÃO V.

Formam servi accipiens.

Ele tomou a forma e a natureza de servo (Fl 2,7).

O Verbo eterno desce à terra para salvar o homem. Onde desce Ele? *A sua saída é do mais alto dos céus*, diz o Salmista. Desde do seio de Deus seu Pai, onde foi gerado desde a eternidade entre os esplendores dos Santos. — E aonde desce? desde ao seio duma Virgem, filha de Adão, isto é, a um lugar que, comparado ao seio de Deus, não é senão um horror; daí o cântico da Igreja: “Não tivestes horror do seio da Virgem”. Sim, porque o Verbo, estando no seio do Pai, é Deus como Pai, é imenso, onipotente, infinitamente feliz, soberano Senhor do universo, em tudo igual a seu Pai; mas no seio de Maria, ele é criatura, é pequeno, fraco, padecente, servo, inferior a seu Pai: *Ele tomou*, diz S. Paulo, *a forma de servo*.

Contam de S. Aleixo, como grande prodígio de humildade, que sendo filho dum senhor romano, quis viver como servo na casa de seu pai. Mas que é a humildade desse Santo em comparação da de Jesus Cristo? Entre filho e servo do pai de S. Aleixo havia alguma diferença de condição; mas entre Deus e servo de Deus há uma distância infinita. Ademais, fazendo-se o Filho de Deus servo de seu Pai, se fez também, para Ihe obedecer, servo de suas criaturas, isto é, de Maria e de José; pois o Evangelho atesta que *Ihes estava sujeito*. Ainda mais, obedeceu até a Pilatos que o condenou à morte, pois que se subme-

teu a essa injusta sentença, obedeceu aos carrascos quando o quiseram flagelar, coroar de espinhos e crucificar; submeteu-se humildemente a todos e entregou-se às mãos de seus inimigos.

Oh! Deus, recusaremos diante disso pôr-nos ao serviço desse amável Senhor que para salvar-nos se sujeitou a tantas servidões dolorosas e humilhantes? E para não sermos servos desse Senhor tão grande e amante, consentiremos em tornar-nos escravos do demônio, que, longe de amar os seus servos, os odeia e tiraniza, os torna infelizes nesta e na outra vida? Ah! se cometemos essa loucura no passado, por que não saímos imediatamente dessa miserável escravidão? Coragem pois! já que pela graça de Jesus Cristo fomos libertados da escravidão do inferno, abracemos logo e apertemos com amor as doces cadeias que nos fazem servos e amigos do Filho de Deus, e que nos obterão uma coroa no reino eterno entre os bem-aventurados do paraíso.

Afetos e Súplicas.

Meu amado Jesus, sois o Rei do céu e da terra; mas por amor de mim vos fizestes servo; obedecestes aos vossos próprios carrascos que vos despedaçaram as carnes, traspassaram a fronte e vos pregaram na cruz para morrerdes de dor. Adoro-vos como seu Senhor e meu Deus, e me acanho de aparecer diante de vós ao lembrar-me que por miseráveis satisfações rompi tantas vezes os vossos santos laços e vos disse em face que não queria mais servir-vos; sim, com justiça me lançais em rosto: *Quebraste o meu jugo, rompestes os meus laços, e disseste: Não servirei.* Mas, ó meu Salvador, o que me faz esperar o perdão, são os vossos méritos e a vossa bondade, que não despreza um coração contrito e humilhado: *Não, meu Deus, não desprezeis um coração que se arrepende e se humilha.* Meu Jesus, confesso que fiz mal desgostando-vos; reconheço que mereço mil infernos pelas ofensas que vos fiz; casti-

gai-me como quiserdes, mas não me priveis da vossa graça e do vosso amor. Arrependo-me sobretudo de vos haver desprezado. Amo-vos de toda a minha alma. Tomo a resolução de no futuro servir e amar só a vós. Ah! pelos vossos méritos ligai-me pelas cadeias de vosso santo amor, e não permitais que eu as torne a sacudir de mim. Amo-vos sobre todas as coisas, ó meu Libertador, prefiro ser vosso servo a ser senhor de todo o universo: de que serve o mundo inteiro a quem está privado da vossa graça? Dulcíssimo Jesus, não permitais que me separe de vós, não permitais que me separe de vós. Essa graça eu vo-la peço e quero pedi-la sempre; rogo-vos me concedais hoje a graça de repetir-vos em toda a minha vida esta súplica: *Meu Jesus, não permitais que me separe mais de vós e do vosso amor.*

Essa graça peço também a vós, ó Maria minha Mãe; ajudai-me com vossa intercessão a não mais me separar de meu Deus.

MEDITAÇÃO VI.

Creavit Dominus novum super terram.

O Senhor operou na terra um prodígio novo (Jr 31,22).

Antes da vinda do Messias, o mundo estava sepultado numa noite tenebrosa de ignorância e iniquidade. O verdadeiro Deus era apenas conhecido em um só canto do globo terrestre, isto é, na Judéia. Em toda parte adoravam-se como divindades os demônios, os animais e as pedras. Em toda parte reinava a noite do pecado, que cega as almas, enche-as de vícios, e as impede de ver o miserável estado em que vivem, inimigas de Deus, condenadas ao inferno: *Espalhastes as trevas, e fez-se a noite; é então que se põem em movimento todos os animais da selva.*

Jesus veio libertar o mundo dessas trevas: *Aos que habitavam na região da sombra nasceu-lhes a luz*. Libertou-o da idolatria, esclarecendo-o sobre o verdadeiro Deus, e o libertou do pecado pela luz da sua doutrina e de seus divinos exemplos: *Para destruir as obras do demônio é que o Filho de Deus veio ao mundo*. O profeta Jeremias anunciou que Deus iria criar o Redentor dos homens. Essa criação nova foi Jesus Cristo, o Filho de Deus, as delícias do paraíso e o amor de seu Pai, que disse dele: *Eis o meu Filho dileto, no qual pus as minhas complacências*. Foi o Unigênito de Deus que se fez homem. É uma criação nova, pois desde o primeiro momento de sua existência, rendeu mais glória e honra a Deus do que o fizeram e o farão todos os anjos e santos juntos durante toda a eternidade. Eis por que os anjos cantaram no nascimento de Jesus: *Glória a Deus no mais alto dos céus*. — O Menino Jesus glorificou mais a Deus do que o desonraram todos os pecados dos homens.

Tenhamos pois coragem, nós pobres pecadores: ofereçamos esse divino Menino ao Pai eterno; apresentemos-lhe as lágrimas, a obediência, a humildade, a morte e os méritos de Jesus que assim repararemos toda a desonra que lhe causamos com as nossas ofensas.

Afetos e Súplicas.

Ah! Deus eterno, eu vos tenho desonrado preferindo tantas vezes a minha vontade à vossa, e as minhas vis e miseráveis satisfações à vossa santa graça. Que esperança de perdão haveria para mim se me não houvéreis dado Jesus Cristo precisamente para Ele ver, segundo a palavra de S. João, *nossa vítima propiciatória*, e a esperança dos pecadores? Sim, porque Jesus Cristo oferecendo-vos o sacrifício de sua vida para expiar nossos ultrajes a vossa divina Majestade, vos rendeu mais honra do que nós vos causamos desonra com os nossos peca-

dos. Recebei-me, pois, meu Pai, por amor de Jesus Cristo. Arrependo-me de vos haver ultrajado. *Pequei contra o céu e contra vós, já não sou digno de ser chamado vosso filho*; não mereço perdão, mas Jesus merece que o atendais. Ele pediu por mim na cruz, dizendo: *Pai, perdoai-lhes*; e agora ainda no céu vos pede me recebais no número dos vossos filhos. Recebei este filho ingrato, que vos deixou outrora, mas que hoje se torna a vós resolvido a amar-vos. Sim, meu Pai, eu amo e quero amar-vos sempre. Ah! Pai amável, conhecendo agora o amor que me tendes e a paciência com que me tendes esperado durante tantos anos, não posso mais viver sem vos amar. Dai-me um grande amor que me faça chorar incessantemente as minhas ofensas para com um Pai tão bom; fazei que eu arda sempre de amor por vós, que sois um Pai tão amante. Ó meu Pai, amo-vos, amo-vos, amo-vos.

Ó Maria, Deus é meu Pai, e vós sois a minha Mãe. Vós podeis tudo junto de Deus: obtende-me seu santo amor e a santa perseverança.

MEDITAÇÃO VII.

*Deus Filium suum mittens in similitudinem
carnis peccati, et de peccato damnavit peccatum in carne.*
Deus enviou seu Filho em carne semelhante à do pecado,
por causa do pecado condenou o pecado na carne (Rm
8,3).

Considera a que estado de humilhação o Filho de Deus se quis abaixar. Ele não quis somente tomar a forma de escravo, mas também a de pecador: *In similitudinem carnis peccati*; o que fez S. Bernardo dizer: “Jesus Cristo não se contentou de tomar a condição de servo para ser sujeito a outrem, Ele que era o Senhor de todos; mas quis tomar a forma de servo culpa-

do para ser castigado como malfeitor, Ele que era o Santo dos santos”. Para isso revestiu-se da carne de Adão, contaminada pelo pecado; e embora não contraísse a mancha do pecado tomou sobre si toda as misérias inerentes à natureza humana em punição do pecado.

A fim de nos obter a salvação, o nosso Redentor ofereceu-se voluntariamente a seu Pai para expiar todas as nossas faltas: *Foi oferecido porque ele mesmo quis*; e que fez o Pai? *O Senhor carregou sobre ele a iniquidade de todos nós*. Eis pois o Verbo eterno, a inocência, a pureza, a santidade, ei-lo carregado desde a infância de todas as blasfêmias, de todas as torpezas, de todos os sacrilégios e de todos os crimes dos homens; ei-lo feito por nosso amor o objeto das maldições divinas, por causa dos nossos pecados, pelos quais se obrigara a satisfazer à justiça divina. Assim Jesus Cristo tomou sobre si tantas maldições quantos foram e serão os pecados mortais cometidos pelos homens. É nesse estado que se apresentou a seu Pai desde o primeiro instante de sua vida neste mundo: isto é, como réu e responsável por todos os nossos mal-feitos, e Deus seu Pai o condenou como tal a morrer justificado e maldito numa cruz: *Et de peccato damnavit peccatum in carne*.

Ah! se o Padre eterno fosse capaz de sofrer, que dor não sentiria ao ver-se constrangido a tratar como criminoso, como o mais celerado do mundo a esse Filho inocente, objeto de seus afetos, infinitamente digno de todo o seu amor! — “*Ecce Homo*, Eis aqui o Homem”, disse Pilatos, mostrando-o aos judeus após a flagelação, a fim de movê-los à compaixão para com esse justo tão maltratado; o Padre eterno parece-nos dizer também ao no-lo mostrar o estábulo de Belém: *Ecce Homo*, “Eis aqui o Homem!” Esse pobre Menino que vedes num presépio, reclinado sobre palha, sabeí, ó homens, é o meu dileto Filho que veio tomar sobre si os vossos pecados e as penas a eles devidas; amai-o pois, Ele é digno do vosso amor e muito vos obrigou a amá-lo.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Senhor inocente, Espelho sem mancha, Amor do eterno Padre, não a vós são devidos os castigos e as maldições, mas a mim, miserável pecador. Ah! quisestes mostrar ao mundo esse excesso de amor, de sacrificar a vossa vida para obter-nos o perdão e a salvação pagando com as vossas penas as que mereceramos. Louvem e bendigam todas as criaturas a vossa misericórdia e a vossa bondade infinita! Agradeço-vos por todos os homens, mas principalmente por mim: já que vos ofendi mais do que os outros, tivestes de sofrer mais por mim do que pelos outros. Maldigo mil vezes os meus indignos prazeres, que vos custaram tantas dores. Fazei não seja perdido para mim esse sangue divino que derramastes por mim. Arrependo-me de vos haver desprezado, ó meu Amor! mas peço-vos uma dor mais profunda: fazei-me conhecer o mal que fiz ofendendo a vós, meu Redentor e meu Deus, que tanto sofrestes para obrigar-me a amar-vos. Amo-vos, bondade infinita, mas desejo amar-vos mais; quisera amar-vos quanto mereceis. Fazei-vos amar, meu Jesus, fazei-vos amar de mim e de todos, vós que mereceis tanto ser amado! Ah! iluminai os pecadores, que não querem conhecer-vos ou não querem amar-vos: fazei-os compreender o que fizestes por seu amor, e quanto desejais a sua salvação.

Santíssima Virgem Maria, pedi a Jesus por mim e por todos os pecadores: obtende-nos luz e graça para amarmos vosso divino Filho, que tanto nos tem amado.

MEDITAÇÃO VIII.

*Deus autem qui dives est in misericordia,
propter nimiam caritatem suam qua dilexit nos,
et cum essemus mortui peccatis, convivificavit
nos in Christo.*

Deus, que é rico em misericórdia, premido
pelo excessivo amor com que nos amou,
quando éramos mortos pelos nossos pecados,
nos deu a vida em Jesus Cristo (Ef 2,4).

Considera que a morte da alma é o pecado, pois esse inimigo de Deus nos tira a graça, que é a vida de nossa alma. Em consequência de nossas culpas, estávamos todos mortos e condenados ao inferno; e Deus, movido de extremo amor por nossas almas, quis restituir-nos a vida. E que fez? enviou à terra seu unigênito Filho, a fim de que por sua morte nos fosse recuperada a vida.

O apóstolo tem pois razão de chamar essa obra divina um excesso de amor: *Nimiam caritatem*; pois o homem nunca poderia esperar lhe fosse restituída a vida de maneira tão amorosa, se, segundo uma outra expressão de S. Paulo, Deus não tivesse *encontrado esse meio de resgate*. Todos os homens estavam mortos, e não havia remédio para eles; mas o Filho de Deus, movido pelas entranhas de sua misericórdia, desceu do céu e deu-nos a vida. Com justiça pois o apóstolo chama Jesus Cristo a nossa Vida.

Eis pois esse divino Redentor revestido da nossa carne e feito menino por nós: *Eu vim*, diz Ele, *para que minhas ovelhas tenham a vida e uma vida mais abundante*. Ele veio tomar para si a morte a fim de nos dar a vida. Não é pois justo que vivamos unicamente para esse Deus que quis morrer por nós? *Cristo morreu por todos, a fim de que os que vivem, não vivam*

mais para si mesmos, mas para aquele que morreu por eles. Não é justo que Jesus Cristo seja o único Senhor de nosso coração, Ele que deu seu sangue e sua vida para conquistá-lo? *O Cristo morreu e ressuscitou, ajunta o mesmo, a fim de reinar sobre os mortos e os vivos.* Oh! Deus, qual seria o ingrato e o infeliz que, crendo pela fé que um Deus morreu para obter o seu amor, recusaria amá-lo e, renunciando a sua amizade, querer-se voluntariamente escravo do inferno?

Afetos e Súplicas.

Ó meu Jesus, se não tivésseis aceito e sofrido a morte por mim, eu permaneceria na morte do pecado, sem esperança de salvar-me nem de poder jamais amar-vos. Por vossa morte me restituístes a vida; mas eu a perdi depois voluntariamente e muitas vezes, tornando a pecar. Morrestes para ganhar o meu coração, e eu, com minhas rebeliões, o fiz escravo do demônio; eu vos tenho desprezado e recusado reconhecer-vos por meu Senhor. Tudo isso é verdade, mas é verdade também que não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva, e morrestes para dar-nos a vida. Arrendo-me de vos haver ofendido, meu caro Redentor; perdoai-me pelos méritos de vossa Paixão. Dai-me a vossa graça, dai-me a preciosa vida que me adquiristes com a vossa morte e reinai de hoje em diante plenamente em meu coração. Não quero mais estar sob o poder do demônio: ele não é o meu Deus, ele não me ama, ele nada sofreu por mim. O demônio nunca foi o legítimo possuidor do meu coração, ele o roubou; vós só, meu Jesus, vós só sois o seu verdadeiro dono, vós que me criastes e me resgatastes com o vosso sangue; só vós me tendes amado, e a que ponto! É pois justo que vos consagre sem reserva o resto de minha vida. Dizei o que quereis de mim, quero satisfazer-vos em tudo. Castigai-me como vos aprouver, submeto-me a tudo; poupai-

me somente o castigo de viver sem o vosso amor: fazei que vos ame e disponde de mim como vos aprouver.

Ó Maria, meu refúgio e minha consolação, recomendai-me a vosso divino Filho: a sua morte e a vossa intercessão são todas as minhas esperanças.

MEDITAÇÃO IX.

Dilexit nos et tradidit semetipsum pro nobis.

Ele nos amou e se entrou por nós (Ef 5,2).

Considera que o Verbo eterno é Deus, o Ser infinitamente feliz em si mesmo, de sorte que não podia ser maior a sua felicidade: a salvação de todos os homens não podia aumentá-la nem diminuí-la; e não obstante Ele tanto fez e padeceu para salvar a nós, miseráveis vermes, que não podia fazer nem padecer mais, diz S. Tomás, se a sua felicidade dependesse da do homem. E de fato, se Jesus Cristo não tivesse podido ser feliz sem remir-nos, como poderia humilhar-se mais do que se humilhou, chegando a tomar sobre si as nossas enfermidades, os abaixamentos da infância, as misérias da vida humana, e uma morte tão cruel e ignominiosa?

Só um Deus era capaz de amar-nos com tal excesso, a nós miseráveis pecadores, tão indignos de amor. Se Jesus Cristo, diz um piedoso autor, nos permitisse pedir-lhe as maiores provas de seu amor, quem jamais ousaria pedir-lhe que se fizesse criança como nós, se revestisse de todas as nossas misérias, se tornasse o mais pobre, o mais desprezado e o mais maltratado de todos os homens, até a morrer pela mão dos carrascos e à força de tormentos num patíbulo infame, amaldiçoado e abandonado por todos, mesmo por seu Pai eterno que abandonou o Filho para não nos abandonar em nossa ruína?

Mas o que nós nem ousaríamos pensar, o Filho de Deus pensou e fez. Desde a infância se sacrificou por nós às penas, aos opróbrios e à morte. Ele nos amou e como penhor desse amor deu-se a nós, a fim de que, oferecendo-o como vítima a seu Pai para expiar nossas faltas, pudéssemos por seus méritos obter da bondade divina todas as graças que desejamos, pois essa Vítima é mais agradável aos olhos de Deus Padre, do que o seria o sacrifício da vida de todos os homens e de todos os anjos. Ofereçamos pois sempre a Deus os méritos de Jesus Cristo, e por eles peçamos e esperemos todos os bens.

Afetos e Súplicas.

Meu Jesus, eu seria muito injusto para com a vossa misericórdia e o vosso amor, se, após tantas provas de vosso afeto e da vontade que tendes de me salvar, eu desconfiasse do vosso amor e da vossa misericórdia. Meu amado Redentor, sou um pobre pecador; mas viestes *procurar não os justos mas os pecadores*. Sou um pobre doente; mas viestes curar os enfermos: *Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos*, dissestes vós. Eu me perdi por meus pecados; mas viestes, vós mesmo no-lo garantis, *para salvar os que estavam perdidos*. Que tenho pois a temer se quero emendar-me e ser vosso? Só posso desconfiar de mim mesmo, da minha fraqueza, mas minha fraqueza e minha miséria devem aumentar minha confiança em vós, que vos dizeis o refúgio dos pobres e que prometestes atender os seus desejos. A graça pois que vos peço é a de pôr minha confiança em vossos méritos e de nunca cessar de me recomendar a Deus em vosso nome. — Padre eterno, pelo amor de Jesus Cristo, salvai-me do inferno, e acima de tudo do pecado; pelos méritos desse amado Filho, iluminai-me para cumprir a vossa vontade, fortificai-me contra as tentações, dai-me o dom do vosso amor. Porém mais do que tudo peço-vos a graça de suplicar sempre o vosso socorro

pelo amor de Jesus Cristo, que prometeu que atenderéis todas as súplicas de quem vos pede em seu nome. Se eu continuar a pedir-vos assim, serei certamente salvo; do contrário perder-me-ei certamente.

Santíssima Virgem, obtende-me a grande graça da oração e da constância em recomendar-me sempre a Deus e também a vós, que obtendes de Deus tudo o que desejais.

MEDITAÇÃO X.

Virum dolorum et scientem infirmitatem.

Ele foi um homem de dores
e experimentado nos sofrimentos (Is 53,3).

O profeta Isaías chama Jesus Cristo homem de dores, porque Ele foi um homem criado expressamente para sofrer, e começou desde a sua infância a sofrer as maiores dores jamais sofridas pelos homens. Adão, nosso primeiro pai, gozou algum tempo as delícias do paraíso terrestre; mas o segundo Adão, Jesus Cristo, não teve no mundo um só instante de vida que não fosse cheio de sofrimentos e angústias; já antes de nascer foi afligido pela vista de todos os tormentos e de todas as ignomínias que o aguardavam no decorrer de sua vida, e sobretudo no fim dela, em que devia morrer mergulhado num abismo de dores e opróbrios, segundo a predição de Davi: *Desci ao fundo do mar e a tempestade me submergiu.*

Desde o seio de sua Mãe, nosso Salvador aceitou os sofrimentos de sua paixão e de sua morte por obediência a seu Pai: *Ele foi obediente até a morte.* Assim, desde o seio de Maria ele previu os flagelos e lhes apresentou suas carnes para serem despedaçadas; previu os espinhos e lhes apresentou sua fronte sagrada; previu os cravos e lhes apresentou suas mãos e seus pés; previu a cruz e lhe ofereceu sua vida. E as-

sim desde o primeiro momento de sua existência até a morte, nosso divino Redentor sofreu um martírio cruel e contínuo, e o ofereceu a cada instante por nós a seu Pai celeste.

Afetos e Súplicas.

Meu doce Redentor, quando começarei em fim a ser reconhecido para com a vossa bondade infinita? quando começarei a reconhecer o amor que me mostrastes e as dores que sofrestes por mim? No passado em vez de amor e gratidão, vos paguei com ofensas e desprezos; serei eu sempre ingrato para convosco, meu Deus, que nada poupastes para ganhar o meu amor? Não, meu Jesus, não será mais assim. Quero ser-vos grato o resto de minha vida; mas deveis socorrer-me. Se vos tenho ofendido, as vossas dores e a vossa morte são a minha esperança. Prometestes perdoar a quem se arrepende; arrependo-me de toda a minha alma de vos haver desprezado; realizai pois a vossa promessa, ó meu Amor, perdoai-me. Meu caro Menino, nessa manjedoura já vos vejo pregado na cruz, que já vos paira ante os olhos e que aceitais de antemão por mim. Ó divino Infante, crucificado por mim, agradeço-vos e amo-vos. Sobre a palha, sofrendo já por mim e preparando-vos para morrer por meu amor, convidais-me a amar-vos, e mo ordenais: *Amarás o Senhor teu Deus*; e eu nada mais desejo senão amar-vos. Se pois quereis ser amado por mim, dai-me todo o amor que de mim pedis. O amor para convosco é um dom da vossa bondade, e o mais precioso que possais fazer a uma alma. Ó meu Jesus, recebei no número dos que vos amam um pecador que muito vos tem ofendido. Do céu viestes procurar as ovelhas desgarradas, procurai-me pois que eu só a vós procuro; quereis a minha alma, e minha alma não quer outra coisa senão vós. Amais os que vos amam; eu vos amo, amai-me vós também; e se me amais predeei-me ao vosso amor, e predeei-me de tal forma que nunca mais me possa separar de vós.

Maria, minha Mãe, socorrei-me. Seja também glória vossa ver o vosso divino Filho amado também por um miserável pecador que outrora muito o ofendeu.

MEDITAÇÃO XI.

Iniquitates eorum ipse portabit.

Ele tomará sobre si as suas iniquidades (Is 53,11).

Considera que o Verbo divino, fazendo-se homem, não quis só tomar a forma do pecador, mas ainda, diz Isaías, carregar-se de todos os pecados dos homens, a fim de sofrer ele mesmo a pena: *Iniquitates eorum ipse portabit*, e isso, ajunta o Pe. Cornélio, como se Ele os tivesse cometido. Reflitamos aqui em que opressão e em que angústias se achou o coração de Jesus Menino quando, carregado de todas as iniquidades do mundo, viu a justiça divina reclamar-lhe plena satisfação.

O Salvador via claramente a malícia de cada pecado, pois que pela luz de sua divindade conhecia, infinitamente melhor do que todos os homens e anjos, a bondade infinita de seu Pai e seus direitos infinitos ao respeito e ao amor de suas criaturas; doutro lado, tinha sob os olhos a multidão inumerável dos pecados que cometeram e cometeriam ainda os homens, pelos quais devia sofrer e morrer. O Senhor fez ver um dia a S. Catarina de Gênova a fealdade duma falta venial; a tal vista foi tanto o susto e a dor da Santa que caiu desfalecida. Que dor terá sido então a de Jesus Menino ao ver, logo ao entrar no mundo, o horrível amontoado de crimes a expiar!

Conheceu então em particular todos os pecados de cada um de nós, observa S. Bernardino de Sena. E, acrescenta o Cardeal Hugo, “se os algozes crucificando Jesus, o atormentaram exteriormente, nós com nossos pecados o atormentamos interiormente”. Com outras palavras, cada um dos nossos pecados fez a alma de Jesus sofrer seu corpo. Eis como corres-

pondeu ao amor do divino Redentor quem se lembra de havê-lo ofendido com o pecado mortal.

Afetos e Súplicas.

Meu amado Jesus, eu que vos ofendi não sou digno de vossas graças; mas pelo mérito da pena que sofrestes e oferecistes a Deus vendo todos os meus pecados e satisfazendo por mim à justiça divina, comunicai-me uma parte da luz com que conhecestes então a sua malícia, e do horror que deles sentistes. Ó meu amável Salvador, é pois verdade que a cada momento da vossa vida, mesmo desde o seio de vossa Mãe, fui o algoz do vosso coração, e um algoz mais cruel do que todos os que vos crucificaram! E esse suplício eu o renovei e aumentei sempre que vos ofendi! Senhor, morrestes para salvar-me; mas a vossa morte não basta para a minha salvação, se de meu lado não tenho verdadeiro arrependimento das ofensas que vos fiz, e se as não detesto sobre todas as coisas. Mas mesmo essa contrição devo esperar de vós. Vós a concedeis a quem a pede; eu vo-la peço pelo mérito de tudo o que sofrestes sobre a terra; dai-me dor dos meus pecados, e uma dor proporcionada à minha malícia. Meu Jesus, ajudai-me a fazer esse ato de contrição, que agora quero fazer. — Padre eterno, Bem infinito e supremo, eu miserável verme da terra tive a audácia de ultrajar-vos e de desprezar vossa graça; detesto e abomino sobre todas as coisas as injúrias que vos tenho feito; arrependo-me de todo o meu coração, menos por haver assim merecido o inferno do que por haver ofendido a vossa infinita bondade. Pelos méritos de Jesus Cristo espero de vós o perdão, e com o perdão a graça de amar-vos. Amo-vos, ó Deus digno de amor infinito, e quero repetir sem cessar: Amo-vos, amo-vos, amo-vos. E como vos dizia S. Catarina de Gênova, vossa fiel serva, quando se ajoelhava diante do Crucifixo, também eu vos digo agora prostrado aos vossos pés: “Se-

nhor, não mais pecados, não mais pecados!” — Ah! não mereceis ser ofendido, meu Jesus, mereceis unicamente ser amado. Meu Redentor, ajudai-me.

Maria, minha Mãe, assisti-me; outra coisa não vos peço senão a graça de amar a Deus o resto da minha vida.

MEDITAÇÃO XII.

Dolor meus in conspectu meo semper.

A minha dor está sempre ante os meus olhos (Is 37,18).

Considera que todas as pernas e todas as ignomínias sofridas por Jesus Cristo durante sua vida e sua morte, estava sempre presentes a seu espírito desde o primeiro momento de sua existência: *A minha dor está sempre diante dos meus olhos*; começou desde então a oferecê-las em satisfação dos nossos pecados, agindo já como nosso Redentor. Segundo revelação feita por Ele a um dos meus servos, Ele sofreu sem cessar desde o começo de sua vida até a morte e sofreu tanto por causa de cada pecado que, se tivesse tido tantas vidas quantos são os homens, Ele teria outras tantas vezes sofrido e morrido de dor, se Deus lhe não houvera conservado a vida para sofrer ainda mais.

Ah! que martírio para o coração tão terno de Jesus ter continuamente diante dos olhos todos os pecados dos homens! Já no seio de Maria, viu sempre em particular, diz S. Bernardino de Sena, toda falta de cada um de nós, e cada uma dessas faltas o afligia imensamente. Segundo S. Tomás, a dor que Jesus provou à vista das injúrias feitas a seu Pai e do dano causado pelo pecado às almas por Ele amadas, excedeu a dor de todos os pecadores contritos, mesmo dos que morreram de pura dor. E de fato, jamais pecador algum amou a Deus e a sua alma como Jesus amava a seu Pai e as nossas almas; por

isso a cruel agonia que sofreu no jardim das Oliveiras à vista de todas as nossas iniquidades, que se encarregara de expiar, Ele a sofreu desde o seio de sua Mãe. *Sou pobre e em trabalhos desde a minha mocidade.* Assim pela boca de Davi o nosso Salvador predisse que toda a sua vida devia ser um sofrimento contínuo. Daí deduz S. João Crisóstomo que não devemos contristar-nos senão do pecado, e já que os pecados afligiram Jesus durante toda a sua vida, assim nós, que o temos cometido, devemos ter deles dor contínua, lembrando-nos de haver ofendido um Deus que nos amou tanto. — S. Margarida de Cortona não cessava de deplorar suas faltas; o seu confessor disse-lhe um dia: “Margarida, basta, não chores mais; Deu já te perdoou”. — “Ah! meu pai, respondeu, como posso deixar de chorar esses pecados, pelos quais Jesus Cristo se afligiu toda a sua vida?”

Afetos e Súplicas.

Eis, meu Jesus, a vossos pés o ingrato, o perseguidor que encheu de amargura toda a vossa vida. Mas dir-vos-ei com Ezequias: *E tu livrastes a minha alma para ela não perecer, lançaste para trás das vossas costas todos os meus pecados.* Eu vos ofendi e vos feri com numerosos pecados, e vós não recusastes carregar-vos de todas as minhas iniquidades; lancei voluntariamente minha alma ao fogo do inferno, cada vez que consenti em ofender-vos gravemente, e vós não deixastes de libertá-la com vosso sangue e de retirá-la do abismo. — Meu amado Redentor, agradeço-vos. Quisera morrer de dor quando penso que tenho maltratado tanto a vossa bondade infinita. Ó meu Amor, perdoai-me e vinde tomar posse de todo o meu coração. Dissestes que vos não dedignais de entrar na casa de quem vos abre a porta e de morar com ele: *Se alguém me abrir a porta, entrarei e cearei com ele.* Se outrora vos repeli, agora vos amo e nada mais desejo do que a vossa graça. A porta

está aberta, entrai em meu pobre coração para dele nunca mais sair. É pobre, mas a vossa presença o tornará rico: sim, serei rico enquanto vos possuir, ó Bem supremo!

Ó Rainha do céu, Mãe dolorosa desse Filho cheio de dores, eu também vos tenho causado dores, pois que participastes em grande parte das dores de Jesus; perdoai-me, pois, minha Mãe, e obtende-me a graça de ser fiel, agora que, como espero, Jesus entrou em minha alma.

MEDITAÇÃO XIII.

*Baptismo habeo baptizari; et quomodo
coarctor usque dum perficiatur.*

Eu tenho de ser batizado num batismo, e quão grande é a minha ansiedade até que ele se conclua (Lc 12,50)

Considera que Jesus sofreu desde o primeiro momento de sua existência, e que tudo sofreu por amor de nós; além da glória divina não tinha Ele outro interesse, em todo o curso de sua vida, do que a nossa salvação. Filho de Deus, não precisava sofrer para merecer o paraíso; penas, privações, opróbrios, Ele tudo sofreu para nos merecer a salvação eterna. Podia mesmo salvar-nos sem sofrer, mas preferiu abraçar uma vida cheia de dores, pobre, desprezada, privada de todo conforto, e uma morte mais amarga e desolada do que a de qualquer mártir ou penitente; por que? unicamente a fim de nos testemunhar a grandeza de seu amor por nós, e de ganhar os nossos afeitos.

Jesus viveu trinta e três anos suspirando sempre pela hora em que devia oferecer sua vida em sacrifício para nos obter a graça de Deus e a glória eterna, e para ternos sempre consigo no paraíso. Esse ardente desejo Ele o exprimia com as palavras: *Eu tenho de ser batizado num batismo, e quão grande é a*

minha ansiedade até que ele se conclua! Aspirava ao batismo de seu próprio sangue para lavar não os seus pecados, porque era inocente e santo, mas os pecados dos homens que lhe eram tão caros: *Ele nos amou, diz S. João, e nos purificou de nossas iniquidades em seu sangue.* Ó excesso do amor dum Deus, excesso de amor que todos os homens e todos os anjos nunca chegarão a compreender e a louvar dignamente!

Mas S. Boaventura chorava ao ver a grande ingratidão dos homens para com tão grande amor: “Senhor, exclama, como não se rompe o coração do homem diante do vosso amor?” Coisa maravilhosa, com efeito! um Deus suporta tantas penas, nasce chorando num estábulo, vive pobre numa oficina, morre exangue numa cruz, numa palavra passa uma vida toda cheia de trabalhos e aflições por amor dos homens, e os homens não se consomem de amor por um Deus tão amante, que digo? têm coração para desprezar seu amor e sua graça! — Ah! como é possível desprezar seu amor e sua graça! — Ah! como é possível que um Deus se tenha reduzido a tanto sofrimentos pelos homens, e que haja homens que ofendem e não amam esse Deus?

Afetos e Súplicas.

Meu amado Redentor, sou um desses ingratos que pagaram com ofensas e desprezos vosso amor imenso, as vossas dores e a vossa morte. Ó meu caro Jesus, como, ao verdes as ingratidões que eu iria cometer contra vós, me pudestes amar com tanta ternura e resolver-nos a suportar por mim tantas humilhações e sofrimentos? Ah! o mal está feito; mas não quero desesperar. Dai-me agora, Senhor, a contrição que me merecestes com vossas lágrimas; desejo que meu arrependimento iguale a minha iniquidade. Coração amoroso do meu Salvador, tão aflito e desolado um tempo pela minha salvação, e que hoje ainda ardeis em amor por mim, ah! mudai-me o coração: dai-

me um coração que compense os desgostos que vos causei, um amor que iguale a minha ingratidão. Mas sinto já um grande desejo de vos amar; agradeço-vos, meu Jesus, vejo que tives-tes a bondade de tocar o meu coração. Detesto sobre tudo os ultrajes que vos fiz, eu os odeio e abomino. Agora prefiro a vossa amizade a todas as riquezas e a todas as honras. Desejo comprazer-vos quanto possa. Amo-vos, amabilidade infinita, mas vejo que meu amor é muito fraco; aumentai-lhe a chama, dai-lhe mais amor. Devo corresponder ao vosso amor com um amor maior do que a ofensa que vos fiz, tanto mais porque em vez de castigar-me me tendes cumulado de favores especiais. Ó Bem supremo, não permitais eu continue a viver na ingrati-dão após tantas graças recebidas. Dir-vos-ei com S. Francisco: Morra eu por amor do vosso amor, vós que vos dignastes mor- rer por amor do meu amor!

Maria, minha esperança, ajudai-me; pedi a Jesus por mim.

MEDITAÇÃO XIV.

*Quae utilitas in sanguine meo,
dum descendo in corruptionem.*

Que utilidade tirarás da minha morte,
quando eu descer à corrupção? (Sl 29,10)

Nosso Senhor revelou à venerável Águeda da Cruz que, no seio de Maria, a sua mais cruel pena foi de ver a dureza dos corações dos homens que, depois da redenção, desprezariam as graças que viera difundir sobre a terra. Segundo a interpreta-ção comum dos Santos Padres, Ele próprio exprimira muito antes a mesma coisa pela boca de Davi: *Que utilidade tirarás da minha morte, quando eu descer à corrupção?* Segundo S. Isidoro, as últimas palavras significam: Quando eu descer do céu para tomar a natureza humana corrompida pelos vícios e

pecados. — Eis pois o que o Verbo divino parece ter dito: Meu Pai, vou revestir-me da carne humana e derramar depois todo o meu sangue pelos homens; mas de que servirá esse sacrificio? A maior parte dos homens não fará caso do meu sangue e continuará a ofender-me como se nada eu fizera por meu amor.

Essa pena foi o cálice amargo de que pediu Jesus ao pai o livrasse, quando disse: *Afastai de mim este cálice*. Que cálice? O ver tanto desprezo de seu amor. A mesma previsão arrancou ainda, do alto da cruz, este grito de dor: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?* — Seu Pai sofreria o desprezo da sua paixão e morte por parte de tantos homens pelos quais Ele morria; segundo a explicação do próprio Salvador a S. Catarina de Sena, era do abandono que Ele se queixava então.

Ora, essa mesma pena atormentava a Jesus Menino no seio de Maria: via, desde então, dum lado, tantas dores, tantas ignomínias, tanto sangue derramado, morte tão cruel e infame, e de outro, tão pouco fruto! O divino Menino antevia muitos homens, e mesmo a maior parte, calcar aos pés o seu sangue, e desprezar a graça que esse sangue lhes merecera, pois que tal é, segundo S. Paulo, a conduta de cada pecador. Entretanto se formos do número desses ingratos, não desesperemos: Jesus nascendo veio oferecer a paz aos homens de boa vontade, como fez cantar os anjos: Mudemos pois a nossa vontade, arrependamo-nos dos nossos pecados, propondo-nos amar esse bom Salvador, e acharemos a paz, isto é, a amizade de Deus.

Afetos e Súplicas.

Meu amabilíssimo Jesus, quanto vos fiz sofrer durante a vossa vida mortal! Derramastes por mim o vosso sangue com tanta dor e tanto amor, e que fruto tirastes de mim até agora? desprezos, ofensas, afrontas! Mas, meu Redentor, não quero mais afligir-vos; espero que no futuro a vossa paixão produza

fruto em mim por vossa graça, cujos efeitos já eu sinto. Sofrestes tanto e morrestes por mim, para que eu vos ame; quero amar-vos sobre todos os bens, e para comprazer-vos estou pronto a dar mil vezes a vida. Padre eterno, não ousaria aparecer diante de vós para pedir-vos perdão e graças, se vosso Filho me não dissesse que, pedindo-vos em seu nome, serei sempre atendido: *Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, Ele vo-lo dará.* Ofereço-vos pois os méritos de Jesus Cristo e, em nome de Jesus peço-vos primeiro o perdão geral de todos os meus pecados; peço-vos depois a santa perseverança até a morte; e peço-vos sobretudo o dom do vosso santo amor, que me faça sempre viver de acordo com a vossa vontade. quanto à minha própria vontade estou resolvido a antes sofrer mil vezes a morte do que ofender-vos, e a amar-vos de todo o meu coração, fazendo tudo ao meu alcance para comprazer-vos; a vós peço e de vós espero a graça de executar esta resolução.

Maria, minha Mãe, se rogardes por mim, estarei tranqüilo. Rogai, rogai por mim, e não cesseis de rogar enquanto me não virdes mudado e conforme à vontade de Deus.

MEDITAÇÃO XV.

Invenietis infantem... positum in praesepio.

Achareis um menino reclinado num presépio (Lc 2,12).

Um Deus nascido num estábulo!... Tomada de admiração ao contemplar esse prodígio, a Santa Igreja exclama: "Ó grande mistério, ó estupenda maravilha! animais vêem o seu Deus, o Senhor do universo, recém-nascido e reclinado num presépio!"

Para contemplarmos com amor e ternura o nascimento de Jesus Cristo, devemos pedir ao Senhor nos dê uma fé viva. Se

entrarmos sem fé na gruta de Belém, tudo se nos reduzirá a um sentimento de compaixão à vista duma criancinha tão pobre, que, nascendo no coração do inverno, está reclinada num presépio, sem lume, numa caverna fria. Ao contrário, se entrarmos com fé, consideraremos maduramente por que excesso de bondade e amor, um Deus quis humilhar-se ao ponto de aparecer como uma criança envolta em paninhos, reclinada sobre palha, chorando e tremendo de frio, sem poder mover-se e necessitada de leite para viver: e então como não nos sentirmos atraídos e docemente constrangidos a dar todos os nossos afetos a esse Deus-Menino que se reduziu a tal estado para se fazer amar?

Depois de haverem visitado a Jesus no estábulo, narra S. Lucas, *os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo quanto tinham ouvido e visto. Mas que haviam eles visto? Nada mais que uma pobre criança a tremer de frio sobre um pouco de palha; mas aclarados pela fé, reconheceram naquela criança o excesso do amor divino e, inflamados desse amor, foram-se louvando e bendizendo o Senhor, que lhes havia dado a graça de ver um Deus humilhado, aniquilado por amor dos homens.*

Afetos e Súplicas.

Ó doce e amável Menino, embora vos veja tão pobre sobre a palha, reconheço-vos e adoro-vos como meu Senhor e Criador. Sei quem vos reduziu a tão miserável estado: foi o vosso amor por mim. Recordando-me, pois, meu Jesus, da maneira com que vos tratei no passado, das injúrias que vos fiz, admiro-me de me haverdes suportado. — Ah! pecados malditos, que fizestes? enchestes de amargura o coração do meu amado Senhor! — Ah! meu caro Salvador, pelas dores que suportastes e pelas lágrimas que derramastes no estábulo de Belém, dai-me lágrimas, dai-me uma grande dor que me faça chorar toda

a minha vida os desgostos que vos dei. Dai-me amor para convosco, mas um amor que compense as ofensas que vos fiz. Amo-vos, meu pequenino Salvador, amo-vos, meu Deus-Menino, amo-vos, meu amor, minha vida, meu tudo; prometo não amar doravante senão a vós. Ajudai-me com a vossa graça sem a qual nada posso.

Maria, minha esperança, obtendes tudo o que quereis de vosso Filho; pedi-lhe me conceda seu santo amor. Ó minha Mãe, atendei-me.

MEDITAÇÃO XVI.

Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.

Vós tirareis com gosto águas das fontes do Salvador (Is 12,3).

Considera as quatro fontes de graças que temos em Jesus Cristo, contempladas por S. Bernardo.

A primeira é uma fonte de *misericórdia*, em que podemos purificar-nos de todas as manchas do pecado. Essa fonte foi para nós formada com as lágrimas e o sangue do nosso Redentor: *Ele nos amou e nos lavou dos nossos pecados com seu sangue.*

A segunda é uma fonte de *paz* e de *consolação* em nossas penas. *Invocai-me no dia da aflição*, diz-nos Jesus, *e eu vos consolarei. Se alguém tem sede das verdadeiras consolações possíveis nesta vida, venha a mim, que eu o contentarei. Quem bebe da água que eu darei, já não terá sede: virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.* Isto é: Quem provar as águas do meu amor desprezará para sempre as delícias do mundo; ficará plenamente satisfeito quando entrar na mansão dos eleitos, porque a água da minha graça o levará ao céu. A paz que o Senhor dá às almas que o amam,

não é a paz que o mundo nos promete quando nos convida aos prazeres sensuais; estes deixam após si mais amargura do que paz; *a paz que Deus dá excede todos os prazeres dos sentidos. Bem-aventurados os que tem sede das águas dessa fonte divina.*

A terceira é uma fonte de *devoção*. Oh! como se torna devoto e pronto para obedecer à voz de Deus, como cresce sempre em virtudes, quem a miúdo medita o que Jesus Cristo fez por amor de nós! *Será como uma árvore plantada junto às correntes das águas.*

A quarta é uma fonte de *amor*. *A meditação acenderá o fogo na minha alma.* Não é possível que, quem medita os padecimentos e as humilhações que Jesus suportou por nosso amor, não se sinta inflamado do belo fogo que Ele veio trazer à terra.

Assim se verifica perfeitamente a palavra do profeta, que quem se aproveita dessas felizes fontes abertas para nós em Jesus Cristo, delas tira sem cessar águas de alegria e salvação: *Vós tirareis com gosto águas das fontes do Salvador.*

Afetos e Súplicas.

Ó doce e caro Salvador meu, quanto vos devo! quanto me tendes obrigado a amar-vos, já que por mim fizestes o que não faria um servo para o seu senhor nem um filho para seu pai! Se pois me tendes amado mais do que qualquer outro, é justo que vos ame mais do que todos os outros. Quisera morrer de dor, quando penso que tanto padecestes por mim, que levastes o amor a aceitar a morte mais cruel e mais ignominiosa que possa um homem sofrer, e que eu tantas vezes tenho desprezado a vossa amizade. Quantas vezes me perdoastes e eu tornei a desprezar-vos! Mas os vossos méritos são a minha esperança. Agora prefiro a vossa graça a todos os reinos da terra. Amo-vos, e por amor de vós aceito qualquer espécie de pena e de

morte. Se sou indigno de morrer pela mão dos algozes para glória vossa, aceito ao menos de coração a morte que me destinastes; aceito-a da maneira e no tempo que haveis determinado.

Maria, minha Mãe, obtende-me a graça de passar toda a minha vida e de morrer no amor de Jesus.

MEDITAÇÃO XVII.

*Orietur vobis Sol justitiae,
et sanitas in pennis ejus.*

Para vós nascerá o Sol da justiça,
e estará a salvação sob as suas asas (Mt 4,2).

O Médico virá, diz o profeta, para curar os enfermos: virá com a pressa do pássaro que voa, ou do raio luminoso, que lançado pelo sol nascente, chega num instante a outro polo. Mas eis que já veio. Consolemo-nos e lhe rendamos graças.

Diz S. Agostinho que esse Médico celeste desceu até ao leito do enfermo; com outras palavras veio a tomar a nossa carne, pois o nosso corpo é como o leito de nossa alma enferma.

Os outros médicos, quando afeiçoados ao doente, enviam todos os esforços para curá-lo; mas haverá algum que, para curar o seu cliente, consinta em tomar para si a doença dele? Entre todos os médicos só Jesus Cristo se carregou das nossas enfermidades a fim de curar-nos: *Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas fraquezas*, diz Isaías, *e ele mesmo carregou com as nossas dores*. Não quis enviar nenhum outro para cumprir esse misericordioso ofício, veio em pessoa a fim de ganhar todo o nosso amor. Quis curar as nossas chagas com seu sangue, e livrar-nos com sua morte da morte eterna que merecíamos. Numa palavra, quis tomar o remédio amargo

duma vida cheia de penas e duma morte dolorosa para restituir-nos a vida e livrar-nos de todos os males.

Nosso Senhor disse a S. Pedro: *Não devo eu beber o cálice que meu Pai me deu?* — Foi pois preciso que Jesus Cristo abraçasse tantas ignomínias para curar-nos do orgulho; que abraçasse uma vida tão pobre para curar-nos da cobiça; enfim que fosse imerso num oceano de amarguras e que morresse de pura dor para curar-nos da sede de prazeres sensuais.

Afetos e Súplicas.

Louvada e bendita seja para sempre a vossa caridade, ó meu Redentor! Ah! que seria de minha alma empobrecida, enferma e aflita por tantas chagas provenientes de meus pecados, se vos não tivesse, meu Jesus, que podeis e quereis curar-me? Ó sangue de meu Salvador, confio em vós; lavai-me e curai-me. Arrependo-me, meu Amor, de vos haver ofendido. Para me mostrardes o vosso amor abraçastes uma vida tão aflita e uma morte tão cruel! quisera também eu testemunhar-vos o meu amor; mas que posso fazer eu miserável, tão doente e fraco? Ó Deus de minha alma, vós podeis tudo; podeis curar-me e santificar-me; acendei em mim um vivo desejo de vos ser agradável. Renuncio a todas as satisfações para comprazer-vos, meu divino Redentor, que mereceis ser contentado a todo o custo! Ó soberano Bem, estimo-vos e amo-vos mais do que todos os bens; fazei que vos ame de todo o coração e que vos peça sempre o vosso santo amor. No passado vos ofendi e vos não amei porque não pedi vosso amor; hoje vo-lo peço e suplico-vos a graça de pedi-lo sempre; atendei-me pelos méritos de vossa paixão.

Ó Maria, minha Mãe, estais sempre pronta a atender a quem vos pede, amais os que vos amam; amo-vos, ó minha Rainha, obtende-me a graça de amar a Deus, não vos peço outra coisa.

MEDITAÇÃO XVIII.

*Proprio Filio suo non pepercit, sed pro
nobis omnibus tradidit illum.*

Não poupou a seu próprio Filho,
mas o entregou por todos nós (Rm 8,32)

Depois que o Padre eterno nos deu seu próprio Filho por Mediador, por Advogado junto dele e por Vítima de expiação, já não podemos temer não ser atendidos por Deus, quando lhe pedimos graças apoiados em um tal Redentor; pois, ajunta o apóstolo *como não nos dará também com ele todas as coisas?* se Deus nos não recusou seu Filho, que poderia recusar-nos?

As nossas orações não merecem ser atendidas nem olhadas pelo Senhor, porque merecemos castigos por nossos pecados, e não graças; mas Jesus Cristo merece certamente ser atendido, ele que intercede por nós oferecendo todos os sofrimentos de sua vida, seu sangue e sua morte: o Pai celeste não pode recusar nada a um Filho que lhe é tão caro, e que lhe oferece um preço de valor infinito. Esse divino Mediador é inocente, tudo o que dá à justiça divina é para pagar as nossas dívidas, e o preço que Ele dá sobrepuja infinitamente o que é devido por todos os pecados do homem. Não seria justo percesse um pecador que se arrepende de suas culpas e oferece a Deus os méritos de Jesus Cristo, que por ele satisfaz superabundantemente.

Agradeçamos pois ao Senhor e esperemos todas as graças pelos méritos de Jesus Cristo.

Afetos e Súplicas.

Não, meu Deus e meu Pai, já não posso desconfiar de vossa misericórdia; já não posso temer me recuseis o perdão de todas as minhas faltas, ou qualquer outra graça necessária à minha salvação, já que me destes o vosso Filho, a fim de que eu o ofereça por mim. É precisamente para me perdoares e me pordes em estado de receber vossas graças, que me destes Jesus Cristo, e me ordenais que eu vo-lo ofereça e espere de vós a minha salvação por seus méritos. Sim, meu Deus, quero obedecer-vos e vos agradeço. Ofereço-vos os méritos deste divino Filho e, por eles, espero a vossa graça, uma graça que repare a minha fraqueza e todas as funestas conseqüências dos meus pecados. Arrependo-me de vos haver ofendido, Bondade infinita, amo-vos sobre todas as coisas e prometo-vos não amar no futuro nada fora de vós. Mas em promessa de nada servirá se me não ajudardes. Pelo amor de Jesus Cristo dai-me a perseverança e o vosso amor; dai-me a luz e a força de que necessito para cumprir todas as vossas santas vontades. Confiado pois nos méritos de Jesus Cristo, espero me atendereis.

Maria, minha Mãe e minha esperança, peço-vos também pelo amor de Jesus Cristo, me obtenhais essas graças. Minha Mãe, atendei-me.

MEDITAÇÕES PARA OS DIAS DA NOVENA DE NATAL

MEDITAÇÃO I.

*Dedi te in lucem gentium, ut sis
salus mea usque ad extremum terrae.*

Eu te estabeleci para luz das gentes,
a fim de seres a salvação que eu envio
até a última extremidade da terra (Is 49,6).

Considera o Pai celeste dizendo estas palavras a Jesus Menino no momento de sua conceição: Meu Filho, eu te estabeleci para luz das gentes e a vida das nações, a fim de que lhes procureis a salvação, que desejo tanto como se fosse a minha própria. É pois necessário que vos dediqueis inteiramente ao bem do gênero humano: “Dado sem reserva ao homem deveis dedicar-vos inteiramente em benefício dele”. É necessário que sofraís uma pobreza extrema desde o vosso nascimento a fim de que o homem se torne rico: *Ut tua inopia dites*. É necessário que sejais vendido como um escravo para pagardes a liberdade do homem, e que, como escravo, sejais flagelado e crucificado a fim de satisfazer à minha justiça pelas penas devidas aos homens. É necessário que deis vosso sangue e vossa vida para livrar o homem da morte eterna. Numa palavra, sabeí que não sois mais vosso mas do homem, segundo a palavra de Isaías: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um filho*. Assim, meu caro Filho, o homem se sentirá constrangido a amar-me e a dar-se a mim, ao ver que vos dou todo a ele, vós meu único Filho, e que me não resta mais nada a dar-lhe. Eis até onde chegou o amor de Deus aos homens! Ó amor infinito,

digno somente dum Deus infinito! Jesus mesmo disse: *Deus amou de tal modo o mundo que deu por ele seu unigênito Filho.*

A essa proposta Jesus Menino não se entristece, antes se alegra, aceita-a com amor e exulta: *Dá saltos como gigante para percorrer o seu caminho.* Desde o primeiro instante de sua encarnação, Ele se dá todo ao homem e abraça com alegria todas as dores e humilhações que deve sofrer no mundo por amor dos homens. Essas foram, diz S. Bernardo, as montanhas e as colinas escarpadas que Jesus Cristo teve de escalar para salvar os homens: *Ei-lo aí vem saltando sobre os montes, atravessando os outeiros.*

Notemos bem: enviando-nos seu Filho como Redentor e Mediador de paz entre Ele e os homens, Deus Padre obrigou-se de certo modo a perdoar-nos e a amar-nos; entre o Pai e o Filho interveio um pacto em virtude do qual o Pai devia receber-nos em sua graça, contanto que o Filho satisfaça por nós à divina justiça, de seu lado, o Verbo, digo, também se obrigou a amar-nos, não por causa do nosso mérito, mas para cumprir a misericordiosa vontade de seu Pai.

Afetos e Súplicas.

Meu caro Jesus, se é verdade, como a lei o declara, que se adquire o domínio pela doação, vós me pertenceis porque o vosso Pai vos deu a mim: é por mim que nascestes, a mim fostes dado: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho.* Posso pois dizer: *Meu Jesus e meu tudo.* Já que sois meu, todos os bens me pertencem. O vosso apóstolo me assegura: *Como não nos dará também com ele todas as coisas?* Por isso, meu é o vosso sangue, meus os vossos méritos, minha a vossa graça, meu o vosso paraíso. E se sois meu, quem poderá jamais arrancar-vos de mim? Ninguém poderá tirar-me o meu Deus. Assim dizia com júbilo S. Antão Abade; assim também quero dizer no futuro. É verdade que vos posso perder ainda e

afastar-me de vós pelo pecado; mas, ó meu Jesus, se no passado vos abandonei e perdi, arrependo-me agora de toda a minha alma, e estou resolvido a perder tudo, a própria vida, antes que tornar a perder-vos, ó Bem infinito e único amor de minha alma. — Agradeço-vos, Pai eterno, por me terdes dado vosso Filho; e já que mo destes todo, eu miserável dou-me todo a vós. Pelo amor desse Filho adorável, aceitai-me e prendei-me com cadeias de amor a meu Redentor, mas prendei-me tão estreitamente que possa dizer com o apóstolo: Quem me poderá ainda separar de meu Jesus? — E vós, meu Salvador, se sois todo meu, sabeis que sou todo vosso. Disponde de mim, e de tudo o que me pertence como vos aprouver. E como poderia eu recusar alguma coisa a um Deus que me não recusou o seu sangue e a sua vida?

Maria, minha Mãe, guardai-me sob vossa proteção. Já não quero ser meu, quero ser todo do meu Senhor. A vós compete tornar-me fiel, confio em vós.

MEDITAÇÃO II.

*Hostiam et oblationem noluisti;
corpus autem aptasti mihi.*

Não queremos hóstia nem oblação;
mas me formastes um corpo (Hb 10,5).

Considera a grande amargura de que o coração de Jesus devia sentir-se penetrado e oprimido no seio de Maria, no momento em que seu Pai lhe colocou ante os olhos a longa série de desprezos, dores e agonias, que teria de sofrer durante sua vida para livrar os homens de seus males.

Eis como o profeta faz falar a Jesus: *Desde a manhã o Senhor abriu-me o ouvido.* Desde o primeiro instante de minha concepção, meu Pai me fez conhecer a sua vontade que eu le-

vasse uma vida de penas, para ser depois imolado na cruz. *E eu não contradigo...; entreguei meu corpo aos que me batiam.* Tudo aceitei para a vossa salvação, almas queridas, desde então abandonei meu corpo aos flagelos, aos cravos e à morte.

Tudo quanto Jesus Cristo teria de sofrer durante sua vida e na sua paixão pairou ante o seu espírito desde o seio de sua Mãe, e Ele o aceitou com amor; mas para resignar-se a esse sacrifício e para vencer a repugnância natural dos sentidos, ó Deus! que angústia e que opressão não sofreu o coração inocente de Jesus! Ele sabia de antemão o que devia sofrer ficando encerrado nove meses na escura prisão do seio de Maria; sabia a que humilhação e penas devia sujeitar-se nascendo numa fria gruta que servia de abrigo aos animais, e passando depois trinta anos na oficina dum pobre artífice; sabia que os homens o tratariam como a um ignorante, um escravo, um sedutor, um criminoso digno de morte e da morte mais infame e mais dolorosa que se possa infligir aos celerados.

Nosso amantíssimo Redentor aceitou tudo isso a cada instante; e assim, a cada instante sofreu em conjunto todos os tormentos e todos os opróbrios que o aguardavam até a sua morte. O próprio conhecimento de sua dignidade divina lhe fazia sofrer mais profundamente as injúrias que deveria receber dos hoje, e nunca as perdia de vista. *A minha ignomínia está todo o dia diante de mim,* dissera pelo profeta; e por isso entendia sobretudo aquela confusão que devia provar um dia vendo-se despojado de suas vestes, flagelado, suspenso por três cravos de ferro e assim terminar a vida no meio dos desprezos e maldições desses mesmos homens pelos quais morria: *Foi obediente até a morte, até a morte da cruz.* E por que? para salvar a nós pecadores miseráveis e ingratos.

Afetos e Súplicas.

Ah! meu amado Redentor, quanto vos custou desde a vossa entrada neste mundo o livrar-me do abismo em que me lançaram os meus pecados! Para me libertardes da escravidão do demônio, ao qual me vendi voluntariamente entregando-me ao pecado, quisestes ser tratado como o pior dos escravos; e eu, sabendo isso, contristei muitas vezes o vosso amabilíssimo coração, que tanto me amou! Mas já que vós, que sois inocente e que sois o meu Deus, aceitastes por meu amor uma vida e uma morte tão penosas, aceito por vosso amor, ó meu Jesus, todas as penas que me vierem de vossas mãos. Eu as aceito e abraço porque me vêm dessas mãos traspassadas um dia para me livrarem do inferno que tantas vezes mereci. O amor que me testemunhastes, ó meu Redentor, prontificando-vos a sofrer assim por mim, obriga-me deveras a resignar-me por vós a todos os sofrimentos, a todos os desprezos. Senhor, pelos vossos méritos, dai-me o vosso santo amor; o vosso amor tornar-me-á doce e amáveis todas as dores e todas as ignomínias. Amo-vos sobre todas as coisas, amo-vos de todo o meu coração, amo-vos mais do que a mim mesmo. Mas no decorrer de toda a vossa vida destes-me tantas e tão grandes provas de vosso amor, e eu ingrato, após tantos anos de existência, que prova de amor vos tenho dado até agora? Fazei, pois, ó meu Deus, que nos anos que me restam de vida eu vos dê qualquer prova do meu amor. Não ousaria, no dia do juízo, aparecer diante de vós, pobre como sou atualmente e sem nada haver feito por amor de vós. Mas que posso fazer sem a vossa graça? só posso pedir me ajudeis, e mesmo essa oração é um efeito da vossa graça. Meu Jesus, socorrei-me pelos méritos das vossas dores e do sangue que derramastes por mim.

Santíssima Virgem Maria, recomendai-me a vosso divino Filho, conjuro-vos pelo amor que lhe tendes: considerai que sou uma das ovelhas pelas quais vosso Filho deu a vida.

MEDITAÇÃO III.

Parvulus natus est nobis, et Filius datus est nobis.
Nasceu-nos um Menino e foi-nos dado um Filho (Is 9,3).

Considera que após tantos séculos, após tantos suspiros e preces, o divino Messias, que os patriarcas e os profetas não tiveram a felicidade de ver, o Desejado das nações, o Desejo das colinas eternas, numa palavra, nosso Salvador veio em fim, nasceu, e deu-se todo a nós: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho.*

O Filho de Deus se fez pequeno para nos fazer grandes; deu-se a nós, a fim de que nos demos a Ele; veio mostrar-nos seu amor a fim de que o correspondamos com o nosso. Recebamo-lo pois com afeto, amemo-lo e recorramos a Ele em todas as nossas necessidades.

As crianças, diz S. Bernardo, dão facilmente o que se lhes pede. Jesus veio sob a forma duma criança para manifestar a sua disposição de comunicar-nos seus bens. Ora, *nele estão todos os tesouros.* Seu Pai celeste *colocou tudo em suas mãos.* Desejamos luzes? ele veio precisamente para iluminar-nos. Desejamos mais força para resistir aos inimigos? ele veio para fortalecer-nos. Desejamos o perdão das nossas faltas e a salvação? ele veio para perdoar-nos e salvar-nos. Enfim desejamos o soberano dom do amor divino? ele veio justamente para inflamar nossos corações, e para isso é que ele se fez Menino: se ele quis mostrar-se aos nossos olhos num estado tão pobre e tão humilde, e por isso mesmo mais amável, foi para tirar-nos todo o temor e ganhar o nosso amor. Além disso Jesus quis nascer como criança para que o amemos não somente sobre tudo, mas também com amor terno. Todas as crianças sabem conquistar a afeição terna de quem as vê; ora, quem não amarás com toda a ternura a um Deus, vendo-o feito Menino, necessitado de leite, tremendo de frio, pobre, despre-

zado e abandonado, que chora sobre a palha numa manjedoura? Por isso S. Francisco inflamado de amor exclamava: *Amemos o Menino de Belém, amemos o Menino de Belém*. Vinde, ó almas, vinde e amai o meu Deus feito Menino, feito pobre, que é tão amável e que desceu do céu para dar-se todo a vós.

Afetos e Súplicas.

Ó meu amável Jesus, por mim tão desprezado, descestes do céu para resgatar-me do inferno e dar-vos todo a mim, e como pude desprezar-vos tantas vezes e voltar-vos as costas? Ó Deus, os homens são tão gratos às criaturas; se alguém lhes faz algum benefício, se de longe lhes fazem uma visita, se lhes mostram sinal de afeto, não podem esquecer-se disso e sentem-se obrigados a pagar-lhes. E são tão ingratos para conosco, que sois o seu Deus cheio de amabilidade, e que por amor deles não recusastes dar o sangue e a vida. — Mas ah! eu tenho sido pior do que todos, pois que, apesar de me terdes amado, mais eu vos tenho sido mais ingrato. Ah! se tivésseis concedido a um herege, a um idólatra, as graças com que me favoreceste, ele se teria santificado; e eu, eu vos ofendi! Senhor, dignai-vos esquecer as injúrias que vos fiz. Vós dissestes que, quando um pecador se arrepende, esqueceis todos os ultrajes que dele recebestes. Se no passado eu vos não ameï, no futuro não quero fazer outra coisa senão amar-vos. Vós vos destes todo a mim; eu vos consagro toda a minha vontade, e assim vos amo, vos amo, vos amo, e quero repetir sem cessar: amo-vos, amo-vos; e quero dizer sempre a mesma coisa enquanto viver, e quero exalar o último suspiro tendo nos lábios a doce palavra: Meu Deus, eu vos amo! — para começar depois, ao entrar na outra vida, a amar-vos sem interrupção, com um amor sem fim, com amor eterno. Aguardando essa ventura, ó meu Deus, meu único Bem, meu único Amor, estou resolvido a preferir a vossa vontade a todas as minhas satisfações. Venha

o mundo inteiro, eu o repilo; não quero cessar de amar Aquele que tanto me amou; já não quero desgostar Aquele que merece amor infinito. Meu Jesus, secundai o meu desejo e a minha resolução com a vossa graça.

Maria, minha Rainha, reconheço que por vossa intercessão tenho recebido todas as graças que Deus me tem concedido; não cesseis de interceder por mim; obtende-me a perseverança, vós que sois a Mãe da perseverança.

MEDITAÇÃO IV.

Dolor meus in conspectu meo semper.

A minha dor está sempre ante os meus olhos (Sl 37,18).

Considera que, desde o primeiro instante em que foi criada a alma de Jesus Cristo e unida ao corpo no seio de Maria, o eterno Padre intimou a seu Filho a ordem de sacrificar sua vida pela redenção do mundo, e que ao mesmo tempo lhe pôs ante os olhos o espetáculo aflitivo de todas as penas que devia sofrer até a morte para salvar os homens. Mostrou-lhe então os sofrimentos, as humilhações, a pobreza que teria de suportar durante toda a sua vida em Belém, no Egito, em Nazaré, e depois todas as dores e todas as ignomínias de sua paixão, os flagelos, os espinhos, os cravos, a cruz, e os enfados, as tristezas, as agonias, os abandonos, em que terminaria sua vida sobre o Calvário.

Quando Abraão conduziu seu filho à morte, não quis afligi-lo antes, nem mesmo no pouco tempo necessário para chegar à montanha, e guardou em segredo o seu intento; mas o Pai celeste quis que seu Filho encarnado, vítima destinada a satisfazer à sua justiça por todos os pecados, sofresse antecipadamente todas as penas a quem devia submeter-se durante a sua vida e na sua morte. Assim essa cruel tristeza que Jesus

provou no jardim das Oliveiras, e que bastava como ele mesmo declarou para lhe tirar a vida, ele a suportou continuamente desde o primeiro momento de sua existência no seio de Maria; e desde então ele sentiu e sofreu vivamente e em seu conjunto o peso de todas as dores e de todos os opróbrios que o aguardavam.

Toda a vida e todos os anos de nosso divino Redentor foram pois uma vida e anos de dores e lágrimas: *A minha vida vai-se consumindo com a dor, e os meus anos com os gemidos.* O seu adorável coração não ficou isento de penas nem um instante: velando e dormindo, trabalhando e descansando, orando e conversando tinha sempre diante dos olhos essa cruel representação, que mais atormentava a sua alma do que todos os tormentos dos mártires os fizeram sofrer. Os mártires sofreram, mas ajudados pela graça suportaram seus tormentos com a consolação e a alegria que o fervor proporciona; Jesus Cristo sofreu, mas sempre com um coração cheio de tédio e tristeza, e tudo aceitou por amor de nós.

Afetos e Súplicas.

Ó doce, ó amável, ó amante coração de Jesus, fostes desde a infância repleto de amarguras e agonizastes no seio de Maria, sem nenhum alívio e sem que ninguém visse a vossa pena e vos consolasse com sua compaixão! sofrestes tudo isso, ó meu Jesus, a fim de me livrar da agonia eterna que me aguardava no inferno em punição dos meus pecados. Sofrestes um duro abandono, a privação de todo socorro a fim de salvar a mim que tive a audácia de abandonar a Deus e de lhe voltar as costas, para contentar minhas más inclinações. Agradeço-vos, ó Coração aflito e amoroso de meu Senhor! Agradeço-vos e me compadeço das vossas dores, mormente ao ver a insensibilidade dos homens diante de tudo o que sofreis por seu amor. Ó amor de Jesus! ó ingratidão dos homens! — Ó homens!

olhai inocente Cordeiro agonizando por vós, a fim de satisfazer à justiça divina por vossas ofensas; vede-o orando e intercedendo por vós junto de seu Pai eterno; vede-o e amai-o. — Ah! meu Redentor, quão poucos são os que pensam em vossas dores e em vosso amor! ah! quão poucos são os que o amam! Infeliz de mim! tive a desgraça de viver muito tempo sem pensar em vós! sofrestes tanto para ser amado por mim, e eu vos não tenho amado! perdoai-me, meu Jesus, perdoai-me; quero corrigir-me e quero amar-vos de hoje em diante. Quão infeliz seria, Senhor, se resistisse ainda à vossa graça e assim me condenasse! Todas as misericórdias que tendes usado para comigo e particularmente esse doce convite com que neste momento me fazeis para amar-vos, seriam meu maior suplício no inferno. Meu amado Jesus, tende piedade; não permitais que eu responda ainda ao vosso amor com ingratidão; esclarecei-me e dai-me a força de vencer tudo para cumprir a vossa santa vontade. Atendei-me, vo-lo suplico pelos méritos de vossa paixão, na qual ponho toda a minha confiança.

Ó Maria, minha querida Mãe, socorrei-me: vós é que me tendes obtido todas as graças que tenho alcançado de Deus; eu vos agradeço; mas se me não continuardes a proteger continuareis a ser infiel como no passado.

MEDITAÇÃO V.

Oblatus est, quia ipse voluit.

Foi oferecido porque ele mesmo quis (Is 53,7).

Desde o primeiro instante que o Verbo divino se viu feito homem e criança no seio de Maria, ofereceu-se sem reserva aos sofrimentos e à morte, para resgatar o mundo: *Foi oferecido porque ele mesmo quis.* Sabia que todos os sacrifícios de bodes e touros, oferecidos a Deus no passado, não podiam

satisfazer pelos pecados dos homens, que só uma pessoa divina podia pagar o preço de sua redenção: *Eis por que, escreve S. Paulo, desde sua entrada no mundo ele diz: Não quisestes hóstia nem oblação, mas me formastes um corpo... Então eu disse: Eis-me que venho.* Meu Pai! todas as vítimas que vos foram oferecidas até agora, não foram suficientes e não podiam sê-lo para desarmar vossa justiça; destes-me este corpo passível a fim de que pela efusão do meu sangue eu vos aplaque e salve os homens. Eis-me pronto: *Ecce venio*; aceito tudo e me submeto em tudo à vossa santa vontade.

É certo que a parte inferior sentia repugnância; recusava-se naturalmente a viver e morrer no meio de tantos sofrimentos e opróbrios; mas a vitória coube à parte racional, que estava inteiramente submissa à vontade de Deus, e Jesus aceitou tudo, começando desde então a sofrer todas as angústias e dores que devia suportar no decorrer de sua vida. Eis o que fez por nós nosso divino Redentor desde o primeiro momento de sua entrada no mundo.

Mas nós, grande Deus, como nos temos portado para com Jesus, depois que, chegados ao uso da razão, começamos a conhecer pelas luzes da fé os santos mistérios da redenção? quais foram os nossos pensamentos, as nossas ocupações? que bens temos nós amado? Os prazeres, os divertimentos, o orgulho, a vingança, a sensualidade, eis os bens que prenderam os afetos do nosso coração. Mas, se temos fé, havemos enfim de mudar de conduta e amar outra coisa. Amemos um Deus, que tanto sofreu por nós. Ponhamos ante os nossos olhos as penas que o coração de Jesus suportou por nós desde a infância, e não poderemos amar outra coisa fora desse coração que nos amou tanto.

Afetos e Súplicas.

Senhor, quereis saber como me tenho comportado para convosco durante a minha vida? Desde que comecei a ter o uso da razão, comecei a desprezar a vossa graça e o vosso amor. Ah! vós o sabeis melhor do que eu; mas vós me tendes suportado, porque ainda me quereis bem. Eu vos fugia e vós não cessáveis de me perseguir chamando-me. O mesmo amor que vos fez descer do céu à procura das ovelhas perdidas, vos fez suportar as minhas infidelidades e não vos permitiu abandonar-me. Agora, meu Jesus, vós me buscais e eu também vos busco; sinto que vossa graça me assiste: ela me assiste inspirando-me uma viva dor de meus pecados, que detesto sobre todas as coisas; ela me assiste fazendo nascer em mim um grande desejo de vos amar e de vos agradar. Sim, Senhor, quero amar-vos e agradar-vos quanto posso. Temo, é verdade, devido à minha fragilidade e fraqueza que contraí por meus pecados; mas o meu temor cede à confiança que me vem da vossa graça e que, apoiando-se em vossos méritos, me enche de coragem e me faz dizer com o apóstolo: *Tudo posso naquella que me conforta*. Se sou fraco, vós me dareis força contra os meus inimigos; se sou enfermo, espero que vosso sangue será o meu remédio; se sou pecador espero que me tornareis santo. Reconheço que no passado vos perdi por ter deixado de recorrer a vós nos perigos; doravante, meu Salvador e minha esperança, estou resolvido a recorrer sempre a vós, e espero de vós todos os socorros necessários e todos os bens. Amo-vos sobre todas as coisas e quero amar a vós só; ajudai-me por piedade, pelo mérito de tantas penas suportadas por mim desde a vossa infância. — Padre eterno, pelo amor de Jesus Cristo, permiti que vos ame. Se vos irritai, aplaquem-vos as lágrimas de Jesus Menino, que vos pede por mim: *Olhai para a face do vosso Cristo*. Sou indigno das vossas graças, mas vosso Filho inocente as merece por mim, ele que vos oferece uma vida de sofrimentos a fim de que tenhais misericórdia de mim.

E vós, ó Maria, Mãe de misericórdia, não cesseis de interceder por mim. Sabeis quanto confio em vós, e eu sei que não abandonais quem a vós recorre.

MEDITAÇÃO VI.

*Factus sum sicut homo sine adjutorio,
inter mortuos liber.*

Tornei-me como um homem sem socorro,
abandonado entre os mortos (Sl 87,5).

Considera os sofrimentos de Jesus Cristo no seio de sua Mãe, onde esteve como numa prisão durante nove meses. É verdade que as outras crianças se acham no mesmo estado, mas não lhe sentem os incômodos, porque os não conhecem. Jesus, ao contrário, tinha pleno conhecimento deles, pois desde o primeiro instante de sua vida, teve o perfeito uso da razão. Possuía os sentidos e não podia servir-se deles; tinha olhos e não podia ver; tinha língua e não podia falar; tinha mão e não podia estendê-las; tinha pés e não podia andar, de sorte que durante nove meses teve de ficar no seio de Maria como um morto encerrado num sepulcro: *Como um homem sem socorro, abandonado entre os mortos*. Era livre, porque voluntariamente se fizera prisioneiro de amor naquele cárcere; mas o amor o privava da liberdade e lá o conservava tão estreitamente preso, que não podia mover-se: ele era *livre*, porém, *entre os mortos*. O paciência do Salvador! exclama S. Ambrósio ao considerar os sofrimentos de Jesus no seio de Maria.

O seio de Maria foi pois para o nosso Redentor uma prisão voluntária, porque era uma prisão de amor; não foi todavia uma prisão de injusta: Jesus era inocente, mas se oferecera para pagar as nossa dívidas e expiar as nossas iniquidades. É pois com razão que a divina justiça o conservou assim encerrado,

começando a exigir por esta primeira pena a satisfação que lhe era devida.

Eis a que se reduz o Filho de Deus por amor dos homens: priva-se de sua liberdade e se coloca em cadeias para livrar-nos das cadeias do inferno. E nós poderíamos sem injustiça não corresponder com gratidão e amor à bondade daquele que, sem estar a isso obrigado, mas por puro afeto para conosco, se fez nossa caução e nosso libertador, que se ofereceu para pagar nossas dívidas e de fato as pagou com sua vida divina, e se carregou das penas devidas aos nossos crimes? *Não te esqueças, diz o Sábio, do benefício que te fez o que ficou por teu fiador, porque ele expôs a sua vida por ti.*

Afetos e Súplicas.

Sim, meu Jesus, o vosso profeta tem razão de advertir-me a não esquecer a graça inapreciável que me fizestes. Eu era o devedor, o culpado; e vós inocente, vós, o meu Deus, quisestes expiar minhas faltas com vossas dores e com a vossa morte. Mas eu, depois disso, esqueci os vossos benefícios e o vosso amor e tive a audácia de voltar-vos as costas, como se não fosseis o meu soberano Senhor, e um Senhor que me amou tanto! Mas, meu caro Redentor, se no passado fui ingrato, estou resolvido a não cometer mais a mesma falta: os vossos sofrimentos e a vossa morte serão o objeto contínuo dos meus pensamentos; recordar-me-ão sem cessar o amor que me tendes. Maldigo esses dias em que, esquecido do que sofrestes por mim, fiz uso tão mau da minha liberdade; vós ma destes para eu vos amar, e dela me servi para vos ultrajar! Mas hoje, consagro-vos inteiramente essa liberdade que recebi de vós. Por favor, Senhor, preservai-me da desgraça de me ver outra vez separado de vós e caído na escravidão de Lúcifer. Prendei minha pobre alma aos vossos sagrados pés pelas cadeias do vosso amor a fim de que se não separe jamais de vós. — Pa-

dre eterno, pelo cativo de Jesus no seio de Maria, livrai-me das cadeias do pecado e do inferno.

E vós, ó Mãe de Deus, socorrei-me. Tendes o Filho do Altíssimo encerrado em vosso seio e estreitamente unido a vós: já que Jesus é vosso prisioneiro, fará o que lhe disserdes, ah! dizei-lhe que me perdoe, dizei-lhe que me torne santo. Ajudai-me, minha Mãe, eu vos conjuro pela graça e honra de Jesus Cristo vos fez de habitar nove meses em vós.

MEDITAÇÃO VII.

In propria venit, et sui eum non receperunt.

Veio para o que era seu, e os seu o não receberam (Jo 1,11).

Um dia, durante as festas do Natal, S. Francisco de Assis andava chorando e suspirando pelos caminhos e florestas, e parecia inconsolável. perguntaram-lhe a causa de sua dor e ele respondeu: “Como quereis que eu não chore, vendo que o amor não é amado? Vejo um Deus amar o homem até a loucura, e o homem ser tão ingrato a esse Deus!” Se a ingratidão dos homens afligia tanto o coração de S. Francisco, imaginemos quanto mais afligiu o coração de Jesus Cristo.

Apenas concebido no seio de Maria, ele viu a cruel ingratidão, que devia receber dos homens. Viera do céu para acender na terra o fogo do amor divino; esse único motivo o levou a deixar-se imergir num abismo de dores e opróbrios: *Vim trazer o fogo sobre a terra, e que quero senão que se inflame?* e via um abismo de pecados que os homens iriam cometer depois de receberem tantas provas de seu amor! Eis, diz S. Bernardino de Sena, o que lhe causou uma dor infinita.

Nós mesmos sentimos pena insuportável vendo-nos tratados com ingratidão; é que, segundo a reflexão do bem-

aventurado Simão de Cássia, muitas vezes a ingratidão aflige mais a nossa alma do que qualquer outra dor ao corpo. Qual não foi pois a dor de Jesus Cristo, nosso Deus, ao ver que responderíamos a seus benefícios e amor com ofensas e injúrias! Ele se queixou pela boca de Davi: *Deram-me males em troca de bens, e ódio em troca do amor que eu lhes tinha*; mas também hoje em dia parece que Jesus Cristo se lamenta: *Sou como um estranho no meio de meus irmãos*, por ver um grande número deles viver sem o amar e sem o conhecer, como se os não houvera beneficiado, e como se nada houvera sofrido por amor deles. Ah! que caso fazem hoje muitos cristãos do amor de Jesus Cristo? Nosso Senhor apareceu um dia ao bem-aventurado Henrique Suso sob a forma dum peregrino a mendigar de porta em porta um abrigo; mas todos o repeliam injuriando-o grosseiramente. Quantos se parecem com aqueles de que falava Jó: *Diziam a Deus: Retirai-vos de nós...; e isso depois que enchera suas casas de toda a sorte de bens*.

No passado também nós fomos ingratos; queremos ainda continuar a sê-lo? Oh! não: esse amável Menino, que do céu veio sofrer e morrer por nós para obter o nosso amor, não merece tal ingratidão.

Afetos e Súplicas.

É pois verdade, meu Jesus, que descestes do céu para vos fazer amar de mim; viestes abraçar uma vida de penas e a morte da cruz por meu amor, a fim de abrir-vos a entrada do meu coração; e eu vos repeli tantas vezes dizendo: *Recede a me, Domine*: Retirai-vos de mim, Senhor; não vos quero! — Ah! se não fosseis um Deus de bondade infinita, e se não tivésseis dado a vossa vida para perdoar-me, não ousaria pedir-vos perdão. Mas ouço que vós mesmo me ofereceis a paz: *Converteis-vos a mim*, dizeis, *e eu me converterei a vós*. Pois bem, meu Jesus, vós a quem ofendi, vos fazeis meu intercessor. Não

quero pois fazer-vos ainda a injúria de desconfiar da vossa misericórdia. Arrependo-me de toda a minha alma de vos haver ofendido e desprezado, ó Bem supremo; recebei-me em vossa graça, conjuro-vos pelo sangue que derramastes por mim. Não, meu Redentor e *meu Pai, não sou digno de ser chamado vosso filho*, depois de haver tantas vezes renunciado ao vosso amor; mas vós com os vossos méritos me tornais digno dele. Agradeço-vos, meu Pai, agradeço-vos e amo-vos. Ah! já a lembrança da paciência com que me suportastes tantas anos e das graças que me prodigalizastes após tantos ultrajes da minha parte, deveria fazer-me arder sem cessar de amor por nós. Vinde, pois, meu Jesus, não quero mais repelir-vos; vinde habitar em meu pobre coração. Amo-vos e quero amar-vos sempre; inflamai-me cada vez mais recordando-me sempre o amor que me tivestes.

Minha Rainha e minha Mãe, ajudai-me, pedi a Jesus por mim: fazei que durante o resto da minha vida, eu seja grato para com esse Deus que tanto me te amado mesmo depois de haver recebido de mim tantas ofensas.

MEDITAÇÃO VIII.

*Apparuit gratia Dei Salvatoris nostri
omnibus hominibus, erudiens nos, ut... pie
vivamus in hoc saeculo, exspectantes
beatam spem et adventum gloriae magni
Dei et Salvatoris nostri Jesu Christi.*

A graça de Deus nosso Salvador apareceu a todos os homens e nos ensinou a viver no século presente com piedade aguardando a beatitude que esperamos, e o futuro glorioso de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo (Tt 2,11).

Considera que por essa graça de que aqui fala o apóstolo, entende-se o ardente amor de Jesus Cristo aos homens, amor que não merecemos e que por essa razão é chamada graça.

Esse amor em Deus foi sempre o mesmo, mas não apareceu sempre. Foi o primeiro prometido por um grande número de profecias e anunciado por muitas figuras; mas apareceu manifestamente quando o Redentor nasceu, quando o Verbo eterno se mostrou aos homens sob a forma duma criancinha, reclinada sobre palha, chorando e tremendo de frio, começando assim a satisfazer pelas penas por nós merecidas, e fazendo-nos conhecer o afeto que nos tinha pelo sacrifício que fez de sua vida por nós. *Nisto conhecemos o amor de Deus*, diz S. João, *em ter ele dado a sua vida por nós*.

Apareceu pois o amor do nosso Deus e apareceu a todos os homens: *Omnibus hominibus*. Mas por que não o conheceram todos? e ainda hoje nem todos o conhecem? Eis como Jesus mesmo responde, a essa pergunta: *A luz veio ao mundo, e os homens preferiram as trevas à luz*. Não o conheceram e não o conhecem, porque não querem conhecê-lo, amando mais as trevas do pecado do que a luz da graça.

Procuremos não ser do número desses infelizes. Se no passado fechamos os olhos à luz pensando pouco no amor de Jesus Cristo, procuremos no resto da nossa vida não perder jamais de vista as dores e a morte de nosso Salvador, a fim de amarmos, como devemos, Aquele que tanto nos amou. Assim teremos direito de esperar, segundo as divinas promessas, o belo paraíso que Jesus Cristo nos adquiriu com seu sangue: *Esperando a beatitude, objeto de nossas esperanças e o glorioso advento de nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo*. No seu primeiro advento, Jesus veio sob a forma duma criança pobre e desprezada, nascida num estábulo, coberta de míseros paninhos e reclinada sobre palha; no segundo aparecerá como juiz sobre um trono glorioso. *Eles verão o Filho do homem vir*

sobre as nuvens do céu, com grande poder e majestade. Feliz de quem o tiver amado! mas ai de quem o não tiver amado!

Afetos e Súplicas.

Ó santo Menino, vejo-vos hoje sobre a palha, pobre, aflito e abandonado; mas sei que um dia vireis, para julgar-me, num trono resplendente e cercado de anjos. Ah! perdoai-me antes desse dia terrível. Então deveis agir como juiz rigoroso; mas hoje sois Redentor e Pai de misericórdia. Eu, ingrato, fui um dos que vos não conheceram, porque não quis conhecer-vos; eis por que, em vez de pensar em amar-vos considerando o amor que me testemunhastes, só pensei em satisfazer-me desprezando vossa graça e vosso amor. Entrego agora nas vossas mãos a alma que perdi; salvai-a. Ponho em vós todas as minhas esperanças, sabendo que, para resgatar-me do inferno, destes o vosso sangue e a vossa vida: *Redemisti me, Domine*. Não me fizestes morrer quando estava em pecado, e esperastes-me com tanta paciência, a fim de que, caindo em mim e arrependido de vos haver ofendido, comece a amar-vos, e vós possais depois perdoar-me e salvar-me. Ó meu Jesus, quero corresponder a tanta bondade: arrependo-me sobre todas as coisas dos desgostos que vos dei; arrependo-me e amo-vos sobre todas as coisas. Salvai-me por vossa misericórdia, e a minha salvação consista em amar-vos sempre nesta vida e na eternidade.

Maria, minha querida Mãe, recomendai-me a vosso divino Filho. Dizei-lhe que sou vosso servo e que pus em vós a minha esperança; ele vos ouve e nada vos recusa.

MEDITAÇÃO IX.

Ascendit autem et Joseph... ut profiteretur cum Maria desponsata sibi uxore praegnante.

José foi também... para se recensear juntamente com sua esposa Maria que estava grávida. (Lc 2,4).

Deus havia decretado que seu Filho nascesse não na casa de José, mas numa gruta, num estábulo, da maneira mais pobre e mais penosa que possa nascer uma criança; e por isso dispôs que César publicasse um edito pelo qual cada um era obrigado a ir inscrever-se no lugar de sua origem.

Ao receber essa ordem José ficou inquieto não sabendo se devia deixar ou levar consigo à Virgem Mãe, pois ela estava para dar à luz. — Minha Esposa e Senhora, disse-lhe, de um lado não vos quero deixar só, e do outro, se vos levar comigo fico aflito pensando no muito que tereis de sofrer em tão longa viagem e tão rigorosa estação; minha pobreza não me permite conduzir-vos com os devidos cuidados. — Maria porém encorajou-o dizendo: Meu caro José, não temais; irei convosco e o Senhor nos ajudará. — Ela sabia por inspiração e pelo conhecimento que tinha da profecia de Miquéias, que o divino Menino devia nascer em Belém. Tomou pois as faixas e os pobres paninhos já preparados, e pôs-se a caminho com José: *Ascendit autem et Joseph... ut profiteretur cum Maria.*

Acompanhemos os santos esposos em sua viagem considerando os piedosos entretimentos que nessa viagem deviam ter tido sobre a misericórdia, a bondade, e o amor do Verbo divino, que iria logo nascer e aparecer no mundo para a salvação dos homens. Consideremos ainda os louvores e as bênçãos, as ações de graça, os atos de humildade e amor, que de caminho faziam esses dois nobres peregrinos. Ela sofria certamente muito, essa jovem e tenra virgem prestes a dar à luz,

fazendo trajeto tão longo, por caminhos difíceis e no tempo do inverno; mas sofria em paz e com amor, e oferecia a Deus todas as suas penas unindo-as às de Jesus que levava em seu casto seio.

Ah! unamo-nos a Maria e a José, e acompanhemos com eles o Rei do céu, que vai nascer numa caverna e fazer sua primeira aparição no mundo como uma criança, e como a criança mais pobre e abandonada que jamais nasceu entre os homens. Peçamos a Jesus, Maria e José, pelos méritos das penas que sofrem nessa viagem, nos acompanhem na viagem que fazemos à eternidade. Felizes de nós, se na vida e na morte formos sempre acompanhados por esses três grandes personagens!

Afetos e Súplicas

Meu caro Redentor, sei que os anjos do céu vos acompanham nessa viagem; mas entre os habitantes da terra, quais são os que vos acompanham? Vejo convosco só José e Maria que vos leva em seu seio; ó meu Jesus, permiti-me una a eles para vos seguir. Ah! tenho sido bem ingrato para convosco! vejo agora o mal que fiz: descestes do céu para me fazer companhia na terra, e eu tive tantas vezes a ingratidão de deixar-vos ofendendo-vos. Ó meu divino Mestre, quando penso que para seguir minhas malditas inclinações tantas vezes me separei de vós renunciando à vossa amizade, quisera morrer de dor. Mas viestes para perdoar-me; perdoai-me pois agora que me arrependo de toda a minha alma de vos ter tantas vezes desprezado e abandonado. Estou resolvido e espero, com a vossa graça, não me afastar nem separar de vós, meu único amor! Sim, minha alma está tomada de amor por vós, meu amável Deus-Menino! amo-vos, meu doce Salvador, e já que viestes à terra para me salvar e me comunicar as vossas graças, eis a única que vos peço: fazei que me não separe jamais de vós;

cativai-me prendendo-me estreitamente a vós pelas doces cadeias do vosso santo amor. Ah! meu Redentor e meu Deus, quem poderia ainda deixar-vos e viver sem vós, privado da vossa graça?

Santíssima Virgem Maria, venho fazer-vos companhia em vossa viagem a Belém; e vós, minha Mãe, não cesseis de ajudar-me na viagem que faço à eternidade. Assisti-me sempre, mas sobretudo no fim da minha vida, quando eu chegar a esse último momento que deve decidir se estarei, ou sempre convosco para amar a Jesus no céu, ou sempre longe de vós para odiar a Jesus no inferno. Minha Rainha, salvai-me com vossa intercessão; e a minha salvação seja amar-vos para sempre, a Jesus e a vós, no tempo e na eternidade. Sois minha esperança, espero tudo de vós.

MEDITAÇÕES PARA A OITAVA DE NATAL E OS DIAS SEGUINTE ATÉ A EPIFANIA.

MEDITAÇÃO I.

DO NASCIMENTO DE JESUS.

O nascimento de Jesus Cristo foi motivo de alegria para todo o mundo. Ele era o Redentor esperado há tantos anos e o objeto de tantos suspiros que foi chamado o “Desejado das nações” e o “Desejo das colinas eternas”. Eis que veio; nasceu numa pequena gruta. Imaginemos que o anjo nos anuncia hoje esse grande motivo de júbilo que anunciou aos pastores de Belém: *Eis que vos anuncio uma grande alegria que será partilhada por todo o povo, pois nasceu-vos hoje o Salvador.*

Que festa num reino por ocasião do nascimento do primeiro filho do rei! Devemos porém regozijar-nos ainda mais vendo nascer o Filho de Deus, que *premido pelas entranhas de sua misericórdia*, do céu veio visitar-nos. Estávamos perdidos, e eis que ele veio ao mundo para salvar-nos. Eis o pastor que veio salvar suas ovelhas da morte, dando sua vida por seu amor. *Eu sou o bom Pastor*, diz ele, *o bom Pastor dá sua vida por suas ovelhas*. Eis o Cordeiro de Deus que veio imolar-se para nos obter a graça divina, e para ser o nosso libertador, a nossa vida, a nossa luz, e até nosso alimento no Santíssimo Sacramento.

Segundo S. Máximo, um dos motivos pelos quais Jesus quis, nascendo, ser colocado num presépio, onde os animais tomam seu alimento, foi dar-nos a entender que se fez homem não só para salvar-nos, mas também para ser o nosso alimento. Ainda mais, nasce todos os dias na Missa entre as mãos do sacerdote pela consagração: o altar é o presépio onde nos saciamos de sua carne divina. Há pessoas que desejariam receber em seus braços o santo Infante, como o santo velho Simeão; ora, a fé nos ensina que quando comungamos temos não só nos braços, mas no coração esse mesmo Jesus que estava no presépio de Belém. Nasceu precisamente para dar-se inteiramente a nós: *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho*.

Afetos e Súplicas.

Andei errante, como ovelha, que se desgarrou; busca o teu servo. Senhor, sou essa pobre ovelha que, para seguir seus gostos e caprichos, se perdeu miseravelmente; mas vós, Pastor e Cordeiro divino, viestes do céu para salvar-me imolando-vos sobre a cruz como vítima de expiação por meus pecados: Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado. Se quero pois corrigir-me, que tenho a temer? não devo confiar inteiramente em vós que nascestes justamente para salvar-me? Eis que

Deus é meu Salvador; agirei com confiança e nada temereis. E que maior prova de misericórdia poderíeis dar-me, meu doce Redentor, para obrigar-me a confiar em vós, do que o terdes-vos dado a mim? Ó caro Menino, quanto sinto ter-vos ofendido! Eu vos fiz chorar no estábulo de Belém, mas, sabendo que viestes para me buscar, lanço-me aos vossos pés; e embora vos veja tão aflito e humilhado nesse presépio em que repousais sobre palha, reconheço-vos por meu Rei e meu soberano Senhor. Ouço os vossos ternos vagidos, que me convidam a amar-vos, e me pedem o coração; ei-lo, Jesus, estou agora aos vossos pés para vo-lo oferecer; transformai-o e inflamai-o, já que viestes ao mundo para abrasar os corações de vosso santo amor. Ouço-vos dizer-me do presépio: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração*; e eu respondo: Ah! meu Jesus, se não amo a vós que sois meu Senhor e meu Deus, a quem amarei então? Vós vos declarais minha propriedade pois que nasceis para vos dar todo a mim; e eu recusaria ser vosso? Não, meu amado Senhor, dou-me todo a vós, e amo-vos de todo o meu coração. Sim, amo-vos, amo-vos, amo-vos, ó Bem supremo, único amor de minha alma! Por favor, recebei-me hoje, e não permitais eu cesse jamais de amar-vos.

Ó Maria, minha Soberana, eu vos conjuro pela alegria de que fostes inundada a primeira vez que os vossos olhos viram vosso divino Filho em seu nascimento e os vossos braços o apertaram contra o vosso seio materno, pedi-lhe aceite a oferta que lhe faço de mim mesmo, e me prenda a ele para sempre pelo dom de seu santo amor.

MEDITAÇÃO II.

JESUS NASCE MENINO.

Considera que a primeira indicação dada pelo anjo aos pastores para reconhecerem o Messias recém-nascido, foi que o acharam sob a forma duma criança: *Achareis um menino envolto em paninhos e reclinado num presépio*. A pequenez das crianças é um grande atrativo para os corações; mas esse atrativo deve ser bem maior e poderoso para nós em Jesus, que, sendo Deus infinito, se fez pequeno por nosso amor, como observa S. Agostinho.

Adão apareceu no mundo em estado de homem perfeito; mas o Verbo eterno quis nascer criança: *Parvulus natus est nobis*; e isso a fim de atrair mais fortemente nossos corações a seu amor. “Assim quis nascer, diz S. Pedro Crisólogo, Aquele que queria ser amado”. Não vem à terra espalhar o terror, mas conquistar o amor; eis porque quer mostrar-se primeiro como uma pobre e tenra criança. *O Senhor é grande e infinitamente digno de louvores*, exclama S. Bernardo, com o profeta-rei; mas considerando em seguida a Jesus feito uma criancinha no estábulo de Belém, o santo ajunta com ternura: “Esse Deus tão grande, meu soberano Senhor, se fez pequeno para mim, e se tornou excessivamente amável”.

Ah! quem olha com fé um Deus feito menino a chorar e gemer sobre a palha, numa gruta, por amor de nós, como poderia deixar de amá-lo e convidar a todos a amá-lo, como fazia S. Francisco de Assis que dizia: Amemos o Menino de Belém, amemos o Menino de Belém! É uma criança, não fala, só solta vagidos, que são outros tantos gritos de amor com que nos convida a amá-lo e a dar-lhe o nosso coração.

Considera ainda que as crianças ganham o afeto por sua inocência. Todavia todas as outras crianças vêm ao mundo com a mancha do pecado original, ao passo que Jesus nasce

em perfeita santidade, sem mancha alguma. O meu Dileto, dizia a Esposa sagrada, é todo rubro de amor e branco de inocência e pureza. Esse celeste Menino constitui as delícias do Padre eterno, porque, como diz S. Gregório, é o único absolutamente puro a seus olhos.

Mas, consolemo-nos, embora sejamos pobres pecadores; esse divino Infante veio do céu para comunicar-nos a sua inocência por sua Paixão. Os seus méritos, se deles soubermos aproveitar-nos, podem mudar-nos de pecadores em santos. Ponhamos pois toda a nossa confiança nos méritos de Jesus Cristo; peçamos sempre por eles ao Pai eterno as graças que desejamos, e tudo nos será concedido.

Afetos e Súplicas.

Pai celeste, eu miserável pecador digno do inferno, nada tenho para oferecer-vos as lágrimas, as penas, o sangue, a morte desse Menino inocente, que é vosso Filho, e peço-vos misericórdia por seus méritos. Se não tivesse esse divino Filho para vo-lo oferecer, estaria perdido, e não haveria mais esperança para mim; mas vós mo destes a fim que, oferecendo-vos os seus méritos, tenha esperança de salvação. Senhor, bem grande foi minha ingratidão, porém maior ainda é a vossa misericórdia. E que maior misericórdia podia eu esperar de vós que de me dardes o vosso próprio Filho por Redentor e como vítima que eu vos pudesse oferecer por meus pecados? Pelo amor de Jesus Cristo, perdoai as minhas ofensas; arrependo-me de todo o coração de vos haver desgostado, Bondade infinita! E também pelo amor de Jesus dai-me a santa perseverança. Ah! meu Deus, se tornasse a ofender-vos depois que me esperastes com tantas paciência. me aclarastes com tantas luzes, e me perdoastes com tanto amor, não mereceria um inferno criado expressamente para mim? Ah! meu Pai, não me abandonéis; tremo ao pensar nas infidelidades de que me tornei cul-

pado para convosco; quantas vezes vos voltei as costas depois de ter prometido amar-vos! Ó meu Criador, não permitais tenha eu a deplorar a desgraça de ver-me de novo privado da vossa graça e separado de vós. Não permitais me separe de vós! não permitais me separe de vós! Repito essa prece e quero repeti-la até o derradeiro suspiro de minha vida; mas dai-me a graça de repeti-la sem cessar Não permitais me separe de vós! Meu Jesus, ó caro Infante, predeei-me a vós pelas cadeias do vosso amor; amo-vos e quero amar-vos eternamente; não permitais me separe jamais de vosso amor.

Amo-vos também, Maria, minha Mãe; dignai-vos amar-me também, e como penhor de amor, obtende-me a graça de não cessar jamais de amar o meu Deus.

MEDITAÇÃO III.

JESUS ENVOLTO EM PANOS.

Representai-vos Maria que, tendo dado à luz seu divino Filho, o toma respeitosamente em seus braços e, depois de adorá-lo como seu Deus, *o envolve em panos*. Assim atesta o Evangelho, e a Santa Igreja o repete em seus cânticos:

Membra pannis involuta

Virgo Mater alligat.

Vede a Jesus Menino que, obediente, oferece suas mãozinhas, estende seus pézinhos e se deixa envolver. Considerai como cada vez que sua Mãe o apertava assim nos paninhos, o santo Menino pensava nas cordas com que seria ligado um dia no jardim das Oliveiras, depois atado a uma coluna, e nos cravos que deviam prendê-lo na cruz; e como, assim pensando, Ele sofria voluntariamente aqueles laços a fim de livrar nossas almas das cadeias do inferno.

Jesus, estreitamente apertado nos paninhos, dirige-se a nós e convida a nos unirmos estreitamente a Ele pelos doces vínculos do amor; e voltando-se a seu Pai eterno, diz-lhe: Meu Pai, os homens abusaram de sua liberdade e, revoltando-se contra vós, tornaram-se escravos do pecado; para expiar a sua desobediência consinto em ser ligado e apertado nestes panos. Nesse estado, faço-vos o sacrifício de minha liberdade, a fim de que o homem seja libertado da escravidão do demônio. Aceito estes panos; são-me caros, e tanto mais caros porque representam as cordas com as quais me ofereço a ser um dia atado e conduzido à morte para a salvação dos homens.

Os seus vínculos, os de Jesus, são ligadura salutar para curar as chagas de nossa alma. — Meu Jesus, quisestes pois ser ligado em paninhos por amor de mim. Ó divina caridade, direi com S. Lourenço Justiniano, só tu pudeste fazer meu Deus meu prisioneiro. — E eu, Senhor, recusaria ainda deixar-me unir a vós por vosso santo amor? teria ainda a triste coragem de romper vossas doces e amáveis cadeias, e isso, para tornar-me escravo do inferno? Meu Jesus, estais ligado no presépio por meu amor; quero permanecer sempre preso a vós.

S. Maria Madalena de Pazzi dizia que esses panos significam para nós a firme resolução de nos unirmos a Deus pelos laços do amor e de nos desapegarmos de tudo que não é Deus. Para esse mesmo fim, como é evidente, e para ver as almas diletas enlaçadas pelos vínculos de seu amor, é que nosso amantíssimo Jesus quis ficar nos altares como ligado e preso sob as espécies do Santíssimo Sacramento.

Afetos e Súplicas.

Querido Menino, como poderia eu temer os vossos castigos quando vos vejo enfaixado, privado, por assim dizer, do poder de levantar a mão para punir-me? Com isso dais-me a entender que não tendes a intenção de castigar-me, se eu qui-

ser sacudir o jugo de minhas paixões e prender-me a vós. Sim, meu Jesus, quero libertar-me dele. Arrependo-me profundamente de me haver separado de vós abusando da liberdade que me destes. Ofereceis-me uma outra liberdade, uma liberdade mais bela, e que me deve livrar das cadeias do demônio e colocar-me no número dos filhos de Deus. Deixastes-vos aprisionar nesses paninhos humildes por seu amor; quero ser prisioneiro do vosso grande amor. Ó felizes cadeias, belos laços de salvação, que prendeis as almas a Deus, vinculai também meu pobre coração; cingi-o tão fortemente que não possa mais separar-me do amor desse bem supremo. Meu Jesus, amo-vos, uno-me a vós, dou-vos todo o meu coração, toda a minha vontade. Meu amado Senhor, estou resolvido a nunca mais deixar-vos. Ah! meu doce Salvador, vós que, para apagar minhas dívidas, quisestes não só vos deixar enfaixar por vossa santa Mãe, mas também ser maltratado como um criminoso pelos algozes e nesse estado arrastar-vos pelas ruas de Jerusalém para serdes em fim conduzido à morte como um inocente cordeiro que se leva ao matadouro; vós que quisestes ser pregado na cruz e que não deixastes senão com a vossa morte, eu vos conjuro, não permitais tenha eu ainda a infelicidade de separar-me de vós e de me ver privado da vossa graça e do vosso amor.

Ó Maria, que outrora enfaixastes em paninhos o vosso Filho inocente, prendei também a mim pecador, prendei-me a Jesus, a fim que não mais me afaste de seus pés, que viva sempre preso a Ele e que morra unido a Ele, para ter a felicidade de entrar um dia na pátria bem-aventurada, onde estarei fora do perigo e do temor de separar-me ainda de seu santo amor.

MEDITAÇÃO IV.

JESUS AMAMENTADO.

O Menino Jesus, depois de envolvido em paninhos, pedia e tomava o leite do seio de Maria. A Esposa dos Cânticos desejava ver seu irmãozinho sugando o leite de sua mãe; mas seu desejo não foi satisfeito. Nós, ao contrário, tivemos a felicidade de ver o Filho de Deus feito homem e tornado nosso irmão, tomar seu alimento do seio de Maria. Oh! que espetáculo para o céu ver o Verbo divino feito menino e sugando o leite duma jovem virgem, sua criatura!

Eis pois Aquele que alimenta todos os homens e todos os animais da terra, feito tão fraco e tão pobre, que necessita dum pouco de leite para sustentar a vida! A Irmã Paula, camaldulense, ao ver uma imagem de Jesus amamentado, sentiu-se logo abrasada de terno amor para com Deus. Jesus tomava pouco leite e só raramente; foi revelado à Irmã Maria-Ana, franciscana, que sua Santíssima Mãe lhe dava o seio só três vezes ao dia. Ó leite precioso para nós! convertido em sangue nas veias de nosso Redentor, tornou-se depois num banho de salvação para nossas almas manchadas.

Consideremos ainda que Jesus tomava esse leite para sustentar o corpo que queria dar-nos em alimento na santa comunhão. — Assim, meu terno Salvador, sugando o leite de vossa Mãe, pensastes em mim: pensastes em mudar esse leite em sangue, para o derramar depois na vossa morte, em fazer dele o preço da minha redenção, e em nutrir minha alma no Santíssimo Sacramento, que é o leite salutar pelo qual conservais nossas almas na vida da graça: “O leite de vossas almas é Jesus Cristo”, dizia S. Agostinho.

Ó Menino querido ao meu coração, ó meu Jesus, permiti exclame eu como a mulher do Evangelho: *Felizes as entranhas*

que vos levaram, e os peitos que sugastes. — Sim, sois bem-aventurada ó Mãe de Deus, que amamentastes o Verbo encarnado! Ah! permiti que me una a vosso divino Filho para receber de vós o leite duma terna e afetuosa devoção ao Menino Jesus e a vós, minha queridíssima Mãe!

Rendo-vos graças, ó divino Infante, que vos sujeitastes à necessidade do leite a fim de me testemunhar o vosso amor! — O Senhor deu a entender a S. Maria Madalena de Pazzi que se reduziu a essa necessidade precisamente para nos mostrar seu amor para com as almas por Ele resgatadas.

Afetos e Súplicas.

Ó meu doce Jesus, amável Menino, sois o Pão do céu e o alimento dos anjos; vós nutris todas as criaturas; como estais reduzido a mendigar um pouco de leite duma virgem para sustentar vossa vida? — Ó amor divino, como pudestes tornar um Deus tão pobre ao ponto de necessitar dum nutrimento terrestre? Ah! compreendo-vos, meu Jesus, recebeis o leite de Maria no estábulo para o transformar em sangue precioso que quereis oferecer a Deus na cruz em sacrifício de expiação por nossos pecados! Dai, ó Maria, dai todo o leite que podeis dar a vosso divino Filho, pois cada gota desse leite deve servir para lavar minha alma de suas manchas, e nutri-la depois na santa comunhão! — Ó meu Redentor, como vos não amarás aquele que crê no que fizestes e sofrestes para salvar-nos? E eu sabendo isso, como pude ser tão ingrato para convosco? Mas a vossa bondade é minha esperança e me assegura que, se eu quiser a vossa graça, ela me pertence. Ó Bem supremo, arrependo-me de vos haver ofendido, e amo-vos sobre todas as coisas, ou antes, não amo senão a vós, e só a vós quero amar, sois e sereis sempre meu único Bem e meu único Amor. Meu caro Redentor, dai-me, vo-lo peço, uma terna devoção à vossa santa infância, coo o fizestes a tantas almas que, à recordação

de vossa infância, parecem esquecer tudo e não mais poder pensar senão em vos amar. É verdade que elas são inocentes e eu pecador; mas vos fizestes pequeno para vos fazer amar também pelos pecadores. Sim, meu Deus, eu vos ofendi, mas agora amo-vos de todo o meu coração e só desejo o vosso amor.

Ó Maria, dai-me um pouco da ternura com que nutríeis com vosso leite o Menino Jesus.

MEDITAÇÃO V.

JESUS SOBRE A PALHA.

Jesus nasce no estábulo de Belém. A sua pobre Mãe não tem lã nem pluma para confeccionar um leito conveniente ao tenro Menino. Que fará então? ajunta um pouco de palha numa manjedoura e nela o deita. Mas, ó céu! esse é um leito demasiado duro e penoso para uma criancinha recém-nascida! Os membros duma criancinha recém-nascida! Os membros duma criancinha são extremamente delicados, e sobretudo os membros de Jesus, formados expressamente pelo Espírito Santo para serem mais sensíveis à dor. A dureza desse leito foi-lhe pois penosíssima.

Foi uma pena e foi também um opróbrio. Que criança, mesmo entre as mais pobres pessoas do povo, se vê ao nascer obrigada a deitar-se sobre palha? A palha é leito para os animais; e o Filho de Deus não acha sobre a terra senão vil palha por leito! S. Francisco de Assis ouviu um dia ler, quando se achava à mesa, as palavras do Evangelho: *Ela o deitou numa manjedoura*; e exclamou: “Como? meu Senhor está sobre palha, e eu continuaria sentado?” No mesmo instante deixa seu lugar, lança-se por terra e assim termina sua pobre refeição

que rega de lágrimas de ternura ao considerar os sofrimentos de Jesus Menino deitado sobre a palha.

Mas por que Maria, que tanto desejara ver nascer esse Filho adorável e que o amava tão ternamente, por que, em vez de conservá-lo em seus braços, o pôs sobre esse leito de dores? — Eis um mistério, responde S. Tomás de Vilanova. Esse mistério é interpretado de vários modos; mas, entre todas as explicações é a de S. Pedro Damiano que mais me agrada: Jesus recém-nascido quis ser deitado sobre a palha para nos ensinar a mortificação dos sentidos. O mundo perdera-se pelos prazeres sensuais; assim perderam-se Adão e grande número de seus descendentes. O Verbo eterno veio do céu para ensinar-nos o amor dos sofrimento, e começou ao nascer a ensinar-nos escolhendo para si o que uma criancinha pode suportar de mais penoso. Foi pois Ele que inspirou sua Mãe a não conservá-lo em seus braços tão suaves, e a colocá-lo no duro leito a fim de melhor sentir o frio da gruta e sofrer as picadas da palha.

Afetos e Súplicas.

Ó terno Amante das almas, meu amável Redentor, não vos bastam a dolorosa paixão que vos aguarda e a morte cruel que vos preparam na cruz; quereis começar a sofrer desde o primeiro momento de vossa existência! Sim, porque desde o vosso nascimento quereis começar a ser meu Redentor, e a satisfazer por meus pecados à divina Justiça. Por leito escolhestes a palha, a fim de me livrar do fogo do inferno, aonde muitas vezes eu merecera ser precipitado. Chorais e gemeis sobre a palha para me obter de vosso Pai, por vossas lágrimas, o perdão das minhas faltas. Ah! essas lágrimas me afligem e me consolam. Afligem-me pela compaixão que tenho de vós, inocente menino, vendo-vos sofrer por crimes que não são vossos; consolam-me, porque nos vossos sofrimentos vejo a

minha salvação e o amor imenso que me tendes. Mas, meu Jesus, não vos quero deixar só a gemer e sofrer; quero chorar convosco, eu que mereci chorar por causa dos desgostos que vos dei; já que mereci o inferno, não recuso nenhuma pena, contanto que recupere a vossa graça. Perdoai-me, pois, restitui-me vossa amizade e castigai-me depois como vos aprouver. Livrai-me das penas eternas, e depois tratai-me como quiserdes. Não vos peço nenhuma satisfação nesta vida: não a merece quem teve a audácia de ofender-vos, Bondade infinita! Sinto-me contente em sofrer todas as cruzes que me enviardes; mas, ó meu Jesus, eu quero amar-vos.

Ó Maria, fiel companheira de Jesus em seus sofrimentos, nos quais compartilhastes tão vivamente, obtende-me a força de suportar minhas penas com paciência. Ai de mim, se após tantos pecados, eu nada sofrer nesta vida! Feliz de mim, ao contrário, se tiver a ventura de acompanhar-vos na via dos sofrimentos, ó minha Mãe aflita e meu Jesus que fostes crucificado por meu amor.

MEDITAÇÃO VI.

JESUS DORME NO PRESÉPIO.

O sono de Jesus Menino era curto e penoso. Uma manjedoura servia-lhe de berço, a palha formava o seu leito e travesseiro, de sorte que o seu repouso era freqüentemente interrompido pela dor que lhe causava essa cama tão dura e incômoda, e pelo rigor do frio que reinava na gruta. Não obstante, de tempo em tempo o tenro menino adormecia apesar de todos os seus sofrimentos.

Mas o sono de Jesus diferia muito do das outras crianças. O sono das outras crianças lhes é útil para a conservação da vida, mas não para as operações da alma, as quais são detidas

pelo entorpecimento dos sentidos. Não foi assim o sono de Jesus. *Eu durmo, mas o meu coração vigia*. Seu corpo repousava, mas sua alma vigiava; pois em Jesus, a natureza humana estava unida à pessoa do Verbo, que não podia dormir nem sofrer o efeito dos sentidos. O santo Infante dormia pois; mas dormindo pensava em todas as penas que devia sofrer por nosso amor durante a sua vida e a sua morte. Pensava no que devia suportar no Egito e em Nazaré, onde viveria uma extrema pobreza e obscuridade; pensava sobretudo nos açoites, nos espinhos e nos opróbrios, nas agonias, em todos os tormentos da paixão e na morte desolada que teria de sofrer na cruz; e dormindo, tudo oferecia a seu Pai eterno, para nos obter o perdão dos pecados e a salvação. Assim, até dormindo, nosso Salvador merecia por nós, aplacava a seu Pai e nos proporcionava graças.

Peçamos-lhe que, pelo mérito de seu bem-aventurado sono, nos livre do sono mortal dos pecadores, que dormem miseravelmente na morte do pecado, no esquecimento de Deus e de seu amor; e que nos dê, ao contrário, o sono feliz da Esposa sagrada, da qual Ele dizia: *Não perturbeis o repouso da minha dileta, deixai-a dormir quanto ela queira*. O doce sono que Deus dá às suas almas amadas não é outra coisa, segundo S. Basílio, que um profundo esquecimento das criaturas. A alma o goza quando se esquece inteiramente de todos os objetos terrestres para só pensar em Deus e no que interessa a sua glória.

Afetos e Súplicas.

Ó caro e santo Menino, vós dormis; ah! como me encanta o vosso sono! Para os outros o sono é a imagem da morte; mas em vós é um sinal de vida eterna, pois que repousando mereceis para mim a salvação eterna. Vós dormis, mas o vosso coração não dorme: pensa em sofrer e morrer por mim.

Dormindo orais por mim e me obtendes de vosso Pai celeste o descanso eterno do paraíso. Mas, antes que me introduzais no céu, como espero, para lá repousar convosco, quero que repouseis sempre em minha alma. Ó meu Deus, tenho-vos repellido outrora; mas tanto batestes à porta do meu coração, ora por temores, ora por luzes, ora por apelas chios de ternura, que creio já tendes entrado nele. Sim, eu o creio, pois sinto uma grande confiança de haver recebido de vós o meu perdão; experimento profundo horror e sincero arrependimento das minhas ofensas contra vós; esse arrependimento me causa grande dor, mas uma dor sem perturbação, uma dor que me consola, e me dá a segurança de ter obtido o meu perdão da vossa bondade. Agradeço-vos, meu Jesus, e vos peço não vos afasteis mais de minha alma. Sei que não saireis dela se eu vos não expulsar; é essa a graça que vos peço e suplico-vos me ajudeis a pedi-la sem cessar: não permitais vos torne a banir do meu coração. Fazei que tudo esqueça para só pensar em vós, que sempre pensastes em mim e na minha felicidade. Fazei não cesse de vos amar nesta vida até que minha alma unida sempre a vós voe aos vossos braços para repousar eternamente em vós sem temor de vos perder.

Ó Maria, assisti-me durante a vida, assisti-me na hora da morte a fim de que Jesus repouse sempre em mim e que eu repouse sempre em Jesus.

MEDITAÇÃO VII.

JESUS CHORA.

As lágrimas de Jesus Menino foram bem diferentes das outras crianças que vêm ao mundo: estas, diz S. Bernardo, choram de dor, enquanto que Jesus chorava, não de dor, mas de compaixão e de amor por nós Os prantos são grande sinal

de amor; eis por que os judeus, vendo Jesus chorar a morte de Lázaro, diziam entre si: *Eis como o amava*. Da mesma forma os anjos poderiam dizer, vendo as lágrimas de Jesus Menino: *Ecce quomodo amat eos*: Vede como nosso Deus ama os homens: por seu amor chega a fazer-se homem, a fazer-se criança e a chorar!

Jesus chorava e oferecia suas lágrimas a seu Pai para obter-nos o perdão de nossos pecados: “Suas lágrimas lavavam os meus pecados”, dizia S. Ambrósio. Por seus vagidos e prantos Jesus pedia misericórdia para nós condenados à morte eterna, e aplacava assim a cólera de seu Pai! Oh! aquelas lágrimas bem sabiam advogar a nossa causa. Quão agradáveis foram elas a Deus! Foi então que o Senhor fez anunciar por seus anjos que fazia a paz com os homens e os recebia em sua graça: *Paz na terra aos homens de boa vontade*.

Jesus chorou de amor, mas chorou também de dor vendo que tantos pecadores apesar de todas as suas lágrimas e de seu sangue derramado até a última gota continuariam a desprezar a sua graça. Ao considerar um Deus menino que chora as nossas faltas, que coração tão bárbaro poderia não chorar com ele, e detestar os pecados que tanto fizeram chorar esse terno Salvador? Ah! em vez de aumentarmos sem cessar a pena desse inocente Menino, apressemo-nos a consolá-lo unindo nossas lágrimas às suas. Ofereçamos a Deus os prantos de seu Filho e peçamos-lhe nos perdoe em atenção aos seus méritos.

Afetos e Súplicas.

Meu amado Menino, enquanto choráveis na gruta de Belém, pensáveis em mim; tínheis diante dos olhos todos os meus pecados, causa das vossas lágrimas. É verdade, meu Jesus, em vez de vos consolar com meu amor e reconhecimento, sabendo quanto sofrestes para salvar-me, aumentei a vossa dor

e a causa das vossas lágrimas! Se tivesse pecado menos, menos teríeis chorado. Ah! chorai, sim, chorai; tendes motivo de chorar vendo a ingratidão dos homens para com o amor que lhes tendes demonstrado. Mas já que chorais, Senhor, chorai também por mim; as vossas lágrimas são a minha esperança. Eu também choro os desgostos que vos tenho dado, meu Redentor. Eu os odeio, os detesto e deles me arrependo de todo o coração. Deploro os infelizes dias e as tristes noites em que vivi na vossa inimizade e na privação da vossa divina graça; mas de que servem todas as minhas lágrimas sem as vossas? — Pai eterno, ofereço-vos as lágrimas de Jesus Menino; por essas santas lágrimas, dai-me o perdão. — E vós, meu doce Salvador, ofereci por mim todas as lágrimas que derramastes em vossa vida, e aplacai por elas a divina Justiça. Peço-vos ainda, ó meu amor, enternedeis o meu coração por essas mesmas lágrimas e o abraçais de vosso santo amor. Ah! possa eu no futuro consolar-vos tanto quanto vos ofendi e contristei com minhas ofensas! Fazei, pois, Senhor, não empregue o resto da vida em desgostar-vos, mas só em chorar os desgostos que vos dei e em amar-vos com todos os afetos de minha alma.

Ó Maria, pela terna compaixão que tantas vezes sentistes vendo chorar o Menino Jesus, peço-vos me obtenhais uma dor contínua das ofensas que tive a ingratidão de lhe fazer.

MEDITAÇÃO VIII.

SOBRE O NOME DE JESUS

O nome de Jesus é um nome divino, anunciado a Maria da parte de Deus por S. Gabriel: *Dar-lhe-eis*, disse o anjo, *o nome de Jesus*. Também está escrito que é um *nome superior a todos os nomes*, e *o único em que podemos achar a salvação*.

Esse grande nome é, pelo Espírito Santo, comparado ao óleo; *Vosso nome é um óleo derramado*. A razão disso é que, segundo S. Bernardo, como o óleo é uma luz, um alimento, um remédio, assim o nome de Jesus é uma luz para o nosso espírito, um alimento para o nosso coração e um remédio para nossa alma.

É uma *luz* para o nosso espírito. Por esse nome o mundo passou das trevas da idolatria à luz da fé. Nós que nascemos em países cujos habitantes eram pagãos antes da vinda do Messias, se-lo-íamos como eles, se Jesus não nos viesse iluminar. Quantas graças não devemos pois render a Jesus Cristo pelo dom da fé! Que seria de nós, se tivéssemos nascido na Ásia, na África ou em algum país, onde reina a heresia, o cisma? *Quem não crer, será condenado*. estaríamos, pois, provavelmente perdidos.

Ademais, o nome de Jesus é um *alimento* para o nosso coração. De fato, esse nome adorável recorda-nos o que nosso divino Redentor fez e sofreu para salvar-nos, e por isso nos consola nas tribulações, nos dá a força de caminhar na via da salvação, reanima nossa confiança nas dificuldades, e informa-nos de amor a Deus.

Enfim, esse grande nome é ainda um *remédio* para nossa alma; fortifica-nos contra as tentações e os ataques de nossos inimigos. Os poderes infernais tremem e fogem, quando se invoca esse santo nome; é a doutrina do Apóstolo: *Ao nome de Jesus dobra-se todo o joelho ao céu, na terra e nos infernos*. Quem se vir tentado a invocar a Jesus, não cairá; quem o invocar jamais cairá, será salvo: *Louvarei e invocarei o Senhor, cantava o salmista, e estarei livre dos meus adversários*. Quem jamais se perdeu depois de haver invocado o nome de Jesus nas tentações? Perde-se quem o não chama em seu auxílio, que cessa, de o fazer nas tentações mais persistentes.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Jesus, se vos tivesse eu sempre invocado, não teria sido jamais vencido pelo demônio. tive a infelicidade de perder a vossa graça porque, nas tentações deixei de pedir o vosso auxílio. Agora ponho toda a minha confiança no vosso santo nome: *Tudo posso naquele que me conforta.* Gravai, meu Salvador, gravai em meu coração o vosso poderoso nome de Jesus, a fim de que, tendo-o sempre no coração pelo amor, eu o tenha também sempre nos lábios e o invoque nos assaltos com que o inferno me ameaça para tornar-me novamente seu escravo e separar-me de vós. No vosso nome acharei todos os bens: se eu estiver aflito, me consolará recordando-me que muito mais vos afligistes por meu amor; se os meus pecados abalarem a minha confiança, me animará lembrando-me que viestes ao mundo para salvar os pecadores; se for tentado, me fortalecerá recordando-me que, se o inferno é poderoso para vencer-me, vós o sois mais para socorrer-me; se enfim me sentir frio no vosso amor, despertará o meu fervor, lembrando-me o quanto me amais. Amo-vos, meu Jesus! Vós sois, e espero, sereis sempre o meu único amor. Dou-vos todo o meu coração, ó meu Jesus, quero amar unicamente a vós, e estou resolvido a invocar-vos o mais que me seja possível. Quero morrer tendo nos lábios o vosso santo nome, nome de esperança, nome de salvação, nome de amor!

Ó Maria, se me amais, espero de vós uma graça, a de invocar sempre o vosso santo nome com o de vosso divino Filho. Fazei que esses doces nomes sejam a respiração de minha alma, e que o repita sempre durante a vida, para redizê-lo ainda no último suspiro: Jesus e Maria, socorrei-me; Jesus e Maria, eu vos amo: Jesus e Maria, em vossas mãos entrego a minha alma.

MEDITAÇÃO IX.

SOLIDÃO DE JESUS NO ESTÁBULO.

Jesus, ao nascer, escolheu-se para ermitagem e oratório o estábulo de Belém; quis nascer fora da cidade, numa caverna solitária, para inspirar-nos o amor da solidão e do silêncio. Entremos nessa gruta, lá só acharemos solidão e silêncio: Jesus conserva-se silencioso na manjedoura; Maria e José o adoram e contemplam em silêncio. Foi revelado à Irmã Margarida do SS. Sacramento, carmelita descalça, apelidada a Esposa do Menino Jesus, que tudo o que se passou na gruta de Belém, mesmo a visita dos pastores e a adoração dos Santos Reis Magos se fez em silêncio.

O silêncio das outras crianças provém da sua impotência; o de Jesus Cristo foi uma virtude. Jesus Menino não fala; mas em seu silêncio, que não diz Ele? Oh! felizes os que se entretêm silenciosamente com Jesus, Maria e José nessa santa solidão do presépio! Os pastores lá passaram poucos instantes e saíram inflamados de amor para com Deus louvando-o e bendizendo-o. Oh! feliz a alma que se retira à solidão de Belém para contemplar a divina misericórdia e o amor que um Deus teve e tem aos homens! *Eu a levarei à solidão e falarei a seu coração.* Lá o divino Infante lhe falará não aos ouvidos mas ao coração, e a convidará a amar um Deus que tão ternamente a ama. Ao ver a pobreza desse encantador ermitãozinho que fica na gruta gelada, sem lume, tendo apenas uma manjedoura por berço e um pouco de palha por leite; ao ouvir os vagidos e ao ver as lágrimas desse Menino, a inocência mesma; ao refletir que é o seu Deus, como poderia pensar em outra coisa senão em amá-lo? O estábulo de Belém, eis a doce ermida para a alma que tem fé.

Imitemos a Maria e José que, inflamados de amor, contemplam o adorável Filho de Deus revestido de carne e sujeito

às misérias desta vida, o Sábio por excelência tornado criança sem palavra, o Grande feito pequeno, o Altíssimo tão rebaixado, o Riquíssimo feito tão pobre, o Todo-poderoso feito fraco. Numa palavra, vejamos a Majestade divina oculta sob a forma duma criancinha, desprezada e abandonada por todos, fazendo e sofrendo tudo para se tornar amável aos homens, e peça-mos-lhe a graça de sermos admitidos nessa santa solidão; detenhamo-nos lá, lá fiquemos e de lá não saíamos mais. “Ó bela solidão, exclama S. Jerônimo, na qual Deus fala e conversa com as almas que ama”, não como um soberano, mas como um amigo, como um irmão, como um esposo! Oh! que paraíso, entreter-se a sós com Jesus Menino na humilde gruta de Belém!

Afetos e Súplicas.

Meu caro Salvador, sois o Rei do céu, o Rei dos reis, o Filho de Deus; como pois vos vejo nesse estábulo abandonado de todos? junto de vós só vejo José e vossa santa Mãe. Desejo juntar-me a eles para vos fazer companhia; não me repilais. Sou indigno disso; mas considerando-vos parece-me ouvir no fundo do meu coração uma doce voz que me chama... Sim, venho a vós, ó querido Infante! deixo tudo para ficar a sós convosco durante toda a minha vida, ó divino Solitário, único amor de minha alma! Insensato que fui no passado, quando vos abandonei, meu Jesus, e vos deixei só, para mendigar das criaturas prazeres miseráveis e envenenados; mas agora, aclarado pela vossa graça, não tenho outro desejo senão de viver solitário convosco, que quereis viver solitário neste mundo. *Ah! quem me dará assas como as da pomba, e voarei ao lugar do meu repouso.* Quem me dará a força de sair deste mundo, onde tantas vezes encontrei a minha ruína, de fugir, e de ficar sempre convosco, que sois a alegria do paraíso e o verdadeiro amigo da minha alma? Senhor, prendei-me a vossos pés, a fim

que me não afaste mais de vós, e tenha a felicidade de vos fazer sempre companhia. Pelos méritos de vossa solidão na gruta de Belém, concedei-me um contínuo recolhimento interior, fazei que minha alma se torne como uma cela solitária, onde, unicamente atento em entreter-me convosco, eu vos submetta todos os meus pensamentos e todas as minhas ações, vos consagre todos os meus afetos, e vos ame sem cessar, suspirando pelo momento de sair da prisão do meu corpo para ir amar-vos face a face no céu. Amo-vos, Bondade infinita, e espero amar-vos sempre no tempo e na eternidade.

Ó Maria, que tudo podeis, pedi a Jesus me prenda com as cadeias de meu amor, e não permitais me suceda perder novamente a sua graça.

MEDITAÇÃO X.

OCUPAÇÕES DE JESUS MENINO NO ESTÁBULO DE BELÉM.

As duas ocupações principais dum eremita são: orar e fazer penitência: na gruta de Belém Jesus Menino nos dá o exemplo disso. No estábulo, que escolheu por oratório sobre a terra, não cessa de orar a seu Pai eterno; lá faz continuamente atos de adoração, de amor e de súplica.

É certo que já antes desse tempo a Majestade divina tinha sido adorada pelos anjos e pelos homens; mas não recebera certamente de todas as criaturas a honra que lhe prestou o Menino Jesus, adorando-a no estábulo em que nasceu. Unamos pois sempre as nossas adorações às que Jesus ofereceu a Deus enquanto se achava no mundo.

Quão puros e perfeitos eram os atos de amor que o Verbo encarnado oferecia a seu Pai na meditação! O Senhor ordenara aos homens o amassem de todo o coração e de todas as

forças; mas esse preceito nunca fora perfeitamente observado por nenhum homem: a primeira mulher que o cumpriu foi Maria; e o primeiro homem foi Jesus Cristo que o cumpriu duma maneira imensamente mais extensa do que Maria. Pode-se dizer que o amor dos Serafins era frio em comparação do divino Infante. Aprendamos dele a amar o nosso Deus como o devemos, e peçamos-lhe nos comunique uma centelha do amor puríssimo com que amava seu Pai eterno no estábulo de Belém.

E quão belas também, e perfeitas e agradáveis a Deus eram as preces do Menino Jesus! Orava ao Pai em todos os instantes, e as suas preces eram todas para nós, e para cada um de nós em particular. Todas as graças que cada um de nós recebeu do Senhor, como a vocação à verdadeira fé, o tempo de fazer penitência, as luzes, o arrependimento dos pecados cometidos, o perdão, os santos desejos, as vitórias alcançadas contra as tentações, e todos os outros atos de virtude que fizemos ou que faremos, como de confiança, humildade, amor, agradecimento, oferecimento, resignação, foi Jesus que nos obteve tudo, tudo é feito das preces de Jesus. Quando pois lhe devemos, e quanto lhe devemos, e quanto lhe devemos agradecer e amar!

Afetos e Súplicas.

Ah! quanto vos devo, meu caro Redentor! Se não tivésseis orado por mim, em que estado de ruína eu me acharia! Agradeço-vos, meu Jesus, as vossas preces me obtiveram o perdão dos meus pecados, e, espero, me obterão ainda a perseverança até à morte. Orastes por mim, agradeço-vos de todo o coração; mas, conjuro-vos, não cesseis de pedir. Sei que, mesmo no céu, continuais a ser o novo Advogado: *Nós temos*, diz S. João, *um advogado junto do Pai, Jesus Cristo*. Sei que continuais a pedir por nós: *Ele intercede ainda por nós*, ajunta S. Paulo. Continuai, pois, meu Jesus, mas pedi mais particular-

mente por mim que, mais do que os outros, necessito das vossas preces. Confio que, em consideração dos vossos méritos, já me tendeis perdoado; mas como tenho caído tantas vezes, posso cair ainda: o inferno não se cansa e não se cansará de tentar-me para me fazer perder de novo a vossa amizade. Ah! meu Jesus, sois a minha esperança: espero de vós a força de resistir; a vós é que a peço e de vós a espero. Mas não me contento com a graça de não recair, peço-vos ainda a graça de vos amar muito. Aproxima-se a hora da minha morte; se morresse agora, esperaria ser salvo, mas ouço vos amaria no céu porque pouco vos tenho amado até este dia; ora, quero amar-vos muito no resto da minha vida para vos amar muito na eternidade.

Ó Maria, minha Mãe, pedi também, pedi a Jesus por mim: os vossos rogos são onipotentes junto desse divino Filho, que tanto vos ama. Já que desejais tão ardentemente vê-lo amado, impetrai-me um grande amor da sua bondade, e que esse amor seja constante e eterno.

MEDITAÇÃO XI.

SOBRE A POBREZA DE JESUS MENINO.

Céu!! quem não se compadeceria ao ver o filho dum rei nascer em pobreza tal que o obrigasse a abrigar-se numa caverna úmida e fria, a não ter nem leite, nem servos, nem lume, nem mesmo os paninhos necessários para se acalentar?

Ah! meu Jesus, sois o Filho do Senhor do céu e da terra, e nessa gruta gelada não tendes senão uma manjedoura por berço, um pouco de palha por leite, e miseráveis paninhos para vos cobris! Os anjos vos rodeiam e louvam, mas não trazem nenhum alívio à vossa pobreza. Meu Redentor, quanto mais pobre sois, tanto mais amável vos devemos achar pois abra-

çastes essa grande pobreza para melhor ganhar o nosso amor. Se tivésseis nascido num palácio, se tivésseis um berço de ouro, se fosseis servido pelos maiores príncipes da terra, inspiraríeis aos homens mais respeito, mas menos amor; essa gruta em que estais, esses panos grosseiros que vos cobrem, essa palha em que repousais, essa manjedoura que vos serve de berço, oh! como tudo isso obriga nossos corações a amar-vos, tanto mais que vos fizestes tão pobre a fim de vos tornar mais caro aos nossos olhos. “Quanto mais ele se abaixa por mim, exclama S. Bernardo, tanto mais caro me é”. Fizestes-vos pobre para enriquecer-nos dos vossos bens, isto é, da vossa graça e da vossa glória; é S. Paulo que o diz: *Ele se fez indigente... a fim de que sua indigência nos enriquecesse.*

A pobreza de Jesus Cristo é para nós uma fonte de grandes riquezas, porque nos move a adquirirmos os bens do céu desprezando os da terra. — Ó meu Jesus, a quantos santos a vossa pobreza fez deixar tudo, riquezas, honras, mesmo coras, para viverem pobres convosco. Por favor, ó meu Salvador, desapegai-me também de toda afeição aos bens terrenos, a fim que me torne digno de obter o vosso santo amor e de possuir a vós, Bem infinito!

Afetos e Súplicas.

Ó divino Infante, pena que não posso dizer-vos com vosso caro S. Francisco: “Meu Deus, sois tudo para mim!” ou com Davi: *Que há para mim no céu? e fora de vós, que posso desejar sobre a terra? Sois o Deus do meu coração, e a minha única herança para a eternidade.* Oxalá pudesse, também eu, não desejar no futuro outra riqueza senão a do vosso amor; de maneira que as vaidades do mundo não tivessem mais domínio sobre o meu coração, e só vós fosseis o seu único Senhor, ó meu Bem-amado! Sim, quero começar hoje a dizer-vos: *Sois o Deus do meu coração e a minha herança para a eternidade!*

Ah! no passado procurei os bens terrestres, e que encontrei? espinhos e fel! Hoje sinto mais contentamento em me achar aos vossos pés, para vos agradecer e amar, do que proporcionaram todos os meus pecados. Uma só coisa me aflige: o temor de que me não tenhais ainda perdoado. Mas as vossas promessas de perdoar a quem se arrepende, a pobreza a que vos vejo reduzido por meu amor, a vossa voz que me convida a amar-vos, as lágrimas, o sangue que derramastes por mim, as dores, as ignomínias, a morte cruel que sofrestes para a minha salvação, tudo isso me consola e me faz esperar com segurança o meu perdão. E se ainda me não perdoastes, dissei-me o que tenho a fazer. Quereis me arrependa de minhas iniquidades, oh! arrependo-me de todo o coração de vos haver ofendido, meu Jesus! Quereis que vos ame? amo-vos mais do que a mim mesmo. Quereis que renuncie e tudo? oh! sim, renuncio a tudo e dou-me todo a vós. Sei que me aceitais; sem isso, não teria nem arrependimento, nem amor, nem desejo de dar-me a vós. Dou-me pois a vós, ó meu Deus, e vós me recebeis; amo-vos e vós me amais. Não permitais que esse nosso mútuo amor cesse jamais de nos unir.

Minha Mãe, Maria, obtende-me a graça de amar sempre a Jesus e de ser sempre amado por Jesus.

MEDITAÇÃO XII.

Repeti a meditação V do advento sobre o *abaixamento de Jesus*.

MEDITAÇÕES PARA A OITAVA DA EPIFANIA

MEDITAÇÕES I.

SOBRE A ADORAÇÃO DOS MAGOS.

Jesus nasce pobre num estábulo. Os anjos do céu o reconhecem por seu Rei, mas os homens da terra o deixam abandonado; apenas alguns pastores vêm visitá-lo. Mas o nosso Redentor quer começar desde então a comunicar-nos a graça da redenção; eis porque começa logo a manifestar-se aos gentios, que menos o conheciam. Para isso envia uma estrela para aclarar os Magos, a fim que venham reconhecer e adorar o seu Salvador. Essa é a primeira e a maior graça que nos fez, a vocação à fé, à qual sucedeu logo a vocação à graça, de que os homens estavam privados.

Os Magos põem-se a caminho sem detença. A estrela os acompanha até a gruta, onde está o divino Menino. Apenas chegados, entram, e que encontram? S. Mateus responde: *Acharam o Menino com Maria*. Encontram uma pobre donzela e um pobre Menino coberto de pobres paninhos, e ninguém que lhe faça companhia ou os assista. Não obstante, entrando na gruta, os santos peregrinos sentem uma alegria até então desconhecida; sentem seu coração cativar-se por aquele Menino que vêem. A palha, a pobreza, os vagidos de seu pequeno Salvador, oh! que setas de amor, que felizes chamadas para seus corações iluminados! O celeste Menino mostra-lhes semblante alegre, testemunho da afeição com que os recebe entre as primeiras conquistas da redenção.

Os santos reis contemplam depois Maria, que não fala; fica em silêncio, mas o seu rosto satisfeito que respira celeste do-

çura mostra que os acolhe e agradece por serem os primeiros a reconhecer seu divino Filho pelo que era, por seu soberano Senhor. Consideremos como eles, guardando também respeitoso silêncio, o adoram, lhe prestam homenagem como a seu Deus, lhe beijam os pés, e lhe oferecem os presentes, que consistem em ouro, incenso e mirra. — Adoremos com eles o nosso pequeno Rei, Jesus, e ofereçamos-lhe todo o nosso coração.

Afetos e Súplicas.

Amável Menino, embora vos veja na gruta deitado sobre palha, tão pobre e desprezado, a fé me ensina que sois o meu Deus, descido do céu para minha salvação. Reconheço-vos pois por meu supremo Senhor e Salvador; mas nada tenho para vos oferecer. Não tenho o ouro do amor, pois só tenho amado os meus caprichos, e não tenho amado a vós, o Bem infinitamente amável. Não tenho o incenso da oração; tenho vivido miseravelmente sem pensar em vós. Não tenho a mirra da mortificação, pois para me não privar dos miseráveis prazeres, tantas vezes desgostei vossa bondade infinita. Que vos oferecerei então? Ofereço-vos o meu coração, manchado e pobre com o é; aceitai-o e transformai-o, pois que viestes a este mundo para lavar os nossos corações no vosso sangue, purificá-los dos pecados e assim converter-nos de pecadores em santos. Dai-me pois o ouro, o incenso e a mirra, que me faltam: dai-me o ouro do vosso santo amor; dai-me o espírito de oração; dai-me o desejo e a força de mortificar-me em tudo o que vos desagrada. Estou resolvido a obedecer-vos e a amar-vos; mas conheceis minha fraqueza, concedei-me a graça de vos ser fiel.

Virgem santa, que acolhestes os piedosos Magos com tanto afeto e os consolastes, dignai-vos também acolher-me e consolar-me, que a seu exemplo vos venho visitar e oferecer-

me a vosso divino Filho. Maria, minha Mãe, tenho grande confiança em vossa intercessão. Recomendai-me a Jesus. Entrego-vos a minha alma, a minha vontade; predeei-a para sempre ao amor de Jesus.

MEDITAÇÃO II.

SOBRE A APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO.

Chegado o tempo em que, pela lei, Maria devia ir ao templo purificar-se e apresentar Jesus ao Pai celeste, Ela parte com seu casto esposo. José leva as duas rolas que devem ser oferecidas, e Maria toma seu caro Infante, o divino Cordeiro, que vai apresentar ao Senhor: era o prelúdio do grande sacrifício que esse mesmo Filho de Deus devia um dia cumprir na cruz.

Consideremos como a santa e tenra Virgem entra no templo, e como faz a oblação de seu divino Filho em nome de todo o gênero humano, dizendo: Eis, ó Pai eterno, eis o vosso unigênito Filho, que é também meu; eu vo-lo ofereço como vítima para aplacar a vossa justiça para com os pecadores: aceitai-o, Deus de misericórdia, tende piedade da nossa miséria; por amor deste Cordeiro sem mancha, recebei os homens em vossa graça.

Ao oferecimento de Maria junta-se o de Jesus: Eis-me, diz o divino Infante, eis-me, meu Pai, consagro-vos toda a minha vida: enviastes-me ao mundo para o salvar com meu sangue; eis o meu sangue e a minha pessoa, ofereço-me todo a vós pela salvação do mundo.

Nenhum sacrifício foi jamais tão agradável a Deus como o sacrifício que lhe fez então o seu dileto Filho, tornado desde sua infância sacerdote e vítima por nós: *Entregou-se por nós como hóstia oferecida a Deus.* Se todos os homens e todos os

anjos tivessem oferecido suas vidas a Deus, esse sacrifício não lhe teria agradado tanto como o de Jesus Cristo, porque só esse oferecimento de Jesus prestou ao Pai celeste uma honra infinita e uma satisfação infinita.

Se Jesus oferece sua vida a seu Pai por amor de nós, é justo que em retorno lhe ofereçamos nossa vida e nós mesmos. É isso que ele deseja, como o deu a entender à bem-aventurada Ângela de Foligno, quando lhe disse: “Ofereci-me por ti, a fim que te ofereças a mim”.

Afetos e Súplicas.

Padre eterno, eu miserável pecador, digno de mil infernos, apresento-me hoje a vós, Deus de majestade de infinita, e ofereço-vos meu pobre coração. Ah! Senhor, que é o coração que ousou oferecer-vos? um coração que não soube amar-vos, que ao contrário, tantas vezes vos ofendeu e traiu! Mas agora vo-lo ofereço penetrado de arrependimento e resolvido a amar-vos e a obedecer-vos em tudo. Perdoai-me, meu Deus, e atraí-me todo ao vosso amor. Não mereço ser atendido, mas vosso divino Filho, feito menino e oferecendo-se a vós no templo em sacrifício pela minha salvação, o merece por mim; apresento-vos esse Filho e seu sacrifício; nele ponho todas as minhas esperanças. Agradeço-vos, meu Pai, que o enviastes à terra para se sacrificar por mim! — Agradeço-vos também, ó Verbo encarnado, Cordeiro divino, que vos oferecestes a morrer por minha alma! Amo-vos, meu caro Redentor, e não quero amar senão a vós, pois que só vós oferecestes e sacrificastes a vossa vida para salvar-me. Aflige-me o pensamento de que tenho sido reconhecido aos outros e ingrato para convosco. Mas não quereis a minha morte; quereis que me converta e viva: sim, meu Jesus, a vós me volto; arrependo-me de todo o coração de vos haver ofendido, de ter ofendido um Deus que se sacrificou por

mim Dai-me a vida, e que minha vida consista em amar-vos soberano Bem; fazei que vos ame, nada mais vos peço.

Maria, minha Mãe, foi também por mim que oferecestes no templo o vosso adorável Filho; oferecei-o hoje mais uma vez, e pedi ao eterno Pai me receba por amor de Jesus no número de seus servos. E vós, minha Rainha, aceitai-me também por vosso servo perpétuo; se for vosso servo, serei também servo de Jesus.

MEDITAÇÃO III.

SOBRE A FUGA DE JESUS AO EGITO.

Um anjo aparece em sonho a S. José, e avisa-o que Herodes procura o Menino Jesus para tirar-lhe a vida: *Levantei-vos, diz-lhe, tomai o Menino e sua Mãe, e fugi para o Egito.* Apenas nascido é Jesus perseguido de morte! Herodes é a figura dos infelizes pecadores que, mal Jesus entrou em seu coração pela absolvição, se põem logo a persegui-lo, a fazê-lo morrer pelo pecado: como aquele príncipe iníquo, *atentam contra a vida de Jesus recém-nascido.*

José obedece sem delongas à voz do anjo, e avisa sua santa Esposa. Toma as ferramentas que pode levar, a fim de encontrar no exercício de sua profissão o meio de sustentar sua pobre família no Egito. Maria, de seu lado, ajunta e toma consigo os paninhos necessários ao divino Infante; depois, aproximando-se do berço em que Ele repousa, lança-se de joelhos, beija os pés de seu Filho querido, e enternecida lhe diz em prantos: Meu Filho e meu Deus, viestes ao mundo para salvar os homens; acabais de nascer, e já os homens vos procuram para vos dar a morte! — Toma-o em seus braços, fecham a porta e se põem a caminho naquela mesma noite.

Consideremos a preocupação dos dois santos viajantes durante o caminho. O seu caro Jesus é o objeto de todos os seus entretenimentos: falando da sua paciência e amor, adoçam as fadigas e os enfados do longo trajeto. Oh! como é doce sofrer à vista de Jesus padecente! — Ó minha alma, exclama S. Boaventura, acompanha em espírito esses três santos e pobres exilados, compadece-te das penas que sofrem em viagem tão fatigante, incômoda e longa, e pede a Maria te confie o seu divino Filho para o levars em teu coração.

Consideremos ainda quanto eles tiveram de sofrer sobretudo nas noites frias que tinham de passar no meio do deserto. A terra numa Ihes serve de leite ao relento; o Menino Jesus chora, Maria e José choram também de compaixão. — Ó santa fé! que olhos não chorariam vendo o Filho de Deus sob a forma duma criancinha, que, pobre e abandonada, foge para o Egito pelo deserto a fim de escapar à morte?

Afetos e Súplicas.

Meu caro Jesus, sois o Rei do céu, e vejo-vos, criancinha e fugitivo, errar sobre a terra; dissei-me a quem procurais. Vossa indignância e rebaixamento excitam minha compaixão; porém mais comovido ainda estou vendo-vos tratado com tanta ingratidão pelos homens que viestes salvar. Vós chorais e eu também choro por haver sido um daqueles que vos desprezaram e perseguiram; mas, eu o protesto, agora prefiro a vossa graça a todos os reinos do mundo. Meu Jesus, perdoai-me todos os ultrajes, e como Maria vos levou em seus braços na fugida para o Egito, permiti vos leve também no fundo do meu coração na viagem desta vida à eternidade. Meu amado Redentor, muitas vezes vos tenho banido de minha alma; mas espero tenhais agora tomado posse dela: por favor, prendei-a estreitamente a vós pelas doces cadeias do vosso amor. Estou resolvido a me não afastar mais de vós. Mas que sei eu? talvez vos torne a

abandonar como o fiz no passado. Ah! meu Salvador, fazei-me antes morrer do que cair nessa nova e horrível ingratidão! Amo-vos, bondade infinita, e quero repetir sem cessar: Amo-vos, amo-vos, amo-vos. — E repetindo sempre a mesma coisa, espero morrer repetindo-a ainda. *Vós sois o Deus do meu coração e a minha partilha para sempre.* Ó meu Jesus, sois tão bom, tão digno de ser amado, fazei-vos pois amar; fazei-vos amar por tantos pecadores que vos perseguem; aclarai-os, fazei-os conhecer o amor que lhe tendes e o amor que mereceis, vós que, pobre criancinha, exilado, chorando, tremendo de frio, errais sobre a terra procurando almas que queiram amar-vos.

Ó Maria, Virgem santíssima, ó terníssima Mãe que partilhais os sofrimentos de Jesus, ajudai-me a levar e a conservar sempre no coração o vosso divino Filho durante a vida e na morte.

MEDITAÇÃO IV.

SOBRE A ESTADA DE JESUS NO EGITO.

Jesus quis passar sua primeira infância no Egito, a fim de levar uma vida mais dura e desprezada. Segundo S. Anselmo e outros autores, a Sagrada Família foi morar em Heliópolis. Contemplemos, com S. Boaventura, a vida que Jesus levou nesse lugar de exílio, durante os sete anos que lá passou, como foi revelado a S. Maria Madalena de Pazzi.

A sua habitação era extremamente pobre, pois S. José só podia pagar aluguel módico; eu leito é pobre, sua alimentação é pobre, numa palavra, toda a sua vida é pobre, pois que mal têm, pelos trabalhos de suas mãos, com que sustentar-se cada dia, e vivem num país onde são desconhecidos e desprezados, e não têm parentes nem amigos.

Sim, vivem em grande pobreza; mas, como são regradas todas as suas ocupações! O divino Infante não fala com os lábios; mas fala continuamente de coração e seu Pai celeste, e oferece-lhe todos os seus sofrimentos e todos os momentos de sua vida pela nossa salvação. Maria também não fala; mas, à vista do adorável Menino, contempla a grandeza do amor de Deus e a graça que lhe fez escolhendo-a por mãe. José trabalha também em silêncio, e, abrasado de amor por seu Deus feito Menino, agradece-lhe por havê-lo escolhido por companheiro e guarda de sua vida.

É lá que Maria desaleita a Jesus: antes alimentava-o ao seio; agora nutre-o com sua mão: conservando-o sobre os joelhos, toma duma xícara um pouco de pão embebido em água e leva-o à boca sagrada de seu Filho. É lá que Maria lhe faz a primeira roupa; chegado o tempo, reveste-o dela em substituição às faixas que lhe tira. É ainda lá que Jesus começa a andar e falar. Adoremos os primeiros passos que o Verbo encarnado dá neste exílio, e as primeiras palavras de vida eterna que profere. É lá também que Jesus começa a praticar o ofício de operário, dedicando-se aos pequenos serviços que uma criança pode prestar.

Ó desaleitamento dum Deus! ó primeira túnica, primeiros passos, primeiras palavras, pequenos trabalhos de Jesus Menino! feris e inflamais os corações dos que amam a Jesus e que vos consideram. Um Deus que vacila e cai ao caminhar! um Deus que balbucia! um Deus tornado fraco ao ponto de se entregar apenas aos pequenos serviços da casa, fraco ao ponto de não poder levantar uma peça de madeira cujo peso ultrapassa as forças duma criança! — Ó santa fé, aclara-nos, e faze-nos amar esse bom Senhor descido por nosso amor e tão profundo abaixamento!

À chegada de Jesus no Egito, todos os ídolos desse país foram derrubados; peçamos a Deus a graça de amar a Jesus

de todo o coração, pois que todos os ídolos dos afetos terrenos desaparecem da alma em que entra o amor de Jesus.

Afetos e Súplicas.

Ó santo Infante, que viveis pobre, desconhecido, desprezado nessa região bárbara, reconheço-vos por meu Deus e meu Salvador, e rendo-vos graças por todas as humilhações e sofrimentos que suportais no Egito por meu amor. Vossa vida ensina-me a viver neste mundo como viajor; a considerar como pátria, não esta terra, mas o céu, que me adquiristes com a vossa morte. Ah! meu Jesus, fui ingrato para convosco porque pouco tenho refletido no que fizestes e sofrestes em meu favor. Quando penso que vós, Filho de Deus, levastes uma vida tão penosa, pobre e humilde, como me é ainda possível correr atrás dos prazeres e bens deste mundo? Ó meu caro Redentor, recebei-me em vossa companhia; permiti que viva em constante união convosco no céu para vos amar e gozar eternamente a vossa presença. Iluminai-me e aumentai a minha fé. Bens, prazeres, dignidades, honras deste mundo, que é tudo isso? Vaidade e loucura! A única riqueza, o único tesouro verdadeiro é possuir-vos, Bem infinito. Feliz de quem vos ama! Amo-vos, meu Jesus, e não quero senão a vós. Vós me quereis e eu vos quero. Se possuísse mil reinos, renunciá-los-ia para agradar-vos porque vós sois o meu Deus e o meu tudo. *Deus meus et omnia*. Se no passado aspirei às vaidades e aos gozos desta vida, hoje me arrependo e os detesto. Doravante, meu dileto Salvador, sereis vós o meu único contentamento, o meu único amor, o meu único tesouro.

Santíssima Virgem Maria, rogai a Jesus por mim: que Ele me enriqueça de seu santo amor, e nada mais desejo.

MEDITAÇÃO V.

SOBRE A VOLTA DE JESUS À PALESTINA

Tendo Herodes falecido, depois que Jesus passou sete anos, segundo a opinião comum dos Doutores, no seu exílio no Egito, o anjo apareceu de novo a S. José, e ordenou tomasse o divino Infante e sua Mãe e voltasse à Palestina. Consolado com esse aviso, José o participa a Maria. Antes de partirem esses dois esposos julgam de seu dever despedir-se dos amigos que se fizeram no país em que se demoraram. Em seguida munem-se ainda, José das poucas ferramentas, Maria dos pobres apetrechos da família, e dando a mão ao Menino Jesus, que colocam no meio, põem-se a caminho.

S. Boaventura considera que a volta foi mais fatigante para Jesus do que a fugida para o Egito: Ele crescera, Maria e José não podiam mais carregá-lo muito tempo em seus braços; doutro lado, nessa idade, Ele não era capaz de fazer a pé longas jornadas; o cansaço, obrigava-o pois a fazer paradas freqüentes. Mas José e Maria, seja de caminho, seja no repouso, não tiravam os olhos do adorável Menino, que era o objeto de todos os seus pensamentos e de todo o seu amor. Oh! com quanto recolhimento percorre o caminho da vida e alma feliz que não perde de vista o amor e os exemplos de Jesus Cristo!

Durante a jornada os nossos piedosos viajantes rompem de vez em quando o silêncio e se entregam a um santo entretenimento; mas com quem e de quem falam? só falam com Jesus e de Jesus. Quem leva a Jesus em seu coração, não fala senão com Jesus ou não fala senão de Jesus.

Consideremos ainda a pena que, na viagem, nosso Salvador teve de sofrer durante as noites: já não tinha por leito, como na ida, o seio de Maria, mas a terra nua; já não tinha por alimento o leite materno, mas um pouco de pão seco, alimento bem duro para a sua tenra idade. Padeceu ainda a sede na-

quele deserto em que os hebreus, faltando-lhes a água, precisaram dum milagre para se dessedentar. Contemplemos e adoremos com amor todos os sofrimentos de Jesus Menino.

Afetos e Súplicas.

Caro e adorável Menino, dissei-me para onde voltais; para a vossa pátria? Ó dor! os vossos concidadãos prepararam-vos desprezos para a vossa vida, e depois flagelos, espinhos, ignomínias e uma cruz, para a vossa morte. Tudo isso está presente aos olhos de vossa divindade, meu Jesus, e correis à paixão que os homens vos prepararam! Ah! meu Redentor, se não tivésseis vindo morrer por mim, eu não poderia ir amar-vos no paraíso, teria de ficar para sempre afastado de vós. A vossa morte foi a minha salvação. Mas, Senhor, como pude desprezar vossa graça e pronunciar contra mim uma nova condenação ao inferno, mesmo depois de libertado dele por vossa morte? Reconheço, um inferno é pouco para mim. Mas esperastes-me para me dar o perdão, ó meu Salvador, agradeço-vos e penetrado de arrependimento detesto todos os desgostos que vos causei. Por favor, Senhor, livrai-me do inferno! Ah! se tivesse a desgraça de condenar-me, que inferno mais horrível do que o próprio inferno, seria para mim o remorso de me haver perdido depois de ter meditado durante a vida o amor que me tivestes! Não, meu Jesus, não seria tanto o fogo eterno, mas muito mais a lembrança do vosso amor, que seria o meu inferno. Ah! vies-tes ao mundo acender o fogo de vosso santo amor; é nesse fogo que eu quero arder, e não no que me conservaria para sempre afastado de vós. Repito-o, pois, ó meu Jesus, livrai-me do inferno, pois que no inferno vos não poderia amar!

Ó Maria, minha Mãe, ouço dizer e pregar em toda a parte que não vão para o inferno os que vos amam e confiam em vós, se se quiserem corrigir: amo-vos, Soberana minha, confio em vós, e quero corrigir-me; ó Maria, preservai-me do inferno.

MEDITAÇÃO VI.

JESUS EM NAZARÉ.

Chegando na Palestina, S. José soube que Arquelau reinava na Judéia em lugar de seu pai Herodes; eis por que temeu lá ficar, e, avisado em sonho, foi a Nazaré, cidade da Galiléia, onde se estabeleceu numa pobre casa. — Ó feliz casa de Nazaré, eu te saúdo e venero: virá um tempo em que serás visitada pelos maiores personagens da terra; e quando os piedosos peregrinos se virem entre os teus muros, não se cansarão de derramar lágrimas de enternecimento, pensando que o Rei do céu aí passou quase toda a sua vida.

É nessa habitação que o Verbo encarnado passou o resto de sua infância e toda a sua mocidade; e como viveu lá? viveu pobre e desprezado dos homens, exercendo o ofício dum simples operário, e obedecendo a Maria e a José! Oh! que tocante espetáculo: ver o Filho de Deus vivendo como servo nessa pobre morada! ora baldeia água; ora abre ou fecha a oficina; ora varre a casa; ora ajunta a lenha para o fogo; ora fatiga-se ajudando a José em seu trabalho. Ó prodígio! Ó pensamento que deveria consumir-nos de amor para com um Redentor, que se reduziu a tais abaixamentos para se fazer amar por nós!

Adoremos todas essas ações servis de Jesus, que eram todas divinas. Adoremos sobretudo a vida humilde e oculta que Jesus levou na casa de Nazaré. — Ó homens soberbos, como podeis desejar aparecer e ser honrados, vendo o vosso Deus viver pobre, oculto, desconhecido, durante trinta anos, a fim de nos inspirar o amor do retiro e duma vida humilde e obscura?

Afetos e Súplicas.

Ó adorável Menino, vejo-vos trabalhar e suar como o último dos operários nessa pobre oficina; é por mim, bem o sei, que vos abaixais e vos fatigais assim. Assim como empregastes toda a vossa vida por meu amor, fazei, meu amado Senhor, que por minha vez eu empregue por vosso amor todo o resto da minha vida. Não olheis para a minha vida passada, que foi uma vida de desordens, uma vida de pecados, e é para mim e para vós motivo de dores e lágrimas. Ah! permiti que doravante eu trabalhe e sofra em união convosco para morrer depois convosco no Calvário, completamente resignado à morte que me haveis destinado. Meu caro Jesus, ó meu amor, não permitais vos deixe e abandone ainda, como fiz no passado. Vós, meu Deus, vivestes oculto, desconhecido, desprezado; suportastes, num lar pobre, todas as privações da pobreza! e eu, vil verme, tenho procurado as honras e os prazeres, e, por essas vaidades, ah! me tenho separado de vós, que sois o bem supremo! Ah! não seja mais assim, meu Jesus, amo-vos, e porque vos amo, não quero mais separar-me de vós. Renuncio a tudo para me unir a vós, meu Salvador oculto e desconhecido. A vossa graça me faz mais feliz do que todas as vaidades e todos os gozos terrestres, pelos quais tive a infelicidade de vos deixar. — Padre eterno, pelos méritos de Jesus Cristo, uni-me estreitamente a vós pelo dom do vosso santo amor.

Santíssima Virgem, fostes feliz de partilhar as privações e a obscuridade de Jesus, e de vos tornar semelhante a esse caro Filho! Minha Mãe, fazei que também eu, ao menos no tempo que me resta de vida, me torne semelhante a vós e a meu Redentor.

MEDITAÇÃO VII.

JESUS EM NAZARÉ. (Continuação)

Na casa de Nazaré, Jesus Menino *crescia em sabedoria, e em idade, e em graça, diante de Deus e dos homens. Consideremos atentamente essas palavras de S. Lucas.*

Na media que Jesus *crescia em idade, crescia também em sabedoria; não que adquirisse com os anos um maior conhecimento das coisas, como se dá conosco; pois, desde o momento de sua concepção, Jesus foi cheio de toda a ciência e de toda a sabedoria divinas; mas diz-se que Ele progredia porque, avançando em idade, manifestava mais e mais sua sublime sabedoria.*

Da mesma maneira se deve entender o resto do texto. Jesus *crescia em graça diante de Deus: as ações do Homem-Deus não podiam torná-lo mais santo, nem aumentar seus méritos, pois que desde o começo era cheio de santidade e de mérito, e é de sua plenitude, observa S. João, que nós recebemos todas as graças; todavia, as ações de nosso Redentor eram todas suficientes, em si mesmas, para aumentar sua graça e seu mérito.*

Crescia também em graça diante dos homens, no sentido que crescia em beleza e amabilidade. Oh! Jesus, em sua mocidade, tornava-se cada dia mais caro e mais amável, manifestando melhor os belos títulos que tinha ao nosso amor. Com que presteza o santo adolescente obedecia a Maria e a José! com que recolhimento de espírito trabalhava! com que modéstia tomava o alimento! com quanta descrição falava! com que doçura e afabilidade se entretinha com todos! com que devoção orava! Numa palavra, todas as ações, todas as palavras, todos os movimentos de Jesus, eram outras tantas setas de amor lançadas ao coração de todos os que o viam, e sobretudo de Maria e de José, que tiveram a felicidade de vê-lo constan-

temente a seu lado. Oh! quão atentos eram esses santos esposos em contemplar e admirar todas as ações, palavras e passos do Homem-Deus!

Afetos e Súplicas.

Crescei, amável Jesus, crescei para mim: crescei para ensinar-me com vossos divinos exemplos todas as vossas belas virtudes. Crescei para consumir o grande sacrifício da cruz, do qual depende minha eterna salvação. Ah! fazei, meu doce Senhor, que eu também cresça sempre mais em vosso amor e em vossa graça. Por infelicidade minha, até agora só tenho feito progresso em minha ingratidão para convosco, que tanto me tendes amado; fazei, meu Jesus, que no futuro se dê o contrário; conheceis minha fraqueza, aclarai-me e fortalecei-me. Fazei-me compreender o quanto mereceis ser amado. Sois um Deus de bondade infinita e de infinita majestade, e quisestes descer à terra, fazer-vos homem por nós, levar vida de sofrimentos e abjeção terminada pela morte mais cruel; onde poderíamos achar um objeto mais amável, um coração mais amante? Insensato! no passado não vos quis conhecer e por isso vos perdi. Peço-vos perdão, arrependo-me de toda a minha alma e estou resolvido a ser todo vosso. Mas ajudai-me, meu Deus; lembrai-me sempre a vida penosa e a morte dolorosa que sofrestes por meu amor. Dai-me luz e força. Quando o demônio me apresentar qualquer fruto proibido, dai-me força para o desprezar; não permitais que, com um gozo vil e momentâneo, eu consinta em perder-vos, bem sem limites. Amo-vos, meu Jesus, morto por mim, amo-vos, bondade infinita! amo-vos, Amante de minha alma!

Ó Maria, sois a minha esperança; espero obter por vossa intercessão a graça de amar doravante o meu Deus, e de não amar senão a Deus.

MEDITAÇÃO VIII.

SOBRE A PERDE DE JESUS NO TEMPLO

Segundo a narração de S. Lucas, Maria e José iam cada ano a Jerusalém para a festa da Páscoa, e levavam consigo a Jesus Menino. Nessas circunstâncias, ao menos na volta, os homens e as mulheres iam separadamente; assim exigia o costume dos hebreus, observa o Venerável Beda; e as crianças acompanhavam à vontade o pai ou a mãe. Quando Nosso Senhor chegou à idade de doze anos, sucedeu-lhe ficar em Jerusalém durante três dias após a solenidade, julgando Maria estivesse ele com José, e José que estivesse com Maria.

O santo Menino passou todos esses três dias honrando a seu Pai eterno com jejuns, vigílias, preces, e com a assistência aos sacrifícios, que eram outras tantas figuras do grande sacrifício que Ele devia oferecer na cruz. Se é que então tomou algum alimento, diz S. Bernardo, teve de mendigá-lo; e se tomou algum repouso, não teve outro leito que a terra nua.

Chegada a tarde, Maria e José notam com dor a ausência de Jesus. Põem-se a procurá-lo entre os seus parentes e amigos, mas em vão. Voltam em fim a Jerusalém, e ao terceiro dia o encontram no templo a disputar com mos doutores, espantados e cheios de admiração ao ouvirem as perguntas e as respostas daquele Menino extraordinário.

Não há na terra pena semelhante à duma alma que ama a Jesus, e que teme Jesus se tenha dela apartada por causa dalguma falta. Tal foi a extrema aflição de Maria e José naquelles três dias em que foram privados da presença de Jesus; como diz o devoto Lanspérgio, a sua humildade lhes fazia temer terem-se tornado indignos de guardar tão precioso tesouro. Eis por que, ao revê-lo, Maria lhe disse com ternura: *Meu Filho, por que fizestes assim conosco? vosso pai e eu vos procurávamos com o coração repleto de dor.* — *Não sabíeis, res-*

pondeu-lhe Jesus, *que devo ocupar-me das coisas que são do serviço de meu Pai?*

Aprendamos duas coisas desse mistério: a primeira, que devemos abandonar tudo, amigos e parentes, quando se trata de trabalhar para a glória de Deus; a segunda, que Deus se faz achar por aqueles que o procuram.

Afetos e Súplicas.

Ó Maria, chorais porque perdestes vosso Filho durante alguns dias. Ele afastou-se dos vossos olhos, mas não do vosso coração: não vêdes que o puro amor de que estais por Ele abraçada, o conserva estreitamente unido a vós? Sabeis que quem ama a Deus não pode deixar de ser amado por Deus, que disse: *Amo os que me amam*, e pelos lábios de S. João: *Quem permanece na caridade, permanece em Deus, e Deus nele*. Que temeis, pois? por que chorais? Deixai as lágrimas para mim, que tantas vezes perdi a Deus por minha culpa expulsando-o da minha alma!

Ah! meu Jesus, como pude ofender-vos deliberadamente, sabendo que pelo pecado eu vos perdia? Mas não quereis que desespere um coração que vos procura; mas, ao contrário, que se alegre. Se outrora me afastei de vós, ó meu amor, agora eu vos procuro, e só procuro a vós. Contanto que possua a vossa graça, renuncio a todos os bens e a todos os prazeres da terra, renuncio mesmo à vida. Dissestes que amais os que vos amam; eu vos amo, amai-me pois também. Prefiro o vosso amor à posse do mundo inteiro. Meu Jesus, não quero mais perder-vos; mas não posso contar com minhas próprias forças, ponho em vós toda a minha confiança. *É em vós, Senhor, que espero; não serei confundido eternamente*. Por favor, prendei-me a vós e não permitais me suceda ainda separar-me de vós.

Ó Maria, que me fizestes tornar a encontrar o meu Deus, que eu perdera, obtende-me ainda a santa perseverança. Digo

também a vós com S. Boaventura: “Espero em vós, Soberana minha, e não serei confundido eternamente”.

OUTRAS MEDITAÇÕES PARA OS OITO PRIMEIROS DIAS DO ADVENTO.

MEDITAÇÃO I.

*SOBRE O AMOR QUE DEUS NOS MOSTROU
NA ENCARNAÇÃO DO VERBO.*

Et Verbum caro factum est.

E o Verbo se fez carne.

I.

Deus nos criou para o amarmos neste vida e o possuímos na outra; mas tivemos a ingratidão de revoltar-nos contra ele, o ofendemos e recusamos obedecer-lhe; e por isso fomos privados da graça de Deus e excluído do paraíso e condenados às penas do inferno. Estávamos todos perdidos. Mas esse Deus de bondade, compadecido de nós, decretou enviar à terra um Redentor que nos erguesse de tão grande ruína.

II.

Mas quem será esse Redentor? um anjo? um Serafim? Não: para dar-vos um penhor de seu imenso amor, Deus enviou o seu próprio Filho. Envia à terra o seu unigênito Filho para se revestir da nossa carne pecadora, sem todavia contrair a mancha do pecado; e quer que, por seus sofrimentos e sua

morte, o Verbo encarnado satisfaça à justiça divina por nossas culpas, nos livre assim da morte eterna, e nos faça dignos da graça e da glória do paraíso.

Senhor, agradeço-vos por todos os homens: se não pensásseis em salvar-nos, eu e todos os outros estaríamos perdidos para sempre!

III.

Consideremos aqui o amor infinito, que Deus nos mostrou na grande obra da encarnação do Verbo, querendo que seu Filho adorável sacrificasse sua vida pelas mãos dos algozes na cruz num abismo de dores e ignomínias, para nos obter o perdão dos nossos pecados e a salvação eterna. Ó bondade infinita! ó misericórdia infinita! ó amor infinito! um Deus fazer-se homem e morrer por nós, miseráveis vermes da terra!

Ah! meu Salvador, fazei-me conhecer o quanto me tendes amado, a fim que à vista do vosso amor compreenda a minha ingratidão! Com a vossa morte tirastes-me da perdição; e eu ingrato vos voltei as costas para me tornar a perder! Arrependo-me de todo o coração de vos haver feito tão grande injúria. Ó meu Redentor, perdoai-me e preservai-me do pecado no futuro; não permitais eu torne a perder a vossa graça. Amo-vos, meu caro Jesus, sois a minha esperança e o meu amor. — Ó Mãe desse incomparável Filho, Maria, recomendai-lhe minha alma.

MEDITAÇÃO II.

BONDADE DE DEUS PADRE E DE DEUS FILHO NA OBRA DA REDENÇÃO.

*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine,
et homo factus est.*

Encarnou-se pela virtude do Espírito Santo
no seio da Virgem Maria, e fez-se homem.

I.

Deus criou Adão e enriqueceu-o de seus dons; mas o homem teve a ingratidão de ultrajar seu Criador pelo pecado, e assim o infeliz privou a si e a nós todos, seus descendentes, da graça de Deus e do paraíso. Todo o gênero humano estava perdido, irremediavelmente perdido. O homem, tendo ofendido a Deus, era incapaz de oferecer-lhe digna satisfação; foi preciso que uma pessoa divina satisfizesse pelo homem. Que faz o Padre eterno para remediar a perda do homem? Envia ao mundo seu próprio Filho para se fazer homem, revestir-se da carne dos homens pecadores, a fim de pagar as suas dívidas à justiça divina, morrendo por eles, e de obter-lhes com isso a morte na graça de Deus.

Meu Deus, se vossa bondade infinita não houvesse encontrado esse meio de salvação, quem de nós teria jamais ousado pedi-lo ou mesmo imaginá-lo?

II.

Que espanto terá causado aos anjos esse grande amor que Deus se dignou mostrar ao homem rebelde? Que terão dito ao verem o Verbo eterno fazer-se homem, tomar a carne dos

pecadores, e revestido dessa carne aparecer no mundo sob as aparências dum pecador como todos os outros?

Ah! meu Jesus, quando vos somos obrigados! e eu mais do que os outros, eu que vos ofendi mais do que os outros! Se meu não viésseis salvar, que seria de mim eternamente? Quem poderia livrar-me das penas que mereço? Sêde para sempre bendito e louvado por tão grande caridade!

O Filho de Deus vem pois do céu para unir-se à natureza humana, vem levar uma vida de penas, vem morrer na cruz por amor dos homens; e os homens que nisso crêem, poderiam amar um outro objeto fora desse Deus encarnado?

Ó Jesus, meu Salvador, quero amar unicamente a vós. Só vós me amastes, só a vós quero amar. Renuncio a todos os bens criados; vós só me bastais, ó Bem imenso, infinito! Se no passado vos desgostei, sinto agora viva dor, para compensar de certo modo a pena que vos causei. Ah! não permitais que no futuro eu corresponda com ingratidão ao amor com que me tendes amado. Não, meu Jesus, fazei que vos ame, e depois tratai-me como vos aprouver. Ó bondade infinita! ó amor infinito! não quero mais viver sem vos amar. — Ó Maria, Mãe de misericórdia, peço-vos só uma graça: fazei que eu ame sempre o meu Deus.

MEDITAÇÃO III.

MOTIVOS DE CONFIANÇA QUE NOS DÁ A ENCARNAÇÃO DO VERBO

Quomodo non etiam cum illo omnia nobis donavit?
Como não nos deu, com seu Filho, todas as coisas?

I.

Considera, minha alma, como o Pai eterno, dando-nos seu dileto Filho para ser nosso Redentor, não podia proporcionar-nos mais poderosos motivos de confiança em sua misericórdia e de amor à sua infinita bondade: não podia com efeito dar-nos uma prova mais certa do desejo que tem do nosso bem, e do amor imenso que nos consagra, pois que dando-nos seu unigênito Filho, nada mais tem a dar.

Ó Deus eterno, que todos os homens louvem vossa caridade sem limites!

II.

Como não nos deu também com ele todas as coisas?
Tendo-nos Deus dado o seu Filho, que ama como a si próprio, podemos acaso temer nos recuse ele qualquer bem que lhe peçamos? Depois de nos dar seu unigênito Filho, Deus não recusará o perdão das nossas culpas, se as detestarmos; não nos recusará a graça de resistir às tentações, se lha pedirmos; não nos recusará seu santo amor, se o desejarmos; finalmente não nos recusará o paraíso, contanto que não nos tornemos indignos dele pelo pecado. Jesus mesmo no-lo garante com as palavras: *Se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-la dará.*

Apoiado nessa promessa divina, ó meu Deus, a vós me dirijo com confiança. Pelo amor de Jesus, vosso Filho, perdoai-me todas as injúrias que vos fiz. Dai-me a santa perseverança na vossa graça até a morte. Dai-me vosso santo amor, que me desapegue tudo, para não amar senão a vós, Bondade infinita! Dai-me o paraíso, para que lá vos ame de todas as minhas forças e para sempre, sem temer cessar jamais de amar-vos.

III.

Enfim, o apóstolo nos garante que, recebendo Jesus Cristo, fomos enriquecidos de todo o bem, de sorte que nos não falte nenhuma graça.

Sim, meu Jesus, sois todo o bem; só vós me bastais, não aspiro senão a vós. Se outrora me afastei de vós pelo pecado, agora me arrependo de todo o coração. Perdoai-me, Senhor, e voltai-vos a mim. Se já estais em mim, como espero, não me deixeis mais ou, para melhor dizer, não permitais vos expulso de minha alma. Meu Jesus, meu Jesus, meu tesouro, meu amor, meu tudo, amo-vos, amo-vos, amo-vos, e quero amar-vos sempre. — Ó Maria, minha esperança, fazei que ame sempre a Jesus.

MEDITAÇÃO IV.

*FELICIDADE DE NASCER DEPOIS DA
REDENÇÃO E NA VERDADEIRA IGREJA.*

*Ubi venit plenitudo temporis, misit Deus
Filium suum... ut eos, qui sub lege erant, redimeret.*
Logo que veio o cumprimento do tempo, enviou Deus
a seu Filho... para remir aqueles que estavam debaixo da
lei.

I.

Quão gratos devemos ser a Deus por nos ter feito nascer após a realização da grande obra da Redenção dos homens! É o que nos indica a expressão do texto sagrado: *A plenitude do tempo*; isto é, o tempo feliz para a plenitude da graça que Jesus Cristo nos obteve com a sua vinda. Ai de nós, se, carregados de tantos pecados, estivéssemos na terra antes da vinda de Jesus Cristo!

II.

Antes da vinda do Messias, ah! em que estado miserável se achavam os homens! O verdadeiro Deus era apenas conhecido na Judéia; a idolatria reinava em todos os outros países do mundo, de sorte que nossos antepassados adoravam as pedras, as árvores, os demônios. Adoravam uma multidão de falsos deuses, e o verdadeiro Deus não era conhecido nem amado. Ainda agora há países em que são poucos os católicos, e em que os outros habitantes são hereges ou infiéis, que indubitavelmente se perdem! Quão gratos devemos ser a Deus, que nos fez nascer, não só depois da vinda de Jesus Cristo, mas ainda num país onde reina a verdadeira fé!

Senhor, eu vos agradeço. Quão infeliz seria eu, se, depois de ter cometido tantos pecados, vivesse no meio dos infiéis ou dos hereges! Vejo, meu Deus, que me quereis salvar, e eu, insensato! tantas vezes vos quis perder, perdendo a vossa graça! Meu Redentor, tende piedade de minha alma, que tanto vos custou!

III.

“Enviou seu Filho para resgatar os que estavam sob a lei”. Assim, o escravo peca, e pecando entrega-se ao demônio, e eis que seu Senhor vem, em pessoa, a fim de resgatá-lo com sua morte! Ó amor imenso, ó amor infinito de Deus, para com o homem!

Se pois me não tivésseis resgatados a custo de vossa vida, ó meu Redentor, que seria de mim, de mim, digo, que tantas vezes mereci o inferno por meus pecados? Se não tivésseis morrido por mim, meu Jesus, ter-vos-ia perdido para sempre, e para mim já não haveria esperança de recuperar a vossa graça, nem de ver um dia no paraíso a vossa bela face. Meu caro Salvador, agradeço-vos, e espero ir agradecer-vos no céu por toda a eternidade. Arrependo-me de todo o coração de vos haver desprezado no passado. Para o futuro estou resolvido a sofrer todas as penas, todas as mortes, antes que vos ofender. Mas posso trair-vos ainda no futuro, como o fiz no passado; ah! meu Jesus, não o permitais! Não, não permitais me separe mais de vós! Amo-vos, Bondade infinita, e quero amar-vos sempre nesta vida e na eternidade. — Maria, minha Rainha e Advogada, guardai-me sempre sob o vosso manto, e preservai-me do pecado.

MEDITAÇÃO V.

JESUS TUDO FEZ E SOFREU POR NÓS.

Dilexit me, et tradidit semetipsum pro me.

Amou-me, e entregou-se por mim.

I.

Ó meu Jesus, se é por amor de mim que abraçastes uma vida tão penosa e uma morte tão amarga, posso dizer que a vossa morte é minha, as vossas dores são minhas, os vossos méritos são meus, em fim vós mesmo sois meu, porque é por mim que vos entregastes a tanto sofrimento. Ah! meu Salvador, a pena que mais me aflige é de pensar que houve um tempo em que éreis meu e que depois vos perdi tantas vezes voluntariamente. Perdoai-me, uni-me estreitamente a vós, e não permitais vos torne a perder no futuro. Amo-vos de toda a minha alma. Quereis ser todo meu, e eu quero ser todo vosso.

II.

O Filho de Deus, sendo verdadeiro Deus, é infinitamente feliz; mas, diz S. Tomás, fez e sofreu pelo homem como se não pudesse ser feliz sem o homem. Se Jesus Cristo tivesse de merecer na terra sua própria beatitude, que mais poderia ser feito do que carregar-se de todas as nossas fraquezas e tomar todas as nossas misérias, para terminar depois a sua vida por uma morte tão dura e infame? Mas não; ele era inocente, santo e feliz em si mesmo; tudo fez e sofreu para obter-nos a graça de Deus e o paraíso que havíamos perdido.

Infeliz de quem vos anão ama, meu Jesus, infeliz de quem não vive tomado de amor por uma tão grande bondade!

III.

Se Jesus Cristo nos tivesse permitido pedir-lhe maiores provas de seu amor, quem jamais teria ousado pedir-lhe que se fizesse criança como nós, abraçasse nossas misérias, e se tornasse até o mais pobre, o mais desprezado, o mais maltratado de todos os homens, morrendo em fim pela violência das dores num madeiro infamante, amaldiçoado e abandonado por todos, mesmo por seu Pai? Mas, o que não teríamos ousado pensar, Ele pensou e realizou.

Meu amado Redentor, dai-me a graça que me merecestes com a vossa morte. Amo-vos e arrependo-me de vos haver ofendido. Apoderai-vos de minha alma, não quero mais seja o demônio o seu senhor; quero seja ela toda vossa, pois que a resgatastes com o vosso sangue. Só vós me amais, e eu quero amar-vos, a vós só. Livrai-me do castigo de viver sem vosso amor, e depois puni-me como for do vosso agrado. — Maria, meu refúgio, a morte de Jesus e a vossa intercessão são as minhas esperanças.

MEDITAÇÃO VI.

*A VISTA DOS NOSSOS PECADOS
AFLIGIU JESUS DESDE O SEIO DE SUA MÃE.*

Dolor meus in conspectu meo semper.
A minha dor está sempre diante dos meus olhos.

I.

Todas as aflições e todas as ignomínias que Jesus sofreu em sua vida e morte, estiveram constantemente presentes a

seu espírito desde o primeiro momento de sua existência: *Dolor meus in conspectu meo semper*, e a cada instante Ele as oferecia em expiação dos nossos pecados. O Senhor revelou a um dos seus servos que cada pecado dos homens lhe causava, durante sua vida, uma dor assaz violenta para lhe dar a morte, se lhe não fosse conservada a vida para sofrer mais ainda.

Ó meu Jesus, eis a bela prova de gratidão que recebestes dos homens e de mim em particular! Empregastes trinta anos de vida para salvar-me; e eu fiz tudo o que dependia de mim para vos fazer morrer de dor tantas vezes quantas pequei!

II.

S. Bernardino de Sena diz que Nosso Senhor via em particular o pecado de cada um. Essa vista contínua afligia-o imensamente, desde o primeiro até o derradeiro momento de sua vida. E, ajunta S. Tomás, devido ao conhecimento que tinha da injúria que todo pecado faz a seu Pai, e do prejuízo que nos causa, a sua dor excedeu a de todos os pecadores contritos, mesmo dos que morreram de puro arrependimento. Não há dúvida alguma, pois nenhum pecador chegou a amar a Deus e a sua alma tanto quanto Jesus amava seu Pai e nossas almas.

Assim, meu Jesus, já que ninguém me amou mais do que vós, é justo que vos ame mais do que todos; ou, para melhor dizer, já que só vós me amastes, quero amar só a vós.

III.

A agonia que Jesus sofreu no jardim das Oliveiras à vista dos nossos pecados que se encarregara de expiar, Ele a sofreu desde o seio de sua Mãe. Se pois a vida de nosso divino Salvador foi uma aflição contínua por causa dos nossos pecados,

esses pecados devem ser, durante toda a nossa vida, o único mal que nos cause aflição.

Meu amado Redentor, quisera morrer de dor ao pensar nas amarguras de que vos saturei em minha vida. Ó meu amor, se me amais dai-me uma contrição tal que me faça morrer e me alcance o perdão e a graça de amar-vos com todas as minhas forças. Dou-vos o meu coração todo inteiro; e se não o sei dar-vos inteiramente, tomai-o vós mesmo, e inflamai-o de vosso santo amor. — Ó Maria, advogada dos miseráveis, a vós me recomendo.

MEDITAÇÃO VII.

DO QUANTO JESUS DESEJOU SOFRER POR NÓS.

*Baptismo habeo baptizari; et quomodo
coarctor usque dum perficiatur!*

Devo ser batizado com um batismo; e com
quanto ardor desejo que se cumpra!

I.

Jesus podia salvar-nos sem sofrer; mas não: quis abraçar uma vida de dores e de desprezos, sem nenhuma consolação terrestre, e uma morte amarga e desolada, unicamente para nos fazer compreender o amor que nos tinha e o desejo de ser amado por nós. Passou sua vida inteira suspirando pela hora de sua morte que desejava oferecer a Deus para obter-nos a salvação eterna; expressou esse desejo nas palavras *Devo ser batizado com um batismo; e com quanto ardor desejo que se cumpra!* Desejava ser batizado em seu próprio sangue, para lavar, não os seus pecados mas os nossos.

Ó amor infinito, infeliz quem vos não conhece e vos não ama!

II.

Esse mesmo desejo fez-lhe dizer depois na noite que precedeu o dia de sua morte: *Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco.* — Demonstrou com essas palavras que o único desejo de sua vida tinha sido ver chegar o tempo de sua paixão e morte para provar ao homem o amor imenso que sempre tivera por ele.

Ó meu Jesus, desejais tanto o meu amor, que sofrestes a morte para obtê-lo! que poderia eu recusar a um Deus que me deu seu sangue e sua vida para ser amado por mim?

III.

Segundo observa S. Boaventura, é coisa espantosa ver um Deus sofrer por amor dos homens, mas o que é ainda mais espantoso, é que os homens não ardem em amor por esse Deus tão amante, depois de o verem sofrer tanto por eles, nascer criança e tremer de frio numa gruta, viver como um pobre operário numa oficina, morrer em fim como um criminoso numa cruz; não, não o amam... que digo? chegam até a desprezar o seu amor para se apegarem aos miseráveis prazeres da terra. Mas como é possível que Deus tenha tanto amor aos homens, e que os homens aliás tão reconhecidos para com as criaturas, sejam tão ingratos para com Deus?

Ah! meu Jesus, eu também fui do número desses miseráveis ingratos? Como pusestes sofrer tanto por mim, prevendo as injúrias que vos iria fazer? Mas já que me tendes suportado até agora, e que quereis a minha salvação, dai-me agora uma grande dor dos meus pecados, uma dor que iguale a minha ingratidão. Senhor, odeio e detesto os desgostos que vos cau-

sei; se no passado desprezei a vossa graça, agora a aprecio mais do que todos os reinos da terra. Amo-vos de toda a minha alma, ó Deus digno de amor infinito, e desejo viver unicamente para amar-vos. Dai-me mais chamais, dai-me mais amor. Lembrai-me sempre o amor que me tivestes, a fim que meu coração arda sem cessar de amor por vós, como o vosso arde de amor por mim. — Ó Coração de Maria, abrasai de santo amor o meu pobre coração.

MEDITAÇÃO VIII.

TRÊS FONTES DE GRAÇAS QUE TEMOS EM JESUS CRISTO.

Haurietis aquas in gaudio de fontibus Salvatoris.

Hauríreis com alegria das fontes do Salvador (Is 12,3).

I.

Temos em Jesus Cristo três fontes de graças. A primeira é uma fonte de misericórdia, na qual podemos purificar-nos de todas as manchas dos nossos pecados; essa feliz fonte o nosso amantíssimo Salvador a formou com seu próprio sangue: *Ele nos amou, diz S. João, e nos purificou de nossos pecados no seu sangue.*

Meu caro Salvador, quanto vos devo! fizestes por mim o que um servo não teria feito por seu senhor, nem um filho por seu pai. Ah! não posso viver sem vos amar, pois, por vosso amor, me pusestes na doce necessidade de amar-vos.

II.

A segunda fonte é uma fonte de amor. A quem medita os sofrimentos e as humilhações suportadas por Jesus Cristo desde o seu nascimento até a sua morte por amor de nós, é impossível não se sentir abrasado desse belo fogo que o Filho de Deus veio acender sobre a terra nos corações dos homens. Assim as águas dessa fonte salutar lavam as nossas almas e as inflamam.

Fazei, pois, ó meu Jesus, que o sangue que derramastes por mim não só me lave de todas as faltas com que vos ofendi, mas ainda me inflame de santo ardor por vós; fazei que tudo esqueça para pensar unicamente em amar a vós, meu Deus, que sois digno de amor infinito!

III.

A terceira fonte é uma fonte de paz; é o que significam as palavras do Salvador: *Se alguém tem sede, venha a mim. Se alguém deseja a paz, venha a mim que sou o Deus da paz.* — A paz que Nosso Senhor dá às almas que o amam não é a que o mundo promete oferecendo-lhes os prazeres dos sentidos ou os bens temporais, coisas que não podem contentar o coração do homem; a paz que Deus dá a seus servos é uma paz verdadeira, plena, que enche o coração, e que excede a todos os gozos, de que as criaturas possam ser fontes: *Quem beber da água que eu lhe der, já não terá sede.* São palavras do Salvador. Quem ama verdadeiramente a Deus, renuncia a tudo, despreza tudo, e não procura outra coisa senão Deus.

Sim, meu Deus, quero só a vós e nada mais. Houve um tempo em que eu procurava outros bens fora de vós: mas quando penso na injúria que vos fiz, preferindo a vós bens vis e passageiros, quisera morrer de dor. Reconheço o meu erro, e arrependo-me de todo o coração. Reconheço também que merecis todo o meu amor; repito e espero repetir sempre nesta vida e na outra: Meu Deus! meu Deus, só a vós quero e nada

mais; só a vós quero e nada mais. — Ó Maria, sois a primeira a amar a Deus; ah! comunicai-me o vosso amor.

OUTRAS MEDITAÇÕES PARA A NOVENA DE NATAL.

Coroinha a recitar-se antes de cada meditação

1. Meu dulcíssimo Jesus, que nascestes numa gruta, e que depois fostes colocado num presépio sobre palha, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

2. Meu dulcíssimo Jesus, que fostes apresentado e oferecido no templo por Maria, para serdes um dia imolado por nós na cruz, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

3. Meu dulcíssimo Jesus, que fostes perseguido por Herodes e constringido a fugir para o Egito, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

4. Meu dulcíssimo Jesus, que permanecestes sete anos no Egito, pobre, desconhecido e desprezado por aquele povo bárbaro, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

5. Meu dulcíssimo Jesus, que voltastes à vossa pátria, para lá ser um dia crucificado entre dois ladrões, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

6. Meu dulcíssimo Jesus, que, aos doze anos de idade, ficastes no templo, discutindo com os doutores, e fostes encontrado ao terceiro dia por vossa santa Mãe, Maria, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

7. Meu dulcíssimo Jesus, que vivestes na obscuridade tantos anos na oficina de Nazaré, obedecendo a Maria e a José, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

8. Meu dulcíssimo Jesus, que, três anos antes de vossa paixão, vos apresentastes ao mundo para pregar e ensinar o caminho da salvação, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

9. Meu dulcíssimo Jesus, que enfim terminastes a vossa vida morrendo na cruz por nosso amor, tende piedade de nós. — Tende piedade de nós, Senhor, tende piedade de nós.

Padre Nosso, Ave Maria, Glória Patri.

MEDITAÇÃO I.

DO AMOR QUE DEUS NOS MOSTROU FAZENDO-SE HOMEM.

Consideremos o amor imenso que Deus Filho nos mostrou fazendo-se homem para obter-nos a salvação eterna.

Adão, nosso primeiro pai, cai no pecado, e revoltando-se contra Deus, é expulso do paraíso terrestre e condenado à morte eterna com todos os seus descendentes. Mas o Filho de Deus, vendo perdido o homem, oferece-se, para livrá-lo da morte, a tomar a natureza humana e a padecer o suplício da

cruz. — Mas, meu Filho, parece ter-lhe dito então o Pai celeste, pensa que terás de levar na terra uma vida cheia de humilhações e sofrimentos. Terás de nascer numa fria gruta e ser reclinado na manjedoura dos animais. Terás logo depois de fugir para o Egito a fim de escapares às mãos de Herodes. Voltando do Egito, terás de viver na oficina de operário, como um simples artífice, pobre e desprezado. Finalmente terás de morrer na cruz, coberto de opróbrios e abandonado por todos. — Não importa, meu Pai, responde o Filho de Deus; estou pronto a tudo, contanto que o homem se salve.

Que é que se diria, se um príncipe, tocado de compaixão por um verme, que acabasse de morrer, se quisesse transformar num verme, preparar ao miserável verme um banho de seu sangue, e morrer para lhe restituir a vida? O Verbo eterno fez bem mais por nós, pois era Deus e quis tornar-se um verme semelhante a nós, e morrer por nós, a fim de nos restituir a vida da graça, que tínhamos perdido. Vendo que nenhum de seus dons podia conquistar-lhe o nosso amor, revestiu-se de nossa humanidade, e deu-se todo a nós: *O Verbo de fez carne — e entregou-se por nós.*

O homem mostra seu desprezo a Deus, exclama S. Fulgêncio, afastando-se dele; Deus mostra seu amor ao homem descendo do céu à sua procura! Mas qual é o seu intento nesse passo? Quer que o homem, sabendo quanto é amado por Deus, o ame por sua vez, ao menos por gratidão. Mas ah! amamos um animal que se chega aos nossos pés; como pois não seremos gratos para com um Deus, que desce do céu à terra para que o amemos?

Um homem, assistindo uma vez à missa, não manifestou nenhum ato de respeito às palavras que o sacerdote recita no fim: *Et Verbum caro factum est.* “O Verbo se fez carne”. Imediatamente o demônio lhe deu uma terrível bofetada, dizendo: “Ingrato, se Deus tivesse feito por mim o que fez por ti, eu ficaria eternamente prostrado em terra para lhe agradecer”.

Afetos e Súplicas.

Ó Filho eterno de Deus, fizestes-vos homem para ganhar o coração do homem; mas onde está o amor que os homens vos têm? Destes o vosso sangue e a vossa vida para salvar vossas almas; como pois vos somos tão pouco reconhecidos? ah! em vez de vos amarmos, levamos ao desprezo a nossa ingratidão! Senhor, eis a vossos pés aquele que vos ultrajou mais do que todos. Mas a vossa paixão é a minha esperança. Ah! pelo amor que vos levou a tomardes a natureza humana e a morrerdes na cruz pela minha salvação, perdoai todas as minhas ofensas. Amo-vos, ó Verbo encarnado, amo-vos, ó meu Deus, amo-vos, bondade infinita, arrependo-me de vos haver desgostado tanto, quisera morrer de dor. Meu Jesus, dai-me o vosso amor; não permitais que continue a pagar com ingratidão a afeição que me mostrastes. Quero amar-vos toda a minha vida. Dai-me a santa perseverança.

Ó Maria, Mãe de Deus e minha Mãe, obtende-me de vosso Filho a graça de o amar cem cessar até a morte.

MEDITAÇÃO II.

DO AMOR QUE DEUS NOS MOSTROU NASCENDO MENINO.

Fazendo-se homem por nosso amor, podia o Filho de Deus aparecer no mundo em estado de homem perfeito, como Adão, quando foi criado; mas como as crianças ganham ordinariamente mais o afeto dos que as vêm, quis mostrar-se na terra sob a forma duma criancinha, e até da mais pobre e abjeta de todas as crianças que jamais nasceram. “O nosso Deus quis nascer assim, diz S. Pedro Crisólogo, porque se queria fazer

amar”. O profeta Isaías havia predito que o Filho de Deus nasceria criança e assim se daria todo a nós, por amor. *Nasceu-nos um Menino, foi-nos dado um Filho.*

Ah! meu Jesus, meu soberano Senhor e verdadeiro Deus, quem vos moveu a deixar o céu e a nascer numa gruta senão o vosso amor pelos homens? Quem vos fez descer do vosso trono elevado acima dos astros, para vos estender sobre palha? Porque vejo-vos agora deitado entre dois animais quando antes vos rodeavam os coros dos anjos? Abrasais de santo amor os Serafins, e eis que tremeis de frio num estábulo! Dais movimento aos céus e aos sóis, e eis que não podeis mudar de lugar sem o concurso de um braço estranho! Provedes ao alimento dos homens e dos animais, e tendes necessidade dum pouco de leite para sustentar a vida! Sois a alegria do céu, como pois vos ouço gemer e chorar? Dizei-me: quem vos reduziu a tanta miséria? “Quem é o autor de todas essas mudanças? pergunta S. Bernardo; é o amor”, responde ele, é o vosso amor para com os homens.

Afetos e Súplicas.

Ó caro Menino, dizei-me: que viestes fazer na terra? dizei-me: que viestes aqui buscar? Ah! eu vos entendo: viestes morrer por mim a fim de livrar-me do inferno; viestes procurar-me, que sou ovelha perdida, a fim que para o futuro me não afaste mais de vós e vos ame. Ó meu Jesus, meu tesouro, minha vida, meu amor, meu tudo, se vos não amar a quem amarei? Onde posso achar um pai, um amigo, um esposo, mais amável do que vós, e que mais do que vós me tenha amado? Amo-vos, meu Deus, amo-vos, meu único Bem! Pesa-me de ter vivido tantos anos, não só sem vos amar, mas ofendendo-vos e desprezando-vos. Perdoai-me, meu amado Redentor, arrependo-me de vos haver tratado assim, arrependo-me de toda a minha alma. Perdoai-me e dai-me a graça de me não separar

mais de vós e de vos amar no resto de minha vida. Ó meu amor, dou-me todo a vós; aceitai-me, e não me repitais como mereço.

Maria, sois minha Advogada, e por vossas preces, obtendes de vosso divino Filho tudo o que desejais; pedi-lhe que me perdoe e me conceda a santa perseverança até a morte.

MEDITAÇÃO III.

DA VIDA POBRE QUE JESUS ABRAÇA AO NASCER.

Deus dispusera que no momento em que seu Filho devia nascer sobre a terra, cada qual fosse obrigado, por ordem do imperador, a ir ao lugar de sua origem para lá ser inscrito; assim José teve de ir com sua Esposa a Belém para se alistar segundo o decreto de César. Chegou então a hora em que Maria devia dar à luz o seu divino Filho; não podendo achar lugar em nenhuma casa, nem mesmo nas hospedarias públicas em que ficavam os pobres, foi obrigada a retirar-se de noite a uma gruta, e lá deu à luz o Rei do céu. Se Jesus tivesse vindo ao mundo em Nazaré, é certo que teria também nascido em pobreza, mas ao menos teria tido um quarto salubre, um pouco de lume, paninhos quentes, e um berço mais cômodo. Mas não: ele quis nascer na gruta fria e sem lume; quis que um presépio lhe servisse de berço, e que um pouco de palha rude lhe servisse de leito a fim de sofrer mais.

Entremos no estábulo de Belém, mas entremos com fé. Se lá entrarmos sem fé, que veremos? Uma pobre criancinha que treme e chora, atormentada pelo frio e pela rudeza da palha em que está deitada; vendo-a tão bela teremos, sim, um sentimento de compaixão, e nada mais. Se ao contrário lá entrarmos com fé refletiremos que essa criança é o Filho de Deus, que veio ao mundo por nosso amor, e que sofre para expiar os

nossos pecados: como então nos será possível não lhe termos gratidão e amor?

Afetos e Súplicas.

Ah! caro e doce Menino, como pude ser tão ingrato, e causar-vos tantos desgostos, sabendo o que sofrestes por mim? Mas as lágrimas que derramais e a pobreza que escolhestes por amor de mim, fazem-me esperar o perdão das ofensas que cometi contra vós. Ó Meu Jesus, arrependo-me de vos haver tantas vezes voltado as costas, e amo-vos sobre todas as coisas. *Deus, meus, et omnia*: Meu Deus, doravante sereis o meu único tesouro e todo o meu bem: Dai-me o vosso amor, dir-vos-ei com S. Inácio, dai-me vossa graça, e serei rico. Não quero, não desejo outra coisa: vós só me bastais, meu Jesus, minha vida, meu amor.

MEDITAÇÃO IV.

DA VIDA HUMILDE QUE JESUS LEVOU DESDE SUA INFÂNCIA.

Todas as indicações que o anjo deu aos pastores de Belém para reconhecerem o Salvador recém-nascido, foram sinais de humildade. *Eis o sinal*, disse-lhes, pelo qual conhecereis o Messias: *achareis um Menino envolto em pobres paninhos, num estábulo, e reclinado sobre palha num presépio*. — Assim quis nascer o Rei do céu, o Filho de Deus, porque vinha destruir o orgulho, que causara a perda do homem.

Os profetas haviam predito que nosso divino Redentor seria tratado como o homem mais vil do mundo, e saturado de opróbrios. Quantos ultrajes não teve Jesus de sofrer da parte dos homens! Foi tratado de beberrão, de feiticeiro, de blasfemo

e de herege. E quantas outras ignomínias em sua paixão! foi abandonado por seus próprios discípulos; um deles o vendeu por trinta dinheiros, e um outro o renegou, protestando não o conhecer; foi arrastado pelas ruas atado com um malfeitor; foi flagelado como um escravo, escarnecido como um insensato, como um rei de comédia, esbofeteado, coberto de escarros, e por fim condenado a morrer numa cruz entre dois ladrões, como o maior facínora do mundo.

O mais nobre de todos os seres, diz S. Bernardo, é tratado como o mais desprezível de todos! — Mas, meu Jesus, ajunta, quanto mais humilde e desprezado vos mostrais, tanto mais caro e amável vos tornais a mim!

Afetos e Súplicas.

Ah! meu doce Salvador, abraçastes todos esses desprezos por meu amor, e eu, não posso ouvir uma palavra injuriosa sem logo pensar em vingança, eu que tantas vezes mereci ser calcado aos pés dos demônios no inferno! Envergonho-me de aparecer diante de vós tão pecador e orgulhoso. Senhor, não me expulseis de vossa presença, como mereceria. Dissestes que não desprezais um coração que se arrepende e se humilha; arrependo-me de todos os desgostos que vos causei. Perdoai-me, meu Jesus, estou resolvido a não mais vos ofender. Sofrestes tantas injúrias por meu amor; quero sofrer por vosso amor todas as injúrias que me forem feitas. Amo-vos, meu Jesus desprezado por mim, amo-vos, ó meu Bem! amo-vos mais do que todos os bens. Socorrei-me para que vos ame e sofra todas as afrontas para vos comprazer.

Ó Maria, recomendai-me a vosso Filho; pedi a Jesus por mim.

MEDITAÇÃO V.

DA VIDA AFLITA QUE JESUS LEVOU DESDE O SEU NASCIMENTO.

Jesus Cristo podia salvar o homem sem sofrer e sem morrer; mas não: para melhor mostrar-nos o seu amor, escolheu uma vida cheia de aflições. Já o profeta o chamara *Homem de dores*, devendo sua vida ser repleta de penas. A paixão de nosso Salvador não começou no tempo da sua morte, mas desde o seu nascimento.

Ao nascer encontra-se num estábulo, onde tudo o faz sofrer. Sofre na vista que não encontra nessa gruta senão pedras brutas e negras. Sofre no olfato pelo cheio fétido das dejeções dos animais que a habitam. Sofre no tato pelas picaduras da palha que lhe serve de leito. — Pouco depois de seu nascimento, é constrangido a fugir para o Egito, onde passa vários anos de sua infância na pobreza e no desprezo. — A vida que depois leva em Nazaré pouco difere da do seu exílio. — Enfim termina sua carreira em Jerusalém expirando na cruz pela violência dos tormentos.

A vida de Jesus Cristo foi, pois, um martírio contínuo, e mesmo um duplo martírio, porque teve sempre diante dos olhos todas as penas que o deviam afligir até a morte. A Irmã Maria Madalena Orsini, queixando-se um dia a Jesus crucificado, disse-lhe: “Mas Senhor, vós estivestes só três horas na cruz, enquanto que eu suporto esta pena há vários anos”. Jesus respondeu-lhe: “Ah! ignorante que dizes? Desde o seio de minha Mãe sofri todas as penas da minha vida e da minha morte”. Entretanto, o que mais afligiu o coração de Jesus não foram tanto esses sofrimentos, que aceitara voluntariamente; foi a vista dos nossos pecados e da nossa ingratidão após tantas provas de seu amor. S. Margarida de Cortona não cessava de

chorar as ofensas que fizera a Deus; o seu confessor disse-lhe um dia: “Margarida, sossega e não chores mais; Deus já te perdoou”. Mas ela respondeu: “Ah! meu pai, como posso cessar de chorar os meus pecados, sabendo que eles afligiam meu Salvador durante toda a sua vida”.

Afetos e Súplicas.

Ó meu Amor, por meus pecados enchi de amargura toda a vossa vida. Meu doce Jesus, dizei-me o que devo fazer para obter o perdão, estou pronto a tudo. Arrependo-me de todas as ofensas que vos fiz, ó meu soberano Bem; arrependo-me e amo-vos mais do que a mim mesmo. Sinto grande desejo de amar-vos, e é de vós que me vem esse desejo; dai-me, pois, a força de amar-vos muito. É justo que vos ame muito quem muito vos ofendeu. Ah! lembrai-me sempre o amor que me tivestes, a fim de que minha alma arda sempre de amor por vós, pense sempre em vós, não deseje senão a vós, e não procure agradar senão a vós. Ó Deus de amor, eu, outrora escravo do inferno, dou-me hoje todo a vós. Aceitai-me por piedade, e prendei-me ao vosso amor. Meu Jesus, de hoje em diante quero viver amando-vos, e amando-vos quero morrer.

Ó Maria, minha Mãe e minha esperança, ajudai-me a amar o vosso e o meu Deus; só vos peço essa graça; de vós a espero.

MEDITAÇÃO VI.

DA MISERICÓRDIA DE DEUS NA OBRA DE NOSSA SALVAÇÃO.

Manifestou-se a bondade e a caridade de Deus ao homem. Quando o Filho de Deus feito homem apareceu na terra,

viu-se em toda a sua imensidade a bondade de Deus a nosso respeito. — Segundo a reflexão de S. Bernardo, Deus mostrou o seu poder criando o mundo, e a sua sabedoria governando-o; mas fez resplandecer a sua misericórdia sobretudo quando se revestiu da carne humana para salvar por seus sofrimentos e por sua morte a humanidade perdida. E com efeito, que maior misericórdia poderia o Filho de Deus fazer-nos do que tomando sobre si as penas que nos eram devidas.

Ei-lo, pois, nascido, feito menino, fraco, enfaixado, reclinado num presépio; não pode mover-se nem alimentar-se por si mesmo; é preciso que Maria lhe apresente um pouco de leite para sustentar-lhe a vida. Ei-lo depois no pretório de Pilatos, atado com cordas a uma coluna, da qual pode livrar-se, e é flagelado da cabeça aos pés. Ei-lo pouco depois que caminha para o Calvário: exausto de forças e oprimido sob o peso da cruz, cai e torna a cair no caminho. Ei-lo enfim cravado no madeiro infame, no qual perde a vida pela violência das dores.

Com tanto amor Jesus tencionava ganhar todo o nosso amor e todos os corações; por isso não mandou um anjo para resgatar-nos, mas veio em pessoa salvar-nos por sua paixão. Se o homem tivesse sido resgatado por um anjo, ele deveria dividir o seu coração, e amar a Deus como seu Criador, e ao anjo como seu redentor; a fim pois de conquistar para si só o coração do homem, Deus quis ser o seu Redentor como já era o seu Criador.

Afetos e Súplicas.

Ah! meu caro Redentor, onde estaria eu agora, se, em vez de me suportardes com tanta paciência, me tivésseis feito morrer quando me achava em pecado mortal? Se me tendes esperado até esta hora, meu Jesus, apressai-vos a perdoar-me para que a morte me não surpreenda carregado de inumeráveis pecados. Ó meu soberano Bem, sinto ter-vos desprezado; quise-

ra morrer de dor. Não abandonais uma alma que vos procura; se no passado me afastei de vós, agora procuro-vos e amo-vos. Sim, meu Deus, amo-vos sobre todas as coisas, amo-vos mais do que a mim mesmo. Senhor, ajudai-me a amar-vos constantemente o resto de minha vida, nada mais vos peço; eu vo-la peço e a espero.

Maria, minha esperança, rogai por mim: se pedirdes por mim, tenho a certeza de ser atendido.

MEDITAÇÃO VII.

A VIAGEM DE JESUS MENINO AO EGITO.

O Filho de Deus desce do céu para salvar os homens; mas apenas nascido os homens o perseguem de morte. Herodes teme que esse Menino lhe roube o reino, e procura perdê-lo. S. José em sonho é avisado por um anjo, toma Jesus e sua Mãe e foge para o Egito. José obedece imediatamente: comunicada essa ordem do céu a Maria, ajunta as ferramentas de seu ofício para no exílio ganhar o pão para si e sua família. Maria, de seu lado, recolhe e toma consigo os paninhos que devem servir ao santo Menino; depois chegando-se ao berço em que dorme seu Filho, diz-lhe em prantos: Ó meu Filho e meu Deus, viestes do céu para salvar os homens; e apenas nascestes já vos procuram tirar a vida! — Proferindo essas palavras, toma-o em seus braços e, continuando a derramar lágrimas, põe-se a caminho com José naquela mesma noite.

Consideremos os sofrimentos, as dores e as privações dos nossos santos exilados em tão longa viagem. Como o divino Menino não podia ainda andar, Maria e José são obrigados a levá-lo alternadamente em seus braços. Na travessia do deserto, têm de passar as noites ao relento e sobre a terra nua. O santo Menino chora de frio; Maria e José choram de compaixão

por ele. E quem não choraria vendo o Filho de Deus, pobre e perseguido e errante, constrangido a fugir da espada assassina de seus inimigos?

Afetos e Súplicas.

Ó doce Menino, chorais e tendes razão de chorar vendo-vos assim perseguido pelos homens, que tanto amais. Mas, ah! eu também vos persegui outrora com meus pecados! mas agora amo-vos mais do que a mim mesmo, e nenhuma pena me aflige tanto como a lembrança de haver desprezado a vós, meu bem supremo. Por favor, perdoai-me, meu Jesus, e permiti vos leve comigo, em meu coração, durante o resto da minha viagem neste mundo, para entrar convosco na eternidade. Inúmeras vezes vos bani de minha alma pelo pecado; mas hoje eu vos amo e me arrependo sobre todas as coisas de vos haver ofendido. Meu amado Senhor, estou resolvido a não mais deixar-vos; mas dai-me a força de vencer as tentações; não permitais me separe mais de vós; fazei-me antes morrer do que ter novamente a desgraça de perder a vossa amizade.

Ó Maria, minha esperança, fazei que eu sempre viva e que morra amando a Deus.

MEDITAÇÃO VIII.

DA ESTADA DE JESUS MENINO NO EGITO E EM NAZARÉ

Nosso divino Redentor passou no Egito os sete primeiros anos de sua infância, levando vida pobre e desprezada. José e Maria eram estranhos e desconhecidos, sem parentes e sem amigos, e o trabalho de suas mãos mal lhes fornecia o necessário para o sustento diário. A sua habitação era pobre, o seu

leito pobre, o seu alimento pobre. Foi lá que Maria continuou a amamentar a Jesus e o desaleitou. Depois de o nutrir com seu leite, ela o sustentou com suas mãos: dumta tigela tomava um pouco de pão embebido em água, e o levava à boca sagrada de seu Filho. Foi lá que lhe fez a primeira túnica, lhe tirou as faixas, e começou a vesti-lo. Foi lá que Jesus aprendeu a andar, dando os primeiros passos, vacilando e caindo várias vezes como sucede às outras crianças. Foi lá que Jesus proferiu suas primeiras palavras, balbuciando. — Ó prodígio! a que estado se reduziu um Deus por nosso amor! um Deus vacilar e cair ao andar! um Deus balbuciar ao falar!

A vida que Jesus levou após a volta do Egito, na casa de Nazaré, não foi menos pobre nem menos abjeta. Até a idade de trinta anos exerceu o ofício de simples operário numa oficina; obedecia a José e a Maria. Jesus ia buscar água; Jesus abria e fechava a oficina; Jesus varria a casa, recolhia a lenha para o fogo, e afatigava-se o dia inteiro para ajudar a José em seu trabalho. — Ó espetáculo assombroso! um Deus que trabalha como operário! um Deus que varre a casa! um Deus que se fatiga até suar para desbastar uma peça de madeira! quem é Jesus? um Deus todo-poderoso, que com um aceno criou o mundo, e que pode aniquilá-lo quando quiser! — Ah! um só desses pensamentos deveria consumir-nos de amor.

Quão doce era então observar a devoção com que Jesus fazia oração, a paciência com que trabalhava, a prontidão com que obedecia, a modéstia com que tomava as refeições, e a mansidão e afabilidade com que falava e conversava! Ah! certamente todas as palavras e todas as ações de Jesus eram tão santas que inflamavam de amor todos os corações, mas principalmente os de Maria e de José que o observavam continuamente.

Afetos e Súplicas.

Ó Jesus, meu Salvador, quando penso que vós, meu Deus, permanecestes tantos anos desconhecido e desprezado numa pobre casa por amor de mim, como posso desejar os prazeres, as honras, as riquezas deste mundo? Renuncio a todos esses bens, e quero ser vosso companheiro sobre a terra, pobre como vós, mortificado como vós, e desprezado como vós: com isso espero gozar um dia a vossa companhia no paraíso. Que são os reinos, os tesouros deste mundo? Meu Jesus, vós sereis o meu único tesouro, o meu único bem. Sinto profunda dor de no passado haver tantas vezes desprezado a vossa amizade para satisfazer os meus caprichos; arrependo-me de todo o coração. Para o futuro estou resolvido a antes perder mil vezes a vida do que perder a vossa graça. Meu Deus, não quero mais ofender-vos, quero amar-vos sempre. Ajudai-me a ser-vos fiel até a morte.

Maria, sois o refúgio dos pecadores, sois a minha esperança.

MEDITAÇÃO IX.

DO NASCIMENTO DE JESUS NA GRUTA DE BELÉM.

Tendo o imperador romano ordenado por um edito que cada um de seus súditos se inscrevesse no lugar de sua origem, José pôs-se a caminho com Maria, sua Esposa, para ir inscrever-se em Belém. — Ó céu! quanto não teve de sofrer a santa Virgem nessa viagem, que era de quatro dias, por caminhos montanhosos e no coração do inverno, numa estação de frio, de ventos e chuvas!

Quando estiveram em Belém, chegou o momento em que devia nascer o Messias. José pôs-se logo a procurar na cidade

um lugar conveniente em que Maria pudesse dar à luz a seu Filho. Mas como era pobres, foram repelidos em toda parte recusaram-lhes até a hospedagem nos hotéis em que eram aceitos os outros pobres. Tiveram por isso de sair da cidade durante a noite, e Maria entrou numa gruta que encontraram. Mas José disse-lhe: Cara Esposa, como podeis passar a noite em lugar tão úmido e frio e aí dar à luz o vosso divino Filho? não vêdes que é um estábulo? — Ah! meu caro José, respondeu Maria, é certo que este estábulo é o palácio em que o Filho de Deus quer nascer.

Logo depois, estando a Virgem de joelhos em oração, chegada a hora do nascimento do Salvador, a gruta foi imediatamente aclarada por uma grande luz. Maria abaixa os olhos e vê no solo o Filho de Deus já nascido, tenra criancinha que treme de frio e que chora. Adora-o logo como seu Deus; depois toma-o em seus braços e envolve-o nos pobres paninhos que levava consigo; e enfim depois de o enfaixar, deita-o num presépio sobre a palha. — Assim quis nascer por amor de nós o Filho do Padre eterno.

S. Maria Madalena de Pazzi dizia que as almas que amam a Jesus Cristo devem fazer aos pés do santo Menino o ofício dos animais que no estábulo de Belém acalentavam com seu hálito a Jesus: devem também acalentá-lo com seus suspiros de amor.

Afetos e Súplicas.

Ó adorável Menino, não ousaria ficar aos vossos pés, se não soubesse que me convidais e aproximar-me de vós. Fui eu por meus pecados que vos fiz derramar tantas lágrimas no estábulo de Belém: mas, já que viestes à terra para perdoar aos pecadores penitentes, dignai-vos perdoar-me; arrependo-me sobremaneira de vos haver desprezado a vós meu Salvador e meu Deus, que sois tão bom e que me haveis amado tanto!

Nesta noite concedei grandes graças a tantas almas; ah! consolai também a minha alma: a graça que desejo é a de vos amar doravante de todo o meu coração; inflamai-o todo de vosso santo amor. Amo-vos, ó meu Deus feito Menino por mim. Por favor não permitais que eu cesse jamais de vos amar.

Ó Maria, minha Mãe, podeis tudo com vossas preces; não vos peço outra coisa senão que rogueis a Jesus por mim.

OUTRA MEDITAÇÃO PARA A FESTA DA CIRCUNCISÃO.

I.

O Padre eterno, enviando seu Filho à terra para sofrer e morrer por nós, quer que Ele seja circuncidado e comece desde hoje a derramar o seu sangue divino para acabar de difundir-lo no dia de sua morte na cruz num oceano de desprezos e dores? Por que? a fim que essa Vítima inocente pague assim a pena que merecemos. À vista de tão grande benefício a Santa Igreja exclama com admiração: Ó adorável efeito de vossa misericórdia para conosco! ó inestimável dom de amor! para resgatares o escravo, entregastes o vosso Filho!

Ó Deus eterno, quem nos teria podido jamais fazer esse dom infinito, senão vós que sois uma bondade infinita e um amor infinito? Ah! Senhor! se no vosso Filho me destes o que tendes de mais caro, é justo que eu, miserável, me dê inteiramente a vós. Sim, meu Deus, dou-me todo a vós; aceitai-me e não permitais que me afaste mais de vós.

II.

De seu lado, o Filho de Deus, cheio de humildade e amor por nós, abraça a morte dolorosa que lhe é destinada, para livrar a nós pecadores da condenação eterna, e hoje começa voluntariamente a satisfazer por nós à justiça divina, derramando seu sangue precioso. *Ele se humilhou*, diz o Apóstolo, *tornando-se obediente até a morte, e até a morte da cruz.*

Vós, meu Jesus, aceitastes pois a morte por amor de mim; e eu, que farei? continuarei a afligir-vos com meus pecados? Não, meu Redentor, já não quero pagar-vos com ingratidão. Pesa-me de vos haver causado tantos desgostos no passado. Amo-vos, Bondade infinita, e não quero cessar jamais de amar-vos.

III.

O divino Salvador disse: *Ninguém te maior amo do que aquele que dá sua vida por seus amigos.* Mas vós, ó Jesus, diz S. Paulo, nos mostrastes uma caridade maior: destes a vossa vida por nós, que éramos inimigos vossos.

Eis a vossos pés, Senhor, um desses miseráveis. Quantas vezes renunciei a vossa amizade, e não vos obedeci! Reconheço hoje o mal que fiz; perdoai-me, meu Jesus, quisera morrer de dor. Agora amo-vos de toda a minha alma, e o meu único desejo é amar-vos e ser-vos agradável.

Maria, Mãe de Deus e minha Mãe, rogai a Jesus por mim.

OUTRA MEDITAÇÃO PARA A FESTA DA EPIFANIA.

I.

O Filho de Deus nasce pobre e humilde numa gruta; os anjos do céu o reconhecem e glorificam a Deus cantando: Glória a Deus no mais alto dos céus! Mas na terra os homens, por cuja salvação Jesus veio ao mundo, o abandonam; só alguns pastores o reconhecem por seu Salvador. Entretanto, esse amoroso Redentor quer desde então comunicar-nos as primícias da graça da sua redenção; eis por que começa logo a manifestar-se também aos gentios que não o conheciam nem o esperavam. Para esse fim envia a estrela que devia advertir os Magos, e ao mesmo tempo os aclara por uma luz interior, a fim de que vão conhecer e adorar o seu divino Redentor. Essa é a primeira e a principal graça feita aos homens: a vocação à fé.

Ó Salvador do mundo, que seria de nós, se nos não viésseis iluminar? Seríamos semelhantes a nossos pais, que adoravam os animais, os ídolos de mármore e de madeira, e nos condenaríamos todos. Agradeço-vos hoje em nome de todos os homens.

II.

Os Magos põem-se a caminho sem detença, e, guiados pela estrela, chegam ao lugar em que se encontra o santo Menino. *Acharam o Menino com Maria.* Lá só vêem uma jovem Virgem pobre e uma criancinha pobre, coberta de pobres paninhos; mas, à sua entrada no lugar, que era um estábulo, sentem grande alegria interior e o seu coração docemente atraído pelo amável Menino. Aquela palha, aquele desnudamento, a-

queles vagidos do Salvador que acaba de nascer, são outras tantas setas e chamas de amor para seus corações aclarados.

Sim, meu Jesus, quanto mais pobre e humilhado vos vejo, tanto mais me inflamais de vosso amor.

III.

O divino Infante mostra àqueles santos peregrinos rosto alegre e demonstra com isso que aceita aquelas primeiras conquistas de sua redenção. A divina Mãe guarda também silêncio, mas faz-lhes gracioso acolhimento e agradece-lhe as homenagens prestadas a seu Filho. Eles o adoram em silêncio, e o reconhecem por seu Deus e Salvador oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra.

Ó meu Rei-Infante, amável Jesus, eu também vos adoro e apresento meu miserável coração. Aceitai-o, transformai-o. Fazei que ele seja todo vosso e que ame unicamente a vós. Meu doce Salvador, salvai-me, e minha salvação seja amar-vos sem cessar e sem reserva.

Virgem Santíssima, Maria, de vós espero essa graça.

OUTRA MEDITAÇÃO PARA A FESTA DO SANTO NOME DE JESUS.

I.

O nome de Jesus não foi dado ao Verbo encarnado pelos homens, mas pelo próprio Deus: *Chamá-lo-eis Jesus*, disse o anjo a Maria. JESUS quer dizer SALVADOR; é um nome de alegria, um nome de esperança, um nome de amor.

É um nome de alegria; se nos aflige a lembrança de nossos pecados, esse nome divino nos consola e nos alegra, re-

cordando-nos que o Filho de Deus se fez homem para ser nosso Salvador.

Meu amado Salvador, desceste do céu para procurar-me; e eu, miserável, voltei-vos as costas, desprezei vossa graça e vosso amor! Mas apesar disso quereis sempre salvar-me; meu Jesus, agradeço-vos, e amo-vos.

É um nome de *esperança*; pois quem pede ao Pai celeste em nome de Jesus, pode esperar todas as graças que suplica: *Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo dará.*

Meu Deus, apoiado nessa promessa, peço-vos em nome de Jesus o perdão dos meus peados, a santa perseverança e o dom do vosso amor. Fazei, uma palavra, que eu empregue o resto da minha vida, não em ofender-vos, mas unicamente em amar-vos e agradar-vos, como o mereceis.

III.

É um nome de *amor*. S. Bernardino de Sena diz que o nome de Jesus é um memorial de tudo o que Deus fez por nosso amor; recorda-nos todas as penas que nosso Salvador sofreu por nós em sua vida e em sua morte. Daí a exclamação de um piedoso autor: “Ó meu Jesus, quanto vos custou serdes para mim Jesus, isto é, meu Salvador!”

Ah! meu Jesus, gravai vosso nome no meu pobre coração e na minha língua, a fim que resista às tentações invocando-o; que repila os pensamentos de desespero pela confiança em vossos méritos; e que na tibieza o vosso nome me inflame, recordando-me o quanto me tendes amado. Assim o vosso nome será sempre a minha defesa, o meu apoio, e a chama que entreterá em meu coração o fogo do vosso amor. Dai-me, pois, a graça de invocar-vos sempre durante a vida, e de morrer com vosso nome nos lábios, repetindo ainda no meu último suspiro: Eu vos amo, meu Jesus; eu vos amo.

Maria, minha Rainha clemente, fazei que na hora de minha morte eu invoque sem cessar o vosso doce nome com o de vosso divino Filho Jesus.

EXEMPLOS CONCERNENTES À DEVOÇÃO AO MENINO JESUS.

I.

Lê-se no “Prado Florido”, que uma devota pessoa desejava saber quais as almas mais caras a Jesus Cristo. Um dia que ela assistia à missa, no momento da elevação da santa hóstia, viu o Menino Jesus sobre o altar, e com ele três jovens virgens. Jesus aproximou-se da primeira, e lhe fez muitas carícias. Passou depois à segunda, levantou-lhe o véu e deu-lhe uma rude bofetada; em seguida voltou-lhe as costas; mas logo depois, vendo-a triste, o divino Menino a consolou com provas de afeto. Chegou enfim à terceira, com rosto irado, tomou-a pelo braço, bateu-a e expulsou-a para longe dele; porém quanto mais a pobre moça se via maltratada e repelida pelo Senhor, tanto mais se humilhava e se chegava a Ele. Assim terminou a visão. A pessoa de que falamos, teve vivo desejo de saber a significação do que acabara de ver; Jesus apareceu-lhe de novo e lhe disse que há na terra três sortes de almas que o amam. Algumas o amam, porém com amor tão fraco que, se não forem sustentadas pelas doçuras espirituais, ficam sem sossego e em perigo de abandoná-lo; a primeira das três virgens figurava essas almas. A segunda representava aquele cujo amor é menos fraco, mas que tem necessidade de ser consolada de tempo em tempo. Em fim a terceira era a figura daquelas almas fortes que, embora sempre desoladas e privadas de consolações espirituais, não deixam de fazer o que podem para agra-

dar a Deus. “E, ajuntou Jesus, são estas últimas as que mais eu amo”.

II.

O padre Canóglia conta que uma religiosa, após numerosos pecados, ousou cometer um enorme sacrilégio. Um dia, depois da comunhão, tirou da boca a santa hóstia e pô-la num lenço; depois fechando-se no quarto, atirou ao chão o SS. Sacramento e o calcou aos pés. Em seguida abaixa os olhos, e que vê? vê, em lugar da hóstia, uma criança de grande formosura, mas toda pisada e coberta de sangue, que lhe disse: “Que te fiz eu para assim me maltratares?” Então a infeliz caindo em si e penetrada de arrependimento, ajoelhou-se em prantos e exclamou: “Meu Deus, perguntais o que vós fizestes? ah! vós me amastes ao excesso”. A visão desapareceu; e a pecadora, inteiramente convertida, tornou-se um modelo de penitência.

III.

Conta-se nas crônicas da Ordem de Cister, que um monge do Brabante, atravessando uma floresta na noite de Natal, ouviu um gemido como duma criança recém-nascida. Caminhou para o lugar donde vinha a voz e percebeu no meio da neve uma bela criancinha que tremia de frio e chorava. Movido de compaixão, o religioso apeou do cavalo e aproximando-se da infeliz criança, exclamou: Menino, como é que te achas assim abandonado na neve chorando e morrendo de frio? Então ouviu a resposta: “Ah! como posso deixar de chorar vendo-me abandonado de todos, não havendo ninguém que me acolha e se compadeça de mim?” A essas palavras o Menino desapareceu, dando-nos a entender que era o nosso divino Salvador, e que, por essa visão, quisera queixar-se da ingratidão dos ho-

mens que, sabendo que Ele nasceu numa gruta por seu amor, o deixam chorar sem terem dele a menor compaixão.

IV.

Lê-se nos Bolandistas, que um dia a Santa Virgem apareceu à bem-aventurada. Coleta, que pedia a sua intercessão para os pecadores, e que, mostrando-lhe numa bacia o seu divino Filho todo lacerado e despedaçado, disse-lhe: “Minha filha, tem compaixão de mim e de meu Filho: eis como os pecadores o tratam!”

V.

Pelbarto conta que um soldado vicioso tinha uma mulher piedosa, que, não conseguindo convertê-lo, obteve ao menos dele, que não deixasse de rezar cada dia uma *Ave Maria* diante de alguma imagem da SS. Virgem. Um dia, saindo para maus fins, passou diante duma igreja, entrou nela por acaso e, percebendo a imagem da SS. Virgem, pôs-se de joelhos e rezou a sua *Ave Maria*. Mas que vê? vê nos braços de Maria o Menino Jesus todo coberto de chagas ensangüentadas. “Meu Deus, exclama, qual o bárbaro que assim tratou esta inocente criança?” “Fostes vós, pecadores, respondeu Maria, que assim tratais o meu Filho”. A essas palavras sentiu-se tocado de compunção, e pediu a Nossa Senhora, chamando-a Mãe de misericórdia, lhe obtivesse o perdão dos seus pecados; mas Ela respondeu: “Vós, pecadores, me chamais Mãe de misericórdia, e não cessais de fazer de mim uma Mãe de dor e de miséria!” O penitente não desanimou, e continuou a suplicar a Maria intercedesse por ele, e a Santíssima Virgem, voltando-se para seu divino Filho, pediu-lhe perdão para aquele pecador. Jesus mostrou primeiro repugnância; mas Maria ajuntou: “Meu Filho, não deixarei os vossos pés enquanto não perdoardes a esse infeliz

que a mim se recomenda”. “Minha Mãe, disse-lhe então Jesus, nunca vos recusei coisa alguma. Desejais o perdão para esse homem; pois bem, perdô-lhe; e em sinal de reconciliação, quero que me venha beijar as chagas”. O pecador se aproximou e, na medida que beijava as chagas de Jesus, estas se fechavam. Saiu depois da igreja, foi pedir perdão a sua mulher, e ambos, de comum acordo, deixaram o mundo para abraçar o estado religioso em dois mosteiros onde terminaram santamente a vida.

VI.

Lê-se na Vida do Irmão Benedito Lopes que, quando militar, tinha a consciência manchada de pecados. Um dia, em Travancore, entrou numa igreja; enquanto considerava uma imagem de Maria com o Menino Jesus, o Senhor lhe pôs ante os olhos a sua má vida. À essa vista, sentiu tentação de desespero quanto à salvação; mas voltando-se logo para a SS. Virgem, recomendou-se com lágrimas à sua intercessão; viu então o santo Menino chorar também e as suas lágrimas cair sobre o altar, de sorte que outros o perceberam e se puseram a recolhê-las num pano. Desde esse momento, Benedito, penetrado de contrição, renunciou ao mundo e tornou-se irmão-coadjutor na Companhia de Jesus, onde viveu e morreu com sentimentos de terna devoção à santa infância de Jesus Cristo.

VII.

O padre Patrignani narra que em Messina havia um menino nobre, chamado Domingos Ansalone, que ia freqüentemente visitar na igreja uma estátua da SS. Virgem com o Menino Jesus, pelo qual sentia terno afeto. Ora, Domingos caiu mortalmente enfermo. Pediu com viva instância a seus pais, lhe fizessem trazer o seu caro Jesus. Realizado o seu desejo, to-

mou-o com grande alegria e colocou-o no leito; não se cansava de olhar para Ele com amor, e de tempo em tempo lhe dirigia esta prece: “Meu Jesus, tende piedade de mim”. Depois, voltando-se para as pessoas presentes, dizia-lhes: “Vêde, vêde como é belo o meu pequeno Senhor”. Na última noite de sua vida, chamou seus pais e, na presença deles, disse ao santo Menino: “Meu Jesus, constituo-vos o meu herdeiro”. Pediu depois a seu pai e a sua mãe que, com a pequena soma que tinha de reserva, fizessem celebrar nove missas depois da sua morte, e confeccionassem com o resto uma bela roupinha para o seu pequeno herdeiro. Antes de expirar, ergueu os olhos ao céu com o rosto radiante de alegria, e disse: “Oh! como é belo! oh! como é belo o meu Senhor!” E pronunciando essas palavras exalou o seu derradeiro suspiro.

VIII.

A passagem que se vai ler é tirada do “Espelho de exemplos”. Um jovem inglês, muito piedoso, chamado Edmundo, estava no campo com outras crianças de sua idade. Como amava a oração e a solidão, separou-se de seus companheiros para passear à parte num prado, fazendo afetuosos atos de amor a Jesus Cristo. De repente um menino encantador se lhe apresentou e o saudou com as palavras: “Deus te guarde, meu caro Edmundo!” Perguntou-lhe depois se o conhecia. Edmundo respondeu que não. “Como não? replicou o celeste Menino; não conheces a mim que estou sempre a teu lado? Pois bem! se me queres conhecer, olha-me o rosto”. Edmundo, olhando para ele, leu em sua frente as palavras: *Jesus Nazarenus, Rex Judaeorum*: Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus. — Então o santo Menino ajuntou: “Eis o meu nome, e quero que, em memória do amor que te tenho, faças todas as noites o sinal da cruz em tua frente pronunciando-o. Com isso serás preservado da morte repentina, bem como todos os que fizerem a mesma coisa”.

Edmundo continuou depois a persignar-se com o nome de Jesus. Uma vez o demônio agarrou-lhe a mão para que não pudesse fazer; mas ele o venceu pela oração, e o obrigou a dizer qual a arma ele mais temia. O demônio confessou que eram aquelas palavras com que se persignava.

IX.

O padre Nadasi conta que num convento se introduzira o piedoso costume de se fazer passar sucessivamente a imagem do Menino Jesus de uma religiosa para outra; cada uma a contemplava um dia. Uma dessas virgens, tendo-a por sua vez, fez antes uma longa oração, depois chegando a noite, tomou a santa imagem e a encerrou num pequeno armário. Mas apenas se tinha ela acomodado, ouviu o Menino Jesus bater à porta do armário. Levantou-se incontinenti, recolocou a imagem sobre o altazinho, e, depois de rezar demoradamente, a encerrou de novo. Mas o Menino Jesus bateu uma segunda vez. Retirou-o novamente e rezou. Enfim, subjugada pelo sono, pediu a Jesus permissão para descansar, e dormiu até de manhã. Ao despertar bendisse aquela noite feliz que passou em santo entretenimento com o seu querido Jesus.

X.

Refere-se no “Jornal Dominicano” que, a 7 de outubro, S. Domingos, pregando em Roma, encontrou uma pecadora chamada Catarina a Bela. Esta recebeu um rosário das mãos do Santo e pôs-se a rezá-lo sem contudo deixar sua vida má. Um dia Jesus apareceu-lhe, primeiro sob a forma dum jovem moço e depois sob a duma criança graciosa, mas com uma coroa de espinhos na fronte e uma cruz nos ombros; lágrimas corriam de seus olhos, e sangue de seu corpo. Disse-lhe: “Basta, não peques mais, Catarina, basta; cessa de ofender-me; vê quanto

me custastes, pois comecei desde a infância a sofrer por ti, e não cesseis de sofrer até a morte!” Catarina foi logo procurar S. Domingos, confessou-se, recebeu deles instruções, e depois de distribuir aos pobres o que possuía, encerrou-se numa cela estreita e murada, onde se esforçou por levar vida fervorosa, e obteve do Senhor graças tais, que o Santo ficou tomado de admiração. Teve morte ditosa, depois de receber a visita da SS. Virgem.

XI.

A venerável Irmã Joana de Jesus e Maria, franciscana, meditando um dia sobre o Menino Jesus perseguido por Herodes, ouviu um grande rumor, como de soldados à procura de alguém; depois viu diante dela um belíssimo Menino, quase sem respiração, que fugia e lhe dizia: “Joana, acode-me, esconde-me; eu sou Jesus de Nazaré, e fujo dos pecadores que querem matar-me e que me perseguem mais do que Herodes; salva-me”.

XII.

O padre Zucchi, da Companhia de Jesus, tinha grande devoção ao Menino Jesus, cujas imagens o ajudavam a ganhar muitas almas para Deus. Conta-se em sua Vida, que um dia ofereceu uma dessas imagens a uma moça, que vivia em grande inocência, mas que estava longe de pensar em fazer-se religiosa. Ela aceitou o presente, mas disse sorrindo: “Que devo fazer desse pequeno Menino?” O Padre, sabendo que ela gostava muito de música, respondeu-lhe: “Coloca-o em teu piano”. E ela o fez. Assim, tendo sempre o santo Menino diante dos olhos, a jovem teve muitas vezes ocasião de o considerar; começou a sentir devoção; depois concebeu desejo de tornar-se melhor, de sorte que o seu instrumento a movia mais à ora-

ção do que à música. Enfim, tomou a resolução de deixar o mundo e abraçar o estado religioso. Quando, cheia de contentamento, contou ao Padre Zucchi que o Menino Ihe ganhara o coração e que, desprendendo-a das afeições terrestres, conquistara todo o seu amor, entrou no convento e levou vida perfeita.

XIII.

Seja-nos permitido ajuntar a esses exemplos escritos por S. Afonso, um outro mais recente, que lemos na vida de S. Geraldo Majela da Congregação do Ss. Redentor. Em sua infância, animado já de piedade ardente, gostava de visitar uma igreja onde se honrava a Mãe de Deus com o Menino Jesus nos braços. Um dia que lá entrou, o divino Menino foi ao seu encontro e ofereceu-lhe um pãozinho branco, imagem do dom que Ihe queria fazer em breve de si mesmo na adorável Eucaristia. Geraldo, atraído pelos doces encantos de seu Salvador Menino, ia muitas vezes de manhã a essa igreja, e Jesus Ihe repetia o costumado presente.

Mais tarde pôs-se ao serviço dum patrão extremamente difícil, que não poupava ocasião de exercer sua paciência heróica. Uma chave caiu uma vez no poço. Prevendo a perturbação e a irritação que esse acidente causaria a seu patrão, e as faltas que o faria cometer, Geraldo animou-se de confiança, tomou uma pequena estátua do Menino Jesus e a desceu ao poço por meio de uma corda, dizendo: “A vós compete poupar toda a impaciência de meu patrão”. E quando retirou a santa imagem, à vista de todos, esta tinha a chave na mão.

